

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL

Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação

UNIVERSIDADE FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANÇA

Departamento de Ciências da Educação e Formação

Mestrado Internacional em Ciências da Educação

“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO INTEGRAL NAS EFAs

Contributos do Caderno Da Realidade Nesse Processo

Na EFA de Riacho de Santana - Bahia.

I

Isabel Xavier de Oliveira Rocha

Dissertação apresentada na Faculdade de Ciências e Tecnologia da
Universidade Nova de Lisboa para obtenção do grau de Mestre em
Ciências da Educação.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Maria do Loreto Paiva Couceiro

Riacho de Santana

Dezembro de 2003

UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL

Faculdade de Ciências e Tecnologias da Educação

UNIVERSIDADE FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANÇA

Departamento de Ciências da Educação e Formação

Mestrado Internacional em Ciências da Educação

“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”

UMA REFLEXÃO SOBRE A FORMAÇÃO INTEGRAL NAS EFAs

Contributos do Caderno Da Realidade Nesse Processo

Na EFA de Riacho de Santana - Bahia.

Isabel Xavier de Oliveira Rocha

Riacho de Santana

Dezembro de 2003

Agradecimento

Agradeço a Deus por ter –me ajudado a viver esse desafio, tendo que conciliar trabalho, estudo, produção, deveres de mãe, de esposa e de administradora do lar, sem me desanimar. Ou melhor, imbuída de uma alegria e de um desejo de poder contribuir para essa Pedagogia, onde tenho certeza, que esse estudo servirá como um tijolinho que vai compor a sua construção e, aos poucos ajudá-la a se afirmar.

A meus familiares - esposo Ronaldo, cujo silêncio era compensado pelo apoio nos momentos mais difíceis; minha mamãe querida, que incessantemente torcia e lembrava de mim nas suas orações e, especialmente, meus filhos, Larissa e Breno que foram privados em muitos momentos dos meus carinhos e atenção de mãe, e que surpreendentemente, souberam entender, as lacunas deixadas, em favor desse estudo.

A Pe. Aldo (in memoriam), que recorro com emoção; que vivo, junto a Deus, tenho certeza que se alegra e se orgulha por esse feito. Ele que se fez um grande educador e abraçou além do sacerdócio a causa da educação diferenciada para o homem do campo e para o campo (sua promoção).

A Pe. João Zanccheta, pelo apoio incondicional, sempre me abordando para saber dos meus progressos.

A UNEFAB e SIMFR, que tornaram possível esse sonho. Uma parceria ímpar, marcada com trabalhos efetivos de verdadeira promoção da pessoa e do meio.

À AECOFABA e a ABEPARS – que reconhecendo o valor desse estudo, e sabendo da importância de se investir no profissional para a melhoria da qualidade do trabalho, permitiram-me realizar esse curso.

Aos meus mestres orientadores, pela altíssima qualidade na orientação e, por terem despertado em mim, não só a importância da investigação na prática escolar, mas, o desejo da continuidade.

À ETFAB – monitores e alunos, pela acolhida e disponibilidade em ajudar.

Aos colegas de curso pelo aprendizado oriundos das trocas de experiências, pela amizade consolidada, e pelos propósitos comuns de difundir através dos nossos escritos, cada vez mais essa pedagogia.

Aos meus colegas de trabalho, especialmente Sílvia, que muito se sacrificou com o acúmulo de trabalho a fim de me ajudar. E, também aos demais amigos que torceram em meu favor: minha sogra, Luciana, Doía, Penalty, Cristiana etc.

RESUMO

A educação do presente século, prima para uma formação global do sujeito. Isto é, uma formação que compreende um ser como um todo, levando em conta todas as suas dimensões. Esse sujeito se inscreve num contexto de vida desafiador, de onde lhe são requeridas habilidades e competências múltiplas para nele atuar. Nessa perspectiva, o presente estudo trata da reflexão sobre a Formação Integral nas EFAs e, conta para isso com a contribuição de um dos primeiros instrumentos criados na Pedagogia da Alternância, o Caderno da Realidade (mais conhecido em outros países como Caderno da Propriedade), que por sinal encontra-se fragilizado, na EFA em questão. Portanto, falar da Formação Integral bem como do Caderno da Realidade é nos inserirmos num contexto de uma pedagogia diferenciada denominada Pedagogia da Alternância, reportando-nos às suas origens: a das Maisons Familiales Rurales na Europa – França, conhecidas aqui no Brasil como Escolas Famílias Agrícolas, que estabeleceram as bases para a educação almejada, ancorando a formação, no princípio da globalidade da pessoa.

Para realizar esse estudo, foram vários os referenciais teóricos utilizados, dentre eles merece destaque a obra intitulada *Educacion, Medio y Alternancia* de André Duffaure, que foi um dos precursores dessa Pedagogia que sobre a Formação Integral diz: *“A educação é um todo, não resulta só no tempo que se passa na escola, pelo contrário, ela se estabelece pela ponte que se faz com o meio: social, familiar e escolar. E refere-se ao meio escolar como aquele que aporta toda uma educação social para os adolescentes”*. E, como metodologia de pesquisa entrevistas não diretiva, semi diretiva e observação livre dos Cadernos da Realidade, dentro de uma abordagem qualitativa do processo.

Finalizada essa investigação, esperamos ter correspondido para a reflexão sobre a formação integral nas EFAs; ter identificado as contribuições do CR nesse processo e, ainda, contribuído para a ressignificação desse instrumento na Escola Família Agrícola de Riacho de Santana..

Résumé

L'éducation de ce siècle est vouée à la formation globale du sujet, c'est à dire, une éducation qui considère l'être comme un tout, dans toutes ses dimensions. Ce sujet s'inscrit dans un contexte marqué par des grands défis, où lui sont exigés des nombreuses habilités et compétences multiples. Dans cette perspective, la présente étude fait une réflexion sur la Formation Intégrale dans les Ecoles Familles Agricoles – EFAs, et pour cela, utilise un des premiers instruments créés par la Pédagogie de l'Alternance, à savoir, le Cahier de la Réalité (étant également connu, dans d'autres pays, comme Cahier de la Propriété). Dans l'EFA qui fait l'objet de cette étude, le Cahier de la Réalité se trouve fragilisé. Parler de Formation Intégrale et du Cahier de la Réalité, c'est donc s'insérer dans le contexte d'une pédagogie différenciée appelée Pédagogie de l'Alternance. Ses origines remontent aux Maisons Familiales Rurales en France, connues au Brésil comme Ecoles Familles Agricoles – EFA, ayant créé les bases pour une éducation qui considérerait la globalité de la personne.

Les références théoriques utilisées dans cette étude sont bien nombreuses, dont il importe citer une oeuvre intitulée “Educación, Medio y Alternancia” d'André DUFFAURE, un des précurseurs de cette formation intégrale. Il dit : *“L'éducation est un tout, n'étant pas simplement le résultat du temps passé à l'école, mais bien au contraire, elle s'établit par le lien qui est créé avec le milieu social, familial et scolaire. Elle se reporte au milieu scolaire comme celui qui apporte toute une éducation sociale aux adolescents »*. Au niveau méthodologique, il a été fait usage des entretiens non directifs, semi directifs, et l'observation libre des Cahiers de la Réalité, dans une approche qualitative.

Pour en finir, nous espérons avoir répondu aux attentes d'une réflexion sur la formation intégrale des EFAs ; avoir identifié les contributions du Cahier de la Réalité dans ce processus et, finalement, faire en sorte que cet instrument regagne du sens dans les Ecoles Familles Agricoles.

SUMÁRIO

Introdução Geral	09
1 – Problema ou justificativa da escolha do tema	11
 CAPÍTULO I – Contextualização	
Introdução	13
1.1 – Caracterização da EFA e do município onde a mesma está inserida	13
1.1.1 – Caracterização do município	15
1.2 – Breve histórico sobre o surgimento da EFA no mundo	18
1.3 – Os Quatros Pilares da Pedagogia da Alternância na EFA	22
1.4 – Conclusão	32
 CAPÍTULO II – Formação Integral	
Introdução	34
2.1 – Formação Integral	34
2.1.1 – Tendências Pedagógicas	36
2.1.2 – Conceito	50
2.1.3 – Condições Favoráveis à formação Integral	55
2.2 – Instrumentos Pedagógicos das EFAs	59
2.3 – Plano de Formação	75
2.3.1 – O lugar do Caderno da Realidade no Plano de Formação	80
2.4 – Conclusão	86
 CAPÍTULO III – O Caderno da Realidade	
Introdução	87
3.1 – Caderno da Realidade – Origem histórica:	87
3.2 – Conceito do Caderno da Realidade nas EFAs	92
3.3 – O Caderno da Realidade um Instrumento Potencializador da Formação Integral	94
3.4 – Objetivos	99
3.5 – Características	99
3.6 – Principais Fases	106

3.6.1 – PE – Questionário	107
3.6.2 – Realização da pesquisa no meio	109
3.6.3 – Retorno a EFA – socialização	111
3.6.4 – Construção/organização do Caderno da Realidade	115
3.6.5 – Estruturação Gráfica	116
3.6.6 – Atividade de Retorno	117
3.6.7 – Trabalho Final	118
3.7 – A imagem no Caderno da Realidade	119
3.8 – Avaliação	126
3.9 – Conclusão	127

CAPÍTULO IV – Problemática e Metodologia

Introdução	128
4.1 – Problemática: a relação entre o Caderno da Realidade e a formação integral na EFA	128
4.2 – Objetivos	130
4.3 – Metodologia de investigação	130
4.3.1 – Terreno	131
4.3.2 – Amostra	131
4.3.3 – Orientações Teóricas Metodológicas	133
4.3.4 – A operacionalização propriamente dita da Pesquisa	137
4.3.4.1 – Entrevista	137
4.3.4.2 – Observação livre dos Cadernos da Realidade	139
4.4 - Caracterização Sócio-Profissional dos Atores	140
4.4.1 - Caracterização dos Alunos	140
4.4.2 - Caracterização dos Monitores	142
4.5 – Conclusão	144

CAPÍTULO V – Os Jovens e seus Cadernos de Realidade

Introdução	145
5.1 – Análise do percurso formativo de 06 jovens com base no Caderno da Realidade	145
5.2 – Análise das entrevistas	150

5.3 – Análise dos seus Cadernos de Realidade	159
5.4 – Conclusão	180

CAPÍTULO VI – Os Monitores e os Cadernos de Realidade

Introdução	182
6.1 – A utilização do Caderno da Realidade na prática educativa dos monitores	182
6.2 – Análise da entrevista do monitor 1	184
6.3 – Análise da entrevista do monitor 2	187
6.4 – Conclusão	189

CAPÍTULO VII – O Caderno da Realidade e a Formação Integral

Introdução	190
7.1 – Proposições e considerações finais	190
7.2 - Ressignificação: por uma nova prática de Cadernos de Realidade nas EFAs.....	193
7.3 – Conclusão	194
7.4 – Bibliografia	198
7.5 – Anexos	204

Introdução Geral

A presente investigação acontece em um terreno árido, porém muito fértil; pouco investigado, mas, intensamente vivido e refletido; só não, muito sistematizado.

Nesse contexto, se situa a Pedagogia da Alternância; uma pedagogia em construção, que aposta na aprendizagem a partir da vida – porque o saber está na vida e, esse saber deve ser apropriado, gestado e assim, produzir mais vida e novos saberes. Como diz Francisco Gutiérrez 2001:p. 13):

A vida cotidiana é o lar do sentido; e esse sentido se tece de outra maneira, a partir de relações imediatas, a partir de cada ser, a partir dos sucessivos contextos nos quais se vive.

Nesse contexto também se situa os jovens alternantes, àqueles que a EFA (juntamente com o seu entorno) formam para serem pessoas que aprendam a apropriar-se desses saberes supracitados, do seu destino, de sua própria vida e transformarem em protagonistas sociais, construtores de uma nova sociedade.

Com esse espírito de construção, construímos essa tese, estruturando-a em cinco partes: as três primeiras partes referentes aos fundamentos teóricos metodológicos do estudo, uma quarta parte, a problemática da pesquisa com os procedimentos metodológicos da mesma e; a quinta parte, que resulta do desdobramento desta última, refere-se à análise de dados e as proposições finais do estudo.

Assim, no primeiro capítulo, apresentamos o contexto da EFA ao nível local e de mundo, com os fundamentos dessa Pedagogia da Alternância assentada nos quatro pilares ou princípios estabelecidos ainda na sua origem: década de 30.

No segundo capítulo, abordamos um quadro de referências teóricas onde tecemos uma reflexão sobre a Formação Integral, pondo em evidência três tendências pedagógicas do ensino que se

tornaram marcos na educação, seja para promovê-la no caso das pedagogias progressivistas na qual se inclui a Pedagogia da Complexidade (ou Pedagogia da Alternância), seja para negá-la, como é o caso da concepção tradicional do ensino.. Buscamos refletir ainda sobre as condições favoráveis à formação integral e, mobilizamos também toda a orquestra que compõe essa metodologia da alternância: os instrumentos pedagógicos, com seu respectivo regente – o Plano de formação; além, evidentemente, de também situar o CR, dentro desse último

O terceiro capítulo é dedicado ao Caderno da Realidade – um dos primeiros instrumentos pedagógicos dessa pedagogia. Aqui temos a oportunidade de conhecê-lo melhor: sua origem, a variedade de nomes que recebeu com a evolução dessa pedagogia e em diferentes contextos em que a mesma fora implantada, suas características, fases e estruturação. Veremos também o seu lado potencializador da formação integral, além dos enfoques no que diz respeito às imagens, chamando a nossa atenção para a necessidade de nos despertarmos para a aquisição da competência imagética.

Na descrição da problemática do quarto capítulo abordamos a relação entre o CR e a formação Integral na EFA e claramente percebemos que esse instrumento encontra-se fragilizado e necessita de resignificação. Inclusive contribuir para revitaliza-lo é um dos objetivos dentre outros descritos também nesse capítulo. Além desses assuntos, tratamos ainda dos procedimentos metodológicos utilizados nesse estudo, explicitando as orientações metodológicas e marcos teóricos – epistemológicos da pesquisa.

Em fim, a riqueza dos três últimos capítulos, com o resultado do trabalho de análise dos dados, levaram à confirmação das hipóteses levantadas; ou seja, de fato o CR está fragilizado e, nessa condição, sua contribuição para a formação integral do aluno fica comprometida. E ainda, sendo aqui o momento oportuno para as proposições, propusemos algo no que tange à resignificação do Caderno da Realidade na EFA de Riacho de Santana, o que, conseqüentemente vai ajudar no processo de reflexão sobre a Formação Integral, nesta e em demais EFAs.

1 - Problema ou Justificativa da Escolha do Tema

A escolha desse tema emerge de uma necessidade premente de conhecer melhor o CR - Caderno da Realidade, para além do que é, origem, constituição, funções, aplicabilidade etc. Nesse ir além, buscamos pesquisar suas Contribuições para a Formação Integral do aluno, porque pensamos que:

- O CR é importante, mas pouco tem atraído o aluno;
- Muitos elementos da realidade não aparecem nas ilustrações dos CRs, apesar da EFA oferecer uma educação de formação integral;
- A realidade revelada é muito sintética frente ao vivido;
- Há pouco empenho dos alunos na construção e organização dos CRs;
- Na relação de gênero, prevalece mais o masculino nas relações com a terra, animais e plantas, do que o feminino, etc.

Esse problema surge da experiência de 12 anos de trabalho nas EFAs, principalmente como monitora por 03 anos e depois como assessora pedagógica. Ao observar a construção e organização dos CRs nas EFAs acompanhadas, percebemos pouco interesse tanto por parte do monitor para orientá-lo, como do aluno para construí-lo e organizá-lo (isso é dito sem a pretensão de generalizar). Além do mais, existe uma uniformidade que é passível de questionamento no que se refere a organização do CR. A criatividade, gosto, prazer ...que deveria ser melhor evidenciado nessa relação do aluno com o seu caderno de realidade., é pouco visível. Há ainda a falta de uma introdução (um início), no sentido do aluno se situar, se auto – apresentando, falando um pouco de si, de sua realidade (apresentação prévia do jovem), pois se é introduzida logo a pesquisa do plano de estudo, de onde começa toda a construção e organização do CR.

Isso trouxe inquietações a ponto de provocar monitores e alunos para encarar o desafio de pensar algo a esse respeito, apresentando uma proposta concreta, visando ajudar as EFAs a tecer uma reflexão nesse sentido. Como não foi dado um retorno, no ano 2000/2001, foi esboçado essa apresentação prévia do aluno, ainda carente de ser melhor elaborada (vide nos anexos), sem a

pretensão de ser um modelo a ser seguido, mas, como uma idéia/ sugestão, para que a partir desse esboço, o aluno pudesse usando sua criatividade melhorá-lo segundo o seu próprio estilo.

É contagiante esse instrumento, que parece querer dizer muito, mas que na verdade, diz pouco, se considerarmos a formação integral que é muito abrangente, e que não deve ser trabalhada de forma fragmentada. E, ainda, a realidade que é por demais ampla e complexa, sendo impossível de se colocá-la toda dentro de um caderno. Contudo, é preocupante a dimensão integral da pessoa que as EFAs se propõe a trabalhar, no sentido de que ela está pouco visível nos CRs; reforça-se no CR, porque não se deve generalizar para o seu conjunto, pois vivenciando essa realidade, pode-se enumerar muitas coisa que são trabalhadas no cotidiano das EFAs e que de fato nem sempre estão presentes nos CRs.

Frente a isso, leva a pensar também que a realidade está ainda pouco refletida, tomando por base a quantidade de PEs - Planos de Estudos trabalhados ao longo do ano; são três a quatro sem uma devida progressão. Sem querer entrar no mérito da qualidade, nem nos critérios, quantitativamente falando, são poucos. A progressão a que se refere, vê-se como sendo importante por ser como um fio condutor onde as coisas são encadeadas seguindo uma lógica coerente e necessária a uma formação consistente. E, numa pesquisa, ou debate científico, até as perguntas são estabelecidas de forma a obedecer uma seqüência lógica, e o PE, é uma pesquisa científica.

Em fim, por acreditar no potencial desse instrumento e considerando as observações citadas, se confirmadas forem essas preocupações, pensamos que o mesmo, necessite de ser ressignificado.

Esta investigação limita-se a EFA de Ensino Médio e Educação Profissional de Riacho de Santana, porque busca-se um estágio mais avançado de construção e organização de CRs, que ainda não alcançaram as EFAs de ensino fundamental. Frente a isso, o público alvo desta investigação será 06 alunos do 4º ano do ensino médio/profissional e 02 monitores (professores) com os quais serão feitas entrevistas a cerca desse objeto de pesquisa e também análise de seis cadernos de realidade dos referidos alunos.

CAPÍTULO I

Contextualização

Introdução

O presente capítulo trata do contexto da EFA pesquisada, um breve histórico do contexto das EFAs a nível de mundo (origem), e dos pilares da Pedagogia da Alternância, os quais as EFAs se sustentam e se apóiam.

Essa reflexão é um convite a um entendimento preliminar dos princípios que norteiam a prática educativa das EFAs.

1.1 - Caracterização da EFA e do Município onde a mesma está inserida.

A ETFAB – Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia, localiza-se no município de Riacho de Santana e foi criada em 24 de março de 1984, tendo como entidade mantenedora a AECOFABA – Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia.

Esta EFA foi criada na ocasião por iniciativa de um grupo de agricultores, religiosos, lideranças comunitárias e representantes das 22 EFAs de Ensino Fundamental espalhadas em 22 municípios baianos, todas filiadas à AECOFABA, que buscavam uma continuidade de formação a nível médio e profissional (nesse tipo de escola), para os filhos de agricultores após a conclusão de seu percurso de formação no Ensino Fundamental.

Portanto, esta EFA atende na medida do possível a demanda de alunos provenientes das 24 EFAs de Ensino Fundamental do regional AECOFABA e também algumas do regional REFAISA – Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi – Árido. São aproximadamente 30, os municípios de sua abrangência.

Nesta EFA, a demanda por vagas é grande e limitadas são as ofertas por escola. Contudo, constituem atualmente 361 o número de técnicos formados nessa EFA. Grande parte desses, são hoje monitores nas 25 EFAs do regional AECOFABA, e também em outras EFAs, em outros estados.

O perfil dos mesmos se destaca sobretudo pela criticidade, facilidade de se relacionar com as comunidades rurais, com os alunos, conhecerem bem a realidade local, terem um linguajar acessível, e facilidade de operar cursos diversos junto aos agricultores. Foi importante o seu percurso formativo na EFA, sobretudo por conhecerem a Pedagogia da Alternância, assegurando desta forma, às EFAs de ensino fundamental, uma melhor aplicabilidade da mesma.

A Escola Família Agrícola de Riacho de Santana tem a sua proposta educativa orientada pelos princípios fundamentais que caracterizam o movimento das EFAs: uma base associativa; uma proposta de formação integral do jovem; e uma pedagogia diferenciada para o meio rural incluindo aqui o desenvolvimento local.

Esta escola, juntamente com a EFA de ensino fundamental também de Riacho de Santana, foram responsáveis para alavancarem um processo de desenvolvimento local e pessoal interessante.

Primeiramente por atenderem praticamente a todos os filhos de agricultores que estavam fora da idade normal escolar e depois por introduzirem no município local e, conseqüentemente nos outros 24 (hoje) de sua abrangência, plantas, animais e tecnologias, adaptáveis ao semi-árido brasileiro, além de fomentarem o surgimento de inúmeras lideranças no meio rural.

Além dessa contribuição para a promoção e desenvolvimento do meio e da pessoa, merece destaque:¹

Valorização do Agricultor e da agricultura. – *como crença nas suas potencialidades como condição essencial para a expansão pessoal, familiar e comunitária. A oportunidade que a EFA proporciona ao agricultor de participar no processo técnico e pedagógico, na formação dos*

¹ Proposta Pedagógica - EFA - 2000

jovens e administração do projeto EFA, permite o exercício prático da cidadania e o auto reconhecimento de seu valor na comunidade/sociedade;

Valorização das famílias - *garantindo-lhes à medida do possível, a estabilidade e formação, propondo-lhe a superação dos desafios, convencendo-lhes a tirar a seca da cabeça, aprendendo a conviver no semi-árido, pois o sertão é viável e é possível de nele sobreviver dignamente. Isso dá a oportunidade de conservar os seus filhos, os jovens rurais que saem da EFA, nas áreas de origem, com suas próprias raízes culturais com possibilidades inclusive de desenvolverem seus projetos profissionais;*

Educação que contemple a experiência do trabalho como princípio educativo – *Sendo a EFA, uma escola de convivência, trabalho e amor à terra, oferecendo um ensino voltado para a realidade rural, ela capacita o jovem agricultor para um novo modo de se relacionar com a terra;*

Educação que conjugue os elementos trabalho, família e formação – *o trabalho fixa a família no campo e estreita os laços entre seus membros. A família beneficia-se com os ensinamentos favorecida pelo sistema de alternância, onde se intensifica a sua formação.*

Contudo, a sustentabilidade desta EFA advém da cooperação entre sua mantenedora, AECOFABA e o Governo do Estado (através do Convênio de Seção de Salas), da pequena produção da propriedade, e ajudas esporádicas de ONGs através de projetos.

1.1.1 - Caracterização do Município²

O município de Riacho de Santana, local onde se encontra a ETFAB – Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia, está localizado na região do Baixo Médio São Francisco, Sudoeste do Estado da Bahia também conhecido como polígono da seca a 13°36` de latitude Sul e 42°56` de longitude Oeste, às margens da BR – 430, distante da capital, Salvador 846 Km. Limita-se ao

² Proposta Pedagógica – EFA - 2000

Norte com Macaúbas e Botuporã, ao Sul com Palmas de Monte Alto, a Leste com Igaporã e Matina e a Oeste com Bom Jesus da Lapa.

Constituído pelo distrito Sede e pelos distritos de Botuquara, Vesperina, Santa Rita e Laguna, possui uma área de 3.106 Km² com uma população 29.139 habitantes, sendo 10.139 na sede e 19.105 na zona rural e apresenta densidade demográfica de 10,76 hab/Km².

O município está a mais ou menos 650m. de altitude, apresentando clima tropical (quente e seco), com temperaturas que variam de 26 a 32°C e precipitação pluviométrica de 700 a 900 mm. por ano, cujo período chuvoso ocorre de outubro a março. Apesar da pobre hidrografia, o município é banhado por vários pequenos riachos como: Boqueirão, Barreiro do Bom Sucesso, Santaninha e pelos rios Riacho de Santana, Santo Onofre e Rio das Rãs, cujos cursos são interrompidos em época de estiagem. Os solos predominantes são do tipo: Latossolos amarelos, Latossolos vermelhos, Hidropomórficos e pequenas áreas com aluviões. Verifica-se ainda a ocorrência de minerais do tipo: Vermiculita, Mármore, Fósforo, Cristal de Rocha, Chumbo, Ferro, Manganês, Fluorita, Salitre, Cobre, Talco, Argila, Dolomita, além de pedras para construção.

A vegetação constitui-se de matas de porte médio a alto, capoeiras baixas e altas, pastagens nativas e parte de cerrado. As principais espécies vegetais são: Aroeira, Pau d`arco (verdadeiro e folha larga), Peroba, Embiriba, Angico, Surucucu, Jurema Preta, Faveleira, Tatarena, Juazeiro, etc. Todas em escassez devido ao comércio indiscriminado da madeira e do carvão vegetal.

O suporte econômico de Riacho de Santana, como o da maioria dos pequenos municípios do interior baiano está fundamentado na agropecuária, pois a indústria e o comércio têm peso insignificante na renda do município; muito embora haja também, a extração de carvão vegetal, provocando um desmatamento indiscriminado, com ausência de um reflorestamento planejado. Com isto, já estamos sofrendo as conseqüências deste ato com racionamento de água ainda na estação outono/inverno, devido às secas nas nascentes.

Mesmo a EFA lutando contra isso, ela se sente impotente, frente aos apoios dados aos carvoeiros, por parte das autoridades locais e da região.

O município de Riacho de Santana já se encontra com 125 anos de emancipação política e ainda registra uma taxa de 40% de analfabetos. A assistência a saúde é precária; o município conta apenas com 03 profissionais (médicos credenciados pela Secretaria de Saúde do Estado), para atender a população em geral. Possui apenas um Centro de Saúde, um hospital com 26 leitos, oito mini postos de saúde no interior do município. Esses últimos, funcionando apenas com os agentes de Saúde (leigos)

A cidade conta ainda com: 11 Escolas de Ensino Fundamental, e 02 de Ensino Médio sendo uma somente com ensino médio e a outra com ensino médio e educação profissional; 01 rádio (AECOFABA Radiodifusão – Rádio Nossa Senhora de Guadalupe); 01 sindicato dos trabalhadores rurais; 01 posto telefônico; 01 agência de correios e telégrafos; 03 quadras poliesportivas; meios de transportes rodoviários com linhas intermunicipais e interestaduais; energia elétrica na cidade e parte da zona rural; 01 campo de futebol; abastecimento d'água e coleta de lixo; tem também, organizações tais como: clube de mães (que mantém diretamente uma escola de ensino fundamental, uma creche e uma Casa-Vida –para atendimento de crianças carentes), pastorais: da criança, familiar, mulher, carcerária, 3^a idade, negra, etc.

O município tem 4.443 beneficiários do INSS (dados de 1995), que de certa forma, tem colaborado para deter mais o êxodo rural, que cada ano é crescente, devido a seca, e principalmente a ausência de uma política agrícola e de convivência com a mesma.

Aproximadamente, o município tem 19.000 eleitores, que ainda convivem com uma política revestida de uma cultura de dominação e paternalismo que desfigura a verdadeira “política” em sua essência.

Mediante diagnóstico da realidade ora apresentada, somos sabedores que cada período histórico se alicerça e se constrói no passado, apresenta determinados traços presentes que lhes são característicos e se projeta no futuro, e esse último, é por nós construído e depende antes de tudo

das nossas percepções e ações, sobretudo se fizermos a correta leitura do passado, e sabiamente soubermos viver o presente.

Assim, é nesse contexto que se insere a EFA. Em meio aos inúmeros desafios, ela é ainda a grande esperança para muitos, especialmente para o jovem do campo, de vislumbrar através da educação por ela oferecida, a oportunidade de profissionalização, inserção e transformação pessoal e do meio onde habita.

1.2 - Breve Histórico Sobre o Surgimento das EFAs no Mundo³

As EFAs surgiram na década de 30 não de forma espontânea e nem fruto do acaso. Tal fato aconteceu na região de Lot – et - Garone Sudoeste da França, por iniciativa de um grupo de famílias de agricultores que buscavam uma alternativa no que se refere a educação para os seus filhos.

O contexto europeu na época era de crise, (conforme cita Lourdes Helena : 2001). A França vivia nesta época dos anos 30, período entre as duas grandes guerras, uma situação bastante difícil, na qual o desafio básico era a reconstrução social e econômica da sociedade. Com uma realidade agrária marcada pela permanência de um grande número de pequenas propriedades, tendo por base a produção familiar, os agricultores viviam naquele contexto uma situação de total abandono: de um lado, um Estado desinteressado dos problemas do homem do campo e de sua educação voltado apenas para o ensino urbano; e do outro lado, uma igreja que, apesar de preocupada com a situação dos camponeses, não tinha nenhuma proposta quanto à educação do meio rural. Assim, os filhos daqueles agricultores tinham que optar entre continuar os estudos e sair do meio rural para o meio urbano, distanciando-se assim da família, ou permanecer junto à família e na atividade agrícola, interrompendo o processo escolar. As famílias todavia, tanto necessitavam da presença e do trabalho dos seus filhos, quanto não tinham condições de mantê-

³ Extrato do Livro *Surpreendente História das Maisons Familiaes Rurales* de Florent Nove – Josserand.

Nota sobre o autor: Florent Nove – Josserand de nacionalidade francesa é agricultor, filho e pais de agricultores. Formado pela Juventude Agrícola Católica (JAC), dedicou grande parte de suas atividades ao sindicalismo rural. Ocupou cargos de responsabilidade em vários organismos econômicos e sociais ao nível local e regional.

los nas cidades. É esta realidade que estava posta aos pais agricultores, aos sindicatos, cooperativas e á igreja.

Frente a essa realidade que acordava os agricultores para uma tomada de consciência, surgem Jean Peyrat, Presidente do Sindicato Rural na época, que não se conformava com a falta de vontade do seu filho Yves, em continuar os estudos depois de terminar o primário.

A falta de motivação do jovem não advinha do desinteresse pelo estudo, haja vista ter sido um aluno com destacado desempenho escolar e também saber o valor do estudo para o agricultor.. Porém tinha uma convicção: a vontade de continuar ajudando o pai na propriedade, e de não querer ir para os colégios convencionais da época que praticamente incitavam os jovens a deixarem o campo, a exemplo de muitos dos seus colegas.

Diante disso, Jean Peyrat, levou o problema ao Abbé Granerau, grande incentivador dos movimentos sociais, que após várias discussões acabou por concordar em ajuda-los, impondo, portanto, algumas condições entre as quais buscar mais pais que se encontravam preocupados com a formação dos filhos; portanto, mais alguns colegas para Yves, e que os pais viessem ajudar na manutenção e no material necessário, tomando sua parte na responsabilidade da empreitada.

Ele mesmo seria o monitor que iria cuidar da orientação teórica dos alunos agrupados durante uma semana na própria casa paroquial, e os pais acompanhariam seus filhos nas três semanas seguintes que estes passariam em casa, comprometendo-se a deixar tempo suficiente para auxiliarem seus filhos nos deveres escolares.

Mediante a continuidade das discussões e diversas reuniões, várias idéias e proposições surgiram a cerca dos princípios que norteariam a experiência, sobretudo sobre o modelo de formação desejada capaz de responder às necessidades daqueles jovens no exercício da agricultura.

Assim, em setembro de 1935, tendo já estabelecido os princípios da experiência educacional por alternância, pensou-se na legalidade do curso, fazendo inscrições dos alunos em cursos de

correspondência, amparados por uma lei que dava direito aos pais, de formar os filhos na própria roça.

Sabendo-se que a formação técnica não era suficiente, os agricultores decidiram investir na formação geral, necessária para formar a personalidade, como também a formação humana e espiritual, pois somente o êxito material não seria suficiente.

A partir de 1935, a experiência iniciada em Serignac-Peboudou e implementada em Lauzan, começou a se espalhar pelas diversas regiões da França, em consequência de um intenso processo de difusão. Pretendia-se, assim, conforme relata Chartier (1986), não só divulgar uma nova proposta de formação de jovens do meio rural, como também atingir os diversos meios sociais no sentido de convencer os agricultores e as autoridades civis e religiosas sobre a importância daquele projeto educativo.

Seus atores não imaginavam que, sessenta anos mais tarde, centenas de EFAs seriam implantadas no mundo inteiro, inspirando-se nos mesmos princípios originais, entre eles: a responsabilidade e a condução dos trabalhos da experiência pelas famílias através de associações próprias e a adaptação da pedagogia ao meio rural, como uma forma de dar ao indivíduo formação integral e, com isto, ajudar no desenvolvimento do seu meio.

A experiência francesa foi batizada com o nome de “Casa Familiar Rural” que, por lá, persiste até hoje. J. C. Gimonet⁴⁴ explica que no começo, um grupo de 17 agricultores compraram uma casa com recursos próprios. Não quiseram chamar de escola por causa da rejeição dos jovens pela escola, por isso a denominaram Casa. O nome, historicamente, foi mantido por expressar o ambiente familiar, lugar de vida, trabalho, convivência, repouso, lazer etc. O nome construiu na França, uma identidade reconhecida. A partir daí, a organização cresceu e expandiu-se na Europa, na África, em seguida na América Latina e ultimamente na Ásia.

Cada país tem suas associações regionais (com a finalidade de fortalecer a nível político, um grupo de Escolas Famílias e ajudar a EFA a encontrar o seu rosto dentro de cada região), e uma

4 Seminário Pedagogia da Alternância – Salvador/Ba - 1998

União Nacional. A nível internacional, se agrupam na AIMFR (Associação Internacional dos Movimentos de Formação Familiar Rural).

No Brasil, elas surgiram com o nome de **Escola Família Agrícola**, há trinta anos, no Estado do Espírito Santo, sob a liderança do jesuíta italiano Pe. Humberto Pietrogrande dando origem ao MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), tornando-se, mais tarde, o regional daquele estado.

Do Espírito Santo, houve a expansão das EFAs para vários estados. Esse crescimento (com atualmente 112 unidades filiadas) levou à necessidade de se criar a UNEFAB (União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas do Brasil), fundada em março de 1982 para uni-las em rede.

Além da UNEFAB, existe também a ARCAFAR (Associação das Casas Familiares Rurais) que também a nível nacional constituem outra rede de escolas com experiências similares a das EFAs. Com a união das duas redes, soma-se hoje aproximadamente 200 Centros Familiares de Formação por Alternância – CEFFAs: nomenclatura de uso recente, utilizada para unir forças visando a busca de apoios e reconhecimento das suas experiências junto aos órgãos governamentais, como também para traçar diretrizes comuns na execução de algumas ações conjuntas. .

Na Bahia, há duas redes de Escolas Famílias Agrícolas: AECOFABA (Associação das Escolas das Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia), fundada em 04 de setembro de 1979, onde teve como grande batalhador, o Padre italiano Aldo Lucchetta, que, junto com as lideranças locais, incentivou a criação de 26 EFA's e ela filiadas. Esta associação, surgiu da necessidade de unir em rede essas escolas, oferecendo – lhes assessoramento técnico, pedagógico e administrativo. E REFAISA (Rede de Escolas Famílias Agrícolas Integradas do Semi – Árido), fundada em 1997, sob a influência do belga, Thierry de Burghrave com 07 EFA's na Bahia e 01 em Sergipe.

1.3- Os Quatros Pilares da Pedagogia da Alternância na EFA

O surgimento da 1ª Maison Familial Rurale na década de 30, em França, por um lado fora marcado por grandes transformações sobretudo na agricultura com o início do processo de mecanização; e por outro, pelo afastamento (da família e roça) dos filhos dos pequenos agricultores que desejavam continuar os seus estudos nos grandes centros.

Isso significava que a escola não oferecia outras alternativas para o jovem do campo de continuar seus estudos conciliando trabalho e estudo e mantendo o vínculo com a terra e família.

*“Os sistemas de ensino daquela época e também hoje, favorecem as pessoas interessadas e aptas para o abstrato; as pessoas que vivem num mundo concreto e vivo não encontram aqui o seu lugar”.*⁵

Nessas condições concluí-se que o jovem era obrigado a abandonar o seu meio, negando suas raízes, identidade, cultura, ideologias (porque isso não era resgatado nas escolas convencionais, haja visto que aqueles que saíam da terra não mais retornavam) em favor de uma escola que provavelmente iria moldá-lo com outras referências, valores.

“Todo sistema escolar traz as marcas da sociedade que o produziu, sendo organizado segundo a natureza das relações econômicas e sociais que sustentam esta sociedade”. (Lourdes Helena, 2001:27).

Os Atores da Alternância e o Projeto Educativo

Os pais insatisfeitos com o sistema de educação que vigorava na ocasião, uniram-se em associação apoiados pelo pároco Abbé Granerau, para levarem a diante a empreitada de uma

⁵ A. Duffaure (1993) – Educacion, Médio Y Alternancia

educação adaptada ao meio rural para os seus filhos. Com base nos seguintes princípios ou pilares:

- 1º - uma pedagogia apropriada denominada Pedagogia da Alternância;
- 2º - A responsabilidade e condução da MFR pelas famílias;
- 3º - Uma formação Integral;
- 4º - Desenvolvimento do meio.

1º - Pedagogia da Alternância

Um projeto de formação que repousava sobre a aplicação de uma formação por alternância com adoção de uma pedagogia apropriada (contextualizada, que respeita ritmo, espaço e condições favoráveis à aprendizagem...), alternando momentos de formação entre escola, família e meio sócio profissional.

Os precursores desse tipo de Pedagogia, tiveram a coragem de romper com um sistema de educação fechado, elitizado e distanciado da realidade como se dissesse: a escola que está aí não nos serve e ousaram experimentar algo criado por eles, por sua iniciativa, fazendo brotar da base familiar os anseios contidos em termos de educação, de sujeito e mundo a ser formado, que precisavam aflorar. E o resultado deveria ser o que hoje se confirma: uma educação contextualizada, calcada na realidade do jovem, onde esse último se torna protagonista para ajudar na transformação da sociedade global. Esse termo muito usado por Moacir Gadotti para dizer que o sujeito deve pensar globalmente e agir localmente.

“A educação não é capaz de reformar o mundo, de mudar as estruturas sociais que alimentam a divisão da sociedade entre opressores e oprimidos, mas sem a educação, os oprimidos têm reduzidas possibilidades de agilizar, forças e sobretudo de manter a mudança”.

*Não se trata de uma simples mudança, trata – se de uma utopia, o sonho de uma sociedade sem opressores e oprimidos, de um fazer, um interferir na história. A autonomia não se recebe de presente, se conquista e se mantém.*⁶

A ousadia daquelas famílias faziam com elas entendessem que a vida, o trabalho cotidiano ensinam mais que a escola. O trabalho na vida da pessoa é um elemento importante de formação. Na história da humanidade, o trabalho foi dividido entre o manual que utiliza as mãos e força física e o trabalho intelectual que utiliza a cabeça. Esta divisão mostra que houve e continua havendo uma desvalorização, daqueles que nunca estudaram na escola e sempre trabalharam dando duro na vida, favorecendo aqueles que estudam, dando-lhes mais valor.

A Pedagogia da Alternância busca juntar estudo e trabalho, porque a alternância é uma forma de unir os vários momentos. Na natureza também é assim. Portanto, na EFA, busca-se unir:

- 1º - A vida do jovem no meio familiar - sócio profissional: trabalho, pesquisa, observação...
- 2º - A vida na Escola Família: lugar para analisar, refletir, aprofundar, organizar os conhecimentos da realidade familiar comunitária e profissional, articulando-os com os conhecimentos gerais e técnicos;
- 3º - Retorno do jovem ao meio sócio-profissional, com novas idéias, interrogações, experiências e novas pesquisas.

A vida do jovem e toda a realidade que está ao seu redor tornam – se um centro da formação, porque de fato, a experiência ensina mais que o livro e as teorias escolares. Os dois espaços e tempos proporcionam uma ampla aprendizagem, composta de conhecimentos técnicos, científicos e de valores (éticos, morais e espirituais).

Em suma, a Pedagogia da Alternância, propõe uma *formação Integral*, que leva em conta todas as dimensões da pessoa. Ela ajuda na formação de cidadãos autônomos, com consciência crítica e solidária. Consequentemente é fator de desenvolvimento pessoal e comunitário.

⁶ Paulo Rosa. – Relatório ENEJA

Frente a isso, a formação por alternância que a EFA oferece, segundo A. Duffaure:

- Reconhece e explora a riqueza do meio rural e valoriza os que nele habitam;
- Oferece um ensino que se apoie nos problemas que encontram os jovens em formação e um ensino adaptado á suas necessidades;
- Reconhece o direito da formação de todos, sendo bem conscientes que a evolução do meio rural não é caso de algumas elites senão dos que neles moram. Daí uma formação do tipo personalista, que permita a cada um ser ator do seu próprio meio.

Eu me aproprio do que se passa no meio e esse meio (grande), com o meu meio pessoal, nós nos apropriamos do todo ao mesmo tempo.⁷

- “ A educação na EFA, é um processo de tomada de consciência do vivido, a qual se apoia sobre análise da realidade que está ao entorno do jovem e no seu compromisso com esta realidade. Um ponto chave de cada compromisso é a plena participação nas atividades produtivas;
- compromisso da escola com respeito a vida, responde ao compromisso da vida com respeito à escola. Por uma parte, os alunos pessoalmente e como grupo, são os responsáveis e agentes de sua própria educação. Por outra parte, as famílias e a comunidade organizadas na associação da EFA, orientam, controlam e nutrem o processo educativo.

Com isso, percebe-se que a primeira preocupação da EFA será pelos jovens e a comunidade em condições de atuar, sendo assim os agentes de sua própria educação.

2º - A Responsabilidade e Condução da MFR, Pelas famílias

Pensamos que a ousadia de ter uma escola diferente não foi o suficiente. Era preciso que as próprias famílias que constituem a base fundamental da MFR, unidas em associação gerissem a escola. Porque a escola era de fato das famílias.

⁷ Maria do Loreto Couceiro – 7ª Sessão de mestrado - São Luis do Maranhão

*“A educação não vai mudar a sociedade, mas vai transformar nossa cabeça, levando-nos ao desejo de mudar, de construir o novo. Quanto mais a gente matuta nas palavras amadurece”.*⁸

Maturar – *significa dá consistência à nossa ação, capacidade de decisão.*

Chartier: 1996), citado por Lourdes Helena (2000), diz que o engajamento e a mobilização das famílias na condução do projeto de formação de seus filhos na criação da primeira Maison Familiale Rurale não teria ocorrido se houvesse apenas proposto aos pais uma reflexão sobre o tipo de formação conveniente aos jovens do meio rural. Ela realizou-se na verdade, pelo fato de que as famílias eram obrigadas a assumir a totalidade da gestão escolar, avançando do seu engajamento pessoal até a responsabilidade solidária no plano financeiro e pedagógico.

Os pais partilhavam a responsabilidade da formação geral dos jovens com os monitores. Todavia chartier (1986) evidencia que esse engajamento e participação das famílias não ocorrem de maneira espontânea e sim como consequência do ensino aprendizagem.

Segundo o autor, as primeiras famílias que estiveram envolvidas na criação e gestão da Maison de Lauzun, não se encontravam particularmente motivadas para assumirem a responsabilidade da Maison e, sobretudo para se ocuparem diretamente da formação dos seus filhos. Entretanto, após um curto período, esses mesmos pais se tornam mais interessados. Esta mudança de atitude é avaliada por Chartier como decorrente da estrutura de cada Maison que, sustentada na associação e na alternância têm nestas dois pilares centrais que favorecem o engajamento das famílias.

No contexto brasileiro, especialmente a Bahia, (onde vigora ainda uma política de coronelismo, reduto, eleitoral, etc), também muitas famílias tornam-se desmotivadas para gerir a EFA, não pelas mesmas razões das famílias francesas. No caso da Bahia, por motivos financeiros. É comum ouvir-se de pais gestores, a colocação com sinais de preocupação nesse sentido, quando

⁸ José Francisco de Sousa - UFPE.

se referem a falta de pagamento por exemplo da cozinheira, e diz: estou carregando a cozinheira nas costas há mais de seis, sete meses, não consigo mais dormir direito. O agricultor baiano, ele assume isso, e sofre como se fosse de fato um problema seu. Por isso gerir uma EFA sem recursos, não é só questão de ter boa vontade, implica também responsabilizar-se a quem de direito na tarefa de manutenção desse projeto. Nesse caso os parceiros precisam ser arrolados. Na associação EFA, existem duas formas de parceria: 1ª - Educativa e a 2ª - Econômico financeira.⁹

A Parceria Educativa - compreende os seguintes atores: O aluno(a) como primeiro sujeito da educação; a família; os monitores; e os grupos comunitários e orientadores de estágios. Cada um desses atores tem seu papel específico e complementar, no processo de formação dos (as) alunos (as): É tarefa do monitor, articular os parceiros, de forma que cada um cumpra o seu papel.

Parceria Econômica Financeira – A associação EFA é de natureza comunitária, prestando serviços diretamente a todos os sócios e indiretamente a toda comunidade rural local. Por isso ela deve buscar financiamentos nas instituições públicas e privadas. Cada parceiro colabora de forma diferente. A parceria que a EFA estabelece, deve garantir a identidade da Escola Família, que são: Responsabilidade das famílias através da associação e Autonomia em seu projeto educativo.

Vale salientar no que se refere à boa vontade, citado anteriormente que: se a EFA de fato implica as famílias na escola, nas condições dos pais agricultores, eles se dão o máximo que se podem para de fato ajudar (com mutirões, assumindo se necessário for responsabilidade dos finais de semana na escola, fazendo um, ou outro serviço necessário, realizando uma aula prática etc) a levar o projeto adiante, fazendo com que ele avance.

“ É a alternância que permitiu desenvolver um método pedagógico tornando assim possível o engajamento dos pais e dos mestres de

⁹ Plano de Formação das Famílias – Módulo B

estágios na formação dos jovens: mas e porque existe uma associação, na qual eles podem se engajar inteiramente, que eles podem participar efetivamente da gestão da Maison familiale e interagir com os outros sobre a educação de seus filhos”. (Chartier, 1986:217 –218),.

De fato, essa experiência da alternância é extraordinária, porque é muito difícil conseguir esse envolvimento das famílias conforme fora acima citado, num outro tipo de escola . A família fazer-se e sentir-se de fato parte do projeto.

3º - Uma formação Integral

O terceiro pilar da Pedagogia da Alternância, a formação integral, foi uma das exigências dos pais para a formação dos seus filhos porque entendiam que a formação primária, não era suficiente de acordo com André Duffaure (1993).

“ A formação geral não se limita à instrução primária. Ela compreende também o conhecimento do mundo (geografia) do momento (história), da vida humana. O fato de somente considerar o estudo de um ofício ou de uma profissão não deve limitar as possibilidades de abertura ao tempo, ao espaço, ao homem...”

Este tipo de formação decorria da necessidade de uma formação geral teórica onde eram inseridos conteúdos nas diversas áreas, mas também a preparação para a vida associativa a qual acrescentava-se a Formação Humana e Cristã.

A educação na EFA deve permitir a todos uma reflexão e um compromisso livremente escolhido, ao máximo dos desejos e possibilidades de cada um. Assim, a introdução das ciências do homem, e o pensamento religioso, filosófico, ideológico, aos jovens, deve acontecer em termos de acessibilidade sem ser simplista ou tendenciais. Tratará de ajudá-los a adquirir critérios e métodos para continuarem a formação. Pois, numa formação integral, para além de comer, beber, dormir, trabalhar, ter sonhos, ganhar dinheiro... o ser humano precisa aperfeiçoar-se. A

formação não é estanque, e muitas competências e habilidades com certeza lhe serão requeridas ao longo da vida.

A educação básica para todos é, absolutamente vital, na medida em que o desenvolvimento visa a realização do ser humano enquanto tal, e não enquanto meio de produção devendo englobar todos os conhecimentos requeridos para se poder ter acesso, eventualmente, a outros níveis de formação, sobretudo, na perspectiva da educação permanente, dando a todos, os meios de modelar, livremente, a sua vida e de participar na evolução da sociedade.

Os conhecimentos intelectuais, atitudes para atuar, atitudes afetivas, constituem as partes de uma unidade da pessoa. E a pessoa, se faz pessoa porque é, e, quando reflete e decide livremente, e decidida, não se conforma com o que diz e o que se faz, nem tão pouco com o que se ganha. Necessita entender e atuar por sua própria conta: ser autônoma.

Em a sombra desta mangueira, Paulo Freire (1995. 18) faz as seguintes afirmações: Para que a finitude que implica processo, reclame educação, é preciso que o ser nela envolvido se torne dela consciente. A consciência do inacabamento torna o ser educável. O inacabamento sem a consciência dele engendra o adestramento e o cultivo. Animais são adestrados, plantas são cultivadas, homens e mulheres se educam (p.75)

Um jovem será senhor de si mesmo na medida em que a educação lhe tiver dado competências sociais que permitirá compreender: como funciona as sociedades; quais os sistemas de poder e as alavancas que os comandam, como influenciar nas decisões e, como funcionará a dinâmica social.

Essa tomada de consciência com atitude para entender e atuar por sua própria conta, demanda autonomia. Para isso não basta aprender a filosofar. O que mais se quer é ser gente. Fazer-se inteligente é também aprender a fazer-se gente. Gente cuja busca maior é aprender com Deus a amar através do que faz. E esse fazer através do seu trabalho modificará o ambiente físico, pois quando atua, descobre a realidade física e a dos outros; experimenta, cria coisas novas, porém ao mesmo tempo, cresce, se desenvolve e crê em si mesma..

Educar sempre foi e continua a sendo uma tarefa eminentemente social. A formação da personalidade madura resulta tanto do fortalecimento da autonomia pessoal como da construção de uma alteridade solidária, que perpassa pela descoberta do outro como atitude moral. A humanização concebida como crescimento interior do indivíduo encontra seu pleno desenvolvimento no ponto onde se encontram de modo permanente os caminhos da liberdade e da responsabilidade.¹⁰

4º –Desenvolvimento do Meio

André Duffaure citado por (APEFA: 1974), define desenvolvimento como sendo *algo que implica a noção de movimento, de dinamismo, de “avanço”*. A palavra “desenvolvimento” expressa perfeitamente esta idéia como algo que *“se desprega”*. Porque se desprega desde o interior.

O desenvolvimento supõe realizações, e aquisições econômicas, porém seu objetivo é fundamentalmente o desenvolvimento dos homens, dos grupos, dos povos, das famílias.

Assim, reportando às origens do movimento, ajudar no desenvolvimento do meio rural, promovê-lo, foi também um compromisso das MFR. E os nossos precursores sabiam que a EFA de fato poderia contribuir nesse sentido, porque mais do que dependência de recursos econômicos, ela tinha os recursos humanos os diversos atores da alternância, um ensino adaptado e toda uma dinâmica que poderia ser mobilizada mediante a aplicação de sua metodologia sobretudo dos instrumentos pedagógicos, mola mestra para ajudar a alavancar um processo de ação – reflexão – ação.

A EFA nasce a partir de trabalhos comunitários envolvendo famílias, lideranças e movimentos preocupados com a promoção e o desenvolvimento do campo. Quanto mais ela estiver inserida na realidade local e regional, mais responderá às necessidades das famílias. Portanto, a EFA se

¹⁰ Jacques Delors - Relatório UNESCO

torna um dos meios importantes para contribuir com o desenvolvimento sócio-econômico, técnico e cultural da região.

“Se vocês formam o jovem e o meio não se desenvolve vocês estão colocando o jovem para fora desse meio”.¹¹

Puig, nos convida com isso a refletir sobre o ensino que a EFA oferece, a sua prática pedagógica. Forma-se o jovem também para isso; para que ele seja protagonista do seu meio, que ele o veja, o sinta, reflita sobre ele, e nele intervenha se necessário for. A partir, do nosso olhar sobre o desenvolvimento do meio onde os jovens oriundos da EFA se inserem, como avaliamos a atuação da escola? O meio está se desenvolvendo? Os jovens permanecem nas suas localidades?

Para Jean Claude Gimonet,¹² não há um consenso em termos do que seja desenvolvimento. É algo muito complexo. Porém, segundo o mesmo, *desenvolvimento é igual elefante: difícil de definir e fácil de reconhecer.*

Realmente, não é difícil de se reconhecer onde há desenvolvimento, isso se torna algo visível. Porém, vai depender da ótica de cada um. Para quem pensa que o desenvolvimento está na linha apenas do econômico, as benfeitorias no que tange as melhorias da qualidade de vida, pode não ser relevante e vice versa. Daí a necessidade da dificuldade de definição do termo.

Para Myrdal, *“O desenvolvimento, embora inclua também transferência de capital e tecnologia, não é uma simples questão de transferência de tecnologia, mas exige a ponderação de fatores éticos, políticos na resolução dos problemas do subdesenvolvimento de pais e regiões”.¹³*

¹¹ Pedro Puig Assembléia Nacional da UNEFAB – Abril/2002.

¹² Assembléia Nacional da UNEFAB – Abril/2002.

¹³ 1º Congresso de Estudos Rurais – Ambiente e Uso do Território de: Antonio Maria Ferreira Cardoso. Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Como vimos, é papel da EFA contribuir com a melhoria da qualidade de vida no campo, através da sua ação educativa e formativa. A educação em alternância potencia isso, pois como diz André Duffaure:

O meio rural, com seu estilo próprio, sua vida, sua história, o contato com a natureza, lugar tranquilo, é um ambiente propício para as reflexões mais profundas. O que nos rodeia, o meio de vida, o elemento profissional, o doméstico constitui a iniciação, o ponto de partida de uma formação biológica de onde provoca as mudanças, porque tudo tem vida. A pessoa se constrói na ação.

O jovem rural mergulhado na vida do meio em que vive, está profundamente influenciado por ele. Nele vai adquirindo uma formação simples, porém constante. Formação que pode ser comprometida se romper com a dinâmica dessa realidade.

É, portanto, o meio rural, um espaço privilegiado à formação profissional porque é mais vivo e diverso. Nele o jovem mantém-se fiel à sua fonte, buscando tirar dele o essencial em termos de lição das coisas.

Por mais simples que sejam os ofícios, dos que nele vivem, essa reflexão acontece e é proporcionada pelos ensaios, pelos erros, acertos, as criatividades na forma de fazer dos que os precederam e dos que levam à frente os ensinamentos. Estas reflexões marcam-lhes a vida, desperta-lhes interesse e permite fazer escolhas, a ver perspectivas, a ter desejos, a abraçar uma profissão.

1.4 - Conclusão.

De acordo com o exposto, pudemos perceber que um projeto verdadeiro de escola nasce pela manifestação de um desejo, se insere num contexto real, com bases bem estabelecidas (princípios), com atores que encontram nele seu lugar tendo inclusive papéis a desempenhar. No entanto, para dinamiza-lo torna-se indispensável a utilização de ferramentas ou instrumentos

pedagógicos apropriados que é o que veremos no capítulo a seguir, a fim de proporcionar a interlocução entre os diversos atores, unir teoria – prática e estabelecer a ligação entre EFA e o meio onde o jovem está inserido.

CAPÍTULO II

Formação Integral

Introdução

A educação do presente século deve ser encarada no quadro de uma nova problemática em que não apareça apenas como meio de desenvolvimento entre outros, mas como um dos elementos constitutivos e uma das finalidades essenciais desse desenvolvimento.

Que seja uma educação encarada como um bem público, independente do seu estatuto – privado, cooperativo ou governamental. Educação cujo papel é relevante para a promoção da coesão social, da mobilidade humana e da aprendizagem da vida em comunidade. Onde a escola se constitua de um pilar essencial da educação ao longo da vida com aquisições de competências básicas para a socialização permanente, sendo prioritária para edificar uma nova ordem social onde todos contam e cada um possa ser capacitado para participar lutando ativamente num processo de desenvolvimento para recuperar a centralidade da pessoa na sua mais plena e inviolável dignidade. Para que isso aconteça que seja mobilizados esforços que vão no sentido da integração, do apaziguamento e da união, contribuindo essencialmente para a busca de um mundo mais habitável.

Com esse pensamento, buscamos nesse capítulo, tecer uma reflexão sobre a formação Integral, a partir do estudo de três tendências pedagógicas que têm marcado a história da educação; evidenciando nesse contexto, a educação da EFA em consonância com o seu Plano de Formação e seus respectivos instrumentos pedagógicos.

2.1 - Formação Integral

Para falar da Formação Integral que nos dá idéia da globalidade, de integração, integralidade, e de formação especialmente dentro da Pedagogia da Alternância, a lição a começar de casa, se dá

primeiramente num ambiente natural: a alternância na natureza que é completa e integradora. Porém, apesar dessa lição, nem sempre na vida as coisas ocorrem assim. O que vemos, é o oposto; em vez de integrar, fragmenta-se. É assim por exemplo: na linha de montagem, numa indústria, onde um operário passa anos a fio trabalhando e nunca tem a noção do todo naquilo que ele produz - o carro. Na medicina, as várias especialidades, fragmenta a pessoa; há um médico para cada parte do nosso corpo. Na escola, na concepção tradicional de ensino, também não é diferente. As disciplinas são compartimentos fechados sem integração, sem comunicação, aportes isolados. Frente a isso perguntamo-nos: como fica a pessoa nessa situação? onde está e o que faz a educação (que a exemplo da concepção tradicional em vez de formar, deforma?). Quem pode explicar tão fenômeno?

Há várias formas de se conceber o fenômeno educativo. Por sua própria natureza, não é uma realidade acabada que se dá a conhecer de forma única e precisa em seus múltiplos aspectos. É um fenômeno humano, histórico e multidimensional. Nele estão presentes tanto a dimensão humana quanto a técnica, a cognitiva, a emocional, a sócio-política e cultural. Não se trata de mera justaposição das referidas dimensões, mas, sim, da aceitação de suas múltiplas implicações e relações. (MIZUKAMI :1986)

Diferentes formas de aproximação do fenômeno educativo buscam explicá-lo, se não em sua totalidade, pelo menos em alguns de seus aspectos. E quem tenta dar conta de explicar ou ajudar a compreender e orientar a prática educacional em diversos momentos e circunstâncias da história humana são as Correntes ou Tendências Pedagógicas da Prática Escolar onde se encontra as varias pedagogias. Destacaremos três delas para um estudo mais aprofundado. São elas: Pedagogia tradicional; pedagogia Ativa e a Pedagogia da Complexidade (na qual se situa a Pedagogia da Alternância).

2.1.1 - Tendências Pedagógicas

Pedagogia Tradicional¹⁴

Características gerais – O ensino, em todas as suas formas, nessa abordagem, será centrado no professor, e é baseado numa psicologia sensual – empirista cuja ênfase é dada ao que é externo ao aluno: o programa, as disciplinas, o professor.

Aqui o adulto é considerado como um homem acabado, “pronto” e a criança, o aluno, um “adulto em miniatura”, que precisa ser atualizado.

Homem – é considerado como inserido no mundo que irá conhecer através de informações que lhe são fornecidas e que se decidiu serem as mais importantes e úteis para ele. É um receptor passivo até que, repleto das informações necessárias, pode repeti-las a outros que ainda não as possuam. É considerado no início de sua vida como uma tábula rasa, na qual são impressas progressivamente, imagens e informações fornecidas pelo ambiente.

Na condição de depósito, o homem se torna arquivado. Educador e educando se arquivam na medida em que, nesta destorcida visão da educação, não há criatividade, não há transformação, não há saber. Só existe saber na invenção, na reinvenção, na busca inquieta, impaciente, permanente, que os homens fazem no mundo, com o mundo e com os outros. Busca esperançosa também. (Paulo Freire:p. 66)

Mundo - A realidade é algo que será transmitido ao indivíduo principalmente pelo processo de educação formal, além de outras agências, tais como família, igreja. O mundo lhe é exterior; porém gradativamente vai se apossando de uma compreensão sofisticada dele na medida em que se confronta com os modelos, ideais, etc. A confrontação do aluno com modelos que lhe poderão ser úteis no decorrer de sua vida, é algo defendido nessa concepção de educação por Dürkheim.

¹⁴ Fundamentos em MIZUKAMI: 1986 – Abordagem Tradicional

Sociedade–Cultura - Visa a produção de pessoas eficientes que consigam impulsioná-los em direção a um maior domínio da natureza, ampliando e aprofundando as áreas de conhecimento. Os programas exprimem os níveis culturais a serem adquiridos na trajetória da educação formal. A reprovação do aluno passa a ser necessária quando o mínimo cultural para aquela faixa não foi atingido, e as provas e exames são necessários para a constatação de que este mínimo exigido para cada série foi adquirido pelo aluno.

Conhecimento - Parte do pressuposto de que a inteligência ou qualquer outro nome dado à atividade mental, seja uma faculdade capaz de acumular/armazenar informações. Assim ao indivíduo que está “adquirindo” conhecimento compete memorizar definições, enunciados de leis, sínteses e resumos que lhe são oferecidos no processo de educação formal a partir de um esquema atomístico. Evidencia-se o caráter cumulativo do conhecimento humano, adquirido pelo indivíduo por meio de transmissão, de onde se supõe o papel importante da educação formal e da instituição escola.

Quanto mais se exercitem os educandos no arquivamento dos depósitos que lhes são feitos, tanto menos desenvolverão em si a consciência crítica de que resultaria a sua inserção no mundo, como transformadores dele, como sujeitos. Quanto mais se lhes imponha passividade, tanto mais ingenuamente, em lugar de transformar, tendem a adaptar-se ao mundo, a realidade parcializada nos depósitos recebidos.(Paulo Freire:p.65)

Educação - Uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora: Fixar, memorizar, repetir sem perceber o que realmente significa. Outra característica é a transmissão de conhecimentos restrita à ação da escola, e acontece de forma verticalizada.

A narração de que o educador é o sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica de conteúdos narrados e os transforma em “vasilhas”, em recipientes a serem encheidos pelo educador. Desta maneira, a educação se torna um ato de depositar, em que os educandos são depositários e o educador, o depositante. (Paulo Freire: p.66)

Escola – fundada nas concepções dessa abordagem, é o lugar por excelência onde se realiza a educação e, segundo Émile Chartier, citado por (Aranha: 1998), lugar também por excelência, onde se raciocina. Ele defende um ambiente físico austero para que o aluno não se distraia. Considera necessário que o professor se mantenha distante dos alunos.

Para tal tendência, a escola não é considerada como a vida, mas, sim, como sendo parte dela. E o professor, é o mediador entre o aluno e os modelos.

Ensino-aprendizagem – A ênfase é dada às situações de sala de aula, onde os alunos são “instruídos” e “ensinados” pelo professor. Considera a aprendizagem do aluno como um fim em si mesmo: os conteúdos e as informações têm de ser adquiridos, os modelos imitados.

As relações educador-educandos na escola ou fora dela, apresentam um caráter especial e marcante, o de serem relações fundamentalmente narradoras, dissertadoras. Narração de conteúdos que, por isso mesmo, tendem a petrificar-se ou a fazer-se algo quase morto, sejam valores ou dimensões concretas da realidade. Narração ou dissertação que implica num sujeito: o narrador e em objeto pacientes, ouvintes: os educandos. (Paulo Freire: p.65)

Professor-aluno – A relação professor-aluno é vertical, sendo o professor detentor do saber e do poder quanto à metodologia, conteúdo, avaliação, forma de interação na aula etc. Ao professor compete informar e conduzir seus alunos em direção a objetivos que lhes são externos, por serem escolhidos pela escola e/ou pela sociedade em que vive e não pelos sujeitos do processo.

Paulo freire refere a esse educador como seu indiscutível agente, como o seu real sujeito, cuja tarefa indeclinável é “encher” os educandos de conteúdos de uma narração. Conteúdos que são retalhos da realidade desconectados da totalidade em que se engendram e em cuja visão ganhariam significação.

Metodologia - Baseia-se na verbalização ou demonstração feitas pelo professor, observando determinados passos didáticos. A classe é tomada quase como auditório e o conteúdo o professor já traz pronto e o aluno se limita, passivamente, a escutá-lo.

Quanto mais vai “enchendo” os recipientes com seus “depósitos”, tanto melhor educador será. Quanto mais se deixam docilmente “encher”, tanto melhores educandos serão. (Paulo Freire:p.65)

Avaliação – A avaliação é realizada predominantemente visando a exatidão da reprodução do conteúdo comunicado em sala de aula. Mede-se portanto, pela quantidade e exatidão de informações que se consegue reproduzir.

Este tipo de sociedade, afirma Paulo freire (1982c), mantém um sistema de ensino baseado na educação bancária, ou seja, uma educação que se caracteriza por “depositar”, no aluno conhecimentos, informações, dados, fatos etc.

Pedagogia Ativa ¹⁵

Características gerais - Trata-se de um movimento pedagógico que surgiu em 1875, século XIX. Movimento muito complexo. As idéias se consolidaram em 1889. A prática se fundamentava numa teoria. Despertou interesse no mundo inteiro. Esse movimento iria permitir o fortalecimento da consciência educativa global, pois é um laboratório, é a vanguarda pedagógica que vai servir aos sistemas de educação, propondo como fim último e radical, a realidade escolar.

A influência da escola nova é patente em alguns pedagogos sobretudo Paulo Freire dentro de uma pedagogia crítica.

O movimento é plural desde as suas origens e também é diverso. Vai experimentar grandes transformações. Se chamou escolas novas porque se deu em final do século XIX, início do século XX. Dentro da escola nova há vários termos para definir o movimento; no entanto, prevalece a

forma nova ou educação progressiva ou ativa. Cada educador nos diversos países adotou um termo diferente: França: Educacion Nouvelle; Alemanha: Reform – Pedagogik; E.U.A: Progressive Education; Itália: Scuola Activa; Brasil: Escola Renovada. Aqui no Brasil seu início se deu em 1922, com o manifesto dos pioneiros da educação, dentre eles, Anísio Teixeira, que foi aluno de John Dewey, que exerce grande influência nessa pedagogia.

Vários precursores influenciaram, na fundação da escola nova (Comenius, J.Jacques Rousseau, Pestalozzi, Froebel). Esse movimento é o resultado de uma tradição de reformas pedagógicas iniciadas no século XVI.

Três características marcam essa pedagogia: tomada de consciência da realidade da criança, infância; organização da vida escolar - há uma dinâmica dentro da vida escolar: saberes/informações; relacionar a ação com o pensamento - o pensar e o fazer.

Nessa pedagogia o ensino se dá em situação de internato (prolongação da família), onde os professores vivem com os alunos. A escola é o lugar da criança e para a criança. A aprendizagem passa pela prática e o estudo do meio. A escola se situa no campo, onde a experiência pessoal da criança é a base da educação intelectual com um concurso de atividades manuais onde a prática da autonomia é fundamento da educação moral. Ali o meio é mais ativo do que o urbano.

O currículo distribui tempo integral para a realização das atividades, sendo: a manhã, dedicado ao aspecto intelectual, à tarde trabalhos manuais (carpintaria, jardinagem) e esportes, e à noite serão com músicas, teatro etc.

Homem - Deve ser um sujeito ativo; o oposto da tradicional. A educação visa desenvolver todas as suas capacidades. Ênfase comum no respeito pela individualidade pela liberdade do sujeito. Existe tanto um espírito como um propósito comum. A escola pode transformar o homem e transformando o homem transforma também a sociedade.

¹⁵ Fundamentos: 5ª Sessão Mestrado – Professor GUERENA, Jean Louis - Historiador da Educação e Professor na Universidade de Tours e também LUCKESI

Mundo – Preparo do futuro cidadão não somente com vistas à nação, mas também à humanidade. Um indivíduo preparado com auto-disciplina, educado para a responsabilidade. Uma escola para um mundo novo, para um homem novo.

Sociedade–cultura - Há, em todas as escolas novas, uma atenção comum aos fatores humanos, às relações sociais normais, a comunicação e ao trato que é similar ao que se encontra no grande mundo mas que deve se encontrar também ao lado das portas da escola, como no encontro do menino com outro menino, do menino com o professor, contatos que são de suma importância educativa.

Conhecimento – Espera-se formar a consciência da criança com um conjunto de valores humanos. Esses valores apontam também os valores da vida campesina. Desta forma, a aprendizagem deve compreender ao menos três fatores: conhecimento, destreza e caráter. Cada um desses fatores deve ser estudado.

Educação – Como o conhecimento resulta da ação a partir dos interesses e necessidades, os conteúdos são estabelecidos em função de experiências que o sujeito vivencia face a desafios cognitivos e situações problemáticas. O aluno deve aprender a aprender e isso é mais importante do que o próprio saber.

Escola – A escola deve retratar a vida real adequando as necessidades individuais ao meio social. À escola cabe proporcionar experiências que permitam ao aluno educar-se num processo ativo de interação entre as suas estruturas cognitivas e o ambiente físico e social.

Ensino-aprendizagem - A aprendizagem depende da motivação intrínseca do aluno. É um ato eminentemente pessoal. É uma auto-aprendizagem. O ambiente sendo estimulador garantirá a efetiva aprendizagem. Porém, só é retido o que é aprendido através da descoberta pessoal. Quem a faz aprende.

Professor-aluno – É o aluno basicamente o que aprende, pois é o centro. Professor é um facilitador criando contexto de aprendizagem para o aluno. Para construir o seu conhecimento o

contexto de aprendizagem vai ser também de informações, mas, essas não de chegar não só do professor, mas criadas situações em que o aluno construa. Ex: fazendo com que eles construam projetos com os colegas e vão buscar informações também fora, pesquisando. E vai se organizar em situação que lhe dê sentido.

O saber constrói-se por construção. O que o aluno fez, há pressuposto de que tem um saber anterior que se soma a outros. O lugar privilegiado é do aluno. A disciplina é fruto da tomada de consciência dos limites da vida em grupo. O aluno disciplinado é solidário, participante, respeitador das regras do grupo. A democracia, que deve existir na sociedade, é reproduzida nas relações escolares.

Metodologia - A idéia básica é aprender fazendo. São muito valorizadas a experimentação, a descoberta, o estudo do meio natural e social, a solução de problemas. A experiência é tão importante que produz conhecimento: pois enraíza a pessoa. O lema didático desta pedagogia é: o professor não ensina, ajuda o aluno a aprender. Para isso, as atividades são organizadas de forma que o aluno aprenda e aprenda também com o outro.

Avaliação – A avaliação consiste no reconhecimento pelo professor, do esforço do aluno.

Observação – esta pedagogia é muito difundida nos cursos de formação de professores, entretanto sua aplicação é muito reduzida. É muito mais difundida teoricamente do que na prática. Porém, na EFA pela sua similitude com a Pedagogia da Alternância, ela é de fato aplicada com outros acréscimos, sendo portanto denominada Pedagogia da Complexidade.

Pedagogia da Complexidade¹⁶

Características gerais - A grande característica da Escola Família é a alternância: duas semanas no meio profissional (na maioria das vezes no empreendimento familiar), duas semanas na Escola Família. O contexto educativo que forma sua base, permite *uma continuidade de*

formação numa descontinuidade de atividades, conforme sublinha o preâmbulo da convenção entre a União Nacional e o Ministério da Agricultura, em França:

“ As Escolas Famílias Agrícolas propõem no quadro de uma formação geral associada à formação profissional, desenvolvimentos sucessivos que engajam os alunos num processo de formação contínua ... Esta alternância é concebida, não como um ensino em tempo parcial, mas como uma formação em tempo integral, estruturada pedagogicamente, resultando de uma estreita relação entre as estadias no mundo ativo do trabalho e aquelas no estabelecimento escolar ”.

Nesta concepção de educação a lógica está centrada no jovem contextualizado: grupo familiar, comunitário e global.. Nasceu para a formação de adultos. Com adolescentes, esta alternância exige um verdadeiro engajamento das famílias no processo de formação e isto lhes é facultado no quadro da associação.

A alternância não é uma facilidade pedagógica. Com a alternância deixa-se uma pedagogia plana para uma pedagogia no espaço e no tempo; que adentra no campo experiencial, uma pedagogia da complexidade.

Com a alternância, envolvemo-nos na aventura da educação sistêmica (Rosnay, 1975), citado por Giomonet. Seus componentes e suas interações estão hierarquizados nessa perspectiva, daí ela por o acento no institucional, no cognitivo, relacional e/ou outras aprendizagens. A Pedagogia da Complexidade visa a alternância integrativa, a verdadeira alternância (Chartier, 1986).

Homem – O jovem não é objeto da formação, ao contrário, ele é sujeito e o autor de sua educação. O alternante, não é um aluno na escola, mas um ator sócio-profissional que entra em formação permanente. Com eles pratica-se: uma estratégia personalista, isto é de “eu” no meio de “nós” e de ambientes; estratégia de cooperação educativa porque cada alternante, através de sua

¹⁶ Jean Caude Gimonet - Diretor do Centro Pedagógico das Casas familiares Rurais (MFR) em Chaingy (região Centro) – França.

experiência de vida pessoal (familiar, profissional, social, cultural, etc) é portador de saberes a serem transmitidos;

Mundo - O desafio educativo atual, é abrir-se a complexidade do mundo e desenvolver a capacidade de leitura dessa realidade.

Sociedade–cultura – A EFA tem como objetivo primeiro o desenvolvimento global de cada jovem, com sua originalidade. Para isto, a profissão é considerada como uma via de acesso à cultura e, a formação profissional é associada à formação geral. Segundo a fórmula muitas vezes utilizada, trata-se menos de fazer “homens adaptados” do que “homens adaptáveis”, menos de aprender do que “aprender a aprender”.

“As escolas famílias não se contentam em formar homens para que sejam agricultores. Elas têm a ambição de formar agricultores, para que sejam homens”. P.Idiart, citado por (A. Duffaure).¹⁷

Para isso, em segundo lugar, a reflexão na EFA deve permitir o descobrimento da vida social total. Esse descobrimento implica logicamente sobre a organização da sociedade.

Conhecimento – O saber está na vida familiar, comunitária, nos meios de comunicação, na Internet etc

Educação – Seu ensino parte das observações realizadas pelos jovens e do interesse suscitado na estadia no meio sócio-profissional durante a qual pesquisas e estudos são propostos.

O engajamento do jovem numa atividade profissional e o compromisso com a formação, torna-o interrogador, ativo e motivado. Ele enxerga novos problemas, novas ações. Este é um método de aprendizagem muito diferente daquele proposto pela escola tradicional. Observações, interrogações e reflexões permitem o surgimento de uma pedagogia da curiosidade, de uma

¹⁷ AECOFABA – Relatório Formação Inicial 2001

dinâmica formadora. A. Duffaure¹⁸ resume inclusive muito bem o caráter específico deste processo: “ *Esta estratégia de formação leva em consideração um meio rural portador de valores educativos, considera também como mais importante a vontade de aprender do que o aprendido*”.

A alternância tem uma dimensão importante que convém sublinhar: ela modifica o meio, participa de sua evolução, de sua promoção. A interrogação, a informação e a análise trazem uma tomada de consciência dos problemas, não somente no jovem, mas no meio, no grupo inteiro: pai, mãe, vizinhos, mestre de estágio, responsável profissional...etc. Os intercâmbios, o confronto, a discussão e até a oposição levam a esta tomada de consciência e provocam uma evolução positiva.

Escola – Uma Escola Família Agrícola nasce da iniciativa das famílias conscientes do papel que desempenham na educação; os adultos, os pais, o próprio meio onde vivem os filhos. Reunidos em associação, os pais e os mestres de estágio criam sua escola, a gerenciam e assumem as responsabilidades no plano legal, financeiro e moral. Os pais que escolhem a Escola Família para seu filho ou sua filha, se tornam membros da associação. Elegem um Conselho de Administração que fica encarregado de tomar as decisões em seu nome.

A particularidade está de fato na responsabilidade de quem assume, a associação. André Duffaure sublinhou isto há muito tempo e escreveu a este respeito :

“Nada de comum entre esta associação e aquelas que se formam ao redor das escolas públicas de 1º ou 2º grau; de fato, os pais e mães de família é que efetivamente criam a Escola Família e a gerenciam...”.¹⁹

Além da gestão, outra atribuição é confiada à associação: uma responsabilidade educativa, que é compartilhada com os professores chamados de monitores. Os pais reencontram aí sua

¹⁸ - Ib.

¹⁹ ZAMBERLAN – Texto: A Escola Família Agrícola como instituição educativa (sem data).

responsabilidade educativa natural, como também, e é um fato particular, uma responsabilidade pedagógica, em estreita relação com os monitores.

Ensino-aprendizagem - Pouquíssimos manuais são utilizados na escola família porque estes propõem muitas vezes um processo que se adaptaria mal ao método. Em consequência, a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas publica um conjunto de documentos chamados “fichas pedagógicas”.

Estes documentos são utilizados por alunos e monitores. O aluno “apropria-se” mais da aula, tornando-se mais pesquisador do que sábio. Quanto ao monitor, ele pode desempenhar melhor o seu papel de animador e ajudar a cada jovem.

Com isto, dá pra perceber que a educação em alternância privilegia a ação do aprendiz e a aprendizagem por produção de saberes mais do que por consumo.

Outras atividades práticas também fazem parte do ensino aprendizagem durante a estadia na escola família. Elas contém aulas em laboratório, na propriedade, com os animais etc.

Professor-aluno – Na estrutura do projeto das EFAs - Escolas Famílias Agrícolas, a alternância tem chamado de formador, o que denominamos “monitor”, cujo perfil enquanto educador, deve incorporar ao exercício de sua função a capacidade para promover a educação, o domínio da técnica, saber ensinar e animar as alternâncias junto ao grupo de alunos e demais atores. Esse monitor é um profissional de formação alternada. Ele não pode ser uma docente na sua compreensão tradicional, mas um formador que tem uma função global e papéis múltiplos.

A alternância impõe à equipe de formadores, três fortes exigências: um conhecimento dos ambientes sócio-profissionais; uma presença no terreno sócio-profissional dos alternantes; uma formação pedagógica específica, seguida de um aperfeiçoamento contínuo.

Na relação com os alunos, o monitor é um facilitador da aprendizagem com atenção personalizada a cada jovem. Esse troca idéias com ele a respeito de assuntos diversos e especialmente sobre o conteúdo de seu Caderno da Realidade. Esta atividade permite ao aluno,

não somente melhorar, mas também explicar e aprimorar o que escreveu; e em relação ao monitor, o ajuda a melhor tomar consciência dos fatos, de suas causas e consequências.

Metodologia - A formação em alternância requer uma organização, atividades e instrumentos pedagógicos específicos para articular os tempos e espaços a fim de associar e colocar em sinergia as dimensões profissionais e gerais, e para otimizar as aprendizagens. Assim, as atividades e instrumentos pedagógicos específicos operacionalizam o sistema da alternância.

Uma organização das atividades e dos conteúdos no que tange à hierarquização, sucessão e progressão se impõe para dar coerência e sentido a cada seqüência de alternância e o do conjunto do percurso no campo da formação, é o que chamamos de Plano de Formação.

Um Plano de Formação é uma ampla ordenação de coerência em torno da formação, da educação, da orientação e do desenvolvimento da pessoa vivendo num determinado contexto (Gautreau, 1995).

Avaliação – O Plano de Formação prevê avaliações que convém distinguir dos exercícios, dos controles de conhecimentos e dos exames. Elas visam situar, provocar uma reflexão e se inserem num processo de formação contínuo e evolutivo. Além disto, sua organização mobiliza e implica todos os formadores: pais, monitores, profissionais... etc.

Para isso as exigências são múltiplas, os formadores devem ser conscientes e responsáveis na sua tarefa se quiserem realmente lograr êxito numa “pedagogia que apela menos para a *repetição* do que para a *interrogação*”.

Considerações Teóricas Sobre As Pedagogias Apresentadas.

Apesar das inúmeras inovações que vem ocorrendo no campo da educação, vivemos ainda o resquício da educação tradicional, marcada pela fragmentação da pessoa e do conhecimento. Aliás, fragmentação que tem merecido críticas conforme fala Cecília Warschauer (1993: p.24),

tanto por não considerar o desenvolvimento global do indivíduo, dando menor relevância (ou quase nenhuma) aos aspectos afetivos, relacionais e éticos, priorizando a quantidade das informações transmitidas e o desenvolvimento racional, lógico e objetivo; como também, porque a fragmentação do conhecimento começa desde os primeiros anos de escolaridade e prossegue durante o processo de aprendizado de forma crescente, culminando na profissionalização cada vez mais especializada.

E a professora Aparecida Porto²⁰ acrescenta que: visando a superação dessa fragmentação, a formação integral do homem tem sido motivo de preocupação de muitos educadores atuais e já foi de muitos no passado. Um exemplo claro disso, diz ela, são as inúmeras propostas de formação apresentadas e discutidas nas escolas regulares e fundamentadas nos mais diversos autores. Teoricamente estas propostas explicitam com clareza seus objetivos e eixo norteador de suas práticas, tendo como pano de fundo uma formação que desenvolva as potencialidades do homem tornando-o cada vez mais capaz para enfrentar os desafios que o meio lhe impõe. Na prática entretanto, estas propostas não conseguem muito sucesso uma vez que acabam por priorizar um ou outro aspecto da formação, não conseguem articular teoria – prática, nem promover integração do aluno com o seu meio, acabando por reforçar o distanciamento entre a escola e a sua realidade. Como resultado, ela tem contribuído para elevar os índices de evasão e repetência e quando não, o aluno sai da escola com uma formação que deixa a desejar. Restando sempre a impressão de que a escola não cumpriu o seu papel de formadora.

Essa fragmentação acontece segundo Boaventura de S. Santos (1988), citado por Cecília (1993:p.25), porque o modelo de racionalidade da ciência moderna é baseado numa visão de mundo em que homem e natureza estão separados. Sob esta concepção, a natureza é vista como totalidade passiva, sem qualquer “qualidade ou dignidade que impeça de desvendar seus mistérios, desvendamento que não é contemplativo, mas antes ativo, já que visa conhecer a natureza para dominá-la e controlá-la”.

²⁰ (Coordenadora do Curso de formação Universitária UNEB – AECOFABA/REFAISA)

Este modelo, elaborado fundamentalmente por Descartes, tinha como premissa básica a desconfiança sistemática das evidências de nossa experiência imediata, que são a base do conhecimento do senso comum. Por isso, conhecer significava dividir e classificar para depois determinar as relações entre o que se separou.

Assim, pensavam as ciências sociais que nasceram, do mesmo paradigma das ciências naturais, aquele que considerava as separações homem – natureza e sujeito – objeto.

Para a ciência pós – moderna é impossível a reconstituição do todo a partir da somatória de suas partes. Além disso, o sujeito interfere no objeto observado, comprometendo o rigor absoluto proclamado pelo modelo cartesiano. Mas, o que está por trás desta resolução paradigmática é a qualidade integrativa e participativa do homem em relação à natureza, que passa a preferir a compensação do mundo à sua manipulação.

Contudo, apesar das dificuldades de se fazer efetivar uma prática de educação diferente desta descrita, esforços vários têm acontecido inclusive com muito sucesso. E o destaque reside primeiramente nos ideários das tendências pedagógicas progressistas (aqui destacamos a pedagogia Ativa a Libertadora de Paulo Freire, inserindo dentre elas a pedagogia da Complexidade (Pedagogia da Alternância), que podemos dizer, resulta da fusão dessas duas pedagogias com outros acréscimos, a exemplo: da alternância integrativa e os instrumentos pedagógicos apropriados que fazem a dinâmica da dialética: ação-reflexão-ação e, a gestão das famílias que também faz a diferença.

Adotar uma Pedagogia da Alternância, implica por em marcha uma dinâmica de educação pensada como processo de formação que valoriza o desenvolvimento integral do homem, sem privilegiar determinados aspectos deste desenvolvimento em detrimento de outros; ter dispositivos pedagógicos apropriados que funcionem como molas mestras (organicamente dispostos dentro de um Plano de Formação), para dinamizar o processo e integrar de fato atores/formadores no seio da escola e com o pé na realidade; implica em levar a escola para a vida e trazer essa, para a escola, não de forma idealizada, mais concreta (refletindo sobre ela, e dando um retorno em ação e novamente reflexão, num verdadeiro processo dialético); implica

ainda em operacionalizar o pensamento sistêmico - algo mais ousado na contemporaneidade e, implica ao final, em ter uma enorme interrogação (pedagogia da pergunta) frente a toda uma produção de conhecimentos disponível, e a consciência do nosso inacabamento – que nos coloca na condição de eternos aprendizes.

2.1.2 - Conceito

“Ao falar da formação integral da pessoa gostaria de me reportar ao nosso saudoso Paulo Freire, cuja vida e obra se confundem porque ele não falou de coisas abstratas ele falou do cotidiano das coisas que ele sentia. Não discriminava no ato de escrever o “ler do escrever” o “sentir do refletir” a “educação do ato profético”. Ele considerava que ninguém nasce feito, nós nos fazemos conforme nossas experiências, considerava virtudes: tolerância acompanhada de indignação, a coerência, a honradez, a humildade, o espírito de justiça, a cordialidade, a mansidão, a paciência, sendo impaciente, a serenidade, a solidariedade, o respeito e a valorização do outro, competência e rigor, seriedade, ponderação, compaixão, curiosidade, fidelidade, gratidão, rebeldia - não violência e paixão.

No seu viés antropológico resgata a subjetividade e a objetividade, a cotidianidade aliada a conscientização do ontem voltado para o amanhã. Homem e mulher se reconhecem a si ao mundo: sentem, optam, decidem, agem compondo a práxis transformadora”.²¹

Paulo Freire sabiamente diz pouco e fala muito (profundo). A formação integral como o próprio nome concebe, pensamos que acontece num todo que se entrelaça, que não dá para estabelecer barreiras, onde uma dimensão começa a outra termina. No cotidiano da vida também é assim.

²¹ Ana Maria de Araújo Freire. – Relatório ENEJA.

Esta formação perpassa todas as nossas ações, deixando-nos um saldo que ousamos chamar de aprendizados ou experiências. E, WARSCHAUER (20001: p.272), acrescenta que:

Muitas das oportunidades para a formação no cotidiano escolar, para os alunos e para os profissionais, são frutos dos antagonismos e contradições presentes nesse cotidiano, oferecidas por seu movimento dinâmico e não frutos da programação. As situações e os problemas oriundos da realidade chamam as pessoas a reagirem de maneira diferente do que fazem em atividades escolarizadas, que freqüentemente carecem de um sentido vital.

Com essa motivação, definiremos primeiramente o termo ou a palavra formação, para depois, , definirmos a Formação Integral. Sendo assim, de acordo com o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, formação significa:

- ✓ Ato, efeito ou modo de formar, constituir (algo);
- ✓ Tudo o que lhe molda o caráter; a personalidade;
- ✓ Conjunto de conhecimentos e habilidades específicas a um determinado campo de atividade prática ou intelectual;
- ✓ Conjunto dos cursos concluídos e graus obtidos por uma pessoa;
- ✓ Ato ou efeito de dar forma; configuração, modelagem.

Segundo o dicionário em construção: Interdisciplinaridade de Ivani fazenda, formação é assim definida:

- ✓ Ato ou efeito de formar;
- ✓ Constituição, caráter;
- ✓ Maneira por que se constitui uma mentalidade, um caráter ou um conhecimento profissional.

“Percebo que formação traz em si uma intencionalidade que opera tanto nas dimensões subjetivas (caráter, mentalidade) como nas dimensões intersubjetivas, aí incluídos os desdobramentos quanto ao trajeto de

*constituição no mundo do trabalho (conhecimento profissional). Portanto, não se trata de algo relativo a apenas uma etapa ou fase do desenvolvimento humano, mas sim de algo que percorre, atravessa e constitui a história dos homens como seres sociais, políticos e culturais”.*²²

Vigotsky (1995), citado por Sylvia Helena, diz que formação significa a construção de sínteses complexas e multifacetadas, que articulam permanentemente o individual e o social, o biológico e o cultural.

E, o termo integral em conformidade com o dicionário Houaiss da Língua Portuguesa quer dizer:

✓ Total, completo.

E integralidade :

✓ Qualidade do que é integral;

✓ Reunião de todas as partes que formam um todo; totalidade, completude.

BEGNAMI²³ tem a seguinte compreensão sobre da Formação Integral/global:

A formação global depende da mudança de paradigmas. É muito mais postura, atitude, que conteúdos. Essa formação na minha compreensão, é aquela que educa o sujeito a pessoa, a refletir, a duvidar, a questionar e buscar sempre mais a fundo as respostas. No caso das EFAs, uma formação global seria aquela que integra a formação profissional com a formação geral.; isto no nível das áreas do conhecimento, das disciplinas, mas, se preocupa também para além das dimensões cognitivas, intelectivas. O aluno precisa demonstrar, atingir competências nesta dimensão, mas também é preciso ver que nível de competência intelectual ele tem. A escola para ser da perspectiva de uma educação global precisa trabalhar os conhecimentos da ordem da prática profissional e precisa unir saberes teóricos, de cultura geral, com os saberes práticos e teóricos de uma profissão.

²² Sylvia Helena Souza da Silva Batista. – Relatório Formação Continuada - AECOFABA/04.

Hoje um bom profissional de qualquer área precisa de dominar outros saberes, tais como: liderança, capacidade de criar, conviver, decidir etc. Mas independente do mundo do trabalho pós-moderno que está a exigir tais competências, temos que levar em conta que o ser humano é um ser multidimensional, por isso, a formação global será global quando levar em conta que o ser humano é intelecto, é sentimento (razão-emoção); é social, mas é também pessoal (individual- coletivo); é político, econômico, ecológico, ético, estético, espiritual.

Educação Integral do jovem,²⁴ portanto, é a educação vista em todos os seus aspectos: pessoais, profissionais, culturais, político, ético....Promover uma educação integral é tarefa difícil pois demanda ação contínua, coordenada por várias equipes e assumida por toda a escola.

Porém, não há uma escola que ensine tudo e para toda a vida. A educação na escola constitui apenas uma parte de todo esse processo que é a educação. É preciso - “Que o jovem na sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção de saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção”. (Paulo Freire:Pedag. da Autonomia, p.24 – 25).

E isso nos remete à idéia de autoformação cujo significado segundo Gaston Pineau, citado por (COUCEIRO:1992:p.20) é, “a apropriação completa do seu poder de formação”.

Segundo Warschauer (2001:p.129), autoformação é “*aprender por si*”. No entanto, ela coloca que a idéia de aprender por si mesmo não implica necessariamente aprender sozinho, nem que o professor deixe de ter um papel importante e até mesmo decisivo, por vezes. Trata-se de compreender o papel que exerce o aprendente ao desenvolver uma atividade de reorganização dos dados ou na elaboração de uma representação, atividade ela mesma dependente de fatores

²³ Assessor Pedagógico das EFAs Mineiras, membro da Equipe Pedagógica Nacional – UNEFAB e colega de curso do mestrado.

²⁴ **A Inteligência no trabalho. Guy Jobert** In Philipe Carrié e Pierre Caspar. Tratado das Ciencias e das Técnicas da Formação - Lisboa, Instituto Piaget, 2001.

cognitivos, afetivos ou volitivos. Fatores estes desenvolvidos a partir da inserção do indivíduo no meio social.

Nesse sentido, as idéias de Rousseau (também citado por Cecília Warschauer, 2001:127), retomadas no contexto do século XX faz imergir preocupações centradas no ecológico, e ver a aprendizagem como um processo dinâmico de reconstrução contínua do conhecimento a partir do sujeito.

E, esse sujeito, constituído de aprendizagens devido a subjetividade que lhe é inerente, olhada sob diferentes abordagens metodológicas, pretende uma formação efetivamente integral do indivíduo. Isso ocorre à medida que lhe é agregado de forma dialética e articulada suas várias dimensões: cognitiva, afetiva, relacional, emocional, corporal, estética, ética e espiritual.

Para que seja assegurado ao indivíduo uma educação assim, é preciso organizar a escola para que ela seja o lugar, o tempo e o contexto para fazer as mudanças que se fazem necessárias. Porque do jeito que ela está não vai conseguir.

A escola precisa mudar para acompanhar a evolução dos tempos e cumprir a sua missão na atualidade. Mudar não apenas nos currículos que são ministrados, mas na organização disciplinar, pedagógica, organizacional. Nos valores e nas relações humanas que nela se vivem.

Pra mudar a escola, devemos assumi-la como organismo vivo, dinâmico, capaz de atuar em situação, de interagir e desenvolver-se ecologicamente e de aprender a construir conhecimento sobre si própria nesse processo. DELORS (2001).²⁵

Uma escola que pense a educação, a partir do indivíduo, precisa ser uma escola reflexiva, concebida como uma organização que continuamente se pensa a si própria, na sua missão social de preparar indivíduos para, na sociedade atuar. Que ela também forme o sujeito reflexivo, organizando contextos de aprendizagens exigentes e estimulantes, isto é, ambientes formativos

que favoreçam o cultivo de atividades saudáveis e o desabrochar das capacidades de cada um com vistas ao desenvolvimento integral da pessoa.

Em fim, que ela não só prepare seus alunos para a cidadania mas, que possibilite que nela se viva essa cidadania; na compreensão da realidade, no exercício da liberdade e da responsabilidade, na atenção e no interesse pelo outro, no respeito pela diversidade, na correta tomada de decisões, no comprometimento com as condições de desenvolvimento humano, social e ambiental.

2.1.3 - Condições Favoráveis à Formação Integral

Respaldada na concepção de que a vida ensina mais do que a escola, a pedagogia da alternância tem como objetivo “priorizar a dignidade da pessoa como sujeito, levando em conta a sua totalidade como indivíduo e o que ela representa na sua história e no seu meio”. (Proposta Pedagógica das EFAs 2000).

A Pedagogia da Alternância caracterizada por períodos vividos pelos alunos na escola, alternados com outros vividos na família/comunidade, unindo trabalho com estudo e ação com reflexão (alternância integrativa), coloca como eixo central desse processo, a vida, que constitui ponto de partida e chegada da formação.

Atenta a essa concepção, a Pedagogia da Alternância apresenta como condição favorável à formação integral (a uma aprendizagem significativa e contextualizada, porque sua educação parte do que é mais próximo do jovem, daquilo que ele valoriza), os seguintes pontos:

a) No meio sócio-profissional, o educando:

- Vive diretamente com sua família e meio que o cerca;
- Mantém o vínculo afetivo com os pais e com o meio rural;

²⁵ Relatório UNESCO.

- Trabalha em condições que favorecem os laços de amizade com amigos, parentes, grupos de jovens, movimentos particulares e religiosos;
- Pratica esportes e participa de atividades lúdicas de seu meio;
- Convive com os valores e diversidades sócio-culturais do meio, buscando exercitar sua cidadania.

b) No meio escolar – EFA, o que favorece é:

- A equipe de monitores (docentes), acompanha individualmente cada aluno e busca estabelecer com os mesmos, um clima de respeito e amizade;
- Cada aluno/a é respeitado/a em suas condições e ritmos;
- A integração e convivência em grupo, entre os aluno/as e demais atores da Alternância;
- A prática pedagógica envolve todas as dimensões do ser humano;
- conjunto de atividades informal complementa, valorizam a criatividade e a espontaneidade;
- estímulo ao espírito de solidariedade;
- Sua estrutura física, localizada no ambiente rural, integra as características sócio-culturais do meio é simples e tenta responder aos padrões de higiene, conforto e de convivência comunitária.

Como condições psico-afetivas - a Alternância garante uma qualidade de vida e um clima que facilitam as aprendizagens e a educação. A alternância coloca o adolescente ou o adulto em formação em complexos psico-sociais sempre em mudança. Ela impõe a cada um reinvestimentos permanentes e cria então uma situação que suscita ansiedade. Esta deve ser regulada, compensada por uma qualidade de vida, uma atenção, uma consideração no seio dos diversos lugares de vida: a família e/ou a empresa, o EFA.

Assim na família e/ou na empresa pode-se enunciar um conjunto de condições que tem a ver com o acolhimento, à natureza e vivência do trabalho, à qualidade das relações, às possibilidades de discussão, de informação e de ajuda, ao estatuto e aos papéis que o alternante encontra. O caráter formador e autonomizante ou ao contrário alienante da situação exige uma observação atenta.

No espaço escolar, se a qualidade de acolhimento, de relacionamento e de ambiente também são fatores essenciais, é sobre a importância do grupo que convém parar. Um grupo de alternantes não é um grupo de alunos na escola. É um grupo de atores sócio-profissionais que adquiriram por sua conta e pelas suas atividades de trabalho e de vida, saberes a comunicar, a confrontar, a relativizar. O grupo em formação alternada, mais que em outra situação, é para cada um de seus membros um lugar de mútuo ensino e aprendizagens.

Além do mais, convém atingir a dimensão do grupo de vida que faz com que a formação se desenrola e acontece além da sala de aula e que o educativo toma todo o seu sentido. Eis aí toda a dimensão do internato, da vida residencial, com a condição de que a estrutura o permita e que atividades os enriqueçam.

Mediante o exposto, a Pedagogia da Alternância, fundamentada nos princípios da pedagogia ativa, reconhece que a totalidade da formação humana é buscada através de todos os meios que possam interferir no processo de crescimento e amadurecimento da pessoa. Não existe um único elemento que intervém na formação, mas é a relação e a interação de todos os que a possibilita.

A interação supracitada pode ser melhor entendida nas perspectivas desenvolvidas por Apple (1984) em sua teoria do currículo oculto e Charlot (1997:79) ao apresentar o lugar diferenciado que a interação ocupa no processo educativo.

(...) Analisar a relação com o saber e estudar o sujeito confrontando à obrigação de aprender, em um mundo que ele partilha com outros: a relação com o saber é relação com o mundo, relação consigo mesmo, relação com os outros. Analisar a relação com o saber é analisar uma relação simbólica, ativa e temporal. Essa análise concerne à relação com o saber que um sujeito singular inscreve num espaço social.

Assim sendo, a análise dessa relação com o saber não se dá só de forma só cognitiva. Embora reconheçamos a importância do desenvolvimento cognitivo no processo da formação humana, é inegável que junto com ele devam fazer parte também duas outras dimensões a fim de que seja favorecida a Formação Integral: uma delas é o desenvolvimento de potencialidades afetivas,

espirituais, físicas e não apenas intelectuais; pois o desenvolvimento harmonioso e dinâmico dessas potencialidades é que possibilitarão ao homem o amadurecimento emocional, intelectual e social, num processo de transformação contínua, de construção de uma auto-estima positiva, autonomia, responsabilidade, decisão e valores; uma outra dimensão a considerar seria a das relações ou mediações estabelecidas no processo educativo.

*Na busca de aproximação de propostas pedagógicas que sejam desenvolvidas nesta perspectiva, a Pedagogia da Alternância tem tido lugar especial; pois nessa pedagogia muito se aproxima da concepção de educação como processo de formação humana. É uma proposta onde conteúdos, prioridades e necessidades são definidos nas bases, como resultado de um processo de discussão e participação. Não é uma proposta acabada, ela se faz na interação do grupo com o meio, famílias e comunidades.*²⁶

Warschauer (2001: 136), coloca como condições favorecedoras à formação, dentre outras: a presença do humor, do lúdico da alegria, como também da agressividade sadia. Sobre a alegria ela diz que, conceber a alegria como parte da aprendizagem não significa que se defenda uma superficialidade na construção do conhecimento, mas apenas que a relação com este não decorra necessariamente de sofrimento e dificuldades e sim que se encontre o lugar em que ambos, juntamente com alegria, o humor e o prazer ocupem nesse processo. E cita Paulo Freire, que diz:

Se o tempo da escola é um tempo de enfado em que educador e educadora e educandos vivem os segundos, os minutos, os quartos de hora à espera de que a monotonia termine a fim de que partam risinhos para a vida lá fora, a tristeza da escola termina por deteriorar a alegria de viver. (1983:9).

²⁶ Coordenadora do Curso de Formação Universitária UNEB-AECOFABA/REFAISA).

Também o humor, descreve ela, oferece condições para a aprendizagem, pois move o mundo de significações congeladas, permitindo olhá-lo sob outro ângulo e ajudando a transformar alguma cena dramática em assunto banal. Ao incorporar o inusitado, pode ajudar o professor na construção de um relacionamento dinâmico com seus alunos, o que favorece tanto a aprendizagem desses, quanto o desenvolvimento de sua própria sensibilidade e capacidade de convivência perante as diferenças, pois trata-se de uma ferramenta com intenso valor moral.

E ao final, Alicia Fernández (1995), citada por Warschauer (2001:p:140), relaciona o tédio emburrecedor na escola com a incapacidade de humorizar. Ela fala que para enfrentar o tédio, tanto o educador quanto o aluno, precisam assumir um papel ativo, no qual a agressividade, inerente ao ser humano, possa expressar-se de maneira sadia, positiva e construtiva, agressividade esta necessária ao ato de aprender, pois este significa uma transformação das informações recebidas em algo novo. O papel do professor é abrir espaços para a aprendizagem, para o jogo e para realizar escolhas. Mas, para tal, ele próprio precisa autorizar-se a reencontrar seu espaço pessoal de aprender, jogar, escolher e humorizar, podendo criar um clima propício para que também seus alunos se autorizem a fazer o mesmo.

2.2 - Instrumentos Pedagógicos das EFAs

Ação e reflexão necessitam uma estrutura adequada. E no contexto de uma estrutura de trabalho que permita a concretização de um ambiente de formação para os diversos atores envolvidos na escola, os registros se tornam indispensáveis; tanto para os alunos, quanto para a prática educativa dos monitores. E aqui se abre um parêntese para os instrumentos pedagógicos da Pedagogia, que mostram o que quer ser a EFA, enquanto estrutura educativa. Esta estrutura é assim caracterizada:

- O jovem é posto sistemática e permanentemente em atitude de interrogar, descobrir, analisar.
- O diálogo jovem - família – monitores, como condição necessária para cumprir com as exigências da formação;

- O trabalho e a vida em equipe durante a semana de sessão com suas exigências pessoais e grupais quanto ao manejo e disciplina própria;
- A tomada de distância que realiza cada jovem com respeito a sua vida normal, durante os tempos de sessão;
- A possibilidade que tem cada jovem de experimentar, na realidade o que expressa como teoria;
- O respeito à personalidade de cada jovem, a valorização de suas possibilidades, e esforços em todos os campos;
- A expressão pessoal, em todas as suas formas, como marca permanente da formação.

Merece destaque nas características desta estrutura, a curiosidade advinda dos questionamentos, descobertas, análises, significando desejo de aprender, desvendar, como sendo algo muito importante. Uma pessoa curiosa empenhada em superar sua ignorância, em desvendar o que se oculta naquilo que aparece... interage e dialoga com diversos recursos que encontra no seu entorno, sejam eles humanos ou materiais (ex: pessoas, livros, pesquisas, etc.)

Isto na EFA é enriquecedor, e é favorecido pela dialogicidade natural proporcionada pelos instrumentos pedagógicos que integram sua metodologia de trabalho envolvendo os diversos atores no contexto da formação. Contexto este onde a experiência se converte em saber, fazendo da prática educativa um objeto de reflexão e pesquisa pelos que estão diretamente nele implicados, conforme afirma (Canário, 1994:27):

Por considerar que refletir, conversar e pesquisar no contexto de trabalho constituem privilegiada condição para a formação, entendo que as ações ligadas a esse trabalho, representam oportunidades para a formação das pessoas envolvidas e para o desenvolvimento da instituição onde trabalham.

E, nesse sentido, Bernard Honoré (1992), citado por WARSCHAUER (2001: p.127), enfatiza que a formação se dá através de um “agir em formação”, criando condições para o desvelamento da formação.

Acreditamos que uma das formas para isso acontecer se dê também através da tomada de distância, para a qual a reflexão constitui instrumento fundamental. A reflexão consiste num repensar a ação, num momento posterior a ela. Neste momento, o professor (ou monitor, nome atribuído aos docentes nas EFAs, por estarem mais próximos do aluno como verdadeiros facilitadores da aprendizagem) e alunos, tomam uma distância de seus atos e da realidade da sala de aula, de forma a distinguir-se do vivido para olhá-lo de uma forma particular.

Pierre Furter, citado por (Cecília Warschauer: 1993), diz que esta distância é necessária, se pretende dar uma significação às próprias ações, isto é, medir as ações e as conseqüências dos próprios atos: colocá-los em totalidades maiores; orientar-se neles”.

Assim, o professor/monitor e aluno, tomam consciência das relações entre o que pensa e o que faz, entre suas intenções e realizações, aproximando –se da teoria, que o iluminará nas suas práticas. Práticas que precisam através desses instrumentos serem sistematizadas.

E com referência a isso, os registros indispensáveis a quaisquer formas de educação, como forma de deixar marcas nas ações e reflexões, na EFA, pela especificidade de sua metodologia de trabalho, muito mais eles são requeridos. A Pedagogia da Alternância é uma pedagogia do diálogo. Diálogo fruto das múltiplas interações, diálogo base para edificar e sustentar sua proposta de educação. É evidente, que assim sendo, os saberes produzidos por essas interações, pelos confrontos de gerações... não podem ficar apenas no empirismo. Dentre os vários instrumentos dessa pedagogia, o CR se destaca por ser a referência de registro por excelência. Digamos que os outros estão mais na função de catalisadores e o CR além de recebê-los num processo de sistematização, propicia o confronto, a união dos conhecimentos empíricos com os científicos, e a reflexão sobre as ações/ acontecimentos ocorridos quer seja no meio sócio-profissional, quer seja na EFA, mediante os aprofundamentos nas diversas disciplinas e descobertas várias no momento da Colocação em comum.

Registrar é deixar marcas. Marcas que retratam uma história vivida. Registrar a própria prática pode ser um rico instrumento de trabalho porque o retrato do vivido proporciona condições especiais para o ato de refletir.

O registro da prática por cada sujeito lhe dá uma forma própria, de acordo com as necessidades que ele tem em cada momento, em cada realidade de trabalho, necessidades que podem se referir aos conteúdos propriamente ditos ao relacionamento com os alunos, às rotinas de trabalho escolar ou outras.

Segundo, Warschauer (1993: pp.61-64), o espaço – tempo para a escrita da “leitura” do vivido auxilia a observação e a reflexão porque, a partir das vivências expostas no papel, é possível adquirir certa distância deles, necessária para o ato reflexivo. Vê-los “de fora” auxilia na percepção do significado que está por trás de algumas brincadeiras por exemplo, algumas falas... Porque ajuda a recolocá-los em contextos maiores, dificilmente percebidos no momento em que ocorrem.

Ela diz ainda que: este artesanato intelectual, feito diariamente através da prática do registro, ajuda a construir a memória compreensiva, que é diferente daquela repetitiva e mecânica. Não é só uma recordação do aprendido, mais um ponto de partida para realizar novas aprendizagens.

Segundo César Salvador, citado por Cecília Warschauer (1993: p. 62), uma das condições para realizar aprendizagens significativas é o resgate das aprendizagens prévias e o seu relacionamento com os conteúdos novos. E acrescenta:

O registro ajuda a guardar na memória fatos, acontecimentos ou reflexões, mas também possibilita a consulta quando nos esquecemos. Este ter “presente” o já acontecido é de especial importância na transformação do agir, pois oferece o conhecimento de situações arquivadas na memória, capacitando o sujeito a uma resposta mais profunda, mais integradora e mais amadurecida, porque menos ingênua e mais experiente, de quem já aprendeu com a experiência. Refletir sobre o passado (e sobre o presente) é avaliar as

próprias ações, o que auxilia na construção do novo. E o novo é a indicação do futuro. É o planejamento.

O registro permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades anteriores e a superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que como as anteriores, poderão ser superadas.

A avaliação dos registros e o planejamento cotidiano ajudam tanto na superação das dificuldades, como também a recriar a prática do professor, enriquecendo sua atividade profissional ganhando mais segurança.

Plano de Estudo

O Plano de Estudo é um instrumento da Pedagogia da Alternância e do Plano de Formação da Escola Família. Ele é um meio didático – pedagógico que ajuda a aquisição de aprendizados (sobretudo a se auto-questionar), através da observação, discussão e reflexão com os diversos atores do meio sócio-profissional. É um instrumento de expressão oral, escrita e gráfica, conforme afirma (ZAMBERLAN, s.d., p.13) citado por Pessotti, 1995, que o define assim:

O Plano de Estudo (PE) é um instrumento da alternância e do Plano de Curso Orgânico (PCO) . Através dele se opera a integração da vida com a EFA, criando no aluno hábito de ligar a reflexão com a ação e de partir da experiência para a sistematização científica. Ele constitui a base para o diálogo entre o aluno – EFA e meio familiar. É feito de questões elaboradas em conjunto, na EFA a partir de um diálogo entre alunos e monitores, tendo por base a realidade objetiva do jovem.

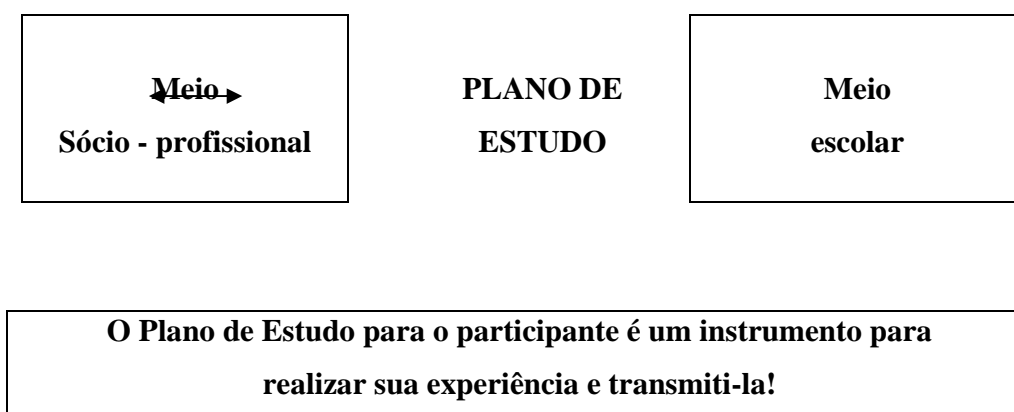
Algumas características gerais da aprendizagem:

- a) A aprendizagem que se adquire com o PE – Plano de Estudo, é um processo de construção do saber e não apenas uma apropriação de um saber já existente. Pois o saber não se transmite,

ele é construído de várias formas e acontece por etapas sucessivas onde a criança/adolescente aprende a partir de objetos concretos, queimando e não pulando etapas. Isso acontece quando o alternante é envolvido diretamente com as coisas e fenômenos que tem sentido para si: resposta a uma necessidade sua.

b) A Pedagogia da Alternância parte da pergunta, de seus interesses e ajuda o jovem a questionar. Ajuda – o a dar respostas significativas às perguntas; a aprender, cada um de forma diferente; estimulando a inteligência lógica, partindo da experiência e depois refletindo sobre a mesma para entendê-la, constituindo uma experiência refletida; pois a ação sem reflexão não acontece transformação. Nesse sentido a verbalização através da escrita, possibilita passar de um saber experimentado para um saber refletido.

Os pedagogos reconhecem hoje que o indivíduo aprende por responder a uma questão ou resolver um problema. O questionamento é o ponto de partida, o que motiva qualquer iniciativa para aprender. Além disso, no caso do P.E. ele não é artificial requer o estudo da experiência sócio profissional, da realidade vivida.²⁷



²⁷ – P.Puig – Assessor da SIMFR (Bélgica) no Brasil.

O Plano de Estudo parte das necessidades do meio rural. E esse meio rural, apesar de ter inúmeras potencialidades é ainda muito carente (principalmente no nordeste do Brasil). Nessa situação, a expressividade de seu povo é uma condição para a tomada de consciência. Esse processo de conscientização, coloca o P.E. como um elemento psicossociológico que vai ajudar o jovem:

- A descobrir e a expressar sua realidade, utilizando linguagem adequada (valorizando mais o conteúdo do que a forma) favorecendo o diálogo com a família e meio sócio-profissional. A EFA valoriza todas as formas do jovem e sua família se expressar e é através do PE que o mesmo transforma sua “oralidade”, progressivamente em conteúdos escritos.
- A tomada de distância necessária ao início da conscientização. Para isso é fundamental o papel do monitor (atitude), seu ombro amigo; pois esta se realizada com confiança, pois implica uma ruptura. E essa ruptura deve acontecer sem traumas. Essa tomada de distância do cotidiano (alternando ambientes diferentes) é importante porque vai ajudar o alternante a ver sua própria realidade de maneira diferente situando-a dentro de um contexto mais amplo.

Metodologia

O Plano de Estudo parte do questionamento e estuda situações concretas do presente. Por isso metodologicamente ele obedece as seguintes etapas:

- Hipótese: é uma situação ou iniciativa que ajuda e motiva uma atividade, sobre um acontecimento, uma carência, uma aspiração...
- Fato concreto: uma situação delimitada no tempo e no espaço, levantamento da situação, descrição: quem, quando, como, circunstâncias...
- Análise: análise da situação: causas, razões, resultados, conseqüências, vantagens, desvantagens...
- Comparação: essa é feita no tempo e no espaço, diferenças, semelhanças, mudanças...
- Reflexão e idéia geral: “tomada de distância”, consciência da situação, conclusão e generalização...

Para os alunos estas etapas e fases: ajudam o jovem a ter um roteiro para pesquisar; estimula o/a aluno/a a desenvolver a inteligência, a estruturar o seu pensamento (elaborar um plano a partir de questões) que progressivamente vai aprendendo a pesquisar com rigor científico.

**O Plano de Estudo não é um tempo para descobrir o que fazer,
mas para descobrir o que está se fazendo.**

Folha de Observação²⁸ – F.O. – *A folha de Observação é um questionário simples, feito por monitores de cada disciplina com a participação dos jovens, sobre a realidade dos mesmos e é utilizada para que o aluno possa em sua vivência no meio observar e acompanhar o desenvolvimento de algumas práticas, fenômenos e outros, servindo para completar e ampliar o estudo dos temas do Plano de Estudo e matérias que formam insuficientemente refletidas.*

Essas observações serão ponto de partida para a compreensão de conteúdos mais complexos. A F.O. tem uma função mais restrita que o P.E. e é complemento a ele e todos os seus registros ajudam a compor o caderno da Realidade.

Colocação em Comum²⁹

Segundo Puig, a Colocação em Comum é um instrumento de co-operação efetiva. Atividade de socialização, eixo entre a experiência (a vida) e o saber. Lugar de expressão da diversidade de experiências.

Características gerais.

A colocação em comum é uma fase que compõe o trabalho pedagógico-didático maior... Possui essencialmente dois momentos, um anterior e outro posterior; tanto como processo de aprendizagem sócio-grupal, como parte de um método: o de sistematização da prática.

²⁸ Proposta pedagógica AECOFABA - 2001

²⁹ Textos sobre a Pedagogia da Alternância– 2001 (organizado por Thierry de Burghgrave)

Nas Escolas Famílias, a Colocação em Comum (CC) acompanha diretamente e possui um papel importante no Plano de Estudo (PE), mas também nas Assembléias de pais, trabalhos de grupo, reuniões e outros.

- a) - Possui uma dimensão educativa, da expressão e compreensão da própria realidade e de ajudar os outros no entendimento de sua própria realidade. Implica em um “poder dizer-falar”. É um momento determinante, onde quem fala é o aluno, a Escola: docentes e coordenador ficam calados e escutam o saber do aluno, é este que expressa e coloca a si mesmo através da sua realidade. Como consequência desse “poder falar” existe um saber escutar, tanto do docente-monitor como do coordenador como de outros membros do grupo.

A CC proporciona a possibilidade de aprender com o outro e com os outros. Além das conotações afetivas que esse fato possui, existe um aporte importante na aprendizagem em grupos e a geração de conhecimentos (individual e grupal). Segundo Vigosky,³⁰ o conhecimento começa sempre sendo objeto de intercâmbio social, quer dizer interpessoal, para em seguida tornar-se intrapessoal. Com isso a CC estabelece uma inigualável oportunidade de gerar conhecimentos.

A Colocação em Comum permite:

- Contar com informações de outros contextos sobre o mesmo tema de estudo abordado. Este permite comparar, aprofundar e também ampliar o contexto no qual se analisa. O relato de cada membro do grupo é como um livro “aberto...”, que trata do mesmo tema;
- Tomar consciência da própria realidade e também da do outro, estar consciente, tê-la presente;
- Ensinar e ao mesmo tempo aprender. Interagir sobre o dizer, pensar e sentir do outro e de si mesmo... O grupo dá amplitude e profundidade ao tema;

³⁰ Relatório Formação Inicial 2001

- Permite a cada um relativizar seu próprio ponto de vista, flexibilizá-lo, repensá-lo, revê-lo e ratificá-lo, ou colocar dúvidas, problematizar e gerar perguntas que irão gerar ou não respostas..., gerando novas aprendizagens.

Conta com elementos que participam: um grupo disposto a analisar um tema; um relato individual – preparado de uma realidade sobre o próprio tema e uma metodologia que ordena e anima o processo (técnicas, disposição do mobiliário de forma que facilite o diálogo, o debate e outros recursos didáticos).

Acontece num processo: nele se entrelaçam elementos de entrada. As pessoas expõem, escutam, perguntam, debatem, pensam, comparam, se questionam, valorizam... segundo algumas técnicas pensadas anteriormente e utilizando recursos previstos.

Existem elementos de saída-produção: ações a serem realizadas (reconhecimento de uma situação-problema; contar com informações necessárias; analisar causas e conseqüências; buscar diversas alternativas e optar...; atuar, fazer, experimentar...; avaliar, ratificar, por em ordem e prosseguir) e previsão de novas pesquisas em livros (dentro de áreas de estudo de módulos, busca de informações com especialistas, na própria realidade e em outras, vizinhas ou longe....).

- a) Dimensão cognitiva: A CC é a sistematização da prática cotidiana ou a aproximação do conhecimento científico, a partir dos saberes: pessoais, familiares e comunitários. Tal aproximação ao conhecimento científico, por sua vez tem a finalidade de voltar-se sobre o acontecer cotidiano, para explicá-lo e prever ações que superem uma determinada realidade. Esta dimensão chamamos de *cognitiva*, de aproximação com a ciência, não está desvinculada da *educativa*, pelo contrário, está a ela integrada. O intelectual está englobado no educativo, porém este busca superá-lo porque envolve a pessoa como um todo. Por sua vez, o processo de construção ou reconstrução do conhecimento, não pode acontecer fora de fatores sócio-afetivos e valores (ético-morais).

Os passos da CC variam segundo quem a aplique e qual enfoque epistemológico venha a usar e em função do âmbito de trabalho. Em geral pode-se dizer que existem três grandes fases, cada

uma desdobrando-se em outras diferentes atividades, elas são: descrição dos fatos e processos da realidade; explicação destes em função da necessidade e instrumentalização para retornar à ação.

Algumas estratégias que podem ajudar a melhorar a colocação em comum

Uma boa estratégia é ter um monitor preparado, conhecedor dos três saberes (saber escutar; saber perguntar e saber falar) que constituem os pilares da colocação em comum) e um espaço apropriado, propício para o diálogo e a expressão das tarefas grupais.

O referido monitor ou coordenador, deve tratar de não ser o único receptor dos relatos individuais, deve ser o facilitador dos trabalhos de grupo em função de responder à finalidade da Colocação em comum. Seu papel é importante para que haja uma ampla horizontalidade do processo e para se ter um procedimento previsto e variado entre as distintas formas de colocação em comum.

Visitas e Viagens de Estudo³¹ – Como complementos da colocação em comum, elas enriquecem a diversidade de experiências. As visitas constituem referenciais comuns para o grupo, prolongando o campo de experiências de cada um.

As visitas e Viagens de Estudo, têm por finalidade levar o aluno a observar na prática em ambiente externo, àquele em que vive, experiências existentes, seja no campo agrícola ou social. Visam o conhecimento de novas realidades e de novas técnicas, confrontando realidades diferentes da sua e realizando intercâmbios com outras comunidades.

Durante a Visita ou Viagem de Estudo o aluno observa, se informa, questiona a respeito do assunto. As visitas e viagens de estudos, como também as intervenções, guardam estreita relação com o tema de estudo. Quando executadas todo o relato será registrado no Caderno da realidade.

Cadernos Didáticos³² - Instrumentos conhecidos mais como “as fichas pedagógicas”, tentam articular e situar os saberes da vida e dos programas oficiais dando-lhes continuidade: dar vida à

³¹ Proposta Pedagógica AECOFABA - 2001

uma pedagogia ativa (expressão da colocação em comum, guia de trabalho, trabalho em pequenos grupos....)

Em geral esses cadernos ou fichas, têm a função de: sistematizar as idéias; dar progressão ao assunto (s); ajudar a síntese de um tema (s); ajudar o/a jovem a organizar suas idéias; coordenar a aprendizagem; através de sua progressão, proporcionar uma visão global de um determinado assunto.

Na estruturação de um assunto dentro de um documento qualquer, podemos notar a visão das coisas que estão implícitas, porque todo método obedece a uma concepção ideológica que a pessoa tem do mundo. Portanto, os conteúdos de um documento, como os cadernos didáticos, são o resultado de um determinado modo de perceber-encarar a realidade e essa obedece a uma metodologia de análise.

Na estruturação desse instrumento, deverá ser contemplados aspectos que permitam revelar os problemas e suas causas como também, refletir sobre as formas de enfrentá-los e/ou solucioná-los. Para chegar a isso, deve-se partir da análise da conjuntura atual, e de uma análise histórica, dialética. Então o (s) tema (s) (principalmente de caráter social) elaborado com uma metodologia dialética, consegue expor a realidade existente de forma mais objetiva.

Ao enfrentar um assunto, tem que ter presente o tempo que se tem à disposição, que é aquilo que limita a ação educativa para desenvolvê-lo. O tema tem que ser visto antes a nível local e numa segunda etapa, buscar ligar, passado e futuro, regional com nacional e quando necessário o internacional. A junção desses momentos é importante para dar uma visão global do um fenômeno: social, político e econômico, geralmente presentes nos diversos temas que elas abordam.

³² ZAMBERLAN - 1990

Em função de ampliar ou consolidar o compromisso com a Escola, um outro instrumento pedagógico é também acionado: **A Visita às Famílias.**³³

A Escola Família tenta constantemente adaptar o ensino e demais atividades à realidade regional e geral, todavia o meio principal de aprendizagem do aluno é o ambiente socio-técnico-econômico e cultural onde ele vive. “A EFA é uma complementação”! Isso quer dizer que deve “interação” entre os monitores e o meio familiar dos alunos. As visitas são um dos meios dessa interação. Elas possuem várias funções gerais, a saber:

Pedagógico-didáticas. Nessa função é importante se ver como a família encara o curso da EFA: o funcionamento do seu plano de curso com respectivos instrumentos pedagógicos; como é feita a avaliação e outras questões curriculares.

Sócio-pedagógicas: a função social da escola no meio rural: sua estrutura político-administrativa; como se dá a participação dos pais, qual é o papel dos monitores,... como acontece os momentos de troca de idéias sobre problemas socioeconômicos e outros que ocorrem nas localidades ou região.

Psico-pedagógicas: sendo que a visita é um momento privilegiado de encontros e relação direta entre monitores e pais de alunos, nela se pode discutir questões: pessoais, dos alunos, dificuldades psico-motoras, de saúde, no relacionamento com os colegas de escola, caráter, disciplina,... acompanhar: as aspirações, idéias, desafios, receio do grupo familiar,...

Cultural-pedagógico: ver, observar os costumes, tradições, linguagem, tipo de religiosidade, os valores humanos e espirituais que orientam a família. Como as visitas às famílias devem fazer parte das atividades curriculares e do Plano de Formação da Escola Família, elas deve ser planejadas, tendo:

³³ O texto sobre a visita às famílias foi organizado por: profª Maria Luz de Assis Nicles: coordenadora do Curso de Pós-graduação em “Pedagogia de la Aternância” do ICAM- APEFA, de reconquista, Prov. De Santa Fé – Argentina e cursistas do curso de latu-senso – especialização: “Formação Integral para o educador rural: Alternância como um processo” realizado pela UFES, com a colaboração do Centro de Formação do MEPES Piúma – ES, julho de 1996.

Objetivos - pois a visita á família não é uma pesquisa, é um encontro, um intercâmbio entre pais ou parentes do aluno e o/os monitor /es, portanto a equipe de monitores tem que definir no inicio do ano escolar “o lugar pedagógico-didático, dentro das atividades educativas;

Metodologia – No encontro no inicio do ano, a equipe de monitores deve-se fazer um mapa geral dos objetivos das visitas; estabelecer um cronograma de visitas (onde, como, quando, quantas, quem e por que); priorizar os alunos novos – famílias que entraram pela primeira vez na escola família; estabelecer os temas gerais que poderão ser abordados a pedido de pais nas assembléias; fazer o esquema geral de registro das visitas prevendo formas de registro e de devolução de informações, pedidos de esclarecimento, etc. às famílias; analisar a possibilidade de periodicamente reunir as famílias (alguns membros, na casa de alguém, grupo escolar, igreja), para debater questões mais gerais e realizar atividades concretas que envolvam todos os agentes educativos, em ações como: manutenção da escola; organização de mutirões para manter a parte física da escola eficiente e ‘em ordem’; levar adiante experiências nas casas dos alunos em função de melhorar a produtividade agrícola diminuindo ou eliminando o uso de meios nocivos ao ambiente natural; - buscando desenvolver ações agro-ecológicas, e por fim ajudando a organizar pequenas associações entre produtores agrícolas em vista de melhorar o orçamento das famílias envolvidas.

É importante também a realização de encontros periódicos da equipe de docentes para ter um quadro geral: sobre cada aluno (situação legal – documentos, questões disciplinares, problemas de saúde e convivência); informações sobre a família (composição, idade, trabalho), sobre as localidades (distância, transporte..), Conselho de Administração – decisões (projetos, informações, tarefas por família),...meios de transporte utilizado (da escola, do monitor, de carona com o: padre, pastor, técnico da..., outros...); discutir a importância de avisar com antecedência as famílias que serão visitadas (horário, meios para chegar e até a duração,...monitor responsável pela visita); e, finalmente preparar uma ficha geral para cada família onde se encontrarão todas as informações (sócio-econômicas, culturais e técnicas) para compor o relatórios de visitas.

O encontro direto dos monitores, na casa do aluno, com membros da família, é um momento importante para conhecer a realidade cotidiana do aluno sobre vários aspectos; concretizar e ampliar relações de confiança dos pais na equipe e, conseqüentemente, em toda a escola; o monitor acompanhar todo o processo educativo do aluno; observar que ‘importância’ tem o momento – escola sobre o familiar - portanto como é ‘sentida’ a alternância pelos pais; observar o comportamento do aluno dentro do seu meio sócio – cultural; observar os trabalhos curriculares desenvolvidos (P.E, CR, estágios, exercícios, retornos, etc)

A postura e comportamento do monitor determinam, em grande parte, o desenvolvimento da visita à família, portanto ele precisa:

- a) Saber escutar e ouvir para poder perceber: inquietudes, preocupações, problemas, perspectivas,... que os vários componentes da família tem;
- b) Perguntar mais que responder, sabendo que as pessoas do interior possuem uma linguagem sincrética, concreta, portanto o monitor deve buscar formas de se expressar adequadas a esse meio, caso contrário, não haverá comunicação;
- c) Ser discreto: no comportamento, na linguagem, nas atitudes; estar atento no tempo-duração da visita e na forma de anotar o que o agricultor fala ou pede;
- d) Em fim, o monitor para poder “comunicar-se realmente” com as pessoas que visita, é importante que se interesse por aquilo que constitui sua vida, seu trabalho, seus anseios e até idéias da vida.

A visita é algo de comum e simples, mas dentro de um projeto educativo, ela estimula compromissos de ambas as partes: família e corpo-docente. Na visita podem surgir: questões sobre desafios na educação dos jovens; questões técnico-agrícolas, dúvidas, preocupações,...informações várias que a família pediu,... nesse caso:

“Não se deve devolver à família uma receita e tampouco uma fórmula, mas algo que possa até problematizar os fatos ou fenômenos concretos, de forma que os componentes da família possam encontrar no próprio meio soluções, e o que não conseguirem, buscarem informações com outros de seu meio ou até fora”.

A visita à família tem finalidade sócio-educativa. Possibilita a participação e a promoção humana e pessoal das pessoas envolvidas, exigindo que questões que não ficaram claras mereçam ser respondidas. Assim sendo, diante das indagações que nascem da realidade, sejam dadas respostas adequadas-coerentes às perguntas feitas.

Caderno de Relação (Brasil, conhecido como Caderno de Acompanhamento) – É um dos instrumentos pedagógicos indispensáveis para o acompanhamento do aluno nos espaços onde ele aprende e interage: EFA e meio sócio-profissional, porque é um instrumento de comunicação entre os diferentes atores da formação: jovens, pais, responsáveis da alternância e equipe de monitores. Ele relaciona e dá sentido aos diferentes lugares da formação.

Serão ou intervenção externa – É um recurso indispensável no ambiente educativo do internato – é utilizado para a reflexão sobre temas diversos de interesse dos alunos, propiciando debates e interrogações de questões que promovem tanto o crescimento individual do aluno como também do grupo. Acontece à noite e, geralmente, é dado por um convidado em função de sua ligação com o tema do Plano de Estudo. Quando não se encontra a pessoa adequada ou que as circunstâncias não o permitem, o próprio monitor responsável do dia se encarrega de realizá-lo. A exemplo das visitas, aqui também, as intervenções constituem referenciais comuns para o grupo, prolongando o campo de experiências de cada um.

Caderno da Realidade – CR. – O Caderno da Realidade acumula registros de conhecimentos sobre a realidade. Nasceu da necessidade de sistematizar a pesquisa. Nele o jovem registra todas as suas reflexões e estudos aprofundados. É o elemento que permite a sistematização racional da reflexão e ação provocada pelo Plano de Estudo. “Lugar” onde ficam ordenadas as informações,

experiências realizadas em casa e na EFA. Conheceremos de forma mais aprofundada esse instrumento no capítulo seguinte.

2.3 - Plano de Formação³⁴

Na França, a lei de 02 de agosto de 1960, relativa ao ensino e à formação profissional agrícola enfoca a biologia e a importância da formação geral. A partir desta época o processo pedagógico ao redor do caderno da propriedade familiar - Caderno da Realidade, vem sendo sensivelmente questionado. Os problemas levantados não encontram mais sua resposta direta e imediata na hora da volta à escola família. Os alunos não enxergam mais onde está o prolongamento do caderno da propriedade familiar e os monitores tampouco. Em suma, tende-se a dar uma formação muito ligada a programas.

Em consequência disso, um certo espírito escolar apareceu no mesmo tempo em que aparece também um certo desinteresse dos jovens pela formação. O entusiasmo pelo ensino geral não satisfaz. A experiência demonstra que o programa que distribui as disciplinas ensinadas numa “ordem vertical” não se adapta a uma pedagogia da alternância. Ele só deve ser uma referência em vista do controle do conteúdo das aquisições.

Deste jeito, ao redor dos anos 1970 / 1971, aparece a preocupação de repartir as atividades do jovem e uma certa mudança do lado administrativo (Ministério da Agricultura) vem reforçar esta idéia. Disto decorrem então duas novas noções: o trabalho por tema e o plano de formação.

A opção foi por um Plano de Formação com a seguinte justificativa: para formalizar, organizar, visualizar os conteúdos e as finalidades de uma formação.

O Plano de Formação é definido como a prática organizada pela alternância. É o plano de ação indispensável para o bom desenvolvimento de uma formação em alternância. Ele integra as finalidades que norteiam a missão educativa da EFA (autonomia das pessoas, desenvolvimento

³⁴ Textos sobre a Pedagogia da Alternância– 2001 (organizado por Thierry de Burghgrave)

dos meios...) e leva em consideração as metas concretas que as famílias e os jovens querem alcançar.

Como qualquer plano de ação, o Plano de Formação deve ser sempre visual, conhecido por todos e cada ciclo ou série deve ter o seu próprio plano que determinará o itinerário da formação dos três anos de duração de cada ciclo formativo, através dos elementos de referência e dos espaços onde a formação acontece. Ele deve ser periodicamente debatido, revisto e modificado em função das novidades e oportunidades que surjam, pelos administradores, equipe de formadores, pais, e alunos que animam a EFA e assumem esse projeto.

O plano de formação é mais adaptado do que um trabalho por tema, porque ele tende organizar atividades relacionadas com objetivos definidos ano a ano. No meio dos objetivos gerais destacamos três dos principais que se enquadram no contexto de uma pedagogia da alternância:

1 - Tornar o jovem ativo e interessado quando ele está em casa e para isto procurar facilitar seu engajamento numa atividade prática onde se sinta útil e responsável;

2 - Permitir ao jovem adquirir uma formação profissional e geral, valorizando a experiência que o mesmo acumula. Os conhecimentos adquiridos através desta atividade profissional são completados e enriquecidos quando das atividades organizadas na escola família;

3 - Associar os pais e o meio nas atividades de formação. A base associativa institucional permite e convém então associar pais e adultos formadores na caminhada dos jovens, no quadro de atividades comuns: reuniões, visitas de estudos, intervenções, pesquisas diversas... etc.

Para atingir estes objetivos, o plano de formação organiza as atividades de uma alternância em sessões ao redor de assuntos chamados de temas (no início das Maisons: duas semanas no meio sócio-profissional, uma semana na escola família, hoje EFAs - Bahia: duas semanas na escola e duas na família/meio sócio-profissional). A escolha destes temas leva em consideração o trabalho dos jovens no meio, os seus projetos para o futuro e a sua psicologia.

Um tema representa então uma unidade de formação e sua colocação em prática deve considerar quatro fases intimamente ligadas entre si:

ESCOLA
FAMÍLIA **A preparação da saída para o meio sócio-profissional é precedida pela :**

- escolha de um tema (monitores e alunos);
- preparação de um plano de estudo;
- planejamento das atividades ao retornar à escola família.

MEIO SÓCIO-PROFISSIONAL **A atividade do jovem em casa, no trabalho,...:**

- atividade do jovem no meio;
- realização do caderno da propriedade (C.R.).

ESCOLA
FAMÍLIA **As atividades organizadas quando do retorno à escola família:**

- colocação em comum -----→ atividades visando abertura para o mundo externo -----→ fichas técnicas ou econômicas
- acréscimos mais gerais (aulas) ---→ trabalhos práticos ...etc.

MEIO SÓCIO-PROFISSIONAL **A volta no meio sócio-profissional, onde deve haver continuidade com:**

- exercício de novas competências;
- discussão com os adultos sobre o assunto;
- colocação em prática de inovações e/ou melhoramentos.

Tal método valoriza realmente a alternância e cria uma relação entre o caderno da propriedade familiar (C.R.), colocação em comum e acréscimos mais gerais, conforme o ilustrado no esquema supracitado.

Referenciais para se construir um Plano de Formação:

- Trabalhar no global mais que no detalhe; criar um vasto carnê de bordo a ser olhado mais do que um volumoso documento a ser lido; levar em conta um ciclo completo de formação mais do que pequenas unidades de tempo.

As ações de formação podem se reagrupar em função dos diferentes planos que cobrem o calendário do ciclo, como por exemplo:

- o plano do vivido que compreende a organização cronológica das estadias no meio de vida, as atividades de estágio sócio-profissionais e o conjunto dos “trabalhos em campo”;
- o plano das disciplinas (organização cronológica do programa - curso, material);
- o plano de intervenções das pessoas-recursos (palestra dos profissionais, visitas de estudo);
- o plano de avaliações (organização cronológica das avaliações formativas, certificativas);
- o plano de orientação (previsão das ações de acompanhamento individual, acompanhamento do Projeto Profissional e de avaliações em grupo);
- o plano de animação (organização da vida: o internato, a animação cultural e festiva).

Cada um desses planos pode se compor por si, de maneira cronológica, e desenvolver-se em tempos mais ou menos fortes em função dos períodos do ano.

Para construir um Plano de Formação, leva-se em conta a: lógica do sentido; lógica da situação sócio – profissional; lógica do tema: coerência transversal; lógica disciplinar e outros. Essas lógicas podem ser resumidas em duas, muitas vezes contraditórias: a lógica da vida e a lógica do programa escolar.

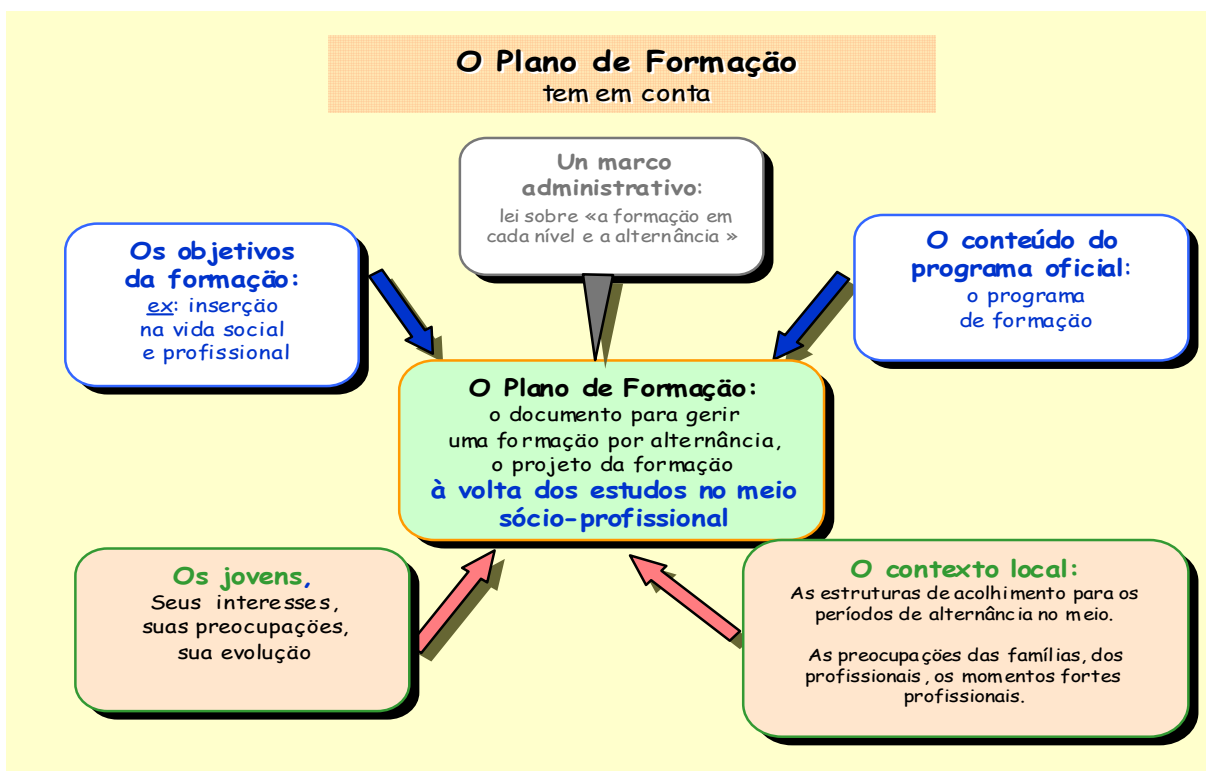
- uma representada pela experiência de vida dos jovens, suas atividades e possibilidades familiares, sociais e profissionais dentro de um ambiente local e regional;
- Outra constituída pelos aspectos escolares formais subordinada aos “controles” sociais externos à instituição escolar.

Todavia é a primeira lógica que dita as progressões de tal maneira que os sucessivos temas de estudo correspondam, na medida do possível, com as realidades vividas no seio da família, da empresa ou no contexto sócio-cultural.

- Refletir sobre a sua duração. Isto clarifica o sentido profundo daquilo que empreendemos;
- Referir-se à uma estratégia global. Isto permitirá uma melhor gestão dos acontecimentos e mudanças acidentais;

- Tornar as discussões em equipe mais eficientes. Diante de um referencial comum, substituímos mais naturalmente as questões abstratas por recomposições pedagógicas concretas e negociadas;
- Fornecer aos monitores os referenciais e aspectos pedagógicos. Eles realmente necessitam deles;
- Estar consciente que a competência técnica e a competência pedagógica constituem registros bem diferentes;
- Criar a oportunidade de refletir e trabalhar juntos entre administradores, monitores, profissionais, ex-alunos... em torno de estratégias de formação e missões educativas e de desenvolvimento das EFAs.

A ilustração que se segue³⁵, mostra sinteticamente o que se é contemplado num Plano de Formação.



³⁵ P.Puig, a partir da produção de Louis Marie BOUGES

Com isso percebemos que o Plano de Formação assegura a colocação em prática da alternância, integra as finalidades do projeto educativo, enuncia os objetivos e as etapas, articula os tempos, as atividades e conteúdos do campo sócio-profissional com aqueles do programa. Em suma, é uma ampla ordenação da coerência em torno da formação, da educação, da orientação e do desenvolvimento da pessoa vivendo num determinado contexto (Gautreau, 1995).

2.3.1 - O lugar do Caderno da Realidade no Plano de Formação

Para encontrar o lugar que ocupa o CR dentro do Plano de Formação, vale à pena dizer, que todos os instrumentos pedagógicos pensados e apropriados, são de extrema importância na Pedagogia da Alternância, tendo entre eles tamanha interdependência, que não se pode falar que algum deles logrou êxito em relação ao outro. Portanto, situar com precisão seu lugar, é tarefa difícil. Contudo, não é impossível. Por exemplo: onde começa o P.E. e termina o C.R.? – os dois nascem juntos e desembocam no mesmo fim, no mesmo resultado.

Como vemos, a presença da integralidade já é algo inerente a essa pedagogia. É como a alternância na natureza, que é algo natural. Os encaixes, as ligações, as associações, também são possíveis de naturalmente acontecer, faltando talvez àquele olhar de sentido, e da escuta sensível para se perceber; o que pode muito bem ocorrer, nos debates, reflexões e, no desenrolar de toda a dinâmica de sua ação. Dentro disso que se aflora, deve constar inicialmente uma grande pergunta: Que tipo de homem queremos formar e, para que tipo de sociedade? Obtendo essa resposta, o Plano de Formação deve acionar a sua orquestra: os instrumentos pedagógicos que são meios para se atingir o fim desejado, o alcance dos objetivos propostos.

Frente a isso, percebemos que a eficácia de uma Pedagogia da Alternância supõe a colocação em prática de toda uma estratégia de formação. Assim sendo, o seu ensino conforme vimos no item anterior, acontece seguindo um Plano de Formação que leva em consideração os conteúdos, porém, primeiramente o jovem na sua situação de vida, lá no seu meio, a fim de lhe permitir, a sucessão de suas atividades.

Para se efetivar isso, na elaboração do Plano de Formação, na sua primeira fase, é considerado antes de tudo, duas normas importantes: a motivação do aluno e o ajuste (do que se prevê para sua formação) ao nível de sua maturidade.

Essa reflexão nos leva a entender que apesar da realidade ser complexa, devemos partir das coisas simples, como o meio natural que nos dá uma grande e sábia lição. Por isso na elaboração do Plano de Formação, a equipe de monitores começa também por coisas simples: faz levantamento de questões, temas, problemas e desafios de interesse dos agricultores; vê questões implícitas à realidade rural, porém não explicitadas pelos agricultores; vê os temas básicos enfrentados pelos alunos; classifica os temas por importância e peso cultural ideológico; determina um objetivo geral de cada tema gerador; destrincha o conteúdo de cada assunto; divide os temas em unidade de ensino: biofísico, agro-ecológico, social e econômico – político, sem fragmentar o conhecimento - pois a progressividade dos mesmos, leva à noção do global; traça pistas para propor os planos de estudos, os quais para cada tema podem ser mais do que um e complementados com uma ou mais folhas de observação (a depender da amplitude do tema).

Com isso o Plano de Formação propõe situar os alunos, definindo suas necessidades, saber quais são as suas preocupações, seus interesses predominantes e suas possibilidades. É a partir disto que vão se delineando os objetivos da formação; a ação; a distribuição e a dosagem das noções a serem adquiridas (conhecimentos).

“ Os jovens evoluem, seus centros de interesses mudam, sua capacidade em assumir a responsabilidade cresce, sua mentalidade se afirma” C. Besson.³⁶

O pensamento de C. Besson, mostra como são progressivas as etapas da vida de formação de um jovem/adolescente até atingir o estágio da maturidade. As etapas, ritmos, situações, condições favoráveis... devem ser respeitadas para que essa maturidade se aflore. Esperar; dar tempo ao

³⁶ Citado no texto traduzido do livro “ A Paube des Formations par Alternance” de Daniel Chartier – Editions Universitaires/UNMFREO, por Thierry de Burghgrave.

tempo; primeiro uma coisa, depois outra... Mais uma vez a Pedagogia da Alternância, se mostra coerente com a lição retirada da alternância na natureza.

Se percebermos bem, aqui o CR tem um destaque importante, sobretudo por fazer evidenciar essas evoluções.

O aluno que entra na Escola Família de Ensino Fundamental, dependendo das regiões, é um pré-adolescente e termina o curso entrando na adolescência. A EFA busca, na formulação de seu plano de formação ter presente as necessidades bio-psíquicas - sociais dos jovens que atende, partindo de temas simples e diretos para entrar, progressivamente, em assuntos mais complexos e multifacetados. Além disso, os conteúdos partem do concreto para o abstrato. Em outras palavras, não se inicia o estudo dos elementos que compõem uma propriedade agrícola: terra, capital e trabalho e sim da descrição e análise da qualidade dos produtos nela cultivados; começa-se de um fenômeno concreto, caminhando em direção à análise das causas do mesmo.

Assim, os estudos que permitem evidenciar a expressão da vida cotidiana, inicialmente pode se realizar em si mesmo, sem apelar para noções abstratas e confusas conforme fala A. Duffaure e Jean Robert, citado por Chartier.³⁷

“ ...além de tudo, esta vida, é aquela que o jovem registra todos os dias no trabalho, no estábulo ou na roça paterna. O que ele conhece da terra e o que seu pensamento ainda tão jovem alcança, são mais as formas externas que as razões internas. Ao trabalho de descrição das plantas dos animais, ele traz observações vividas e agudas, como observador atento e apaixonado que ele é, observações que preparam o despertar de uma curiosidade mais profunda. Mas ainda não é o tempo de abordar os problemas complexos das causas e das conseqüências”.

Os alunos acostumados a raciocinar sobre fatos precisos, estão aptos inicialmente a começar os estudos mais gerais compreendendo os elementos naturais, econômicos e humanos do empreendimento. E o objetivo, fazer descobrir que as ações mais comuns têm uma razão de ser e cria uma ligação posterior com o ensino ou coisas mais complexas.

O CR, em sua sistematização gráfica, muitas vezes não respeita a evolução didática dos planos de estudo, que é dividido em partes ou itens: técnico-científico, econômico e sociocultural. Porém, essa divisão tem valor didático porque todas as vezes que um tema é abordado e ampliado pode-se inferir fichas e conteúdos debatidos e aprofundados. Nesse sentido o CR é um fichário, onde se inserem páginas, respeitando os temas, itens e interesses pessoais do jovem.

É ainda o CR, um ponto de vinculação das diversas disciplinas. Dentro do PF; ele é o lugar onde se concretiza a inter e transdisciplinaridade. Quando bem organizado mostra o aprendizado do aluno na escola, na família e meio sócio-profissional. Nele se materializam os debates, as reflexões, os questionamentos, etc.

“O Caderno de Explotación Familiar (CR), favorece um alto nível de formação geral de cada aprendiz. Ele utiliza várias formas de expressão ao alcance de cada um. Se obriga a expressar e raciocinar as simples observações, práticas que cada um tem recolhido, a ordená-las e reuni-las num compêndio. Porém o caderno é mais do que recopilação de deveres e aclarações banais ou concretas, é mais que um trampolim pedagógico para fazer cursos melhor adaptados; é ainda mais que o conhecimento prático do ofício transmitido pelo pai ao filho. É um laço entre pais, e adolescentes, uma porta aberta a outros laços mais importantes ... É desta maneira que podem dar-se confiança, compreensão para a sucessão de duas gerações.

Porém se tu separas as gerações é como se tu quisesse recomençar o homem mesmo em meio a sua vida e, havendo apagado dele tudo o que sabia, sentia, compreendia, temia, substituindo esta suma de conhecimentos se volta morre para as magras fórmulas tiradas de um livro, havendo suprimido toda a seiva que subia através do tronco e não transmitindo nada mais aos homens isto que é susceptível de codificar-se. E com a palavra falsa para tomar e simplificada para ensinar, e morta

³⁷ Texto: Da história do surgimento do Plano de Formação (sem data).

para compreender, eles deixam de ser alimentados pela vida”, escrito de Saint-Exupéry. (André Duffaure: 1993 – pág. 102)

O CR, dentro do Plano de formação tem dentre outros objetivos:

- Ajudar numa visão ampla e global de fenômenos reais (sociais e naturais);
- Habituar a retirar o essencial de diversas experiências, chegando a formular generalizações sobre fatos da vida;
- Estimular um posicionamento crítico do jovem frente a sua realidade cotidiana;
- Propiciar o enquadramento das experiências individuais no conjunto do grupo;
- Estimular e buscar aprofundamentos;
- Colocar-se de forma dinâmica frente aos assuntos estudados, estimulando a curiosidade;
- Ajudar na busca constante de suas origens étnicas-culturais e sociais, para que o jovem se torne sujeito de sua história;
- Ser um elemento de registro das experiências de vida do aluno nos espaços onde ele vive e atua.
- Ajudar a formar o aluno reflexivo.

Em geral, a maioria das áreas de estudo é desenvolvida na composição do CR, da seguinte forma:

Área de linguagens e suas tecnologias: em toda a parte redacional e ilustrações;

Área das Ciências bio-físicas e Agro-ecológicas: na descrição, análise e aprofundamento dos fenômenos ligados à vida do campo (animais, plantas, o solo...); análise, aprofundamento dos fatos e acontecimentos ligados aos cultivos, criações, produções, desafios e problemas enfrentados na relação entre o homem e a produção de alimentos...

Área das Ciências Puras Matemática: fazer contas culturais, analisar e calcular proporções, calcular áreas e superfícies,...

Área das Ciências Humanas - sociais: descrição da história e cultura familiar, da localidade e região, a geografia local e regional, os valores humanos e espiritual, etc...

Em fim , o CR se insere num processo que permite uma valorização da alternância e dinamiza o PF quando: ³⁸

- Com o auxílio do P.E., o jovem interroga seu pais, sua mãe, os adultos que o cercam e, nesse diálogo, ele observa, toma notas e depois redige um texto que o constitui como caderno da realidade, tornando –se aquele que vai ajudar o aluno a descobrir, raciocinar e a se expressar;
- Ajuda no aprimoramento de sua escrita, de sua fala tomando consciência dos fatos;
- Através da C.C, possibilita o intercâmbio de experiências, pesquisas pessoais e de grupo, favorece confrontos e a expressão oral do jovem suscitando também nele a escuta. E, nesse ínterim, dar respostas à algumas perguntas e já proporciona ao aluno o levantamento de novos questionamentos;
- Propicia ao aluno a abertura a novas experiências, alargando os seus horizontes para aquisição e comparação de novos e maiores conhecimentos;
- Na relação interdisciplinar sua organização se dá no registro, relacionamento dos fatos, idéias, fazendo associações, descobertas...;
- Reforça o interesse do aluno pelo que ele faz, e as interrogações, as observações e reflexões em si contidas, constituem uma excelente ligação entre o meio sócio-profissional e a escola família, etc.

³⁸ Relatório 4º/5º Módulo da Formação Inicial de Monitores -2001

Finalmente, retomando àquele pensamento anterior, podemos dizer que é difícil com palavras descrever o lugar que o CR verdadeiramente ocupa dentro do Plano de Formação, porém uma coisa é certa, ele não é só um produto, é a garantia de um processo educativo. Sem o mesmo, a Pedagogia da Alternância não seria o que é. E o Plano de formação então, uma grande interrogação.

2.4 – Conclusão

Nesse capítulo, refletimos sobre a Formação Integral à luz das pedagogias que a reforça e a potencializa, fazendo também o contraponto com a concepção tradicional que a fragmenta.

Refletimos também sobre os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância que compõem a orquestra de sua metodologia com o seu respectivo regente: o Plano de Formação. Dentro desse último, tentamos identificar o lugar que ocupa o Caderno da Realidade, instrumento que conhecemos mais profundamente no capítulo seguinte.

CAPÍTULO III

O Caderno da Realidade

3.1- Introdução

A Pedagogia da Alternância das MFRs, não nasceu pronta. Foi necessário um longo caminho com ajustamentos constantes, para a construção e consolidação do seu modelo pedagógico. Assim, o presente capítulo disporá sobre um dos primeiros instrumentos pedagógicos da alternância O Cahier d' Exploitation Familiale, traduzido como Caderno da Propriedade (no Brasil conhecido como Caderno da Realidade), que junto aos demais instrumentos, compõem o referido modelo.

Considerando a dificuldade de encontrar mais elementos teóricos traduzidos para o português que fundamente o referido instrumento, buscamos como fonte para aprofundamento do mesmo, as contribuições de Chartier: 1986 citado por (Lourdes Helena Silva 2001) e André Duffaure³⁹ citado nos diversos escritos de (Sérgio Zamberlan) e APEFFA: 1974).

3.1 - Caderno Da Realidade - Origem histórica

Em 1945, as grandes linhas do método que viria fundamentar o modelo da pedagogia da alternância proposto pelas MFRs, apesar de algumas oposições, já se encontrava conhecido por um número significativo de monitores, sendo possível resumi-las nos seus pontos essenciais.

“Partir das atividades do jovem e do seu meio. Levá-lo a observar, a se interrogar e a formular suas interrogações. Responder às necessidades expressas fornecendo-lhes os elementos necessários para encontrar resposta à suas interrogações. Ajudá-lo a resolver seus problemas atuais da melhor

³⁹ André Duffaure, foi o responsável nacional há quase 40 anos no movimento das MFR, porém também, atuou em diferentes funções nos organismos familiares, nacionais e internacionais. O total dos corpus formados por numerosos documentos que já produziu, está destinado a alimentar a reflexão relativa às condutas educativas no meio rural. Estas reflexões se apoiam, em seu compromisso familiar e particularmente na experiência de formação em alternância, posta em funcionamento nas Maisons Familiales Rurales.

maneira para que ele pudesse compreender o futuro e as perspectivas dos agricultores” (Chartier, 1986: 180), citado por Silva, 2000. 73

Restava, todavia, fazer com que estes princípios fossem generalizados e implementados convenientemente na realidade educativa de cada Maison. Isto vai ocorrer no período seguinte, onde os anos de 1945 – 1950 marcam esta etapa na construção da pedagogia da alternância. Esse período é considerado pelos estudiosos do Movimento das MFRs como uma fase de extrema riqueza no plano pedagógico, no qual ocorreu a criação dos principais instrumentos pedagógicos que permitiriam ao conjunto dos monitores e das famílias a implementação de uma verdadeira alternância.

A consideração da realidade familiar vivida pelos alunos como fonte da educação e instrução dos jovens não foi, inicialmente, um princípio consensual entre os monitores. Segundo Chartier (1982) muitos monitores, ainda presos a uma pedagogia tradicional, consideravam-se como sendo a fonte por excelência do conhecimento. Enquanto numa tendência aglutinavam-se os monitores mais experientes, defensores da alternância como uma pedagogia facilitadora da teorização dos conhecimentos empíricos, numa segunda tendência reuniam-se os monitores mais jovens, que percebiam a alternância como um entrave à verdadeira educação, cujo objetivo deveria ser estimular a difusão dos conhecimentos dos monitores nas propriedades dos jovens agricultores em formação. Nesta perspectiva, a finalidade da alternância entre o meio escolar e o meio de vida sócio-profissional seria a atuação do jovem, a partir dos conhecimentos difundidos pelos monitores, para a transformação de sua realidade. A primeira grande reunião de monitores, realizada em 1946, foi marcada pelo confronto e disputa entre essas convicções presentes entre os monitores, culminando com a vitória da primeira tendência.

Assim, articulado com os princípios da alternância de ritmos na formação dos jovens e da participação das famílias na concepção e organização da Maison, surge o terceiro pilar da pedagogia construída pelo movimento das MFRs, ou seja, o princípio de que o conhecimento deve partir da realidade vivida pelo aluno. Considera-se, portanto, que a realidade familiar vivida seja capaz de educar e instruir os jovens, sendo o período de alternância no meio escolar complementar ao meio de vida e vice – versa. Este traço característico da pedagogia proposta

pelas Maisons Familiales, de ênfase e prioridade do concreto percebido pelo jovem como fonte de toda aquisição de conhecimentos, encontra-se bem detalhado em artigo publicado no Jornal Le Lien:

“De início insistir no concreto. Por concreto, entende o que o jovem percebe verdadeiramente, no momento onde as explicações lhe são apresentadas, melhor ainda, cada vez que isto é possível, lhe explicar o que ele faz nesse momento. Em seguida, somente em seguida, quando esse ponto de partida no concreto foi assegurado solidamente, é que será acionado a razão e a imaginação... No lugar de distanciar os jovens dos problemas práticos pelo ensino de uma agricultura ideal ou modelo, a ciência agrícola deverá encontrar ressonância na ocupação, ligando-se intimamente à arte agrícola, respondendo melhor à necessidade de cada jovem. Assim, no lugar de distanciar o jovem da realidade pelas teorias produtoras de um pseudo agricultor, é sobre a agricultura característica da localidade que analisa as causas, os fenômenos, as manifestações científicas” (Le Lien, 1947:2), citado por Silva, 2000. 73

A opção deliberada de partir do concreto e do vivido do jovem e não do saber do professor possibilitou o florescimento de inúmeras experiências pedagógicas, que inspiradas nos métodos ativos, favoreceram o surgimento e aperfeiçoamento dos instrumentos pedagógicos orientadores da alternância no movimento das MFRs. Um dos principais instrumentos, o cahier d' exploitation familiale, traduzido como Caderno de Propriedade, resultou de um desenvolvimento gradual até atingir sua forma definitiva. Inicialmente, denominado La monographie de village, ele consistia no exercício pelos jovens de observação e coleção das informações referentes à história da localidade, envolvendo os membros da comunidade na realização da pesquisa. As dificuldades de sua realização, pela exigência de se ter contornos precisos das pesquisas, aliado ao desinteresse dos jovens, favoreceram o abandono do instrumento (Bachelard, 1994). A disponibilidade dos jovens era muito mais orientada pelo interesse profissional, não lhes despertava interesse a história da igreja ou a confecção do mapa da comunidade.

Das constatações surgiu La monographie de l'exploitation familiale. Por ser mais próxima dos centros de interesse dos alunos e dos agricultores, a monografia da propriedade substituiu aquela da comunidade, passando a pesquisa a ser dirigida à produção agrícola. Além disso, a reorientação da monografia permitia o envolvimento dos pais, reforçando o papel de parceria na formação dos jovens.

“A monografia da propriedade consiste em propor a cada jovem o estudo progressivo, detalhado e preciso da unidade profissional que lhe é familiar, na qual e pela qual ele age e teoriza. A propriedade agrícola familiar “ (Chartier, 1986:166), citado por Silva, 2000. 73

Assim, ao longo dos três anos de formação, o jovem deveria ser orientado, progressivamente, para análise e compreensão da propriedade. Partindo de uma abordagem descritiva das origens, estrutura e produções, o aluno deveria examinar os diferentes fatores da produção e da administração realizada, ao longo do tempo, dos meios materiais e humanos disponíveis. Ao final, o aluno deveria tornar-se capaz de avaliar todo o funcionamento da propriedade, refletindo e apontando as melhorias e (ou) alternativas possíveis para aquela realidade.

Entretanto esse programa, considerado ambicioso por Bachelar (1994), implicava uma capacidade de julgamento que na verdade era difícil de se exigir de um jovem adolescente. A monografia, estruturada em um programa conjunto para os três anos, respondia inicialmente à intenção de cobrir o programa com uma certa coerência. O monitor, na preparação de questionários e sua lógica, deveria sustentar o interesse dos jovens, favorecendo uma compreensão dos fatos e, com a explicação dos princípios gerais, reintroduzir uma coerência naquilo que estava disperso. Todavia os intercâmbios e análises estas experiências mostravam à desigualdade dos resultados obtidos, associado a desigualdade de motivação dos jovens frente a uma abordagem da propriedade ainda muito geral e abstrata; destas limitações surgia *Les cahiers d' exploitation familiale*.

No concreto da propriedade valoriza-se o concreto do cotidiano como porta de entrada a todos os questionamentos. Partindo da experiência vivida do trabalho, das dificuldades encontradas, o jovem, registra, se expressa e apresenta questões. O Caderno de Propriedade engendra uma

exigência estimulante: a obrigação do jovem formalizar suas interrogações a partir da vida cotidiana.

Ao final dos anos 40, o Caderno de Propriedade já era considerado o instrumento central da pedagogia da alternância. O ensino agrícola nas Maisons Familiales apoia-se sobre as observações acumuladas pelos jovens durante o período da alternância no meio familiar-produtivo. Ele é completado pelas Visitas de Propriedades, onde as observações anotadas sobre o caderno, podem servir mais diretamente para orientar a discussão. O conteúdo geral de ensino, envolvendo o Francês, a Matemática e outras disciplinas, deve, pelo menos inicialmente, utilizar os Cadernos de Propriedade como fonte documental. Este instrumento, de acordo com Bachelard (1994), subverte a ordem clássica, acadêmica, das aquisições escolares, privilegiando a fase de produção que interessa, antes de tudo, ao aluno. Nesta perspectiva, o Caderno da Propriedade deve ser o mais que possível colado à realidade das atividades agrícolas desenvolvidas na propriedade. Não existindo um modelo predeterminado, é o jovem quem deve assumir a sua elaboração, buscando apropriar-se do instrumento. Além disto, sendo o Caderno da Propriedade um instrumento de diálogo entre pais e filhos, a sua implementação exige a criação de um questionário que facilite a interlocução do aluno com os pais e as pessoas próximas. Este questionário, denominado Plano de Estudo, constitui, segundo Chartier (1978), um apelo à imaginação dos jovens, na medida em que eles próprios desenvolvem uma reflexão sobre a sua realidade vivida.

Com base nesse fundamento, tendo-se expandido essa experiência para muitos países, inclusive o Brasil, apesar de algumas adaptações, foi assegurado a originalidade do método e a fidelidade aos princípios estabelecidos pelo movimento das MFRs. Assim, aqui no Brasil, o Caderno da Propriedade surgiu em 1981, depois de uma década de implantação da experiência. O nome inicialmente desse instrumento também fora conservado, como Caderno da Propriedade, sendo Sérgio Zamberlan e Mário Zulianni, ambos italianos trabalhando no MEPES (Movimento de Educação Promocional do Espírito Santo), os primeiros implementadores. Com orgulho salientamos que Zamberlan, foi o responsável de organizar e divulgar os escritos sobre esse e tantos outros instrumentos dessa Pedagogia, traduzindo-os para o português e fazendo chegar nas diversas EFAs do Brasil.

Ao longo dos anos o Caderno da Propriedade aqui no Brasil foi sendo modificado pela prática e passou a se chamar Caderno da Realidade. Há também quem o chame de Pasta da Realidade (Escolas Municipais que adotam a Pedagogia da Alternância no Espírito Santo).

Vale à pena lembrar que isso aconteceu não só no Brasil; também em outros países esse caderno recebeu nomes diferenciados, como por ex: Caderno de exploração Familiar (pelas EFAs da Espanha e Suíça); Caderno do Meio (pelos Colégios de Formação Familiar - Espanha); Caderno da Casa (pelas EFAs da Itália); Caderno da Propriedade (pelas EFAs da França e Brasil); Caderno da Realidade (EFAs do Brasil); Pasta da Realidade (Escolas Municipais que adotam a Pedagogia da Alternância no Espírito Santo).

3.2 - Conceito do Caderno da Realidade nas EFAs.

O Caderno da Realidade constitui um elemento fundamental no processo metodológico das EFAs. Traduz-se no documento individual do aluno, onde ele registra suas reflexões estudos e aprofundamentos a acerca de sua vida cotidiana.

Como, o **Caderno da vida do aluno**, ele é:

- A sistematização racional da reflexão e ação provocada pelo Plano de Estudo e Folha de Observação;
- O lugar onde fica ordenada boa parte das experiências educativas acontecidas na família e na EFA;
- É ainda, um livrinho, caderno ou pasta feito pelo aluno (a), contando de forma sistematizada sua realidade.

Na concepção dos alunos Caderno da Realidade (em síntese) é:

- *“Minha realidade; e realidade de minha família e comunidade”;*
- *“É a história de minha vida, família e comunidade”;*
- *“É uma ata que conta toda minha história”.*

Para os Monitores ele é definido como:

- *“Um documento onde o aluno coloca todas as atividades que ele vai desenvolvendo, qualquer trabalho que ele faça, qualquer atividade, ou seja, seria um registro dessa realidade”;*
- *“E o registro de tudo do aluno, da vida do aluno na escola na comunidade...”*

O Caderno da Realidade pode ser considerado um dos pontos básicos da metodologia da Escola Família, porque liga as atividades educativas da escola com as de casa.

Buscamos no Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, o conceito de realidade, porque acreditamos que esse conceito vai ajudar a compreendermos melhor o que é esse instrumento . E a realidade é assim por ele definida:

- Qualidade ou característica do que é real;
- O que realmente existe; fato real; verdade;
- O conjunto das coisas e fatos reais.

Sintetizando a resposta dos alunos, Realidade para esses é:

- *“o que é real, é o dia-a-dia da gente, tudo o que existe, concreto”.*

Para os monitores:

- *“.... Cientificamente, ela é carregada de crenças, superstições e fatos concretos do dia-a-dia (dia, noite, frio, calor, seca, chuva, plantio, colheita, plantas, animais) algo que pode ser sentido ou tocado”.*
- *É tudo o que é real, é o concreto, é a vida.*

3.3 - O Caderno da Realidade um Instrumento Potencializador da Formação Integral

Uma abordagem instrumental sustenta que novas compreensões serão possíveis, desde que os princípios básicos estejam expressos em instrumentos adequados e possam ser utilizados em um ambiente significativo, sustentado pela participação de pessoas com diferentes graus de conhecimento e operação desse tipo de tarefa e de seus fundamentos. (Feldman, 2001:111).

Esse enfoque sugere que é possível aumentar a nossa capacidade para uma prática mais consciente, racional e autônoma mediante processos significativos, assentados em uma recriação das possibilidades através da busca e da utilização prática de instrumentos pedagógicos de ensino.

Pode parecer à primeira vista que se trata de um enfoque tecnicista. Mas, não o é. Nessa abordagem, buscamos fundamentar o CR como um instrumento pedagógico utilizado nas Escolas Famílias Agrícolas do Brasil, como um recurso que proporciona aprendizados diversos, graças à dialética-ação-reflexão-ação dinamizada pela alternância. Um recurso passível de contribuir para a formação integral do jovem, nos seus vários aspectos, a saber: Pessoal (o ser enquanto pessoa – sentimentos, desejos, sonhos, privacidade), aspecto psicológico (desenvolvimento- psicomotor, cognitivo, afetivo-emocional), social (relacionamento humano,

participação, estudo, saúde, alimentação, moradia, trabalho, lazer) político-ético (conscientização, justiça, direitos, igualdade, emancipação) cultural (esporte, jogos, música, dança, folclore, tradições...), técnico (convivência com o meio em que vive, uso de tecnologias apropriadas na agropecuária), espiritual (participação em ritos religiosos, fé, sacramentos) ecológico (relação de convivência com o ambiente: fauna, flora e meio)...

Pressupomos que o potencial da reflexão ajudará a reconstruir os valores e conteúdos contidos e implícitos no CR pois ela consiste, precisamente, neste processo de tomar consciência da ação, de tornar inteligível a ação e pensar sobre o que se faz.

O monitor/professor pode aprimorar seu trabalho apropriando-se de instrumentos de mediação desenvolvidos na experiência. Trata-se de associar de modo mais eficaz a forma de fazer e o princípio que lhe dá suporte

Em relação aos contextos políticos, sociais, institucionais, há que se considerar que não se trata apenas de buscar os meios pedagógicos-didáticos de melhorar e potencializar a aprendizagem dos alunos pelas competências do pensar, mas também de fazer leitura crítica da realidade.

É preciso associar o movimento do ensino do pensar ao processo da reflexão dialética de cunho crítico. Pensar é mais do que explicar e, para isso, as instituições precisam formar sujeitos pensantes, capazes de um pensar epistêmico, ou seja, sujeitos que desenvolvam capacidades básicas em instrumentação conceitual que lhes permitam, mais do que saber coisas, mais do que receber uma informação, colocar-se frente à realidade, apropriar-se do momento histórico de modo a pensar historicamente essa realidade e reagir a ela.

De forma resumida o Caderno da Realidade potencializa a Formação Integral, quando através dos registros, ajuda o aluno:

- Ter pensamento autônomo.

“ O aprendizado autônomo pressupõe flexibilidade, plasticidade, facilidade para mudar valores, para promover diálogos e potencializar habilidades de

comunicação no que se refere à cooperação, à coordenação e à decisão decorrentes das vivências de trabalho em grupo na procura de soluções conjuntas para os problemas; esse aprendizado reconhece a importância das experiências individuais e coletivas, além de reconhecer a participação de cada membro do grupo na construção do saber, que já não é individual e, sim coletivo”.

- A pesquisar de duas formas: no processo de construção do CR e, depois de construído, para eventuais consultas – a exemplo do projeto profissional.
- A perceber sua evolução. “É visível a diferença em termos de caligrafia, desenho, e de visão crítica do início ao término do ciclo formativo” Afirma isso, monitor e aluno.
- A trazer a realidade para perto de si, para pesquisá-la e ir ampliando dentro do aprofundamento das disciplinas.
- A refletir sobre o que aprende (tomada de consciência);
- A fazer leitura de mundo, saber interpretá-la e desenvolver a criticidade. “ a nossa realidade que é esquecida pelos livros didáticos é resgatada pela EFA”.

“ O desenvolvimento da criticidade facilita a identificação da fonte de produção da informação a análise de sua validade e a possibilidade de compará-la decidindo qual será a mais útil para o desenvolvimento de seu trabalho. Requer portanto, raciocínio valores morais e tomada de consciência dos próprios sentimentos”.

- Tomar posição (atitude): “ *quando estou organizando o CR, tudo que me passa na cabeça para colocar em prática, para mim tem muita importância*”. - Fala de um dos alunos.

- A fazer sua opção profissional. Tanto no momento dos aprofundamentos dos temas que fazem ampliar sua realidade (facilitando enxergar o que nela existe), como também pelos estágios diversificados e retornos do P.E. à família e comunidade.
- Ter pensamento flexível.
- No seu crescimento. “Se parar com o CR, impede o nosso crescimento”. - Depoimento de um dos alunos.
- Dando-lhe dicas (pistas) do fazer e do como fazer, se o aluno for esperto e souber aproveitar...
- A ser criativo (exemplo: quando vai retratar a sua realidade): Como trazer essa realidade para dentro de um caderno/pasta e conseguir representá-la? - A criatividade é uma característica inerente à natureza humana, mas que precisa encontrar condições favoráveis para sua expressão. Segundo Leite (1994), citado por MORAES (1997:p.164):

Criatividade é uma dimensão da natureza humana que evidência o potencial do indivíduo para mudar, crescer e aprender ao longo da vida. Manifesta-se na capacidade de realizar novas combinações, com base e elementos conhecidos resultantes de experiências anteriores ou informações conhecidas. A capacidade criadora estaria diretamente associada ao processo de viver e organizar as experiências vividas, ampliando o repertório existencial do indivíduo. Se o indivíduo é impedido de expressar a sua capacidade criativa, transforma-se em alguém com dificuldades de interagir de maneira fluente com o mundo, com os outros e com a própria vida, mecanizando o seu dia-de-dia, o seu trabalho e as relações. Para o autor, o sujeito ficaria alienado de seus processos internos e apresentaria dificuldades de comunicação e aceitação passiva de valores, realizaria uma intervenção mais agressiva na natureza, além de apresentar o vazio espiritual.

- A fazer comparações. Ao fazê-la,, percebe-se a historicidade do processo de construção de conhecimento possibilita a aquisição de novos aprendizados através das inter-relações com os seus patrícios e colegas.
- A adquirir habilidade para o desenho através do exercício constante de ilustrar o CR e, desperta também, o gosto pela arte (desenhos, pintura, fotos...)
- A se relacionar humanamente com a natureza.
- A questionar (pedagogia da pergunta).
- Lembrar sempre de sua realidade, pois é também um álbum e traz recordações, lembranças.
- A ter uma formação contextualizada com possibilidade de fazer o jovem ver as potencialidades de sua região e nela permanecer.
- A formar a consciência. Nesse sentido a dimensão espiritual, ética tem grande peso.

“ alimentar a espiritualidade segundo Boff, é cuidar do espaço interior na qual todos as coisas se ligam e religam “.

Desenvolver seu potencial de reflexividade. Um dos alunos dissera: *“Aprendeu que o estudo não se resume só na escola; e, ainda, o que aprendeu nesta deve levar para a família e comunidade”.*

Pensamos que além do aluno que afirma muitas dessas potencialidades do CR, no cotidiano da prática refletindo com um olhar especial sobre esse, e outros instrumentos, o monitor com poucas palavras, porém carregadas de grande significado, pode dizê-lo melhor. É o que afirma Bruno Daniel, que passou três anos buscando registrar essa experiência:

O CR, que é um plano de estudo aprofundado, estimula os alunos a refletirem sobre sua realidade e a encará-la criticamente; isto, é como uma

*realidade que ao mesmo tempo condiciona e oferece possibilidades de mudança. Um aluno que faz isso por três (sete) anos, mesmo com todos os limites, fica marcado. Nunca ele atuará na vida como se não tivesse esta experiência nas costas.*⁴⁰

3.4 - Objetivos

- Registrar a realidade do aluno;
- Proporcionar o seu crescimento pessoal (amadurecimento intelectual) bem como fomentar o seu desenvolvimento humano social e também do seu meio, através de sua ação, levando-o à tomada de consciência e, conseqüentemente sua transformação;
- Integrar o aluno no seu meio sócio - profissional, ajudando-o através de análises, reflexões e na aquisição de novos conhecimentos.

3.5 - Características

O CR é caracterizado pela sistematização do conjunto de dados, opiniões e idéias que o/a jovem recolhe pessoalmente com perguntas abertas através do: Plano de Estudo, Folha de Observação e outras pesquisas e dos questionamentos, aprofundamentos, debates, reflexões frutos da colocação em comum, das aulas, das intervenções externas etc.

A Nível Psico-Pedagógico o Caderno da Realidade Favorece Essencialmente dois Aspectos:

- **1º** -Estimula o amadurecimento intelectual e psicológico do jovem e;
- **2º**- Fomenta o seu desenvolvimento humano e social.

⁴⁰ Ex-monitor da EFA do Bley /São Gabriel da Palha – 1997: Relatório da Exp. com P.E. pág..6

Antes, porém, de dizer como o CR favorece o desenvolvimento desses aspectos, convém nos perguntarmos quem é esse jovem, esse sujeito que vai ser estimulado e que a EFA aposta fazer dele um protagonista de sua história.

Esse aprendiz é um ser original, singular, diferente e único. É um ser de relações, contextualizado, alguém que está no mundo e com o mundo, cuja realidade lhe será revelada mediante sua construção ativa.

É um ser indiviso, para quem já não existe a fantasia da separatividade entre corpo e mente, cérebro e espírito, lado direito e esquerdo. É o indivíduo visto e compreendido como uma totalidade integrada, indivisível, que compreende o diálogo existente entre a mente e o próprio corpo, que constrói o conhecimento usando não apenas o seu lado racional, mas também as sensações e as emoções, vivenciando um processo integrado que combina diferentes funções relacionadas com a lógica, com a seqüência, bem como funções mais globais.
(Moraes:1997:p 138)

Vista a totalidade em que está imerso esse sujeito, o Caderno da Realidade no **primeiro aspecto** se coloca como um dos fatores básicos que vai favorecer o amadurecimento intelectual e psicológico do mesmo, através do exercício da pesquisa e na busca das razões e os porquês das coisas. Esse exercício contínuo exigirá a parceria da família e comunidade que o ajudará, transmitindo-lhe as suas experiências.

Além da contribuição da família e comunidade nesse aspecto, há ainda outros elementos abaixo citados que também o ajudará: Vejamos:

- a) A reflexão sobre o seu contexto: na aula o monitor reflete com o jovem sobre a realidade que o cerca. Essas reflexões baseiam-se no plano de estudo como instrumento de penetração na profunda “concretude” das coisas da vida.

Refletir sobre o seu contexto é mergulhar-se nele e, nesse mergulho além de descobrir-se, descobrirá também o meio que o envolve. A grande importância nisso tudo é que o aluno faz um

mergulho orientado e acompanhado. Portanto, não é uma mera ação pela ação, mas, uma ação com reflexão para uma nova ação.

- b) Reflexão sobre a vida: as hipóteses formuladas na EFA o levam a viver de forma reflexiva, buscando os porquês de suas observações e opiniões. A redação escrita que elabora é “obrigado a anotar”, classificar e dar uma ordem aos fatos ou acontecimentos de sua realidade;

A educação que se dá, pela ação dentro e fora da escola, tem como objetivo a capacidade para uma ação reflexiva. Portanto, buscam - se os conhecimentos operacionais, os métodos, o saber fazer, a capacidade para informar-se, seguir educando-se de modo permanente, repelindo o saber enciclopedista, estático, acabado, puramente teórico.

- c) A comparação de sua realidade com outras, através da colocação em comum do PE.: o aluno passa da descrição do fato às causas que o determinaram, percebendo assim as diversidades de situação que fazem com que os mesmos sejam determinados de uma maneira ou de outra. Compreende e relativiza sua realidade em comparação com a do colega.

Essa comparação favorecerá a reflexão na medida em que ouvindo o colega falar de si, o aluno além de desenvolver uma escuta sensível, ele também se vê e vê também o seu entorno. Toma consciência do que é, do que tem e das possibilidades que terá. Essa situação permite-lhe fazer projeções, imaginar-se em novas situações. Nisso residirá em parte a busca de sentido levando-o a posicionar-se.

- d) A ajuda e orientação do monitor acrescentando dados técnicos, científicos, através de aulas teóricas e práticas, favorece também o seu preparo para a vida.

O compromisso do aluno com sua realidade, exige o compromisso também dos docentes com a mesma. Sua formação, seu estatuto, profissional, sua atuação devem expressar este compromisso.

- e) A dinâmica da aula e a consciência do inacabamento: a aula torna-se uma contínua e dinâmica resposta a problemas colocados, ainda que essas afirmações são sempre inacabadas, o aluno passa a estabelecer uma relação direta entre o que aprende e o que a vida questiona.

Aqui, na dimensão proporcionada pela dinâmica da aula, temos a consciência de que, o que aprendemos nesse espaço (sala de aula) e com os nossos pares, é ainda muito pouco frente a vastidão do conhecimento existente. Portanto, nem sempre o que afirmamos hoje, podemos reafirmá-lo amanhã, pois já haverá tido modificações devido as novas apropriações, novos aprendizados e transformações.

Segundo aspecto - o CR fomenta o desenvolvimento humano e social do jovem. Damo-nos conta que isso acontece:

Em primeiro lugar - através da sua “tomada de consciência” nas relações com sua família e o ambiente social e cultural que o rodeiam (sabendo perguntar, utilizando a linguagem mais adequada, organizando uma pesquisa, etc), e no ambiente escolar (buscando orientações com os monitores);

Alguém que é sujeito e não objeto, que constrói o conhecimento na sua interação com o mundo, com os outros, que organiza a sua própria experiência e aprende de um jeito que lhe é original e específico. MORAES: 1997 p:138)

Em segundo lugar - na recolha que o CR faz de quase todo o material que foi elaborado durante a alternância: tempo na EFA e no meio sócio-profissional (inclusive estágios). Esse material não se trata de um mero resumo, mas, de uma reflexão sobre a condição técnica, social e econômica da sua família e do seu ambiente social e profissional, da sua localidade e região.

O CADERNO DA REALIDADE NO ÂMBITO DIDÁTICO REPRESENTA:

⇒Tomada de consciência e uma particular percepção da vida cotidiana.

Todos os jovens vivem uma situação real participando direta ou indiretamente das atividades de sua vida cotidiana (observam, agem, constata, analisam, etc...). Porém muitas das coisas que percebem e vivem, nem todos se perguntam à cerca dos porquês, ou refletem sobre elas. Vêem e não enxergam..., Ou “vêem mais do que sabem...”. Essa tomada de consciência é facilitada e estimulada pelo plano de estudo e na ampliação do mesmo no Caderno da Realidade. Estes instrumentos convidam o (a) aluno (a) a dialogar, pesquisar situações e fatos de seu cotidiano, ajudando-o a melhor entendê-los.

Por isso o CR não se resume a observações fragmentadas ou só a uma simples descrição de fatos ou acontecimentos. Em função disso tanto no PE quanto no CR são abordados (descritos e analisados) questões e acontecimentos que marcam a vida do adolescente.

Acreditamos que o CR contribui para essa tomada de consciência pelo fato do aluno seja na EFA, seja na família/ meio sócio-profissional, sempre retomar as situações vivenciadas nesses espaços, refletindo sobre as mesmas. Contudo, tecendo uma reflexão sobre a forma de como tem se dado a construção/ e organização do mesmo, podemos ver que ele não tem se escapado à esta fragmentação. Na prática esta situações vivenciadas se entrelaçam, mas não está sendo bem sucedida (pelo menos na EFA em questão), quanto ao registro nesse instrumento. Há que se estudar ou buscar (caso alguma EFA já tenha superado isso) formas de melhorá-la.

⇒Uma ajuda no desenvolvimento da formação geral

O CR, retrata a história da família, da terra em que trabalha, da comunidade e de outros aspectos que compõem a estrutura familiar;

Durante todo o processo de sua elaboração o jovem é solicitado a manifestar-se continuamente. Durante os primeiros tempos, o monitor gasta mais tempo orientando o/a jovem nos aspectos gramaticais como também na formulação de conceitos; com o passar do tempo, o rapaz e a moça precisam só de uma “simples correção” geral do PE que irá para o Caderno da Realidade.

Aqui se faz importante questionar: Será mesmo que o caderno da Realidade da forma como está sendo organizado, ajuda no desenvolvimento da formação global?

Embora o CR seja algo bem pessoal do aluno, ao qual cabe a responsabilidade de fazê-lo, ele é também um instrumento da Pedagogia da Alternância que é avaliado. Assim sendo, ele deve exigir o acompanhamento efetivo e contínuo do monitor (como um mediador) ao longo do tempo que o jovem passa pela EFA sobretudo para entender como se processa a formação (que não é estanque), sobretudo a integral do jovem. Essa atitude ao que parece é um passo para a ressignificação desse instrumento.

⇒Fundamentalmente retrata a história “estrita”da realidade vivenciada pelo jovem.

Vivência familiar e sócio-profissional, porém sem ter a pretensão de ser uma explicação exaustiva dos fenômenos que nela ocorrem.

Por outro lado, o CR não substitui o “momento teórico” representado pela parte técnico-científica do curso da EFA, ambos são complementares, tomados separadamente são insuficientes na formação ampla do/a jovem.

A complementaridade a que se refere acontece a partir do confronto do saber empírico com o científico.

Se o jovem explora bastante essa questão, um contributo nesse sentido poderá acontecer, com a obtenção da atitude de um verdadeiro pesquisador (do e no seio familiar/meio sócio-profissional e escolar). Pesquisador implicado de fato, com sede de autoformação e transformação.

⇒Um instrumento de formação do jovem e de seu meio ambiente.

O CR é o resultado de um certo número de análises feitas pelo/a jovem com seus pais e outras pessoas do meio rural. Nessa perspectiva, o CR contribui para melhorar a interação entre componentes da família como também provocar discussões sobre problemas técnicos, econômicos e sociais, dentro da comunidade rural onde ela está inserida.

Assim por meio do CR a EFA atinge em seu trabalho formativo os dois componentes sociais importantes na vida do/a jovem: o núcleo familiar e seu entorno rural (cultural e profissional).

Comungando com essa afirmação, vale à pena acrescentar que, para que isso aconteça, requer: a família, comunidade, lideranças, agricultores (as) motivados e sensibilizados para terem a prontidão para colaborarem nesse sentido. É preciso trabalhar bem esse aspecto, contagiando esses atores para encontros pontuais nas suas comunidades onde possam sentir-se tocados por essa necessidade e assim, impulsioná-los a se encontrarem; por uma necessidade mais sua, do que do aluno. E uma vez sensibilizados, que vissem nesses momentos, oportunidades de formação, descobrindo juntos sua realidade mais próxima (ver, julgar) e assim tomar decisões (agir) a partir dos debates travados fruto de reflexões e sugestões posteriores. Isso acontecendo, de fato, a EFA poderá dar grandes contribuições para o desenvolvimento do meio.

⇒Um elemento de orientação profissional

O fato de o (a) jovem alternar momentos no meio sócio-profissional e outro na EFA permite-lhe, através de seu trabalho realizar: observação, reflexão e reconstrução do seu fazer. A teorização da realidade (a vários níveis), em grande parte é realizada na Escola Família.

O (a) jovem reconstrói no CR a sua vida social e profissional, colocando ali parte de seus conhecimentos baseados na prática diária. Todas as reflexões que são feitas sobre a realidade, que aparecem no CR, ajudam o/a aluno/a em seu enriquecimento profissional.

O CR é a reconstrução e sistematização racional da experiência vivida, pelo/a jovem em seu ambiente: social, cultural, técnico, econômico e afetivo.

O CR representa um elemento importante na vida e na estrutura pedagógica da EFA, em particular à Alternância. Ele recolhe um número indeterminado de análises com: os familiares, mestres de estágio, monitores e outros sobre as atividades e problemas do meio rural regional, permitindo ao jovem “descobrir” aspectos novos de seu entorno.

Nesse aspecto, pensamos que poderá ser uma experiência exitosa, se houver introdução desde o início da 5ª série a idéia do projeto profissional do jovem (sensibilização), continuando nos anos seguintes (estágios diversificados, intervenções externas...) e no final do curso fundamental pontos fortes de reflexões a esse respeito com continuidade no ensino médio profissional já com estágios mais específicos e execução do projeto profissional do jovem.

A EFA com sua metodologia utilizando os instrumentos pedagógicos apropriados que facilita a ligação e interlocução direta com o meio e seus atores, contribui mediante as análises realizadas através da recolha de dados (contidos no CR) para melhoria de vida pessoal familiar/comunitária e também para reafirmar-se enquanto pedagogia da práxis (apropriada, e contextualizada).

3.6 - Principais Fases.

Conforme vimos na origem histórica, O CR sendo um instrumento de diálogo entre pais e filhos, a sua implementação exige a criação de um questionário que facilite a interlocução do aluno com os pais e as pessoas próximas. Esse questionário é denominado de Plano de Estudo. E, é esse instrumento que vai direta e indiretamente alimentar o CR, com todas as possibilidades de reflexões e registro gráfico (com imagens, fotos, figuras, colagens, gráficos, tabelas e escrita) ele tem um pé na escola e outro no meio. Em ambos os espaços ele tem a função de um catalisador, que depois de recolher tudo o que foi buscar, deposita no CR; aí acontece algo muito bonito, a partilha, a socialização para que todos sem exceção tome conhecimento da realidade que se desvela, que se mostra para aquele que é o mais interessado no processo: o aluno. Para que isso

ocorra, o processo evidentemente também se dá (em fases): lá (no meio) e cá (na escola).
Vejam os:

3.6.1 – Preparação do PE - Plano de Estudo

a) – Elaboração do Plano de Estudo (PE) e/ou Folha de Observação (FO) na EFA.

O Plano de estudo constitui um desses instrumentos pedagógicos utilizados na expressão e análise da realidade vivenciada pelos alunos da Escola Família. Através dele o jovem, partindo dos temas previamente selecionados e relacionados à sua realidade, formula perguntas no decorrer do período em que se encontra no meio escolar que, por sua vez, serão respondidas em conjunto com seus familiares. No retorno à escola o aluno traz consigo o Plano de Estudo respondido, submetendo-o à análise dos colegas e monitores, debatendo e trocando idéias sobre ele. Vejam os detalhadamente cada uma de suas fases:

Alternância: Final da Sessão Escolar	
Etapas e meios	Objetivos
<ul style="list-style-type: none">- Escolha do tema e/ou já pré-estabelecido, fruto e pesquisas feitas nas localidades atendidas, na EFA, a partir de fatos cotidianos, anseios, desejos e problemas (intrínsecos e extrínsecos);- Conversa ampla, motivação dos alunos;- O aluno é sujeito, o monitor o estímulo e a realidade objetiva do jovem a meta da motivação;- Elaboração do questionamento em grupo, colocação em comum das perguntas e seleção, elaboração do chapéu (frase introdutória) feita pelos alunos com os monitores.	<ul style="list-style-type: none">- Adequar o tema às etapas educativas do jovem no curso;- Estimular o jovem a pesquisar sua realidade;- Motivar os alunos a falar e pesquisar com os pais, irmãos mais velhos, pessoas da localidade, mestres de estágio e outros;- Motivar o/a jovem para que ele/a estimule os pais e outros parceiros da formação na realização da pesquisa;- Estimular o jovem a através do PE dar seqüência metodológica às pesquisas realizadas em casa e no meio sócio-profissional.

O ESTUDO do meio sócio-profissional (1)

Partir da experiência do jovem

1. O Plano de Estudo (P.E.)

Deve permitir que o jovem se expresse sobre a sua experiência, o que ele: vive, observa, compreende, aquilo que lhe é dito em seu meio familiar, social, profissional.

4 etapas

a) O monitor prepara uma ficha de apresentação - animação do P.E.:

- **objetivo** desejado para o estudo: para o que vai servir este estudo,
- iniciativas e conteúdos previstos para a colocação em comum (Conclusões)
- matérias implicadas e atividades previstas como continuação
- **os pontos fortes** do estudo: o monitor deve conhecer o assunto do estudo (se ele não se documenta, é preciso visitar uma experiência,...)
- preparação da atividade com os alunos: trabalho pessoal, em binômios, trabalho em sub-grupos, grupo grande, tempos,
- apresentação e forma: gráficos, quadros, desenhos,....

b) Intercâmbios e preparação com os jovens:

- O essencial é conseguir com que os jovens **se expressem** sobre o assunto do estudo, sobre o tema. O que eles dizem faz emergir **as perguntas** que servirão para guiar o estudo.
- A formulação de perguntas, é um apelo ao método e ao rigor na comunicação. As perguntas devem favorecer o diálogo.

6

P.Puig

O PE é fundamental na elaboração do Caderno da Realidade, ainda que esse não represente o único meio. Sem ele, a alternância fica fria, sem sentido de continuação dos estudos. Ele é a oportunidade que os pais e comunidades têm de comunicar com a equipe e vice versa. Se não aplicarmos o PE, cancelamos a Pedagogia da Alternância.

Se o monitor quer assumir o seu papel como educador, tem que fomentar nos alunos o gosto pela busca do conhecimento através do PE, porque através deste o jovem descobre o gosto pela pesquisa e conseqüentemente aprende a partir da sua própria realidade.

Outros trabalhos como questionários, que ajudam a ampliar e enriquecer o CR são utilizados freqüentemente.

A linguagem utilizada, seja no PE como FO (que aparecem no CR), é simples e coerentes com a realidade do meio rural.

O ESTUDO do meio sócio-profissional (2)

Partir da experiência do jovem

1. O Plano de Estudos (P.E.) (continuação)

c) A redação do Plano de Estudos (2 exemplos)

c1 Coordenada pelo monitor e com a participação de todo o grupo, pode ser realizada como última etapa do processo, no quadro da sala de aula, dando-lhe a forma definitiva.

c2 Pode ser realizado pelo monitor sozinho, uma vez finalizadas as conclusões para a preparação pelos alunos.

- É preciso variar a maneira de o realizar e apresentar durante o ano, adequando-o às idades e aos níveis de formação.

d) Apresentação do Plano de Formação para o grupo.

- Pode ser entregue fotocopiado, e no caso em que não se disponham de meios apropriados, ele pode ser ditado aos alunos ou copiado no quadro. Ele deve ser entregue ao centro no final da sessão para assim preparar o período no meio sócio-profissional.

- É a oportunidade de estar abordando a metodologia e a organização para a realização do estudo sobre o campo.

7

P.Puig

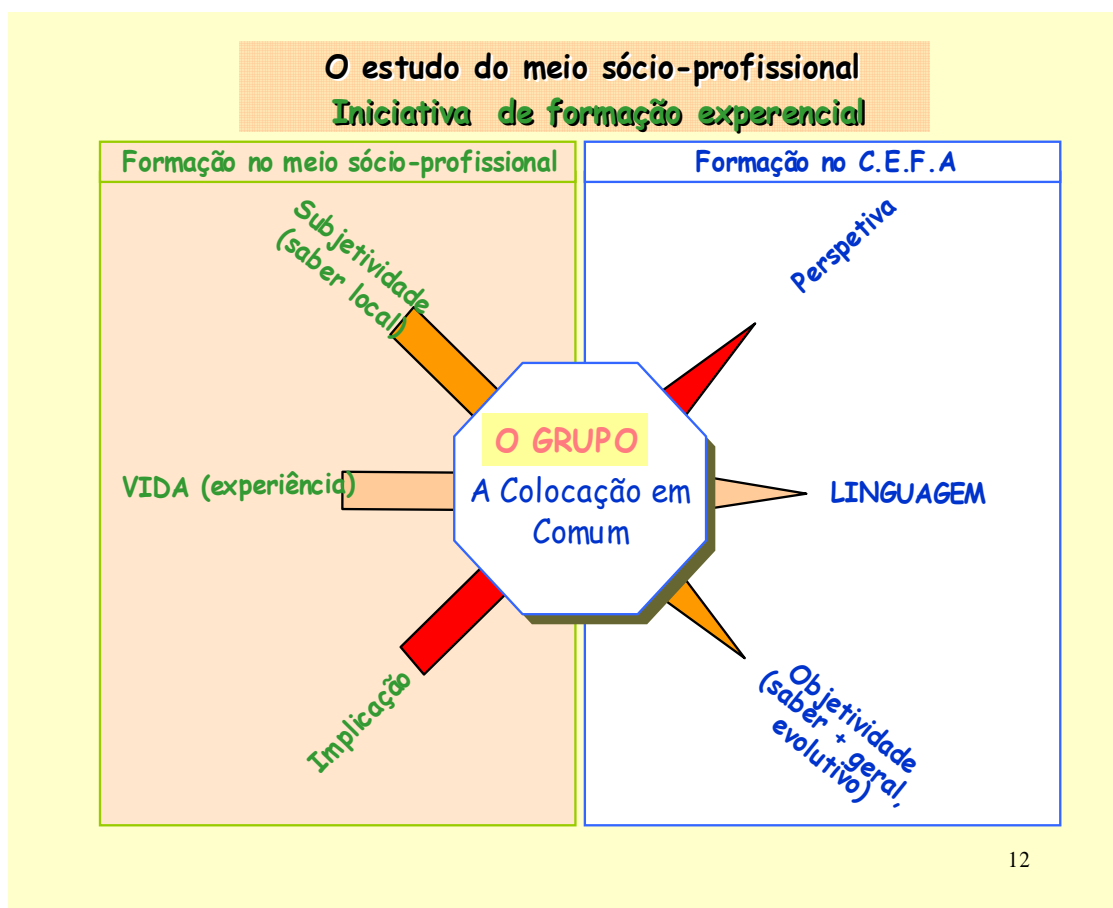
3.6.2 – Realização da Pesquisa no Meio

B) – Durante o Período no Meio Sócio-Profissional (Casa e Fora), Construir o PE.

O (a) jovem, em casa com os familiares, com agricultores e profissionais do meio rural, vai responder as perguntas do PE ou FO ou outra pesquisa, sem se preocupar porque senão torna o trabalho bastante comprido e cansa os seus parceiros da formação... nesse sentido os monitores na EFA, orientam-no/a na aquisição de habilidades de fazer anotações. Em geral o último dia de casa o rapaz e a moça fazem com a redação, uma redação “parcial”.

Os pais passam a acompanhar o PE ou FO, na medida em que esses instrumentos levantam desafios que os envolvem diretamente.

Alternância – Sessão no Meio Familiar e Sócio-Profissional	
<p><u>Etapas e meios</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Leitura e resposta do PE na família e meio social e profissional; - Pesquisa; - Ordenação dos dados recolhidos 	<p><u>Objetivos</u></p> <ul style="list-style-type: none"> - Levar o PE à família, mestres de estágio e outros e colocar em comum a pesquisa, intercambiar idéias, estimular o diálogo entre pais e filhos e ajudar o relacionamento entre família, EFA e meio social e profissional; - Descobrir por meio do contato direto e do diálogo, os sentimentos, as emoções, os valores éticos e morais existentes no meio rural; - Valorizar o saber popular; - Conhecer mais intensamente a realidade familiar e sócio-profissional.



P.Puig

3.6.3 - Retorno à EFA – socialização (colocação em comum)

Alternância – sessão na escola Família	
<u>Etapas e meios</u> - Organização individual da linguagem, o monitor junto com o/a aluno/a (conversa entre os dois em que o monitor escuta o jovem, suas dificuldades, ritmos de fazer as coisas); - Colocação em comum e síntese Utilização da síntese nas aulas, palestras, demonstrações de laboratório, visitas de estudo, serões.	<u>Objetivos</u> - Ajudar no desenvolver da expressão; - Valorizar a linguagem e formas expressivas do jovem; - Ajudar na comparação das realidades, colocando-as dentro do contexto geral; - Despertar ou estimular a cooperação e o trabalho de grupo como forma de ser solidário com o/a companheiro; - Respeitar a individualidade, saber ouvir, participar e aceitar idéias; - Comparar realidades; - Generalizar fenômenos naturais e sociais; - Pontualizar problemas e desafios existentes na realidade do/a jovem; - Sistematizar e aprofundar, na prática e na teoria (em várias áreas do conhecimento).

A Colocação em Comum do Plano de Estudo contribui para:⁴¹

- 1 Abertura mental e social do jovem quando: progressivamente o ajuda a superar sua situação particular, ampliando perspectivas; cria inquietudes no grupo, interesses comuns, abertura aos problemas dos outros relativizando problemas e soluções; o jovem se coloca aberto à realidade dos outros, ampliando a consciência “própria”; há um desenvolvimento de uma forma própria de ler a realidade, posicionando-se criticamente diante dos fenômenos e fatos sociais; amplia a capacidade de análise, gera critérios e valores que permitirão a compreensão do meio onde vive; ao mesmo tempo em que acontece o processo de socialização, dá-se outro o de individualização: afirmando critérios, idéias e formas de agir próprias; adquire formas de aprender diferente dos outros, consolidando sua personalidade.

⁴¹ Textos sobre a Pedagogia da Alternância– 2001 (organizado por Thierry de Burghgrave)

- 2 Problematizar situações sociais, culturais, econômicas, técnicas, históricas,... gerando novas buscas e aportes nos diferentes âmbitos (aulas, bibliografias...), porém tentando superar as visões “estanques” propostas pelas disciplinas (vista de forma separada). O estudo de uma determinada realidade leva a uma abordagem interdisciplinar, que permite superar a superficialidade das análises.
- 3 Outros propósitos didáticos da colocação em comum:
- Estimular e melhorar a capacidade de buscas nas pesquisas;
 - Estreitar a expressão (que não deve ser só oral), por meio de relatos;
 - Construção conjunta de idéias (generalização);
 - Melhorar a auto-estima.

O ESTUDO do meio sócio-profissional

Partir da experiência do jovem

3. A Colocação em Comum do estudo.

Os **objetivos** da CC estão presentes desde a preparação do PE:

Todo o estudo não é necessariamente colocado em comum.

- é que parte da CC será utilizada, em que matéria?
- é que traços, sob que forma, se desenvolverá a CC?
- é Estará animada por 1 ou 2 monitores?
- é Será entregue de forma global ou distribuída em cada uma das aulas correspondentes às matérias adequadas?
- é que método de animação: sub-grupos e restituição, mesa redonda, exposições de algumas situações, painéis a realizar...

Metodologia da Colocação em Comum:

- a **confrontação** de experiências, de pontos de vista,
- a aprendizagem da **tolerância**: aceitar as experiências radicalmente diferentes,
- a **análise**: é porquê estas diferenças?
- a **síntese**: os elementos comuns dentro dos estudos trazidos
- a **abertura de espírito**: a riqueza da diversidade de experiências, aprender a conjugar os elementos semelhantes e as diferenças.
- a **argumentação**: é porquê que o meu Responsável de Alternância procede assim?
- o **questionamento**: é que coerência científica sustem tal prática?

A Colocação em Comum deverá minimamente contemplar:⁴²

- Introdução (pôr-se em situação...): recapitulação do processo realizado até o momento, designação de trabalho ou qualquer ação que motive;
- Relatos é um momento importante do aluno, ele expressa: sua realidade, a si mesmo, sua família, seu trabalho e sua realidade. Se o aluno for escutado, respeitado e estimulado em seu fazer, ele gostará de realizar outros planos de estudo, caso contrário...
- Perguntas, análises: podem surgir espontaneamente, ou responder a uma ordem estabelecida ou ser realizado deliberadamente pelo orientador para provocar a reflexão. Pode ser realizado conjuntamente ou prever um trabalho em grupinhos, utilizando técnica de grupo variadas;
- Conclusão: deve responder às interrogações propostas ou as propostas de ação que surgiram ou a um planejamento de uma ação concreta, ou enfim a um novo plano de pesquisa;
- Para cada colocação em comum dos relatórios é importante pensar técnicas diferentes para que respeite a individualidade do relato mas não “enjoe” o grupo, todavia não devemos ser escravos do tempo..., devemos buscar dominá-lo, em função do aspecto formativo que possui a colocação em comum. O tempo é um meio e não um fim.

Quais técnicas? Os alunos e menos ainda o/os orientador/es do grupo, devem deixar as coisas surgirem espontaneamente. As fases anteriores à CC precisam estar prontas, senão comprometemos a função da mesma. As técnicas podem ser:

- Diretamente no plenário, ou primeiro em grupos e depois no plenário;
- Pergunta por pergunta ou item por item, isto se as perguntas são claramente diferentes entre si e o número de alunos é pequeno;
- Aluno por aluno, cada um coloca todo o seu relatório (quando o número é pequeno);
- Aluno por aluno, porém por bloco de perguntas ou questões afins...

Tudo isso dependerá do caráter das perguntas e da complexidade do tema abordado. No caso que seja amplo e complexo podemos dividi-lo em partes ou blocos de questões, com isto

⁴² Textos sobre a Pedagogia da Alternância– 2001 (organizado por Thierry de Burghgrave)

facilitaremos o aprofundamento por aspecto resguardando uma unidade de análise e economia de tempo. Uma forma que “dá certo” é a exposição com recursos didáticos como: cartazes, transparências, objetos, esquemas, palavras – chave escritas no quadro negro, vídeos, folhetos, ou em forma de revista, dramatizações, sketch, canções, poemas,... Tudo isto, tendo presente que o conteúdo é mais importante do que os recursos utilizados, estes ajudam a explicitar: idéias, motivações, propostas,... que estão no relatório. Para cada relato pode-se “reter o essencial” e colocá-lo num quadro-cartaz, onde todos poderão observar o “cerne de cada relatório” e servir de orientação para o grupo sobre um determinado tema e cobrar aos monitores eventuais novas pesquisas ou aprofundamentos. Isto quer dizer que a CC tem uma “funcionalidade” dentro do processo do PE em todos os casos é importante que as técnicas e recursos utilizados seja pelos alunos como os monitores devem ser previamente programados em conjunto, para evitar

Como dissemos, é necessário que exista um procedimento, todavia não devemos sacralizar o método. Este possui um valor de oportunidade, podendo flexibilizá-lo, segundo as características que são utilizadas ao longo do processo.

Outra estratégia que deve ser resgatada, ao longo de todo o processo de CC, é a participação de todos os monitores docentes, (os que podem) na mesma CC, este é um desafio que deve estar presente, desde a programação das atividades pedagógicas e didáticas que a equipe realiza. O estar presente ajuda a entender o real cotidiano ou não do/a jovem e colocá-lo dentro do contexto geral do plano de formação de forma orgânica.

Os orientadores presentes deverão sempre incentivar com novas perguntas. A colocação em comum não é o momento de dar respostas, mas gerar perguntas... Notando erros de qualquer tipo, devem ser capitalizados como fonte novas perguntas, nunca de rejeitos, menos ainda de desvalorização dos aportes, nunca ridicularizar (explicitamente ou indiretamente). O que está em jogo na CC não é só a opinião do aluno, mas também de sua família ou de mestres de estágio ou de instituições que o jovem investigou.

3.6.4 – Construção/organização do Caderno da Realidade na Escola Família.

Na EFA o/a jovem realiza um trabalho de estruturação e reflexão sobre o que fez em seu meio social, cultural e profissional, através:

a) - Do registro, da “correção” da forma e apresentação do texto (com troca de idéias constantes entre aluno e monitor) e, ainda estruturando graficamente seu CR e fazendo a empaginação (se caso a opção for pelo uso da pasta).

b) - Estruturação Gráfica e empaginação do CR.

Na estruturação gráfica, a orientação do monitor é importante, porque o/a jovem se motiva sobre um trabalho, na medida em que recebe confiança e é estimulado continuamente em seu fazer.

O CR, não tem fim em si próprio, mas é um meio, através do qual o/a jovem, ajudado pelos monitores, reflete e toma posições face sua realidade.

Desta forma, o monitor faz todo esforço possível, afim de que o jovem explicita seu pensamento o mais amplo possível, porque o CR não é só um exercício do idioma ou da linguagem senão e principalmente um meio de análise da realidade. Nesse sentido, a “correção” das redações dos PE e/ou FO, estimula: a busca das razões de um fato ou fatos; a análise dos mesmos, e as comparações no espaço e no tempo.

Com isso, o/a jovem é motivado para não ficar num trabalho puramente descritivo, indo em busca de uma unidade no estudo - onde as primeiras redações, são quase simples respostas às perguntas colocadas; porém, o monitor atento a isso, tenta dar uma certa unidade, no desenvolvimento do estudo, fazendo com que:

a) – Cada parágrafo apareça como um sujeito estudado e não uma série de respostas às perguntas do PE ou e FO;

b) – O jovem coloque em ordem, classifique, desenvolva, seguindo uma própria lógica e não um esquema pré-construído, com isso a redação fica mais rica e pessoal.

Além disso, busca-se também a forma e precisão na comunicação e expressão - A busca de um aperfeiçoamento na expressão da linguagem, é muito importante especialmente para saber colocar no papel aquilo que foi visto e debatido. Tenta-se respeitar a realidade, usando no CR uma linguagem simples. Isso quer dizer que, a introdução de termos técnicos e científicos, é feita acompanhando a evolução do jovem e, portanto de forma gradativa. A tradução escrita de idéias e fatos, é um processo lento, nem sempre progressivo.

3.6.5 – Estruturação Gráfica

Na parte gráfica como no conteúdo, o CR é um meio de avaliação, seja para o aluno como para o monitor, um e outro, no decorrer dos anos, podem observar a evolução, tornando-se conscientes das melhorias que devem ainda realizar...

Nesse sentido o monitor, acompanhando atentamente o jovem, observa os progressos obtidos e incentiva as melhorias que pode fazer. Nessa evolução, o/a jovem, no final do curso, pode conseguir destriçar um assunto a partir só de uma idéia e não só de um fato prático.

O aluno é acompanhado individualmente na composição do seu CR, porque, cada um tem formas diferentes de se expressar.

Por meio de todas essas atividades, o momento transcorrido pelo jovem fora da EFA é valorizado integralmente, ele sente-se valorizado, porque vai vendo aparecer, cada vez mais substancial seu trabalho através do CR.

Elementos que integram a estruturação do Caderno da Realidade nas EFAs:

- Capa ilustrada; Plano de Estudo (questionário com perguntas e respostas); Síntese individual ou redação pessoal; Síntese geral; Folha de Observação; Ilustrações (desenhos,

colagens, fotografias) - fotos onde apareçam toda a família, pode-se colocar nas características gerais ou históricas, elas servem principalmente para vivacizar o relato. As ilustrações devem ser uma constante no CR do aluno (a); pois estimular essa função é criar as condições para um ensino dinâmico; Cartas e documentos dos antepassados juntamente com fotos, constituem algo de inestimável valor histórico. Tudo isso ajuda o aluno a reconstruir a sua história e a entender melhor o que se passou com sua família.; Árvore genealógica ou nossos antepassados – Para ver o desenvolvimento de uma família, é interessante numerar pelo menos 4 gerações; Produção de texto – referente ao tema de estudo; Recortes: revistas/jornais; Planta baixa da casa; Renda familiar; Cálculo cesta básica (familiar); Mapeamento da comunidade; Coleção de plantas e gravuras; Hábitos alimentares; Tabus; Superstições; Croquis; Tabelas; Gráficos.

3.6.6 - Atividade de Retorno

Procedida a organização do CR na escola, o aluno retornando ao seu meio familiar sócio profissional, já leva atividades de retorno previstas no Plano de Formação de acordo com cada tema trabalhado, conforme visualização no quadro abaixo.

Alternância - Volta Para Casa e Meio Sócio – Profissional	
<u>Etapas e meios</u>	<u>Objetivos</u>
<ul style="list-style-type: none"> - O retorno do Plano de Estudo à família e meio sócio-profissional acontece de várias formas, experiências práticas na terra que com os pais e outros; - Promover encontros para debater questões discutidas e aprofundadas na EFA; - “Devolver” questões esclarecidas, dados elaborados, para os mestres de estágio e outros. 	<ul style="list-style-type: none"> - Aumentar o interesse entre família, EFA e entorno sócio-profissional; - Fazer circular informações sistematizadas sobre a realidade local e regional; - Promover encontros para debater problemas de interesse popular; - Dinamizar o Plano de Estudo (PE); - Estimular a participação do/a jovem na localidade tornando-o (a) mais responsável e aberto aos desafios e problemas de sua realidade.

O período de trabalho na família e a vivência na comunidade são uma forma de consolidar informações trazidas na escola para a vida e da vida para a escola. Essa atividade rompe com a lógica tradicional do acúmulo de conhecimento. Aqui, o jovem num processo de interação ele aprende, e nesse mesmo processo ele partilha. E isso resulta em frutos:

- Mais aprendizados para o aluno porque quanto mais ele der de si, partilhar o conhecimento, mais conhecimentos terá;
- Aprendizado para a família e comunidade, que mesmo não tendo acesso ao estudo, as circunstâncias fazem com que eles aprendem com o aluno;
- Desenvolvimento do meio, pois esse se beneficia transformando-se diante da ação local desses agentes, que o fará desenvolver.

3.6.7 - Trabalho final (fase de acabamento):

A forma, o tipo de apresentação, enfim a “estética” do CR tem seu peso na apresentação de qualquer trabalho. Nesse aspecto exterior”, o/a jovem, dá seu toque final, não só passando a limpo as redações, como também criando: ilustrações, croquis, mapas, fotografias, etc., tudo com a orientação dos monitores. O CR se torna, com o passar do tempo rico de imagens e considerações na medida em que o aluno vai adquirindo novos conhecimentos, tais como: perspectivas, escalas, funções, proporções, etc. No acabamento” do CR, é que se nota a criatividade do jovem (gostos, atitudes, etc...) enfim, parte de sua personalidade está ali expressa.

A palavra acabamento deve ser entendida, no sentido mais estrito, porque o CR representa uma “página” na vida do jovem, o qual a cada instante pode ser melhorada. Ele representa um momento importante na formação do/a jovem do meio rural.

Esse trabalho formativo é entendido como uma possibilidade de expressão pessoal, onde a função do monitor é: propor exemplos, idéias, esquemas, etc. puramente indicativos e fazer

manter vivo o interesse pelo CR, como um meio didático – pedagógico importante para o/a jovem refletir e analisar sua realidade “perto e longe”.

3.7- A Imagem no Caderno da Realidade

O importante nessas imagens da “nostalgia do paraíso” é que elas expressam sempre muito mais do que a pessoa que as sente poderia fazê-lo por meio da palavra. Aliás, a maioria dos humanos seriam incapazes de expressá-las: não que sejam menos inteligentes que os outros, mas porque dão muito pouca importância à nossa linguagem analítica. E, no entanto, tais imagens aproximam os homens de uma maneira mais eficaz e real que a linguagem analítica. Na realidade, se existe uma solidariedade total do gênero humano, ela só pode ser sentida e “atuada” no nível das Imagens. (ELIADE:1991:p.13)

- Levando em consideração que nós construímos o mundo muitas vezes com a imagem do que vemos; que a escola não vem dando a importância que a imagem merece e; frente a um mundo que evolui muito rapidamente é preciso que tenhamos a “competência imagética”⁴³ para respondermos às exigências dessa evolução;
- Considerando-se também que, é a presença das Imagens e dos símbolos que conserva as culturas “abertas”: a partir de qualquer cultura, tanto a australiana como a ateniense, as situações – limite do homem são perfeitamente reveladas graças aos símbolos que sustentam essas culturas e que se negligenciarmos esse fundamento espiritual único dos diversos estilos culturais, a filosofia da cultura estará condenada a permanecer um estudo morfológico e histórico, sem nenhuma validade para a condição humana como tal;

⁴³ (Fala do Professor Meandro da Universidade da Bahia – UFBA, que há duas décadas trabalha com a questão da imagem. Visita dos mestrandos – UNEFAB (julho de 2002, em Salvador –Ba) à universidade para conhecer as Atividades Curriculares em Comunidade – ACC por ela desenvolvida).

- Considerando ainda que, se as imagens não fossem ao mesmo tempo uma “abertura” para o transcendente, acabaríamos por sufocar qualquer cultura, por maior e admirável que a supuséssemos;

*“Não precisamos dos poetas ou das psiques em crise para confirmar a atualidade e a força das Imagens e dos símbolos. A mais pálida das existências está repleta de símbolos, o homem mais “realista” vive de imagens”.
(ELIADE:1991:p.12)*

- E, considerando finalmente que o CR, texto, é extraordinário, mas pode ser mais enriquecido através da imagem, justificamos, com base nos elementos teóricos que dão suporte a esse tema, sua importância e que, a EFA, uma vez sensibilizada a esse respeito, busque valorizar cada vez mais esse recurso, para o maior enriquecimento desse instrumento, implementando se necessário for ações para esse fim.

ELIADE (1991), conta que as imagens constituem aberturas para um mundo trans-histórico. Não é, entretanto, seu menor mérito: graças a elas, as diversas “histórias” podem se comunicar. Falou-se muito da unificação da Europa medieval pelo cristianismo. Isso é sobretudo verdadeiro se pensarmos na homologação das tradições religiosas populares. Foi através da hagiografia cristã que os cultos locais – da Trácia até a Escandinávia e do Tejo até o Dnieper – foram reduzidos a um denominador comum. Graças à sua cristianização, os deuses e os lugares de culto de toda a Europa não receberam apenas nomes comuns, mas reencontraram, de uma certa maneira, seus próprios arquétipos e, conseqüentemente, suas valências universais: uma fonte da Gália, considerada sagrada pela presença de uma figura divina local ou regional, tornou-se santa para a cristandade inteira, após sua consagração à Virgem Maria.

José Carlos Campos⁴⁴, afirma que o desenho é uma habilidade requerida no ensino de arquitetura. Fazendo um pequeno paralelo com a EFA, diríamos, que esse, também o é, para a construção do Caderno da Realidade.

O desenho é uma linguagem gráfica que possui duas funções básicas: a função comunicativa, ou de conotação – uma função em que o desenho é o enunciado que visa a uma comunicação para um destinatário – e a formação cognitiva, ou denotação – uma função em que o desenho é a mensagem ao contexto, visando à aquisição de um conhecimento.

Tal como para o arquiteto, o desenho, é também uma das linguagens básicas do aluno da EFA, na confecção do seu CR.

Na obra de arte, o desenho subsiste como essência do artista. Pode-se dizer que, mais do que um meio de comunicação da forma, o desenho comparece na arte como um modo de ser ou de realizar-se do homem.

Interessado na educação estética não instrumentalista, isto é, a educação que leva em conta o ato de realizar a arte mediante o evento estético vivido, a educação estética da prática da convivência cultural, da atitude receptora da crítica e da busca expressivo – comunicativa, Gennari (1997) constrói na sua obra um quadro das teorias de *l'á mirada* x *de lá vision* para relacioná-las com a educação estética. O autor dá a entender que as pessoas possuem uma força poderosa no olhar e um reservatório inesgotável na mente.

O olhar possui uma força exterior e outra para o interior da pessoa, o que possibilita distinguir as imagens do mundo real e transportar essas imagens para o mundo interior, reservando-as ou não, no imaginário pessoal. Essa possibilidade diz que a essência do conhecimento visível está na sensibilidade da pessoa em ver o mundo, imaginar ou conceber outras visões do mundo, selecionar e organizar essas imagens e dispor delas para realizar a obra de arte.

⁴⁴ [Arquiteto. Professor de Arquitetura da PUCRS. Mestre em educação pela PPGE – PUCRS.](#)

A habilidade de desenho é um contraste verificado nas séries iniciais. Podemos dizer *que entre muitos alunos da EFA também.*

O desenho é também utilizado para comunicar as idéias e os conceitos. É a linguagem instrumental que viabiliza o diálogo entre o professor e o aluno, sobretudo num contexto interdisciplinar.

Segundo José Carlos Campos, muitos estudantes quando iniciam o curso de arquitetura, não percebem a importância do desenho como modo de expressão e comunicação dessa arte de conceber, ao mesmo tempo, de viabilizar e de materializar espaços e, quando requisitados a expressar suas idéias, encontram dificuldades em traçar no papel a forma de espaço e dos objetos.

Tal como os alunos do curso de arquitetura (depoimentos de alunos 1997), também os alunos das EFAs dizem: *“Eu sei o que desejo, mas não sei desenhar!” Ou confessam: “O meu desenho é feio!” Ou dizem; “As pessoas não vão entender o meu desenho!” ou ainda: “Eu sou uma negação no desenho!”*

Diante disso, o autor coloca que como hipótese presume-se que o fato de o aluno revelar, ou não, habilidade em traçar desenhos pode estar relacionada com a estrutura do currículo e com os conteúdos das disciplinas que ele cursou, ou não, na sua vida escolar.

Estando de acordo com o autor, e acrescentamos que em relação às EFAs, torna-se necessário, viabilizar a aquisição dessas habilidades nos alunos, através das aulas de Educação Artística, cursos e oficinas diversas nesta área para ajudá-lo (a) a: buscar seu estilo próprio; adquirir o domínio da arte e a técnica de desenhar; aprimorar –se na busca da habilidade de desenho.

***Estimular essa habilidade, é criar condições
para um ensino dinâmico.***

João Batista de Almeida Júnior (2002)⁴⁵, falando a esse respeito com um grupo de educadores, alerta-os, para que eles aprendam primeiro, e possam ensinar depois seus educandos, a ler as imagens encontradas nos mais diversos ambientes à sua volta. Isto porque a escola não absorveu ainda os sinais mutantes da modernidade e da cultura informacional presentes nos meios de comunicação social.

Por outro lado, conforme observa MORAN (1993:9): citado por Júnior: junho 2002:

“O aluno hoje está ligado profundamente ao pensamento analógico, concreto, visual espacial, dinâmico, de processamento de muitas informações simultaneamente, de compreensão de vários cenários, pontos de vista espaço temporais aos quais responde com a mesma rapidez e polivalência”.

Esse aluno sinestésico encontra uma instituição inercial, acomodada, há séculos, à didática do falar/ditar do mestre ou à utilização moderada de textos impressos ou fotocopiados. Entretanto, as novas tecnologias de comunicação, estruturadas no padrão da linguagem icônica, vêm desestabilizando a instituição escolar e os educadores sentem-se perplexos diante da necessidade de mudanças. Vivendo o mesmo impacto dos mídias que seus alunos, os professores não conseguem superar os métodos verbalistas de ensino, muito menos incorporar em suas práticas pedagógicas as novas linguagens derivadas do uso da imagem.

Essa é a razão porque no quadro educacional vigente não há espaço para a leitura da imagem. A educação formalista pretende o pensamento convergente e a imagem propõe a leitura divergente; as informações ditadas pelos professores, que geralmente trazem uma verdade na palma da mão, são estreitas e absolutas, quase sempre desinteressantes aos alunos, porque refletem apenas o ponto de vista do professor. Ao contrário, a imagem se abre polissemicamente para a interpretação livre, estimula e relativiza, a exemplo do princípio einsteiniano, a situação do observado à óptica do observador, no caso o educando.

⁴⁵ Artigo: Alfabetização para a leitura de imagens: Apontamentos para uma pesquisa

Sem ter a pretensão de promover fórmulas ou de tecer críticas à situação educacional, em tom de alerta, registramos a urgência de se pesquisar o papel e as formas de aplicação da imagem no ensino, de modo a integrar à escola as novas e enriquecedoras experiências do campo da comunicação social.

Até recentemente, o conhecimento fundamentava-se estruturalmente na escrita e na oralidade. Nas últimas décadas, entretanto, além dessas linguagens básicas, que não são deixadas para trás, nem substituídas ou superadas, desenvolve-se, em intercâmbio dialético com elas uma forma de comunicação mais sensorial e multidimensional, alicerçada na influência dominante do signo icônico. A imagem se apresenta como matéria, forma e objeto indutor de conteúdos de conhecimento.

Desse modo, uma alfabetização, visando a leitura de imagens deve passar, primeiramente, por um exercício disciplinador da percepção.

Trata-se de investigar, no campo da psicologia da percepção, métodos adequados de apropriação do conteúdo, a partir de imagens, levando em conta seu forte fator de motivação, e, no campo da metodologia de ensino, encontrar formas pelas quais os alunos e professores possam produzir, eles mesmos, um tipo de conhecimento por meio de técnicas de manipulação de imagens.

Alfabetizar para a leitura de imagens, diz Júnior (:2002), é exercitar uma verdadeira teoria da atenção. Não simplesmente aprender códigos ou chaves hermenêuticas de leitura, que também são necessários e imprescindíveis para a apreciação crítica. Antes porém, é preciso aprender a desenvolver a atenção, a ser perplexo, no sentido de admiração proposto por Aristóteles, pois, hoje muito se observa, mas pouco se vê. Ou, conforme adverte Merleau-Ponty (1971:229), “ a visão não é nada sem um certo uso do olhar”. O sujeito precisa aprender a dirigir e a passear seus olhos como um olhar curioso e não mais feito mão tateante de um cego de nascença. Pois a “fixação do olhar é uma atividade prospectiva”, é necessário que se oriente em direção ao objeto; “é necessário olhar para ver, transformando a visualidade da imagem em visibilidade do olhar humano ” (1971:238) citado por Júnior: junho 2002.

A Segunda questão que deve ocupar o interesse dos educadores é o papel da imagem do ponto de vista cognitivo. Trata-se de pesquisar as tecnologias cognitivas derivadas da percepção de imagens. Suspeita-se que estas implicam novas modalidades de compreensão, na forma de padrões analógicos, de modo diferente da apreensão e compreensão da linguagem lógica da escrita.

Diante da exigência de uma percepção sinestésica, despertada e estimulada pelos meios de comunicação, a escola não sabe responder senão de modo cartesiano. Utiliza ainda métodos de racionalização das informações segundo parâmetros estritamente lingüísticos e não em sintonia com as solicitações do novo ambiente cultural, de forma a atender às expectativas de professores e alunos.

Portanto, há necessidade de se repensar o ensino sobre novas bases epistemológicas, a partir do novo registro cultural fundamentado no padrão icônico, incorporando à educação formal, não apenas como instrumento auxiliar de ensino, e sim como ingrediente estruturador do pensamento, da linguagem e da própria comunicação pedagógica.

Devido a presença ubíqua da imagens nos diversos tipos de relacionamento, marcadamente na atualidade, é preciso alterar para a necessidade de um tratamento mais adequado da imagem no ensino, não apenas como material instrucional e didático, mas como signo e linguagem para o qual o aluno deve ser “alfabetizado”.

Há necessidade de um reordenamento do conteúdo das disciplinas curriculares, sistematizado e organizado segundo o padrão analítico e formal da escrita. A expectativa é de se trabalhar com o conhecimento de maneira globalizada, na forma de um hipertexto, em que o aluno possa fazer as ligações próprias na direção de uma verdadeira e eficaz interdisciplinaridade. A leitura de imagens apropriadas, rica em polissemia, permite uma visão multidisciplinar.

Enfim, à educação formal cabe a tarefa urgente de não repudiar as imagens, de encontrar e desenvolver metodologias de aprendizagem e leitura nessa direção. Para que isso tenha êxito, é preciso que haja por parte de nós educadores, compromisso de rever nossa capacidade de leitura

de imagens e, sem medo e com humildade admitirmos que também estamos aprendendo para ensinar melhor.

3.8 - Avaliação do Caderno da Realidade

Toda a riqueza de dados sobre o Caderno da Realidade, não pode correr o risco de uma avaliação apenas quantitativa, que demonstra através da nota o que o aluno aprendeu, mas deve, sobretudo fazer parte de um processo contínuo, onde os agentes envolvidos (aluno, monitores e família) no processo educativo possam perceber o desenvolvimento do aluno.

Se o Caderno da Realidade propõe um trabalho onde ao aluno busca parte do seu conhecimento através da observação, análise e reflexão, deverá o mesmo ter um processo de avaliação melhor elaborado pelos professores e acima de tudo, ser um processo participativo, onde o aluno e sua família também são partes importantes do processo. Assim o processo de crescimento e amadurecimento intelectual do aluno não serão eliminados por um critério medíocre de erro ou acerto, não poderá também ser uma nota impessoal, a avaliação não poderá se dar dentro de um plano hierárquico, onde o conhecimento pertence ao professor e é reproduzido pelo aluno.

A avaliação do Caderno da Realidade deverá portanto ser um momento em que o aluno perceba que não terá barreiras que o impeçam de alcançar sua autonomia, que as mudanças do meio ocorreram e que ele deverá estar preparado e inserido nesse quadro, deverá ser um processo formativo, onde o aluno tome consciência de como seu comportamento está se modificando em relação aos seus objetivos desejados.

Apresentamos em anexo um roteiro de avaliação para o Caderno da Realidade que acreditamos possa ajudar o aluno a acompanhar seu processo de amadurecimento e construir seu conhecimento. Servirá também para orientar um pouco o trabalho do monitor e dará alguns subsídios aos pais para que possam participar no processo de avaliação, já que no processo educativo da EFA busca-se na ação cotidiana, o princípio básico para a educação.

A participação dos pais, do Conselho Administrativo da EFA, e outros familiares na avaliação periódica do CR, leva-os a tomar consciência do seu papel formativo diante dos jovens.

O Caderno da Realidade é a construção sistematizada da realidade do aluno. Ele deve ser recolhido e avaliado a cada bimestre por todos os monitores. Para avaliá-lo deve-se levar em consideração a: avaliação do aluno; avaliação da família e; a avaliação do monitor.

3.9– Conclusão

Este estudo específico sobre o Caderno da Realidade nos deu a possibilidade de conhecê-lo melhor quanto as suas origens – como foi pensado, estruturado, suas potencialidades e os passos para sua aplicação. Porém os passos, não constituem uma receita. Estes para serem bem aplicados, não se resume no cumprimento de uma seqüência. Cada equipe de formadores na dinâmica do trabalho exigida pela EFA em constante interação com o meio e seus atores, nos insight que essa pedagogia faz emergir, e com o olhar atento, olhar mais profundo, olhar de sentido, é que poderão dizer, dar testemunho: do que, por que, como, quando e com quem (no caso o aluno) foi feito. No empenho e criatividade dos monitores, residirão o sucesso ou não de sua aplicação e utilização.

Contudo, algo tem que está bem presente no cotidiano dessa aplicação: não perder de vista a dimensão integral da formação proposta pela EFA. Esta deve ser nele muito bem retratada; pois como veremos no capítulo a seguir, na problemática: a relação do CR e a Formação Integral, esse instrumento encontra-se fragilizado e necessita de ressignificação, de ser revitalizado.

CAPÍTULO IV

Problemática e Metodologia

Introdução

Neste capítulo será abordado a problemática entre a relação do Caderno da Realidade e a formação Integral; os objetivos desta pesquisa, como também a forma metodológica utilizada no presente estudo, seguida de uma breve caracterização sócio-profissional dos atores que compõem a amostra desta investigação.

4.1 - Problemática: A relação entre o Caderno da Realidade e a formação integral na EFA

A dinâmica da alternância movida por seus instrumentos pedagógicos, faz a formação na EFA acontecer de forma cíclica. Esta formação se dá numa inter-relação e num entrelaçamento sem fronteiras. Aonde começa e termina a formação dada pelos monitores, que é continuada pelos pais e pelo entorno do jovem? - Isso é sinônimo de ligação, de elo, de continuidade na descontinuidade. Onde esbarra os conhecimentos históricos e começa os geográficos, matemáticos, no cotidiano escolar e na vida? - Isso se chama interdisciplinaridade.

As alternâncias na natureza nos dá essa lição de interligação, integração, respeitando ritmo, espaço, condições favoráveis etc. A elaboração, a inter-relação e a associação também passam pelo mesmo processo: o que foi elaborado tem inter-relação com o que? E, por sua vez, esta última nos remete a que, a onde e por que? Esse todo que se encaixa podemos chamar de integralidade, completude, globalidade.

Objetivando uma educação completa onde estivesse relacionadas as diversas áreas do conhecimento e as dimensões da pessoa, foi pensada para as EFAs a Formação Integral do (a) jovem. O dispositivo onde vai está disposto a organização disso tudo chamamos de Plano de Formação. Ele organiza as seqüências realizadas pelo aluno entre meio escolar e meio familiar.

Anteriormente, ele era conhecido como Plano de Curso Orgânico, síntese da política de formação da Escola Família.

Elaborado com base em temas geradores, o Plano de Formação envolve todas as disciplinas ministradas nas séries dos cursos ministrados. Nele, encontram-se elencados de maneira progressiva os componentes curriculares, escolhidos de forma interdisciplinar e com base em temas geradores, de maneira a contemplar os conteúdos mínimos das disciplinas, exigidos pela legislação escolar e presentes nas ementas de cada uma delas. No Plano de Formação consta, ainda, os objetivos de cada tema a ser trabalhado e as atividades a serem desenvolvidas nas sessões no meio escolar e no meio familiar próprias de cada tema de estudo.

É o Plano de Formação que possibilita adaptar o currículo da EFA à realidade de vida dos seus alunos, relacionando os assuntos a serem estudados nos períodos letivos e fundamentando os planos de ensino e de aula. Busca-se, com ele, uma organicidade de conteúdo curricular dos cursos. Tendo como ponto de partida a formulação dos objetivos gerais do curso e objetivos específicos da região, realiza-se um levantamento das questões de interesse dos agricultores que, por sua vez, avança para uma divisão dos temas em unidades de ensino e, por fim, para a programação das sessões escolares. Nesse processo de adaptação do currículo da EFA à realidade de vida dos seus alunos, vários instrumentos metodológicos são conjugados na construção da Pedagogia da Alternância.(Lourdes Helena: 2000).

Dentre esses vários instrumentos da Pedagogia, o Caderno da Realidade se destaca como sendo, um instrumento de grande importância, tanto quanto o Plano de Estudo, ou mais, porque o C.R, é o P.E aprofundado. Ele funciona como um arquivo dos diversos registros que o jovem produz e organiza, quer seja, no espaço escolar, quer seja no meio familiar/sócio-profissional. Portanto, a Formação Integral proposta e trabalhada pela EFA, deveria estar muito bem retratada nesse instrumento; ou seja, a trama interdisciplinar, as dimensões relacionais da pessoa com tudo o que está à sua volta, deveria estar bem visualizada nele. No entanto, o que se observa é que ele está

fragmentado. Vê-se nele partes isoladas em termos de conteúdos, o que denota ausência da interdisciplinaridade; aspectos importantes da vida cotidiana do jovem não revelados; pouca ou quase nenhuma descrição sobre a forma do como o jovem se relaciona com as coisas que fazem parte do seu contexto de vida (animais, propriedade, pessoas, etc). E a uniformidade entre os CRs, pode ser talvez indicador da pouca liberdade de expressão desse jovem.

Tudo isso citado, mais o pouco interesse que se observa por parte de muitos alunos, na produção e organização do CR, e por parte de muitos monitores, na orientação e acompanhamento, levam-nos a constatação de que esse instrumento tão importante,, ao que parece está fragilizado, necessitando de ressignificação. Por isso, a razão desta investigação. Ela vai ser importante, sobretudo para refletirmos sobre a Formação Integral (pensada desde suas origens) oferecida pela EFA, buscando identificar as contribuições que o CR dá nesse processo., e com isso contribuir também se necessário for, para a sua ressignificação.

4.2 - Objetivos

- Pesquisar as denominações do Caderno da Realidade nos diversos Centros Educativos Familiares em Alternância no Brasil e no mundo.
- Identificar as contribuições ou efeitos do Caderno da Realidade na formação integral do aluno;
- Contribuir para uma reflexão sobre a formação integral na EFA;
- Contribuir para uma ressignificação do Caderno Da Realidade nas práticas das EFAs;

4.3 - Metodologia de investigação

Objetivando explicitar os procedimentos metodológicos utilizados para o presente estudo, inicialmente será mencionado o terreno onde acontecerá a pesquisa, a descrição da amostra

selecionada e em seguida os instrumentos de recolha de dados adotados nessa investigação com sua respectiva fundamentação e de uma breve caracterização sócio-profissional dos atores que compõem a amostra desta investigação.

4.3.1 - Terreno:

O terreno de investigação desta pesquisa, é a ETFAB - Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia (EFA de Ensino Médio e Educação Profissional) situada na cidade de Riacho de Santana.

4.3.2 - Amostra:

A amostra deste estudo é constituída por 02 monitores e 06 alunos do 4º ano do Ensino Médio/Profissionalizante da referida EFA que foram escolhidos segundo os seguintes critérios:

Monitores:

- um monitor cujo percurso formativo: fundamental e médio profissional, tenha sido na EFA (ex – aluno) e que, atualmente seja monitor nessa escola lecionando para essa turma;
- outro monitor, que não tenha procedência de EFA, mas, que há muito tempo trabalha nesta escola e também leciona para os referidos alunos. Portanto, alguém que já tenha uma experiência acumulada no trabalho da EFA, que conheça bem a pedagogia adotada.

Alunos:

- Que tenham feito o seu percurso formativo a nível de ensino fundamental e médio/profissional na EFA – Escola Família Agrícola;

- Que fossem 03 do município de Riacho de Santana e 03 de municípios vizinhos mais próximos;
- 03 do sexo masculino e 03 do sexo feminino;
- Que todos tenham guardado seus Cadernos de Realidade do seu percurso formativo a nível de Ensino Médio/Profissional.

Em uma abordagem do tipo qualitativa (a escolhida para este tipo de estudo), normalmente a população estudada é delimitada por uma amostra baseada em pressupostos teóricos e não estatísticos. Este conceito de amostra teórica se refere à escolha consciente e deliberada das pessoas participantes do estudo, segundo critérios de pertinência da pesquisa. O objetivo desta perspectiva de seleção é muito mais no sentido de valorizar a análise dos sujeitos de maneira a obter uma compreensão rica do fenômeno estudado, do que simplesmente chegar a uma generalização estatística dos resultados. Assim, na escolha ou seleção dos entrevistados, utilizou-se a representatividade dos grupos investigados, usualmente designada como amostra intencional. Trata-se de um pequeno número de sujeitos escolhidos intencionalmente em função da relevância que eles apresentam para a questão de estudo(Lourdes Helena: 2000).

Para a escolha desse público não foi difícil porque, em se tratando dos monitores que fazem parte do corpo docente desta EFA, há apenas 01 que é ex – aluno de EFA e se enquadra no critério estabelecido. Trata-se do biólogo Joaquim Alves de Jesus. O outro monitor, é uma mulher, Kátia Cássia de Carvalho, a única que está na EFA desde o início da escola e nela permanece ininterruptamente até hoje. Corresponde também ao critério de escolha.

Em relação aos alunos também não houve muitas complicações para escolhê-los, porque esta EFA trabalha com alunos do município de Riacho de Santana e de outros municípios. A maioria dos seus alunos advém das EFAs de Ensino Fundamental (localizadas em 23 municípios diferentes no estado da Bahia) filiadas à AECOFABA – Associação das Escolas das

Comunidades e Famílias Agrícolas da Bahia, que é mantenedora desta escola técnica. Além desta escola de ensino médio/profissional, há ainda aqui no município de Riacho de Santana, a EFA de Ensino Fundamental (5ª a 8ª série) e alguns colégios no interior do município que também encaminham alunos para essa escola técnica. A turma do 4º ano é composta por 25 alunos, dos quais 10 são do município de Riacho de Santana, e 15 de outros municípios. Assim sendo, para escolher os 03 alunos de municípios mais próximos (vizinhos), foi fácil, porque não existiam mais do que 05. No entanto 02 destes, não tinham seus Cadernos de Realidade completos. Dentre esses três alunos escolhidos, já havia aqui uma moça e dois rapazes. Os demais alunos que ficaram, foram eliminados da seguinte forma: os que não fizeram o seu percurso formativo (a nível de fundamental) na EFA eram em número de 02; 10 eram de municípios mais longes; restando então oito alunos (03mulheres e 05 homens). Destes, as 03 moças tinham os cadernos e 02 rapazes também. Em meio a estes cinco foram sorteadas duas mulheres e um homem.

(Thiollent,1986, citado por Lourdes Helena: 2000), diz que a importância social desses grupos representativos pode ser maior que a representatividade estatística numérica., especialmente quando se busca aprender a representação sociológica e política.

Há princípio foi pensado em escolher os alunos assim: dois que tivessem melhores cadernos, dois com cadernos considerados regulares e dois com cadernos mais fracos. Porém colocando isso para a equipe para ajudar na escolha, eles disseram que todos estavam mais ou menos no mesmo nível e que inclusive, não achavam que estavam tão bons os seus cadernos em relação às turmas que já saíram e até mesmo dos que estão hoje no 3º ano do ensino médio.

4.3.3 - Orientações Teóricas Metodológicas que Orientam a Investigação na Direção da Pesquisa Qualitativa.

Para melhor elucidar o que se busca investigar através deste estudo, foi escolhido como técnica de recolha de dados a entrevista não diretiva a 02 monitores e semi-diretiva a 06 alunos mais

observação livre dos seus Cadernos de Realidade. Esse estudo será feito à luz de uma abordagem qualitativa.

Citado por Lurdes Helena (2000), todo conhecimento pode ser abordado a partir das diferentes perspectivas científicas que representam concepções às vezes diametralmente opostas. No conjunto dessas perspectivas teórico-metodológicas, as abordagens denominadas qualitativas são aquelas que favorecendo uma *démarche* hermenêutica, privilegiam a compreensão e o sentido do fenômeno estudado considerando as intenções, as motivações, as expectativas e as crenças dos atores.

Nesse sentido, a opção metodológica por uma pesquisa qualitativa se justifica pela natureza de nosso objeto de pesquisa e pela perspectiva escolhida para analisá-lo. A relativa novidade das experiências de alternância na formação de jovens no meio rural brasileiro e a ausência de estudos e análises sobre este fenômeno educativo, especialmente no que tange aos seus instrumentos pedagógicos (aqui em destaque o Caderno da Realidade), que faz acontecer a dinâmica da alternância (com o ir e vir do aluno de forma articulada e dialética), leva a favorecer um contexto de descobertas. Assim, a pesquisa qualitativa apresenta-se como a mais apropriada para sondar e apreender este objeto novo ao permitir, mais que medir a sua amplitude, confirmar sua universalidade e revelar suas singularidades.

O aspecto qualitativo da educação advém segundo Triviños (1987), da década de 70 onde na América Latina surge o interesse pelos aspectos qualitativos na educação. Isso porque o ensino sempre se caracterizou pelo destaque de sua realidade qualitativa, apesar de manifestar-se freqüentemente através de medições e quantificações.

O avanço das idéias facilitou o confronto de perspectivas diferentes de entender o real. Frente à atitude tradicional positivista de aplicar ao estudo das ciências humanas os mesmos princípios e métodos das ciências naturais, começaram a elaborar-se programas de tendências qualitativas, para avaliar, por exemplo, o processo educativo, e a propor “alternativas metodológicas” para a pesquisa em educação.

Como é de se esperar, sempre que propostas novas aparecem, sempre há os que aderem incondicionalmente à esta; há também aqueles que resistem.

“Enquanto alguns rejeitaram a medida no ensino por ser absurda, artificial e inútil; outros expressavam que o enfoque qualitativo era, simplesmente, um exercício especulativo sem valor para a ciência”.
(Triviños: 1987)

Felizmente, há ainda os mais ponderados que avaliam os prós e os contras, e da soma dos dois, extrai-se aquilo que realmente importa, interessa.

Analisando as especificidades de uma metodologia qualitativa, Laparrière (1993) citado por (Lurdes Helena: 2000), identifica alguns aspectos que, em comum, caracterizam esta modalidade de investigação: um investimento maior na qualidade da interação entre pesquisador e os sujeitos envolvidos na investigação; uma ênfase numa perspectiva muito mais compreensiva que hipotético-dedutiva, favorecendo assim o estudo dos fenômenos sociais em contexto natural; e uma preferência por instrumentos de pesquisa abertos, de maneira que as categorias e as hipóteses desenvolvam-se indutivamente ao longo das análises que, por sua vez, são realizadas a partir de uma amostra teórica que orienta as investigações em direção à construção das diferentes dimensões do fenômeno.

Esta possibilidade de desvelamento das diferentes dimensões do objeto de estudo, própria da abordagem qualitativa, é ressaltada por Franco (1994) citado por Lurdes Helena (2000) na análise dos pressupostos teóricos básicos que orientam esta perspectiva metodológica:

“ Assentada num modelo dialético de análise, procura identificar as múltiplas facetas de um objeto de pesquisa (...), contrapondo os dados obtidos aos parâmetros mais amplos da sociedade abrangente e analisando-os à luz dos fatores sociais, econômicos, psicológicos, pedagógicos, etc” (Franco, 1994: 153 – 154).

Assumindo, portanto esta concepção metodológica de pesquisa, foi feita a adoção da técnica de entrevista (fundamentada a seguir), seguida de análise dos Cadernos de Realidade como sendo os instrumentos mais apropriados para a recolha de dados informativos necessários ao objeto de estudo.

Vale salientar que a operacionalização da pesquisa se deu em três fases: a primeira coleta de dados de forma aleatória (ou leituras flutuantes dos CRs); em seguida algo mais sistemático e formal (coleta de informações); e por último a análise dos dados.

Para a coleta de dados, foram demandadas várias visitas ao terreno (realidade empírica) e ao referencial teórico. Em ambos os casos, para buscar tanto junto aos atores da alternância (alunos e monitores), pontos de maior explicitações sobre os Cadernos de Realidade, bem como junto aos autores para encontrar contribuições que pudessem enriquecer o estudo como também, as luzes necessárias à interpretação dos dados obtidos.

Para o processo de análise de dados das entrevistas, foram selecionadas as questões semi – abertas para serem analisadas de duas formas: a parte fechada, sob a ótica da quantificação (mensuração), porém dentro da mesma abordagem metodológica qualitativa. E os desdobramentos dessas questões (que se abriram nos porquês, como, de que forma, etc), juntamente com as demais questões, foram analisadas dentro das categorias visíveis para o presente estudo. São elas: Formação, Registro e Avaliação. No caso dos monitores, acrescenta-se a estas, mais uma categoria, a de Utilização.

No entanto, para os Cadernos de Realidade, o procedimento adotado foi de observação livre, a partir dos seguintes elementos: Relação de gênero, Contexto de vida e a relação ensino aprendizagem, Interdisciplinaridade, Uniformidade nos Cadernos de Realidade, Temas abordados e sua progressão, Conteúdos, Ilustrações e O nome do Instrumento -Caderno da Realidade.

4.3.4 - A Operacionalização Propriamente Dita Da Pesquisa Com Seus Respectivos Instrumentos De Pesquisa Que Foram Utilizados Para A Coleta De Dados Informativos.

4.3.4.1- Entrevista.

Para falar desta técnica buscamos primeiramente em William Goode Josiah e Paul K. Hatti (1977), os fundamentos para melhor compreendê-la e também as contribuições de Quivi (1998), Triviños (1987), dentre outros.

De acordo com Goode e Paul, toda entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social comum à conversação.

Como as outras atividades sociais, a entrevista tem várias facetas. Existem vários tipos de entrevistas e suas finalidades são variadas. Entretanto a entrevista pode ser estudada para desenvolver a habilidade. (Goode e Paul: 1977)

Concordando com os autores quanto a essa necessidade de se criar a habilidade necessária para a utilização desta técnica, podemos perceber que não se trata de algo fácil. Depois de realizá-la sempre falamos que: aquelas perguntas feitas, poderiam ter sido melhor elaboradas; por que, que a certa altura quando o entrevistado disse algo não perguntamos isso? É relevante ou não voltar nele de novo para complementar ou elucidar algumas questões? Acharmos pobre o que perguntamos, exploramos pouco a pessoa... Em fim, de fato para trabalhar bem esta técnica é necessário além da habilidade muito exercício, que é uma condição para.

Pode-se afirmar naturalmente segundo Willian Goode: (1977: pp.253 – 257), que cada uma das fases da pesquisa é importante. Erros em qualquer estágio poderão reduzir ou destruir, a validade da investigação. No entanto, em certo sentido a entrevista é a base sobre a qual repousam os outros elementos, pois é a fase de coleta dos dados.

Sua importância é vista também no reconhecimento gradual, na localização e no controle das distorções do entrevistador, pois é realmente um meio ou um instrumento.

A entrevista assumiu grande importância na pesquisa contemporânea, devido à revalidação da entrevista qualitativa, que antes tendia a ter caráter pouco estruturado e mais do tipo de conversação exploratória.

O desenvolvimento de formulários muito estruturados foi considerado uma possível solução para o problema da padronização. Porém para se obter esta padronização, a profundidade era geralmente sacrificada. Por conseguinte, há um movimento a favor das entrevistas qualitativas através do uso de roteiro de entrevista, que exige certos itens de informação sobre cada informante, mas permite ao entrevistador reformular a questão para adequá-la à compreensão do momento. Por outro lado, este método exige um nível mais elevado de qualidade para entrevistar. Quanto maior quantidade de liberdade de ação permitida ao entrevistador, mais necessário é um alto nível de competência.

Segundo Raymond Quivy (1998: pp.192 - 194), a entrevista é semidiretiva quando não é inteiramente aberta nem encaminhada por um grande número de perguntas precisas. Geralmente o investigador dispõe de uma série de perguntas - guias, relativamente abertas, a propósito das quais é imperativo receber uma informação da parte do entrevistado. Mas não colocará necessariamente todas as perguntas pela ordem em que as anotou e sob a formulação prevista. Tanto quanto possível, <deixará andar> o entrevistado para que este possa falar abertamente, com as palavras que desejar e pela ordem que lhe convier. O investigador esforçar-se-á simplesmente por reencaminhar a entrevista para os objetivos cada vez que o entrevistado dele se afastar e por colocar as perguntas as quais o entrevistado não chega por si só próprio no momento mais apropriado e de forma tão natural quanto possível.

A postura do entrevistador descrita por Quivy, foi adotada na entrevista com os monitores a qual foi gravada e orientada por um roteiro que fora seguido de forma aleatória. Porém, com os alunos (os primeiros entrevistados) apesar de tê-los entrevistados individualmente, o entrevistador foi anotando tudo, ficou parecendo mais um questionário. Isso aconteceu devido a

falta de experiência. Primeiramente pensou-se que conseguiria dar conta de anotar a fala de cada um. De fato isso aconteceu, no entanto, algumas reticências, preocupações, dúvidas, vibrações, não se pode omitir, que não foi possível registrar..

4.3.4.2- Observação Livre dos Cadernos de Realidade.

Essa técnica a exemplo da entrevista semi diretiva, é mais uma técnica que privilegia a pesquisa qualitativa, defendida por Triviños (1987: p.152) Segundo esse autor, “Observar”, naturalmente, não é simplesmente olhar. Observar é destacar de um conjunto (objetos, pessoas, animais, etc.). algo especificamente, prestando, por exemplo, atenção em suas características (cor, tamanho etc). Observar um “fenômeno social” significa, em primeiro lugar, que determinado evento social, simples ou complexo, tenha sido abstratamente separado de seu contexto para que, em sua dimensão singular, seja estudado em seus atos, atividades, significados, relações etc. Individualizam-se ou agrupam-se os fenômenos dentro de uma realidade que é indivisível, essencialmente para descobrir seus aspectos aparentiais e mais profundos, até captar, se for possível, sua essência numa perspectiva específica e ampla, ao mesmo tempo, de contradições, dinamismos, de relações, etc.

A observação pode ser estruturada ou padronizada. Este tipo de observação é usado na pesquisa qualitativa quando se deseja colocar em relevo a existência, a possibilidade de existência, de algum ou alguns traços específicos do fenômeno que se estuda, buscando a verificação de hipóteses.

A escolha do método qualitativo, de forma especial é o mais adequado de acordo com a técnica de recolha de dados selecionada, porque permitirá analisar o CR, mais profundamente, no sentido de alcançar os objetivos propostos; dentre eles, o de identificar as eventuais contribuições deste para a formação Integral do Jovem nas EFA., através do confronto da análise deste, com as experiências de monitores e alunos, que o tem como ferramenta de estudo para melhor registrar e entender a realidade nas quais esses atores se inserem.

Realidade marcada, sobretudo pelas diversas formas de reconstituição do vivido (possibilitada por esse instrumento de registro) em tempos e espaços diferentes, que o autor dessa pesquisa tentará compreendê-la melhor, à luz das leituras que fará sobretudo na interlocução com cada um desses atores.

A elaboração de uma síntese das entrevistas tanto dos alunos quanto dos monitores foi um procedimento adotado para melhor encontrar as categorias: Formação, Registro e Avaliação, (para os monitores, com acréscimo de mais uma, a utilização), para realizar a análise de dados.

Em relação aos Cadernos de realidade, segundo a técnica da observação livre, o que emergiu explicitamente foram as seguintes categorias: Relação de Gênero; Contexto de Vida e a Relação Ensino aprendizagem; Interdisciplinaridade; Uniformidade dos CRs; Temas Abordados e sua Progressão; Ilustrações; Conteúdos; e o Nome do Instrumento – Caderno da Realidade.

4.4 - Caracterização Sócio-Profissional dos Atores (Alunos e Monitores) da Escola Técnica da Família Agrícola a Bahia.

Nesta seção apresentamos as características gerais dos alunos e monitores da EFA de Riacho de Santana que integraram a esta pesquisa.

4.4.1 – Caracterização dos alunos

A Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia, tem um total de 160 alunos distribuídos em 06 turmas funcionando em alternância quinzenal e em tempo integral. O Curso oferecido é Ensino Médio e Educação Profissional na área da Agropecuária.

Na sua maioria os alunos são filhos de pequenos proprietários e alguns de trabalhadores rurais que, na sua heterogeneidade englobam as categorias meeiros e diaristas.

Os Alunos - Tornam – se sujeitos de sua própria história através da descoberta da sua realidade, graças ao Plano de Estudo e Caderno da Realidade; fazem – se animadores (líderes) e, participam do desenvolvimento sócio-político-econômico-religioso da comunidade. Como executores do Plano de estudo, são pesquisadores rurais em fase de formação. (Proposta Pedagógica 2000)

Os elementos desta caracterização se restringe à amostra pesquisada e compreendem tanto o conjunto de dados pessoais dos alunos entrevistados, reagrupados por sexo, idade, série cursada, tempo de estudo na Escola Família Agrícola quanto de algumas informações sobre as suas famílias.

QUADRO 4.4.1.1 – Características Pessoais dos Alunos

Categorias	Nº de Entrevistados	% Entrevistados
Sexo		
Feminino	03	50 %
Masculino	03	50 %
Idade		
20 – 21 anos	02	33,3%
22 – 23 anos	02	33,3%
28 – 29 anos	02	33,3%
Série em Curso		
4º Ano do Ensino Médio Profissionalizante	06	100%
Tempo de Estudo na EFA		
08 anos	06	100%
Profissão dos Pais		
Agricultores Rurais/Proprietário	06	100%

Conforme os dados acima, 50% da amostra entrevistada foi composta por jovens do sexo feminino e 50% dos jovens do sexo masculino. Essa composição foi intencional levando-se em consideração a relação de gênero.

A idade dos alunos entrevistados encontra-se na faixa que varia dos 20 a 29 anos sendo que a média entre eles é de 20 a 23 anos. 100 % desses alunos tiveram o seu percurso formativo: Ensino fundamental (5ª a 8ª séries) e Ensino Médio/Profissionalizante na EFA.

Todos os alunos são oriundos do meio rural e filhos de pequenos proprietários que praticam a agricultura familiar. Junto com seus familiares desenvolvem as atividades agropecuárias numa área correspondente a 15 hectares cada um.

No geral, o nível de escolaridade dos pais desses alunos situa-se nas duas primeiras séries iniciais do ensino fundamental. Isso confirma a grave problemática da escola no meio rural, onde a maioria da população camponesa sofre uma marginalização do processo de escolarização básica.

4.4.2 – Caracterização dos Monitores

A Escola Técnica da Família Agrícola da Bahia – ETFAB, tem no seu conjunto 09 docentes sendo 05 monitores (professores que residem e permanecem o tempo todo na escola) e 04 professores (que só vem à EFA ministrar suas aulas). Desse público, dois monitores compõem a amostra dessa pesquisa.

Esses monitores que compõem a amostra, são professores de diferentes áreas de formação, conforme perfil sócio-profissional ilustrado no quadro abaixo que compreendem tanto as suas características pessoais, reagrupados segundo a idade, o sexo, a formação de base e o mais alto diploma obtido.

QUADRO 4.4.2.1 – Características Pessoais dos Monitores

Categorias	Nº de Entrevistados	% Entrevistados
Sexo		
Feminino	01	50 %
Masculino	01	50 %
Idade		
43 anos	02	100%
43 anos		
Nível de Formação		
Formação Universitária em:	02	100%
Biologia		
Letras		
Tempo de Trab. na EFA		
15 anos	01	50%
14 anos	01	50%

Conforme ilustrado no quadro 4.4.2.1, o número de monitores da EFA de Ensino Médio e educação Profissional que integra a esta investigação são em número de dois, sendo um do sexo feminino e o outro do sexo masculino. O primeiro com formação profissional em Biologia e o segundo licenciado em Letras, ambos com quarenta e três anos de idade.

A despeito de suas formações específicas, os referidos monitores participam dos encontros de formação continuada promovido pelo regional em duas etapas anuais nos meses de fevereiro e julho com duração de uma semana cada. Participam ainda de cursos e encontros externos que surgem na região ou estado, além de expressarem o desejo pela continuidade da formação, seja buscando autoformar-se, como também pleiteando outras especializações.

O tempo de experiência no magistério desses monitores varia de quinze a vinte e cinco anos. Porém na EFA, aproximadamente quinze anos.

Esses monitores conhecem bem a Pedagogia da Alternância, apesar de não terem feito Formação em alternância (atualmente esta é feita com dois anos de preparação).

No momento atual a remuneração desses monitores é de cinco salários mínimos mensais. Vale à pena salientar que além das disciplinas ministradas, é da função do monitor se responsabilizar por uma série de atividades, como acompanhamento da vida em grupo dos alunos, orientando suas atividades de lazer e recreação, o acompanhamento específico a cada turma (rodízio) no qual sua responsabilidade é organizar os Planos de Estudos, Cadernos de realidade, Caderno de Acompanhamento, estágios, Projeto profissional, preparar e motivar o aluno para a sua realização, resolver os problemas de turmas, orientar os alunos, visitar as famílias etc.

Além disso, uma vez por semana também assume o papel de responsável do dia, acompanhando todos os alunos desde o momento que eles acordam até o momento em que dormem. E tem ainda a responsabilidade dos finais de semana que é feito em rodízio.

Os Monitores – *acompanham a evolução individual do jovem, não como fornecedor de conhecimentos, porém como orientador-técnico; não dirige,*

participa; não comanda, não ensina, aprende com os alunos, buscando relacionar os fatos entre si, da descoberta na vida e no ensino, na compreensão crítica das implicações da assistência técnica. No Plano de estudo age como motivador, orientador e facilitador desse processo de aprendizagem e capacitação. (Proposta Pedagógica: 2000)

Para além dessas tarefas, os monitores assumem ainda algumas funções na manutenção e organização da administração da EFA, como a responsabilidade de determinados setores da propriedade, da contabilidade, da secretaria, assim como da coordenação geral da propriedade e da coordenação pedagógica.

Lembramos também que nas 5ª feiras, o monitor também acompanha os alunos por 30 a 40 minutos numa corrente de oração entre as EFAs do regional AECOFABA- Bahia, rezando pela paz no mundo.

Aos domingos, o monitor responsável também assiste junto com a turma de alunos o Globo Rural e à noite à Santa Missa (deixando-lhes evidentemente, a liberdade de expressão religiosa).

4.5 - Conclusão

Neste capítulo fora descrito a problemática entre o Caderno da Realidade e a Formação Integral, ficando claro a importância desta investigação no sentido de resgatar o CR, enquanto instrumento potencializador desse tipo de formação resignificando-o.

Foi dito ainda os objetivos do presente estudo com destaque na parte metodológica da abordagem qualitativa para a análise e tratamento dos dados depois de se dizer como se processa a seleção da amostra e os instrumentos de recolha de dados utilizados. Feito isso, o passo seguinte será o da análise dos dados que veremos no próximo capítulo.

CAPÍTULO V

Os Jovens e os seus Cadernos de Realidade

Introdução

O presente capítulo trata da análise do percurso formativo dos jovens, das entrevistas aos monitores e alunos, como também, dos cadernos da realidade.

5.1- Análise o Percurso Formativo de 06 Jovens com Base no Caderno da Realidade.

1 – Aluna A – tem 29 anos, e reside na Fazenda Paul município de Igaporã – Bahia e é filha de pequenos agricultores tendo como pai o senhor Joaquim Lopes de Souza e como mãe a senhora Maria Francisca Sales.

É calma, introvertida, pacata, não tem muita paixão nem por estudos nem por participar em grupos. Mesmo assim, ainda que não ativamente, participa da vida em comunidade.

Como outras jovens da EFA, gosta muito também de cozinhar. Por essa razão fez questão de realizar estágios em restaurante. Além desse referido estágio, também fez outros como: bovinocultura de corte, cultivo de bananas, e casa comercial especializada na venda de produtos veterinários. Atualmente, concluiu o curso de computação. Como é um pouco fraca em conteúdos, seu rendimento escolar está em média **seis e meio**.

2 –Aluno B - tem 23 anos, mora na comunidade de Riacho Fundo município de Licínio de Almeida é filho de pequenos agricultores tendo como pai o senhor João André de Oliveira Sobrinho e como mãe a senhora Anedita de Jesus Oliveira

Cursou o ensino fundamental no mesmo município onde mora, sendo o primário (1ª a 4ª série numa escola municipal de sua comunidade e de 5ª a 8ª série na Escola Família Agrícola.

Depois que concluiu o Ensino Fundamental, ficou 5 anos sem estudar porque precisava trabalhar assumindo o papel de chefe de família, porque o seu pai já havia falecido. Nesta ocasião passou um período trabalhando em Minas Gerais, onde teve a oportunidade de juntar algumas economias, que lhe desse a chance de ousar fazer um 2º grau.

Apesar da distância, 200 km de seu município, optou em continuar seus estudos na EFA de Ensino Médio /Profissionalizante de Riacho de Santana onde atualmente cursa o último ano do curso Técnico em Agropecuária, porque era essa a sua vontade, e coincidentemente foi também contemplado no sorteio entre outros interessados à essa vaga que por sinal era limitada.

No perfil desse jovem merece destaque a sua vontade de aprender continuamente pois paralelamente ao curso que está fazendo, médio / profissional, vários são os certificados de participação em cursos diversos, encontrados no seu Caderno de Realidade como por exemplo: Dia de campo sobre o cultivo da mandioca (CAR – Companhia de Ação Regional); Planejamento Estratégico de Desenvolvimento Municipal (PRODER/SEBRAE); Curso de Extensão “O Prazer do Texto” - leitura e produção realizado sob forma de estágio supervisionado (Universidade do Estado da Bahia); Iniciação em Apicultura (Curso oferecido pela própria EFA); I Jornada do Produtor Rural (Pró- Gavião – Governo do Estado da Bahia); Mini cursos de Fabricação de Derivados do Leite (SEAGRI – Governo do Estado); Cooperativismo (SEBRAE); Técnicas de Vendas SEBRAE); ... etc.

Esteve presente também em São Paulo – Memorial da América Latina, para discutir sobre as diretrizes do PNDRS - Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável.

Além desse itinerário de formação, há também uma busca de aprender mais através dos estágios que realizou em alambiques, sindicatos, propriedades (parte agrícola e animal).

Esse jovem possui uma propriedade familiar de 15 há (quinze hectare), onde com sua mãe e irmãos desenvolvem atividades agrícola e criam animais de pequeno porte.

O mesmo tem como aspiração, revelado no seu projeto profissional, desenvolver a horticultura orgânica para ajudar na melhoria da renda familiar e gerar seu (auto) e outros empregos. Além disso, tem também vontade de cursar uma faculdade, mas, segundo ele se vê sem perspectivas financeiras de poder concretizar isso. Este jovem tem forte engajamento a área social.

Enfim, em termos de rendimento da aprendizagem, tem como média **oito e meio**.

3 – Aluno C – tem 20 anos, é do município de Guajeru– Bahia e é filho de pequenos agricultores tendo como pai o senhor João Rodrigues Primo e como mãe a senhora Lurdes Alves de O. Primo

Cursou o ensino fundamental (5ª a 8ª série) no município de Caculé, na Escola Família Agrícola, de onde obteve muito incentivo para que cursasse o segundo grau técnico.

Segundo seus monitores é um jovem bom de conteúdo, interessado na aprendizagem, pensa muito no domínio da parte técnica (área em que tem realizado vários estágios: horticultura, caprinocultura, banana, uva, pinha, coco, frango de corte, etc) e também em ganhar dinheiro através da conquista do seu auto emprego, pondo em execução o seu projeto profissional.

Esse jovem também é de forte engajamento na comunidade onde mora. Participa da associação comunitária, grupo de jovens e CEBEs – Comunidade Eclesial de Base. Seu rendimento da aprendizagem é satisfatório alcançando média **nove**.

4 – Aluna D - tem 22 anos, é do município de Riacho de Santana – Bahia, Comunidade do Barreiro Vermelho e é filha de pequenos agricultores tendo como pai o senhor Waldemar J. de Oliveira (já falecido) e como mãe a senhora Maria da Glória.

Esta jovem é uma líder. Inclusive de forte personalidade. Na comunidade participa ativamente de tudo.

Tem uma vida difícil como agricultora ao lado de sua mãe. Com essa idade, é a segunda filha mais velha do casal. A primeira já é casada. Por ser uma das filhas mais velhas, sobre seus ombros pesa a responsabilidades pelos irmãos mais novos (6 irmãos).

Apesar de ter um rendimento regular (tendo como média, **sete e meio**), é interessada na aprendizagem e durante o seu percurso formativo já realizou os seguintes estágios: Bovinocultura de leite, Bovinocultura de corte Inseminação artificial, Suinocultura, Agro verde - Casa comercial especializada na venda de produtos veterinários, fábrica de rapadura etc.

5 – Aluna - E tem 28 anos, é do município de Riacho de Santana – Bahia e é filha de pequenos agricultores tendo como pai o senhor José Bispo do Carmo e como mãe a senhora Maria Ribeiro de Araújo.

Cursou o ensino fundamental (1ª a 4ª série), na comunidade de Sítio Novo e (5ª a 8ª série), na Escola Família Agrícola, ambos no mesmo município: Riacho de Santana .

Esta jovem ajuda seus pais na roça, mas não gosta muito da parte agrícola. Gosta de trabalhar com animais de pequeno porte (ovelhas, galinhas etc.) Porém o seu forte mesmo é artesanato e culinária. Inclusive se tivesse um curso técnico nesta área, teria feito essa opção ao invés do curso técnico em agropecuária.

É uma jovem extrovertida, fácil de fazer amizades e com engajamento na comunidade, onde ajuda ativamente na celebração do culto, na associação comunitária e no grupo de jovens.

O seu projeto profissional é sobre a bovinocultura (inclusive fez um dos estágios nesta área), mas, pensa também em fazer um investimento num raça melhorada de galinhas.

Tem como projeto trabalhar e continuar os estudos (fazer uma faculdade), desde que não tenha que se afastar de sua família.

Sempre que tem possibilidades, gosta de participar de cursos diversos para melhor aperfeiçoar-se. Já participou de curso de apicultura, seminário juvenil, retiros de espiritualidade, cursos de produção de textos (com assessoria de universidade), bordado, crochê, realizou estágios em propriedade, especificamente na área de bananas, em lanchonetes, restaurantes e sempre que tem oportunidade, vai pra cozinha executar receitas de bolos, tortas, doces e de alimentação alternativa etc.

O rendimento da aprendizagem desta aluna, segundo seus monitores está em média, **sete**.

6 – Aluno F - tem 21 anos, é do município de Riacho de Santana – Bahia, Comunidade do Barreiro de Bom Sucesso e é filho de pequenos agricultores tendo como pai o senhor Valdivino José de Oliveira e como mãe a senhora Amélia Fernandes de Moura.

Na comunidade ajuda na celebração do culto, animação de grupo de jovens e faz parte da associação comunitária.

Já fez alguns cursos como: Apicultura (pela EFA); Produção de textos, (Universidade); Inseminação Artificial – ADAB (Associação de desenvolvimento Agropecuário da Bahia); Capacitação de mão de Obras – EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário). E realizou estágios em: oficina mecânica (de motos); bovinocultura de leite, cultivo de – pinhas, banana e coco.

O seu projeto profissional é sobre a Horticultura Orgânica e pensa em comercializar na própria região. Antes mesmo de vir estudar na EFA, já pensava sobre isso. Com a formação adquirida nesta e com o seu apoio, espera dentre em breve concretizá-lo. Para isso, tem já uma propriedade de 15 ha (quinze hectare) e contará com a ajuda de seus familiares.

O referido aluno pensa em continuar os estudos; se possível na área de veterinária. Ele é um jovem extrovertido, amigável, porem faz questão de dizer que seus amigos são selecionados. Escolhe bem os amigos com quem se envolve. Diz ser muito preocupado com a família,

sobretudo por ter sete irmãos sendo ele o mais velho. Além do que já fora dito, gosta de festas e não é muito amante de esportes. Seu rendimento de aprendizagem está em média **sete**.

5.2- Análise das entrevistas

As categorias que melhor ilustram as falas dos alunos nas entrevistas foram: Formação, Registro e Avaliação. A categoria formação foi desdobrada, devido a afirmação dos alunos que, o Caderno da Realidade, muito contribui para os diversos tipos de formação. Sendo assim, as formações, abaixo mencionadas, são as que se destacaram na entrevista com os mesmos. São elas:

Formação Humana Espiritual - Ela se dá, através da aquisição de conhecimentos, que lhes proporcionaram a adoção de posturas, no sentido de saberem conviver e relacionar em sociedade, tendo um comportamento sadio e sabendo respeitar a todos. Dá-se ainda, através das reflexões matinais feitas na EFA, dando-lhes base para tornarem-se animadores de grupo de jovens, CEBs, pastorais, etc; também, a terem mais amor a Deus, a entenderem melhor a sua palavra, participarem mais da igreja indo as missas; da comunidade marcando presença ativa nos cultos, nas rezas comunitárias e nos grupos de jovens. Aprenderam também a partilhar o que sabem com outros, e a ajudarem mais a sua comunidade, trabalhando por ela, sem descuidar da parte espiritual. Isso, mais como necessidade, do que como tradição.

Num sistema educativo como a EFA, onde o jovem tem relação direta com o atuar, é favorecida a reflexão e motivada sua atenção. Toda reflexão supõe: referência a um sistema de valores, núcleo de toda conduta. Isso significa que a reflexão sobre qualquer aspecto refletido: vida interna, social, política, deverá acompanhar-se de uma reflexão sobre os valores.

Na verdade – hoje mais do que nunca será necessário formar os jovens no valor da verdade e, nesse sentido a área educativa não pode omitir a dimensão espiritual que muito poderá ajuda-la. Esta, ao lado da religião específica que se professe, forma parte essencial da natureza humana.

Omitir esta dimensão espiritual implicará marginalizar um aspecto essencial da pessoa humana⁴⁶.

Alimentar a espiritualidade é, segundo Boff (1993), citado por Maria Cândida Moraes, cuidar do espaço interior, no qual todas as coisas se ligam e religam, superar compartimentos estanques e vivenciar as novas realidades, perceber que existe algo além daquela realidade, uma Última Realidade, conhecida pelo nome de Deus. Um Deus que está no coração do universo e, ao mesmo tempo, dentro de cada um.

Uma espiritualidade de que reconhece a presença de Deus em todas as coisas, que O encontra em cada ser, em cada árvore, na terra, no fogo, no vento, no sol e na chuva, que nos leva a uma confraternização universal, a tratar as coisas com ternura, com profundo respeito e veneração. Uma espiritualidade que ensine a viver em paz e harmonia.

Formação Ecológica - Nesse tipo de formação, o CR ajudou com a formação da consciência de não destruir a natureza, respeitando o meio ambiente, aprendendo a conviver com ele, amando mais a ecologia, e sobretudo posicionando em sua defesa no sentido de não desmatar, evitar as queimadas, principalmente do carvão vegetal, não poluir (o ar, a terra, a água), não matar os animais e, cuidar do destino do lixo e da adoção do uso de tecnologias de conservação do solo, a exemplo, da locação da curva de nível.

“A percepção ecológica coloca questões profundas ao reforçar as relações existentes entre o indivíduo e a sua realidade, o seu contexto, a sua relação com o mundo da natureza, com a comunidade onde vive e a cultura na qual está imerso. Ela é profundamente questionadora ao abordar questões a respeito de nossa relação com a natureza, com os outros, com a própria vida. Traz, em si, uma mudança de paradigma, uma nova mentalidade de abertura, uma distinta sensibilidade, maior flexibilidade e pluralismo, vai muito além da ciência e, do nível mais profundo, conduz à consciência espiritual de

⁴⁶ (APEFA:1974)

nosso encaixamento no cosmo, no qual estamos todos interligados e interdependentes”. (MORAES: 1999: 175)

É, pois, dever de todos, num contexto marcado pela crescente interdependência dos povos e pela globalização dos problemas, avaliar os riscos e organizar-se de modo a afastá-los. Cada um tomar consciência de si próprio e do meio ambiente que o rodeia, e a desempenhar o papel social que lhe cabe enquanto trabalhador e cidadão.

Para isso é preciso que a escola não só prepare seus alunos para a cidadania mas, que possibilite que nela se viva essa cidadania; na compreensão da realidade, no exercício da liberdade e da responsabilidade, na atenção e no interesse pelo outro, no respeito pela diversidade, na correta tomada de decisões, no comprometimento com as condições de desenvolvimento humano, social e ambiental.

Formação Técnica - A contribuição do CR foi especialmente num processo de reflexão sobre a realidade na qual eles se inserem, no sentido de aprenderem a conviver no semi – árido, adquirindo a consciência da escolha de plantas e animais que melhor se adaptam ao clima, tratando melhor o pequeno rebanho através da reserva de alimentos nos períodos críticos de seca, fazendo uso do silo e feno. Tudo isso, conseqüentemente, tem ajudado na melhoria da propriedade como um todo.

Formação Política – Social - Contribuiu para a descoberta da consciência crítica, mediante o aprofundamento de temas (da realidade); de práticas e; de cursos; favorecendo o desenvolvimento da capacidade de ler a realidade e a interpretar os fatos; e também, pela associação e prática do aprendido. Ex: um dos alunos relata que, estando na EFA, num processo de reflexão sobre o tema organização, imagina como essa organização acontece, ou deve acontecer na sua família e comunidade. E ainda, fazendo comparações no tempo e espaço. Essa comparação mediante o que foi registrado, segundo (WARSCHAUER:1993: 63):

Permite que vejamos a historicidade do processo de construção dos conhecimentos, porque ilumina a história vivida e auxilia a criação do novo a partir do velho. Oferece segurança porque relembra as dificuldades

anteriores e a superação, dando coragem para enfrentar novos desafios e dificuldades, que como as anteriores, poderão ser superadas.

Além disso, no processo de aplicação e discussão da pesquisa do P.E., as interações com seus patrícios, possibilita o surgimento de novos aprendizados, tanto no sentido do relacionamento, como também pela troca de conhecimentos.

Vale salientar, conforme (Larbet,1992:147), que em pedagogia a emergência do sujeito se manifesta pelo fato de ser o aprendente, o ator principal da construção dos conhecimentos. Isso ocorre por meio da mediação e contexto em que vive (interações diversas).

Formação Profissional - Segundo os alunos, uma das formas do CR contribuir para a descoberta da vocação profissional, se dá através dos temas de P.E.s (Planos de Estudos) trabalhados. O aprofundamento destes temas, amplia a realidade do aluno (sua visão de mundo), fazendo com que o mesmo veja o que nele existe, e que possibilidades tem para si. E mais, através das práticas realizadas, estágios, questionamentos levantados, reflexões tecidas, e através do projeto profissional.

No contexto da prática reflexiva, insere-se o pensar sobre o que faz, a busca de sentido do fazer. Esse pensar, faz evidenciar as limitações nessa ação. Dentro dessas limitações encontra-se a necessidade de outros para ajudar a superá-las ou entendê-las. Esse outro que se insere nesse contexto de compreensão da práxis é um parceiro do ato formativo.

A prática não é somente produção e trabalho, ela é relação ativa ao mundo humanizado, valorizando, portanto, as práticas dos outros e suas aspirações.
(Philippe Carré 1997:20 – 4).

É muito importante debruçar-se de forma reflexiva sobre a prática e pensar o que foi possível ou o que é passível de se transformar a partir dela. Dentro dessa transformação, subjaz todas as inter-relações estabelecidas, de forma especial a humana. Acreditamos que nessa reflexão, vamos entender o seu valor, considerando nossos gestos, nosso falar, nossas atitudes se são reveladoras

do nosso modo de coexistir nesse mundo, concebido como um espaço de pertença, de sentir-se parte.

Aspectos relevantes da formação integral trabalhados na EFA.

Foi solicitado aos alunos que indicassem numa escala de importância (de 01 a 05) o valor atribuído à Formação Integral (tendo como alternativas os aspectos: intelectual, Moral, Esp/religioso, Técnico, Ético, Ecológico, Pessoal, Desportivo, Cultural, profissional) que recebe na EFA. O resultado, classificado como sendo 01 (Ótimo), 02 (muito bom), 03 (Bom), 04 (Regular), 05 (Fraco), 06 (Muito Fraco), ficou assim: 1º lugar (Ótimo) – Aspectos: Ético e Ecológico; 2º lugar (muito bom) – Aspecto: Pessoal; 3º lugar (Bom), – Aspectos: Moral, Espiritual/Religioso, Profissional; 4º lugar (Regular), – Aspectos: Intelectual e Técnico; 5º lugar (Fraco), – Aspecto: Cultural; 6º lugar (Muito Fraco), – Aspecto: Desportivo.

Dentro dos aspectos abordados, merece destaque analisar o aspecto desportivo e cultural como sendo algo fraco e muito fraco na EFA, no sentido tecermos uma reflexão nesse sentido. Numa escola de internato, com alunos adolescentes e jovens, cheios de energia, onde os mesmos fazem as alternâncias a cada quinze dias, esse aspecto carece de ser melhor trabalhado. O que pensa e o que fazem os jovens nos tempos livres e até mesmo onde estão as atividades educativas lúdicas tipo: gincanas, campeonatos, baralhos e dominós educativos, xadrez, os resgates da cultura local – folclore, festas diversas, comemoradas ao longo do ano?

O lúdico, as brincadeiras, o cultural, o esportivo... traz alegria pra alma e motiva o jovem para o trabalho e estudo, despertando nele o interesse para os diversos aspectos. Nesse sentido, a EFA deve considerar esse resultado como uma ajuda para implementar ações práticas no sentido de melhoria desses aspectos.

Gaston Pineau (1991: 29-30) citado por Cecília Warschauer(2001:p.136), diz que:

A escola é um ambiente formativo na medida em que é um espaço onde se dão partilhas e a circulação de recursos culturais, os quais contribuem para

essa construção de sentidos. Nesse contexto, o papel do educador não é o de transmissor de conhecimentos, simplesmente, mas o de mediador e articulador dos pontos de vista, das negociações pessoais e diálogos com a cultura.

A Pedagogia tradicional, conforme afirma Warschauer, ao privilegiar o lógico – racional e entender que aprender é uma amarga obrigação, tende a excluir a alegria. Isso decorre de perspectiva ocidental cristã que associa o sofrimento à purificação, desconsiderando o prazer, o riso e o humor como constitutivos da aprendizagem e da vida.

Na pedagogia do novo paradigma os antagonismos se integram: seriedade alegria não se exclui. Excluir a alegria na escola é correr o risco de deteriorar a alegria de viver.

Segundo Alicia Fernández (1996)⁴⁷ citada por Cecília Warschauer (2001), a alegria não é o contrário da tristeza, mas é o contrário de aborrecimento que em espanhol significa: aburrirse, aborrecer-se, chater-se e liga à idéia de emburrecimento

Registro – O Caderno da Realidade, por ser, segundo os alunos, uma pasta onde se coloca nele seus registros (PÉs, ilustrações...), ajuda a reconstruir sua história através deles; pois ele constitui um relato, uma ata, de toda a sua vida, vivida na escola, na família e comunidade. Ele é como se fosse a identidade do aluno na EFA. A realidade deles, que é esquecida pelos livros didáticos, é pelo CR resgatada na escola.

Esse registro, contribui para a sua formação, mediante a melhoria da escrita, da redação, leitura e interpretação do que lêem, pelo despertar para a busca da pesquisa, pelo desenho que foi uma habilidade adquirida na EFA e outros conhecimentos. Segundo os mesmos, é visível a diferença em termos de caligrafia, dos desenhos, da visão crítica... do início, até esta etapa final do seu ciclo de formação.

Alguns desses alunos expressaram o gosto de organizar o CR, porque é um documentário que poderá ajuda-los no futuro. Contudo, encarar isso é um desafio. Desafio de trazer essa realidade

para um caderno através de desenhos e outras formas de ilustrações, e conseguir representá-la. Sobretudo, para aqueles que têm dificuldades para desenhar, por acharem que o desenho é importante nesse processo.

“Mesmo se não temos o controle de todos os acontecimentos que fazem uma existência, nós podemos nos instituir como ator-autor do sentido e das lições que tiramos de nossas experiências”. Christine Josso, citada por Warschauer (2001:p.345).

Somos sujeitos do nosso próprio processo, portanto ator-autor. Ser alguém, fazer algo. A história se inscreve com um sujeito que entra em cena e desempenha um papel. Aqui ele se faz, refaz e, portanto transforma-se.

Cada vez que a pessoa reflete, ela se transforma. Como também, na medida em que concretiza algo, a tendência é transformar. Quando a pessoa toma consciência de sua história torna-se capaz de reescrevê-la, e de recriá-la.

Avaliação – “ *Se parar com o Caderno da Realidade, impede o nosso crescimento*” Aluno F.

Com isso, dá pra perceber que, mesmo o CR tendo suas fragilidades, os alunos reconhecem nele seu valor. Todos, com exceção de uma aluna que pensa, que se tirá-lo não faz falta.

Porém, mesmo essa aluna, comungando com o que pensam os outros, avaliam-no como sendo algo bom, porque faz o aluno buscar sua realidade para próximo de si e pesquisá-la; e a partir daí, enxergar também outras mais distantes. Fora dito também, que através dele, aprenderam que o estudo não se resume só na escola, e o que aprendeu nesta, deve-se levar para a família e comunidade.

No processo de produção desse caderno, simultaneamente, acontece uma auto - avaliação do aluno, ele avalia sua forma de fazer e se estar fazendo certo. Ao mesmo tempo, percebe-se que

⁴⁷ Psicopedagoga Argentina

ele traz algumas dicas/pistas do que fazer, e do como fazer dando - lhes possibilidades de realizar as mudanças necessárias.

Ele favorece o conhecimento pessoal do aluno (conhecimento de si mesmo), como também, propicia o confronto dos seus conhecimentos adquiridos, com os de outros.

Um ponto importante que um dos alunos levanta, é que, antes achava que o CR era coisa da escola, que queria saber coisa da família “da gente”, depois descobriu, que ele ajuda é a si mesmo. O mesmo aluno coloca ainda, que o Caderno da Realidade ajuda no sentido de refletir sobre o que aprende (tomada de consciência), se reportando a um estágio ou fase anterior em que, sobre determinado assunto, ou tema visto, sabe dizer o que ele não sabia e, que portanto, não fazia. Dá exemplo de temas técnicos, como conservação do solo, que provavelmente provocou-lhe essa reflexão. Segundo ele, isso ajuda a valorizar as novas aprendizagens.

O ponto de maior integração nesse sentido, é a estadia com o estudo que comporta: exercícios dos conhecimentos e atitudes adquiridas, necessidade de aquisição de novos conhecimentos e atitudes para informar-se ou produzir informações, raciocinar e criticar, implicar-se (envolver) física e afetivamente.

Para que isso aconteça a formação de uma mentalidade de mudança se faz necessária. Para isso, ela necessita de atores capazes de adaptar e promover as mudanças. A busca dessa capacidade se dará dentre outros meios, através de uma formação que estará mais orientada à investigação de um “saber que se está fazendo”, do que uma memorização de um “saber acabado”. A. Duffaure, citado por APEFA: (1974)⁴⁸

Para todos os alunos, o CR representa uma busca de conhecimentos, a partir da realidade mais próxima, ampliando-os através das disciplinas. Frente a isso, reconhecem, que no processo de reconstrução de sua realidade, de sua história, O CR ajuda muito quando os fazem pensar nela. E, quando o organiza, passa pelas suas cabeças, que tudo o que vier a colocar em prática, terá muita importância para si.

⁴⁸ APEFA – Otra Escuela En America Latina

“O conhecimento exige presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica invenção e reinvenção”. Paulo freire (1982:13)

5.2.1 - Apresentação do resultado da análise das questões fechadas da entrevista aos seis alunos, que compõem a amostra desta pesquisa.

Categorias	Sub - categorias	alunos	%
CR ajuda a refletir sua realidade.	Sim Não	06	100%
Interesse e dedicação organizar o CR	Razoável	03	50%
	Bom	02	33,3%
	Excelente	01	16,6%
Expectativas sobre o CR (se foi correspondida).	- Concretizou	05	83,3%
	- Foi diferente do esperado	01	16,6%
Aprendizagem com o Caderno da Realidade.	- Aprendeu muito	04	66,6
	- Aprendeu alguma coisa	02	33,3
Quando ilustra o CR passa pela sua cabeça	- Que é um desafio	05	83,3
	- Nada respondeu	01	16,6
Motivação da equipe na orientação e organização do CR.	Muita	05	83,3
	Média	01	16,6
O que coloca no CR	-Plano de estudos, Sínteses, Redações (prod.), desenhos.	06	100%
Gosto para organizar o C. da Realidade.	Sim	05	83,3
	-Às vezes (respondeu assim, qdo. a outra alternativa era não)	01	16,6
O CR ajuda a reconstruir a história	Sim	06	100%
A família conhece o C.	Sim	05	83,3

da Realidade	Não	01	16,6
CR ajuda na descoberta Profissional	Sim	05	83,3
	facilita	01	16,6

Pensamos ser desnecessário tecer maiores comentários sobre essa tabela porque o teor dessas informações já estão diluídas nas categorias analisadas. Porém, destacamos três pontos para uma pequena reflexão: Quando 100% dos alunos dizem colocar as mesmas coisas no CR, num universo de possibilidades existentes para ilustrá-lo, denota uma uniformidade que não deve ser comum. Vale à pena questionar o porquê que isso está acontecendo.

Outro ponto, é sobre o gosto em organizar o CR. Apesar de 83,3% (num universo de seis) dizerem que gostam (ainda que sem muita convicção), pela prática de relacionamento com a grande maioria do alunado, não é bem isso que é dito. Sem querer entrar no mérito de julgar a resposta dos alunos quanto ao gosto de organizá-lo, vale salientar que é comum no comportamento de muitos baianos, não querer desagradar, quando no fundo, a exemplo do CR, reconhecerem que é bom e tem valor.

Além desses dois pontos levantados, há ainda mais um ponto no que tange a motivação/orientação dada para organizar o CR. Pelo observado na análise dos CRs, parece haver, nesse sentido uma contradição. Pode até haver mais de um monitor que acompanhe diretamente, mas, de toda a equipe não parece visível, sobretudo pelas lacunas existentes nos CRs em relação a contribuição das mesmas para enriquecê-lo; para deixar nele a sua impressão, a revelação de cada disciplina

5.3- Análise dos seus Cadernos de Realidade

Procedida a análise dos Cadernos de Realidade, será abordado nesse item, alguns pontos que nos chamam à atenção. São eles:

Relação de gênero - no contexto da família rural, praticamente toda a família (uns mais outros menos) se envolve com as atividades do campo: plantas, animais, terra; nesse sentido, em todos

os CRs analisados, a presença feminina é insignificante. Muitas vezes quando aparece em um dos CRs, não acontece mais do que duas vezes. Isso é questionável, sobretudo porque a relação de gênero nesse tipo de atividade de fato existe. Pensamos que a explicação para isso seria pouco gosto de muitas mulheres nordestinas especialmente em algumas regiões da Bahia, de não gostarem desse tipo de atividade. Porém, mesmo que isso aconteça, mesmo ela não gostando, ela se faz presente nesse tipo de trabalho. Com isso, questionamos a EFA, sobretudo pela natureza do curso profissional que ela oferece, “Técnico em Agropecuária: Frente a isso o que ela faz? Isso, passa despercebido, é feito alguma coisa? Ou aceita como sendo algo cultural? E, ainda: no dia-a-dia na escola, como se dá a divisão do trabalho entre homens e mulheres? Elas mantêm ou não essa relação com a propriedade na EFA? Participam de trabalhos e aulas práticas no setor agropecuário?

*Trabalhar não consiste nunca em uma pura execução de normas antecedentes mas exige por parte dos operadores uma mobilização de inteligência, de invenção, de tomada de decisão, seja para tornar as regras aplicáveis, seja para remediar a sua falta ou a sua inadequação.*⁴⁹

Contexto de vida e a relação ensino aprendizagem - o contexto de vida do jovem rural conforme ilustrado nos CRs, está praticamente limitado à terra, plantas e uns poucos animais. Ele tem uma casa, tem uma família, tem irmãos, tem aguada, tem vizinhos, tem participação na vida social, tem uma fé, tem festas, tem tradições, alguns têm carro, moto, carroça, tem lazer, TV, segue a moda... Muito embora as ilustrações e muitos outros registros presentes nos CRs tenha a ver com os temas geradores, pensamos que essa realidade de alguma forma também deveria estar nele estampada. Se não está, seu contexto de vida está fragmentado.

Maria Cândida Moraes (1999: p.177), contribui para essa reflexão quando diz: Se tudo está relacionado e faz parte de uma trama, como pensar o indivíduo fora de seu contexto? Se existe uma teia em que tudo está relacionado, interconectado, o homem constitui um fio particular dessa teia, uma parte de toda a trama, uma estrutura dissipadora em interação com seu meio ambiente,

⁴⁹ Relatório Formação Continuada – 2004.

um sistema aberto que transforma tudo aquilo que recebe, que ordena e reordena, que tenta criar uma coerência e incorporar o novo.

Há um consenso generalizado em todos os autores pesquisados de que a educação, para ser válida, necessita de ser contextualizada e que a cultura, o contexto, os fatores histórico-culturais, além dos fatores biológicos e pessoais influenciam o desenvolvimento das capacidades humanas. Sem um contexto nada faz sentido. Para vários autores, a aprendizagem tende a ocorrer num contexto cultural particular, em cenários especializados que variam da casa do indivíduo até escolas técnicas especializadas, ateliês, fábricas ou até mesmo debaixo de uma árvore.

Hoje sabemos que os diferentes sistemas simbólicos oferecidos pela cultura e pelo contexto interagem com o sistema nervoso do indivíduo e possuem um papel formador e sintetizador importante no desenvolvimento das inteligências humanas.

Com essa reflexão supracitada, percebe-se que está faltando um elo que una o contexto de vida do jovem, no seu meio familiar sócio-profissional com o que ele aprende na EFA. E esse elo quem sabe podemos chamar de Formação Integral, que integra tudo, relaciona...Pensamos que isso pode está ocorrendo segundo a fala dos monitores, porque os registros (desenhos e escritos) são baseados nos temas geradores, que embora são de sua realidade, não devem ser limitadores desta. E, esses temas, de acordo com os Cadernos de Realidade analisados, parecem ser poucos (apenas três anualmente) para revelar e de fato o aluno apreender essa realidade mais ampla.

Examinar o contexto significa perceber a ecologia de tudo, compreender que as coisas só fazem sentido se estão relacionadas umas com as outras, se estão interligadas, em processo de interação constante.

O uso de recursos e modalidades para a solução de problemas gerados pela educação sempre está presente em uma perspectiva de explorações possíveis que encarnam desafios para inovar.⁵⁰

⁵⁰ Artigo: Jornal à tarde, 4 – Empregos - Salvador, domingo, 31/03/2002.

Interdisciplinaridade - embora poucos os temas, embora poucas as ilustrações e outros registros, vê-se ainda um lado pobre no que se refere a relação interdisciplinar. Não são visíveis as contribuições das diversas disciplinas (em número de dezesseis), para o enriquecimento do CR. Conforme a resposta dos alunos (100%), o que consta nos Cadernos de Realidade, são apenas as perguntas e respostas dos Planos de Estudos; a redação pessoal do aluno; a síntese geral da turma e as ilustrações com base nos temas geradores. Não se vê fotos, tabelas, gráficos, mapas, croquis, planta baixa, pesquisas, documentos, e outras reflexões que demonstram a relação do jovem com as atividades escolares, de campo, sociais, etc. Isto pode estar ocorrendo, arriscando uma explicação, pela falta de uma melhor aplicabilidade da Pedagogia da Alternância; sobretudo do Plano de formação que é como se fosse para o nosso corpo, para a EFA, a coluna vertebral. Se uma vértebra sai do lugar, logo se vê os sinais aparentes, as consequências disso.

Numa educação integral, a importância de uma dada matéria desaparece em favor da inter/transdisciplinaridade. E os trabalhos dos alunos terão sempre conteúdo real, deve ser implicado na vida e, serão complexos como esta. Para realizá-los os alunos deverão usar os aportes de sua formação de forma integral. Para isso, é preciso organizar o trabalho escolar, tendo isso em conta. André Duffaure citado por (APEFA:1974).

Está evidenciado na fala dos monitores quando um fala: .” ... Praticamente você faz o PE, pra ter uma nota e depois morre aí. Não tem muita oportunidade, não tem muita interdisciplinaridade, quer dizer... pode até ser que eu chego lá na minha disciplina que eu fale um pouco né? mas não é um trabalho feito em conjunto; e o outro diz: “...na sala de aula se o monitor se interessar ele pode ter acesso à síntese..”. Ora, a síntese é o resultado do apanhado da realidade dos alunos (tipo a matéria prima a ser transformada, o minério a ser lapidado pelas diversas disciplinas, confrontando a realidade empírica com a científica) e mais, as reflexões ocorridas e os questionamentos levantados na Colocação em Comum. Aplicar bem tudo isso, constitui obrigatoriedade dos monitores. Implica levar a sério o trabalho e fidelidade aos princípios metodológicos e filosóficos das EFAs. Se isso não acontece, fica o PE/CR de um lado, e o monitor tocando o ensino pra frente na sua disciplina de forma isolada, fora do contexto,

desenraizada. E o que está sem raiz, um dia morre. O que não tem base, não se sustenta. Isso ocorrendo, conseqüentemente, a Formação Integral, pouco, ou quase nada está acontecendo.

O trabalho do professor acontece em contextos políticos e sócio-culturais. Para além de uma reflexividade compartilhada cognitiva individual, é preciso a uma reflexividade coletiva em contextos sociais mais amplos. Esse contexto é fundamental (desde que não haja entraves), para fazer emergir sua subjetividade no sentido de influir na elaboração de um Plano de Formação que contemple a reflexividade na prática pedagógica pensada não só para o professor (na superação de uma atuação meramente técnica) mas também no aluno, principal alvo da educação.

Uniformidade nos Cadernos de Realidade – o que os alunos citaram na entrevista sobre o que eles colocam no CR, confirmou-se na presente análise. No entanto, a uniformidade não se dá apenas pelas coisas que são colocadas nos CRs, como também pela organização da pasta como um todo - ordem e seqüência de temas: 1º vem uma capa que introduz o tema gerador: Plano de Estudo ou Folha de Observação; 2º o questionário do PE ou FO; 3º as respostas; 4º redação pessoal (com base nas respostas); 5º as ilustrações (desenhos) e por último, o 6º, a síntese geral da sala. E assim, sucessivamente para todos os temas. O que difere, são os estilos de desenhos e as respostas individuais de cada um, com a respectiva redação. Todos, sem exceção, não têm apresentação do aluno. Começa-se já com o questionário do PE.

Apenas em um Caderno da Realidade, (do aluno E), foi encontrado o registro de duas palestras que realizara: uma, em 08/04/2001, sobre vacinação e agentes infecciosos e outra, no dia 05/06/01, sobre a cultura do milho. Não se tem certeza, se essa palestra iria ficar na organização do caderno, pois ele fora emprestado para essa pesquisa, e havia dito que tinha coisas que tinha que retirar do caderno, porque não fazia parte da organização. Além disso, nesse mesmo CR, tinha vários certificados de participação em cursos; porém, foram apenas guardados ali por enquanto, porque eles não devem fazer parte da organização do caderno. A monitora que orienta a organização desse instrumento já havia solicitado do aluno para que os retirassem de lá..

Cecília Warschauer, ao se referir a escrita do diário, ela ressalta a importância de se escrever de forma solta, sem pressão, preocupação com normas ortográficas, gramaticais etc, a fim de que os pensamentos pudessem fluir, conduzindo a escrita de maneira mais espontânea possível.

Temas abordados e sua progressão - Os temas de estudo (chamados de temas geradores) existentes, serão citados de acordo a ordem encontrada nos Cadernos de Realidade. Anualmente.:

ANO	TEMA – P.E - Plano de Estudo ou F.O - Folha de Observação		
	1º	2º	3º
2000 1º ano	PE - Conservação do solo	PE - Alimentação das Plantas e dos Animais	F.O - Alternativas na Alimentação Humana
2001 2º ano	PE – O cultivo do Milho em Nossa Região	F.O - Horticultura	PE – O Clima de Nossa Região.
2002 3º ano	PE – Aproveitamento das Forrageiras	F.O – O Esporte	F.O - Eleições
2003 4º ano	F.O – Diagnóstico da Propriedade	Projeto Profissional do Jovem	Projeto Profissional do Jovem

Conforme o observado no quadro acima, realidade de quatro anos de estudo, nota-se que os temas são em sua maioria técnicos, com exceção de apenas dois: O Esporte e Eleições. São eles também, quantitativamente falando bem poucos; sobretudo se levarmos em conta que a dimensão de aprofundamentos de um PE, para uma folha de observação é bem diferente. Pois esta última, implica em um estudo de algumas questões que não foram suficientemente aprofundadas no Plano de estudo. E, inclusive, pode ser feita até por um, ou outro monitor, na sua própria disciplina. Conforme podemos constatar, são iguais o número de PE e FO aplicados ao longo dos 4 anos de formação. E, essas Folhas de Observações, ao que parece, estão sendo aplicadas de forma não muito correta, pois conforme o anteriormente explicado, elas não estão vindo de questões que não foram suficientemente aprofundadas nos PEs, pois se assim o fosse, os temas delas seriam diferentes. Ex: para o PE - O cultivo do milho na região, dá pra pensarmos que a doença do milho, pudesse ser uma possibilidade de uma FO. ou quiçá, a cultura do sorgo que é uma alternativa ao milho, inclusive para a alimentação humana e que foi introduzido na região pela EFA, e com muito mais sucesso em termos de produtividade (mesmo que nas

forrageiras e nas alternativas para a alimentação humana ele possa ser visto, com certeza será no conjunto, sem muitos aprofundamentos). A percepção que salta ao olhar, é que elas estão sendo trabalhadas como se fosse temas geradores; ou então, o que difere na aplicação, seja apenas um tempo mais longo de aprofundamento para o plano de estudo e menos tempo para folha de observação. Muito embora não tenha muitos conhecimentos técnicos, é notável a ausência de um Plano de Estudo sobre as doenças das plantas e dos animais. Isso, denota ausência de progressividade (de continuidade, seqüência lógica) que pode comprometer aspectos da Formação Integral no sentido de que havendo fragmentação aconteça a falta de relação, de associação, enfim, melhor entendimento/compreensão dos conhecimentos que devem ser ampliados, com o auxílio de cada uma das disciplinas.

Tudo o que foi dito, merece exceção no que tange ao 4º ano, que parece ser bem lógico, primeiramente se fazer o diagnóstico da propriedade, tomar pé da realidade e depois partir para o projeto de melhoramento da mesma, no setor que lhe convier.

A formação profissional agrícola deve propiciar ao jovem: a fazer perguntas, elaborar um diagnóstico, pensar sobre o seu ofício e não ser dominado por ele. Além disso, nesta formação, torna-se indispensável a prática, pois as experiências e capacidade de elaboração do ser humano, indicará-lhe o caminho a percorrer e, o iluminará no seu fazer. (A. Duffaure, citado por APEFFA: 1974)

O jovem ao sair da EFA, não sai sem nada, ele vislumbra um horizonte, ele tem alternativas, ele tem um projeto de vida; pode empreender.

“Estudar é desejar um futuro e empreendê-lo. Pensar o futuro implica reconhecer o lugar que o presente ocupa em nossas convicções. E a educação é fundamental desde que gere sujeitos capazes de se confrontarem com o modelo sócio econômico vigente e de decidirem sobre que futuro desejam, construindo-o”.⁵¹

⁵¹ Relatório Formação Continuada 2004.

Observação – No CR de todos os alunos não constam nada sobre os estágios, as viagens e visitas de estudo, nem o projeto profissional. Tudo isso, embora tenha sido realizados, estão à parte. Em outros arquivos.

Conteúdos– Visivelmente são todos muito técnicos, exceto o dos temas esporte e eleições (que provavelmente foram vistos nas áreas de humanas, linguagens e suas tecnologias e nas ciências puras: matemática, física, etc). digo provavelmente porque isso está nas entrelinhas das sínteses dos CRs. Não fica claro quais conteúdos de fato estão sendo dados, devido a ausência de contribuições conforme já fora citado, das diversas disciplinas do currículo, que deveria alimentar o CR.

Contudo, o teor dos conteúdos trabalhados em cada tema, são revelados através das sínteses, no quadro abaixo em paralelo com as ilustrações.

Para analisar as sínteses dos P.Es (Planos de estudos) e F.O (Folha de observação) contidas nos CRs, primeiramente fora feito um confronto da redação pessoal do aluno com a síntese da sala e utilizado algumas reflexões dos alunos conforme o que se segue em relação a cada tema gerador trabalhado.

Ilustrações dos CRs de acordo o tema abordado:

Temas Alunos	PE – Conservação do Solo
A	Um jovem molhando planta com um regador. Ao lado uma enxada; agricultor com carrinho de mão e esterco para fazer adubação orgânica. Um trator, plantio de árvores com cobertura morta ao redor do pé da planta.

B	Em meio há várias árvores, um local reservado para o plantio de uma determinada cultura, com o agricultor fazendo capina. Outro quadro mostra um plantio (num morro), realizado dentro da técnica da locação da curva de nível, em faixa, com enleiramento dos restos de cultura e adubação orgânica. Abaixo um composto orgânico para a correção do solo. Esse jovem ainda mostra um terreno degradado pela erosão devido ausência de técnicas adequadas, um rio ao fundo e do outro lado, um terreno bem cuidado, com plantio feito dentro da técnica que garante a produção.
C	Agricultor plantando com máquina manual; capina, aração com trator ; resto de culturas; plantio contra morro; plantio em faixas; utilização de adubo orgânico.
D	Vista parcial de um plantio feito em curva de nível num morro, logo abaixo numa baixada, mais algumas plantações e, ao longe, algumas árvores. Agricultor, virando o composto orgânico. Aração através da tração animal; um jovem com um carrinho de mão e uma muda na mão para transplantar.
E	. Preparo do solo fazendo uso do trator; plantio em curva de nível; agricultor colocando cobertura morta ao pé da planta; plantio de palmas, carrinho de mão cheio de adubo orgânico que fora retirado do composto.
F	. Consorciação de culturas, plantio em curva de nível, agricultor carregando adubo no carrinho de mão, agricultor fazendo aproveitamento dos restos de cultura.

Claramente se explicita nesse PE a influencia da EFA, através do seu ensino e palestras realizadas pelos alunos nas comunidades (atividade de retorno); implantando técnicas na agricultura como: enleiramento dos restos de culturas; cobertura seca; plantio adequado em lugares acidentados (curva de nível); plantio em faixas; rotação de culturas; adubação orgânica; adubação verde; quebra-vento; cordão de contorno; compostagem; aração correta etc, resultando na proteção do solo, no aumento da umidade e conseqüentemente da produtividade (devido a fertilidade do solo), diminuição da compactação da terra, da erosão, do desmatamento e em fim criando mais consciência ecológica.

“ O solo é vida e precisamos ter a preocupação de conservá-lo para que continue sempre fértil”.
(Aluno C)

“A terra que trabalhamos e vivemos é quem nos fornece a nossa fonte alimentar”. (Aluna A)

“Oferecer ao solo bom tratamento, é devolver a ele o reconhecimento de tudo o que dele retiramos, e mais, é garantir também a sustentabilidade das gerações futuras”. (Aluna E).

	PE – Alimentação das Plantas e dos Animais
A	Plantação de milho, sorgo, uma pequena casinha no campo com plantas resistentes a seca (palma, juazeiro...) ao lado um silo. Abaixo, bois pastando.
B	Vê-se um agricultor em meio a várias árvores frutíferas demonstrando que está cuidando muito bem delas pelas qualidades dos frutos e também pelas coroas feitas no pé da planta para segurar mais a água. Ao lado um jovem cuidando da alimentação dos caprinos. Vê – se ainda animais pastando nua área cercada e noutro lugar um plantio de Guandu forrageiro e uma aguada. Continuando as ilustrações, por sinal todas muito bonitas, em meio a há vários plantio de alimentos para os animais, área cercada com caprinos, o chiqueiro dos porcos, e um jovem tirando alimentação do silo para alimenta-los.
C	Silo; animais comendo ração na cocheira; alguém passando orientações para um agricultor.
D	Ilustração de alguns animais como: cabras, boi, porco, cavalo. Um silo, capineira, dois jovens agricultores e um outro mais velho.
E	Agricultor molhando plantas com mangueira; animal comendo na cocheira; pasto verde; alguns animais (bois, aves) e algumas árvores.
F	Animais comendo: porcos, bois, galinha e cabra; plantas: agrocana como um dos alimentos para o gado; alimentação da planta (pé de bananeira) com restos de culturas.

Na prática de alimentar plantas e animais no dia-a-dia, muitos agricultores utiliza-se para as plantas: composto orgânico, esterco animal e produtos vegetais e, para os animais: forrageiras, grãos, silagem, feno, leguminosas e as gramíneas em geral. Estas, são também outras marcas deixadas pela EFA, como sementes no meio, reconhecida por pais e alunos com a vantagem de com isso poderem ter animais e plantas saudáveis e com capacidade de boa produção e reprodução, sem onerar maiores gastos.

Contudo, a EFA ainda tem um grande desafio (apesar do árduo trabalho que tem feito): convencer ainda a muitos agricultores da necessidade de armazenar alimentos para animais e plantas na época de escassez. Pois esta técnica demanda conhecimentos. A consciência de uma alimentação de qualidade é imprescindível para o aumento da produtividade de plantas e animais e consequentemente dos lucros do agricultor.

“Cuidar dos alimentos é o passo mais seguro para quem valoriza a vida e busca bons resultados nas atividades”. (Aluno B)

“Todos os animais e plantas para continuarem reproduzindo e dando vida, exigem que sejam alimentados de forma correta.” (Aluna A)

“A alimentação é fundamental para a sobrevivência e desenvolvimento dos seres vivos”. (Aluno C)

	F.O - Alternativas na Alimentação Humana
A	Palma, milho, mandioca, cana, polvilho, milho, guandu, puba, banana, mamão, abóbora.
B	02 agricultores na roça de mandioca, um colhendo as raízes e o outro as folhas – escrito ao lado: Mandioca alternativa alimentar super nutritiva. Abaixo dividido em 2 quadros. Em um quadro uma pessoa alimentando da sopa da mandioca e da salada da folha. No outro, duas mulheres vendendo os produtos (raiz e a folha) expostos sobre uma mesa. Além disso, consta ainda banana e palma nas ilustrações.
C	Palma; espiga de milho: extração da fubá, mingau; folha da mandioca; pó da casca de ovo,; polvilho; batata doce.
D	Verduras e frutos: abóbora, quiabo, mandioca, mamão, milho e palma. Fig. Do pilão antigamente e do moinho hoje.
E	Quiabo, milho, mandioca, fubá, palma, abóbora, beterraba, frutos
F	Beterraba, cenoura, mandioca (com aproveitamento também das folhas); pó da folha da mandioca, pó da casca do ovo, aproveitamento da casca da banana na alimentação.

Os alimentos alternativos são usados na alimentação humana desde os tempos primitivos. Geralmente são produzidos na própria propriedade e muitos deles são beneficiados de forma

simples pelas famílias. Outros sofrem a intervenção da indústria. Do passado para cá, a principal mudança é justamente o beneficiamento da produção de forma industrial.

Dentre os vários alimentos alternativos utilizados, merecem destaque nas últimas décadas: o pó da casaca de ovo, da folha de mandioca, o farelo de trigo, o aproveitamento para além do fruto, também a utilização da folha de beterraba e da cenoura, a casca da banana etc que antes se não fossem aproveitados como alimentos para os animais, eram jogados fora. . ,Estes alimentos, altamente reconhecidos como nutritivos são utilizados pela Pastoral da Criança (uma grande parceira das EFAs), para amenizar em grande parte a mortalidade infantil causada pela subnutrição.

Nas EFAs, além de fazer parte do cardápio é também motivo de estudo e práticas principalmente na disciplina de economia doméstica.

Apesar da importância das novas tecnologias, é preciso preservar na medida do possível as nossas raízes, nossas tradições. Nesse sentido, o (a) jovem da EFA tem um papel muito importante por ser um multiplicador dessas informações no meio.

“A importância da alimentação alternativa se dá pelo alto teor nutritivo e baixo custo”. (Aluno C)

“O avanço tecnológico tendem a atrofiar as alternativas na alimentação humana sufocando a tradição”.
(Aluna D)

	F.O – Horticultura
A	Alface, cenoura, beterraba, alho, abóbora e mais algumas verduras sobre a mesa.
B	Uma casa arrumada no meio rural com antena parabólica, árvores frutíferas, e plantio de: alface, alho, cebola, tomate, repolho, mandioca
C	01 canteiro de horta, verduras: cenoura, beterraba; uvas, 01 caixa para coleta de água da chuva; 01 árvore frutífera (laranjeira).

D	Verduras: Cenoura, abóbora, beterraba, tomate, cebola, horta familiar, uma cisterna , um pequeno reservatório de água, um agricultor com um regador para molhar a horta, uma casinha com uma árvores mais abaixo capela (onde deve acontecer uma reunião para incentivar o plantio de hortaliças).
E	Muitas hortas, cabra, 2 crianças (sexo masculino e feminino) numa estrada da fazenda; propriedade bonita, muito bem ilustrada com mato verde, toda cercada e toda plantada, viveiro, árvores etc.
F	Várias hortas com plantio diversificado de hortaliças, agricultor fazendo tratos culturais, e ao fundo um morro verdinho e o sol a brilhar.

A horticultura é uma atividade agrícola importante não só por seu valor nutritivo rica em vitaminas, sais minerais compondo a dieta alimentar, mas também por ser fácil de trabalhar e contribuir para o aumento da renda familiar oferecendo um retorno financeiro rápido.

O que outrora realizava os antepassados (preservando a essência e respeitando a vida : desenvolvimento de uma agricultura orgânica com uso de defensivos naturais), foi sufocado por uma cultura capitalista de aparência, enganosa (bela apresentação do produto escondendo no seu interior a bomba da destruição: o agrotóxico de ação violenta ao homem, plantas, terra e animais), que apesar de imperar por longos anos, já se vê sinais de sua decadência anunciando de novo um retorno às origens, à vida – a volta à agricultura orgânica. Esta hoje, pode até ter um custo mais elevado, mas com certeza será a preferida.

A importância da EFA nesse setor foi marcante sobretudo porque muitos agricultores cultivam hortaliças mais não tinham o hábito de consumi-las. Com os seus filhos na EFA isso foi aos poucos mudando e hoje já é visível o valor que os mesmos têm dado a estas, depois que adquiriram mais conhecimento sobre as mesmas. O grande desafio hoje para levar avante essa produção é a água que vem reduzindo consideravelmente a cada ano.

	PE – O cultivo do Milho em Nossa Região
A	Área de cultivo do milho, abaixo dois agricultores realizando tratos culturais, capina, tração animal. Animais; porcos, galinhas comendo milho; dois sacos cheio de grãos de milho expostos para a venda.

B	Bonita ilustração mostrando a cima um plantio do milho numa área cercada e abaixo, outro plantio destacando em meio à plantação algumas espigas viçosas, de forma a ver o seu interior.
C	Paisagem do campo com plantação de milho e outras plantas; 2 casas, 01 curral com 2 bois, 01 galinha comendo 01 porco na comedouro.
D	Desenho da cultura do milho, um agricultor capinando, sacos de milho (produção), animais (porco e galinha) comendo milho.
E	Plantio de milho, tratos culturais, árvores, pássaro voando. Destaque no cultivo do milho área onde a produção não vingou (sobreviveu)devido a falta de chuva.
F	. Agricultor fazendo tratos culturais (capina), plantio de milho, plantio de sorgo como uma alternativa ao milho.

Os agricultores cultivam em suas propriedades várias culturas anuais com esperança de colher bons frutos para a sua subsistência. Dentre essas culturas merece destaque o milho que se tornou uma das mais tradicionais, pois possui alto valor energético, é de boa aceitação por parte dos animais e do homem e representa uma economia para a família. No entanto, por causa de nosso clima semi – árido com chuvas muitas vezes incertas a cada ano, a esperança de uma colheita satisfatória nem sempre é conseguida. Ainda com a agravante de nestes últimos tempos essa produção sofrer redução anualmente.

Assim sendo, A EFA mais uma vez, estando lado a lado com os agricultores, foi uma das responsáveis pela introdução da cultura do sorgo na região como uma alternativa ao milho. E com sucesso essa nova cultura vem sendo apropriada não só para a alimentação dos animais como também para a humana

	P.E – O Clima de Nossa Região.
A	Sol, algumas nuvens, mandacaru, palmas. Forno de carvão, carro de boi (com animais puxando), desmatamento, muitas árvores derrubadas,.

B	De um lado, paisagem típica do sertão com mandacaru, o jeguinho, árvore parecendo do juazeiro, cabra, casa com sistema de captação de água da chuva, na porta, dividida ao meio, parte de baixa fechada, o agricultor olhando o tempo quente com muito sol e poucas nuvens. Mais abaixo mostra o desmatamento, nascentes secando, vegetação queimada... Terra sem vida. Depois reflorestamento das matas ciliares e um rio seguindo o seu curso. Do outro lado região que chove muito, nuvens pesadas e muita água (não dá pra perceber se é um grande rio ou o mar).
C	Reservatório de água, plantio de palmas, criame de caprinos, desmatamento, produção de mudas para reflorestamento.
D	Desmatamento, fogo; depois chuva, reflorestamento (muitas árvores) e um rio.
E	Sol abrasador, poucas nuvens, o mandacaru símbolo do sertão uns dois pássaros voando e plantio de palmas. Abaixo – carvoarias, desmatamento, nascente secando, perda de lavoura, terra infértil, milho morrendo.
F	Casa com captação de água, mandacaru, palma e uma cabra simbolizando animais e plantas resistentes à seca.

“ O clima de uma região está ligado aos fatores geográficos porém suas alterações estão altamente atribuídas às ações humanas”. (Aluna E)

“As condições climáticas são responsáveis pela produtividade da agropecuária e quando estas não são favoráveis o homem tende a desenvolver técnicas que adaptam ao clima”. (Aluno C).

O clima da região semi – árida onde se situa a escola é quente seco e as principais atividades desenvolvidas são: criação de bovinos e extração do carvão vegetal ocasionando grandes áreas devastadas trazendo como consequência as irregularidades das chuvas, ocorrência de ventos fortes, intensidade dos raios solares, perda de safras, etc.

Em contraponto a isso, a EFA contribui oferecendo cursos de convivência com o semi-árido, desenvolvendo junto a alunos e ex-alunos projetos de captação da água da chuvas, atividades de retorno dos alunos com ações de reflorestamento, limpeza de nascentes, campanhas contra o desmatamento e poluição das águas (com lixos e esgotos). Além da introdução de plantas e

animais adaptáveis à região. Apesar dessa sua contribuição, a sua ação pode e deve ser ainda mais intensificada.

“Sabemos que o nosso clima sempre será assim, por isso precisamos desenvolver atividades alternativas que torne a vida do sertanejo menos sofrida”.. (Aluno C)

	P.E – Aproveitamento das Forrageiras
A	Dois bois – um deles comendo na coqueira; plantio de palmas. Agricultor cortando cana para fazer silo e enchendo o carrinho de mão para transportar. Um jovem com uma gamela com esterco e pás para adubar o local que vai transplantar a muda. Árvores com frutas e cobertura morta nos pés. Ao lado agricultor observando o plantio.
B	Desenho bonito com muitas palmas, plantio de sorgo e milho, cabra comendo na coqueira num espaço cercado, área nativa. Sala de aula, com alunos, e professor à frente explicando.
C	Plantio de palmas, plantio de milho, caprinos, bovinos, escritório da EBDA; coqueira para alimentação do gado.
D	Plantio de: palmas, capineira, milho, sorgo e mandioca. Uma vaca pastando.
E	Palma, milho, agrocana, leucena, guandu, melancia forrageira.
F	Uma pequena propriedade situada num terreno que tem muitos morros ao redor, nesse morro está todo plantado de forrageira. Vê-se ainda, um homem fazendo tração animal com utilização de uma junta de bois; abaixo, uma família trabalhando todos juntos pegando cana para encher o carro de boi na preparação de forragens para o ensilamento. E tem ainda uma casa onde de um lado os bois se alimentam na coqueira e do outro o silo onde está armazenado alimentação para os animais nos períodos de estiagens.

Uma das maiores preocupações dos agricultores é com uma alimentação adequada para as suas criações. Pra isso é necessário plantar fazendo uso de tecnologias apropriadas e forragens adaptadas à região. Nesse sentido é importante fazer um bom aproveitamento das mesmas na época de abundância, conservado-as, em silos, feno, paióis etc, para utilização no período de escassez.

“Para termos um rebanho bem cuidado é preciso uma alimentação cuidadosa”. (Aluna E)

As mudanças citadas pelos alunos com seus respectivos pais, sobre o cultivo e aproveitamento das forrageiras se dá justamente no hoje em se tratando do plantio daquelas mais adaptáveis e a reserva alimentícia nos períodos de estiagens, ou períodos críticos com utilização de tecnologias apropriadas e ainda a presença da EFA como uma parceira para a sensibilização, divulgação e também execução junto a alunos, ex-alunos e comunidades dessa idéia.

	F.O - O Esporte
A	Jovem batendo bola. Crianças jogando bola num pequeno campo do interior, gritando goal. Mais abaixo, crianças assistindo TV.
B	Bandeira do Brasil; um campo gramado com trave e vários jogadores jogando futebol; mais abaixo uma quadra de tênis, ao redor várias árvores. Ao lado desse desenho um jovem surfando.
C	02 jovens jogando bola; 01 jovem praticando corrida, maratona, jogo de vôlei, com faixa ao fundo do patrocinador o Banco do Brasil .
D	Bandeira do Brasil, quadra de esporte, jogo de futebol
E	Bandeira do Brasil, jogador com uma bola, campo de futebol onde acontece um jogo.
F	Jovem praticando esporte: futebol, maratona, patins.

Esta síntese trata do esporte enquanto atividade de lazer e de integração entre os povos. Ainda, da atividade física, como algo benéfico à saúde; da transformação do esporte: de atividade de lazer/entretenimento, em profissão – visando lucro e ocasionando desigualdades sociais, concentração de renda para atletas, clubes, patrocinadores, MCM etc; além da violência e a alienação.

Salienta que não por mera coincidência, mas, os anos de copas do mundo e as eleições para presidente e deputados, são os mesmos.

Por fim, nenhuma ligação ou referência é feita nem com o ensino da EFA, nem com a educação de um modo geral, apenas que o esporte precisa avançar de forma mais eficaz para contribuir com a educação e a igualdade da nação.

“O esporte além de ser um conteúdo físico, influencia a mente fazendo com que a pessoa mude sua postura individualista para uma conduta coletiva”. Aluna E.

“Que o esporte favoreça a diversão; a pareceria com a educação; o desenvolvimento do país e sobretudo, absorva mais jovens em atividades desportivas, para tirá-los do mundo das drogas”. Aluno C.

“A necessidade do esporte na atualidade, torna-se algo essencial à saúde, para adquirir o lazer e o bem estar; pois as atividades desenvolvidas dispensam exercícios físicos que são importantes para uma vida saudável”.

	F.O. - Eleições
A	Urna eletrônica, TV mostrando o programa eleitoral; título de eleitor; 02 grupos escolares funcionando como sessão de votação e pessoas chegando para votar. Ao lado de um dos prédios, uma árvore frondosa com um carro (em sua sombra) a serviço da justiça eleitoral.
B	Bandeira do Brasil, uma zona eleitoral com árvores ao redor, pessoas aguardando a vez de votar; na parede, o nº da seção. Comício político com um platéia ouvindo o candidato falar. Urna eletrônica e um homem votando Frase na parede: O povo quer um governo para todos. Eleições 2002.
C	Presença ativa da mulher na política, com microfone falando para um público, e outra mulher votando através da urna eletrônica. No campo o típico agricultor nordestino, com chapéu, sentado em baixo de uma árvore, num tronco, ouvindo ao que parece horário político. TV mostrando a propaganda eleitoral gratuita com o nº da Lei federal que da amparo legal.

D	Uma zona eleitoral, um carro à serviço da justiça eleitoral, urna eletrônica e só mulheres votando. A cima, numa TV, horário político com uma candidata. Depois, Título eleitoral, camisas de candidatos, slogans de partidos políticos, destaque da propaganda eleitoral gratuita.
E	Homem votando em uma urna eletrônica, vários políticos comprando votos com balões onde estão registradas suas falas.
F	Desenho dos candidatos: Lula e José Serra. Um alt dor escrito: Urna não é lixo, 2002 tem eleição. Limpe o país com o seu voto. Vê-se que esse alt dor está num lugar alto onde atrás se avista a cidade. Uma bonita ilustração com comício., uma faixa escrito: Queremos um país decente. E também zona eleitoral, com eleitores próximos, demonstrando satisfação no exercício de sua cidadania.

O resultado dos debates e reflexões desse P.E. mostra que: com o aumento da população, houve necessidade de escolher governantes para legislar e administrar nas várias esferas; o número de eleitores tem aumentado a cada ano, porém ainda enganados com as falsas promessas feitas por políticos com estratégias para ganhar as eleições e as informações limitadas pelas propagandas na maioria das vezes são veiculadas pelos M.C.M: rádio e TV, ficando a cargo de cada pessoa/eleitor, conhecer o partido e a vida pregressa de cada candidato (o que acaba por não acontecer; só em raríssimos casos).

Lembra comparando o ontem com o hoje, o destaque na atualidade pela conquista do voto para todos, inclusive para as mulheres; e ainda, o sistema de informatização (urna eletrônica).

Por fim, apesar das falsas promessas, há ainda a expectativa da população no sentido de esperarem melhores administrações que possam trazer boas condições de vida para todos.

“O desenvolvimento de cada país está diretamente ligado à política adotada por seus governantes”.
Aluno C.

“Para acreditar nos candidatos é preciso analisar os propostas de cada um, vê que objetivos tem e que interesse tem pela sociedade”. Aluna D.

“Não basta apenas votar, é necessário escolher o candidato que tenha princípios éticos. É preciso conhecer seu comportamento moral e solidário, não apenas como político, antes de tudo, como cidadão”. Aluna E..

“Há muitos eleitores que conhecem as propostas dos candidatos e sabem que cada partido tem a sua ideologia. No entanto, na hora de votar deixam-se levar por interesses próprios que acabam por prejudicar os demais”. Aluno F.

	F.O. - Diagnóstico da Propriedade
A	Propriedade bem ilustrada. Pequena casa no meio rural com um plantio de frutíferas. Vê-se também caixa d'água, palma, propriedade cercada, agricultor arando terra (tração animal), uma enxada e carrinho de mão. Plantio de milho. Um boi pastando e um porco por perto.
B	Ilustração bonita da propriedade, apesar de poucas benfeitorias, apenas: cercada, um reservatório d'água, uma pequena casa com muita capineira e árvores. Vê-se também um rio e um plantio de palmas.
C	Sobre a margem escrito: minha propriedade. Ilustração bonita de uma propriedade com uma porteira de entrada, toda cercada por fora, placa de energia solar com cerca elétrica para o criatório de caprinos, plantio de palmas, coqueira, animais, reservatório d'água, ensiladeira.
D	Visualiza-se apenas animais: bois e cavalos pastando livremente. Não tem cercas a propriedade, em termos de infraestrutura só tem 01 poço artesiano e um pequeno plantio de forrageiras.
E	Cavalo comendo, vaqueiro atrás do boi. Propriedade bonita com casa, toda cercada, carro de boi e agricultor com cavalo.
F	Plantio de palma, de milho, divisão da área com cercas, e em meio a um terreno de morros, uma casinha. Abaixo: área de hortaliças e um agricultor com uma muda para plantar.

Foi evidenciado nesta síntese que o agricultor conta com alguns recursos/benfeitorias em suas propriedades, como: mão de obra, terra, água, animais, instalações, energia, placa solar, feno, silo, cisternas, engenho, casa-de-farinha etc. e, vários organismos têm incentivado o agricultor nesse aspecto: Empresa Baiana de Desenvolvimento Agropecuário, Sindicato dos Trabalhadores Rurais, Banco do Nordeste e a EFA. O mais importante disso tudo, é que o próprio agricultor,

sentindo a necessidade de conhecer mais sobre esse tema, vem buscar esses conhecimentos na EFA. Contudo, é preciso ajudar o agricultor a administrar melhor esses recursos além de incentivar a busca investimentos e técnicas adaptadas que irão ajudar no processo de produção.

“Para se obter êxito em qualquer atividade rural, é imprescindível a observação cuidadosa da disponibilidade dos recursos que são fatores limitantes para o sucesso ou insucesso do empreendimento”. Aluno B.

“Toda propriedade é constituída de recursos que nos proporciona meios de sobrevivência. E para termos um bom desempenho nas atividades, é preciso que ela seja gerenciada de forma correta”. Aluna D.

“O não desperdício dos recursos é importantíssimo para o sucesso da propriedade e requer eficiência quanto ao seu aproveitamento”. Aluno C.

	Projeto Profissional do jovem
A	Bovinocultura leiteira – Aumentar a produtividade do leite, mediante a aquisição de novas matrizes e vender o produto e seus derivados, no mercado local.
B	Horticultura Orgânica. Objetivo – colocar à disposição dos consumidores alimentos mais saudáveis; - melhorar a renda familiar; - formar uma SEASA regional (mercado distribuidor) facilitando o despacho (escoamento) dos produtos; organizar e oferecer ao mercado local produtos de qualidade.
C	Área de Apicultura. Objetivo - produzir mel de boa qualidade para atender ao mercado consumidor da região e difundir na mesma essa atividade; - colocar em prática os conhecimentos técnicos adquiridos durante o percurso de formação; - gerar emprego e renda para a família.
D	Bovinocultura leiteira. Objetivo – Produzir leite e seus derivados para abastecer o mercado local; - Melhorar a renda familiar como também gerar empregos..
E	Bovinocultura leiteira. Objetivo – Intensificar a pequena produção de leite familiar, implementando também a transformação desse produto em queijos, requeijão, doces, etc. para vender no mercado local e região; - Gerar emprego para a auto sustentação da família e outros..

F	Horticultura Orgânica. Objetivo – Garantir o auto sustento da família; - produzir organicamente para o mercado local visando qualidade na produção com geração de emprego e lucratividade.
---	--

O nome do Instrumento: Caderno da Realidade - Pelo que foi visualizado nos CRs, e conforme a tudo o que foi dito, anteriormente, dá pra perceber que o nome não parece ser o mais apropriado para a sua finalidade. Mesmo porque a realidade é por demais ampla para caber dentro de um caderno. Talvez um nome que mais se aproxime de sua finalidade seja: Caderno de Registro, Caderno de Integração, ou Caderno de Reflexões sobre as Alternâncias, Diário das Alternâncias... Porém, é de se imaginar que o aluno que está intimamente ligado a ele, possa fazer uma indicação melhor.

5.4- Conclusão.

O CR é um instrumento ou ferramenta importante na Pedagogia da Alternância mais da forma como está organizado, não da conta de explicitar a formação integral.

“Sem dúvida como diz Philippe Meirieu, em matéria de pedagogia, o êxito não se encontra jamais na perfeição de um dispositivo, seja ele tecnológico ou psicossociológico. A perfeição aprisiona.... é a imperfeição que permite o trabalho permanente de ajuste....”

E, Pestalozzi (Carta de Straus) citado por Meirieu (126.2002) diz: “Nunca sonhe com uma obra acabada”. E o autor acrescenta:: De fato, nada seria pior que acreditar na possibilidade da realização plena daquilo que nossos discursos prescrevem.

Essa consciência do inacabamento nos remete mais uma vez ao reconhecimento de que a Pedagogia não está pronta. É ainda uma Pedagogia em construção.

Como consequência disso, pensamos que o CR também o é. E construção permanente e singular, que resguarda a subjetividade que é inerente ao seu sujeito (o aluno). Este tem a liberdade e

estilo próprio para construí-lo. É evidente que aí não se descarta a presença mediadora do monitor, cujo papel será sobretudo de ajudá-lo de organizar as idéias e, canalizar reflexões unindo parte teórica com a empírica, enfim, oferecendo-lhe possibilidades, comprometendo-se permanentemente com sua educação.

Os discursos pedagógicos devem ser compreendidos, de fato, não como a expressão daquilo que se deve fazer exatamente, mas como a expressão do que se deve dizer – e até mesmo pensar neste ou naquele momento da evolução dos debates sobre a educação para fazer aquilo que se deseja verdadeiramente fazer.... (Philippe Meirieu: 2002 p:123).

Uma das alunas entrevistadas quando lhe perguntado: Se tirasse o CR da Pedagogia da Alternância, se fazia falta, depois de pensar por minutos, respondeu que não.

Analisando a resposta desta jovem (que falou com franqueza e coragem), acompanhada de observação de que muitos alunos fazem o CR mais por obrigação do que por prazer e, confrontando isso com o que diz acima o autor, pensamos que precisamos tecer uma reflexão mais aprofundada sobre esse instrumento, que como pudemos ver nas análises das entrevistas tem um grande potencial formativo, porém está fragilizado, carente de ressignificação. É de suma importância rever seu lugar nessa pedagogia, dado a sua importância. Porém, sem a obrigação de querer mantê-lo, sustenta-lo, da forma como está fragilizado, só porque é algo que se reporta ao início do movimento. É preciso um esforço de todos (monitores, alunos, famílias...), os atores da alternância, no sentido de repensá-lo, na ótica de sua contribuição para a formação integral na EFA. Essa reflexão continua no capítulo a seguir onde teremos também a análise das entrevistas dos monitores, que certamente dirão o que pensam também sobre esse instrumento.

CAPÍTULO VI

Os Monitores e os Cadernos de Realidade

Introdução

Este capítulo trata exclusivamente da análise dos dados da entrevista feita aos monitores. A partir dessas, selecionou-se as categorias de análise: Formação Registro, Avaliação e Utilização; as mesmas utilizadas para a análise de dados da entrevista aos alunos, com exceção da utilização.

6.1 - A utilização do Caderno da Realidade na Prática Educativa dos Monitores.

Para saber como utilizar o CR na prática educativa, primeiramente é preciso olhá-lo. Porém olhá-lo não de qualquer jeito, mas como instrumento, um recurso que traz em si vivências, condutas, comportamentos, histórias, diversidade cultural, em fim que traz vida.

Se a educação na EFA está alicerçada na vida, esta não pode ser negligenciada na escola. Esse novo olhar, permite descobrir nas entrelinhas suas potencialidades, sua contribuição para a verdadeira formação global da pessoa marcada pela reflexividade deixadas pelo registro. Registro que não se perde no tempo, mas que é resgate e se perpetua na memória dos atores envolvidos, especialmente do aluno protagonista de sua educação de sua história.

É evidente que nessa pedagogia em construção, os monitores têm muito a aprender. Para isso, é preciso saber observar e desenvolver a capacidade da escuta sensível sobretudo no que tange às aprendizagens significativas.

Para a escola família o aluno traz a vida. Como esta é encarada pelos monitores? O que fazer com ela? Como acontece o confronto do saber que ela traz com aquele saber escolar, formalizado? Desse casamento espera-se frutos que conduzem a novos e significativos aprendizados.

O CR é um instrumento vivo, que não pode convalescer na escola. Para isso ele precisa ser alimentado. Mas, disso depende também da sensibilidade da equipe de formadores. Se esses, souberem debruçar sobre esse, sabendo sugar a doçura e riqueza que sai de suas páginas como oportunidade para auto-formar-se, com certeza sairão transformados, e nunca mais serão os mesmos.

Vale à pena lembrar que esse novo olhar requer um mergulho em águas mais profundas, que são as teorias, as luzes que vão clarear, limpar a nossa visão embaçada, a nossa percepção borrosa da realidade, da vida, das coisas.

Contudo, a utilização do CR na prática educativa dos monitores, conforme depoimento dos mesmos ao que parece não tem acontecido de forma significativa. Isso é dito com base em suas falas, quando um diz: “ O CR não tem outro fim senão o de atribuir notas ao aluno”. E o outro: “A utilização do CR na EFA, é mais para fins de correção. Na sala de aula, restringe-se só ao aluno; a não ser que o monitor queira fazer uso da síntese para utilizar na sua disciplina”.

Mesmo que depois os monitores acrescentaram, refletindo melhor, que o CR ajuda para a elaboração do Projeto Profissional do jovem , na sala de aula para o professor aprofundar os conteúdos de forma contextualizada dentro de sua disciplina, e reconhecerem que ele ajuda no desenvolvimento das habilidades, da criatividade, da organização, capacidade artística despertando o gosto pela arte... isso parece acontecer de forma fragmentada; o conjunto da EFA, ao que se percebe, está alheio a isso.

É preciso como afirma Paulo Freire, superar o pensar estático, não dinâmico, não dialético em que agente separa milagrosamente (porque não se pode separar), dicotomizando a prática pedagógica, a prática educativa da preparação da ação, da avaliação, os métodos dos conteúdos e os conteúdos dos objetivos.

Em meio a tudo isso, questionamos também o currículo. O que é o currículo? Pensa-se mecanicamente, em vez de dinamicamente. Esquecer que os objetivos da prática não podem estar separados das maneiras como se faz a prática.

Em torno de como se faz esta prática, está a organização, a avaliação (o que se fez e se está fazendo). A melhor maneira de pensar a prática não é individual e sim coletivamente, social. Mas o problema é que este momento individual da *minha* prática (como afirma Paulo Freire), não basta para explicar a minha prática. Ele é importante, mas não é suficiente para explicá-la.

E, ele continua dizendo ainda que, avaliação é da prática educativa e não dum pedaço dela. Portanto, o CR é do conjunto da EFA e sobretudo do educando que deve participar da avaliação da prática, porque o educando é um sujeito dessa prática. Avaliar à procura de melhorar-se pela melhora dela. No fundo ambos os atores, monitores e alunos precisariam também assumir na prática a consciência de que também ele é um supervisor da sua prática. E, Freire, conclui dizendo que não devemos fazer dos sujeitos da prática puros objetos da nossa vigilância.

6.2- Análise da entrevista do monitor J.A.

As categorias utilizadas, que dão sentido falas dos monitores, conforme dito anteriormente são: Formação, Registro, Avaliação e Utilização.

Formação – segundo o monitor J.A, o CR, não só pode, como de fato contribui para a formação do aluno, das famílias e demais pessoas envolvidas, porque são muitos os temas discutidos e há ainda no CR, diversos registros históricos que envolve a todos esses.

Para o aluno a grande contribuição dessa formação dá, sobretudo porque o ajuda a medir sua evolução desde o início do seu percurso formativo na EFA até agora, na situação atual. Evolução que vai desde o português até a forma de organizar e registrar as coisas.

Para a família, sobretudo, esta formação se dá através das questões mais técnicas: o conhecimento de uma determinada cultura, de uma determinada criação. Porém, os

questionamentos levantados sobre a realidade, os posicionamentos frente a realidade... se nessa reflexão envolver os pais, com certeza essa será uma outra forma de ajudar nessa formação.

É interessante ressaltar sobre esse ponto do envolvimento das pessoas nas atividades da EFA, direta ou indiretamente. Analisando os CRs, vê-se segundo as pesquisas dos Planos de Estudos (questionários), que vêm com as assinaturas daqueles que colaboraram com o jovem para responder, que a média de participação está entre 4 a 6 pessoas. Porém, esse número aumenta muito mais, de dez em diante, a depender da influência que esse jovem exerce na comunidade.

O meio onde a pessoa está pode se alargar ou diminuir a depender das relações que se estabelece ⁵²

Registro - de acordo com esse monitor, o CR representa um registro da história de todas as atividades do aluno; sua evolução; um documento para a consulta depois que ele, aluno, sair da EFA; serve até mesmo para o seu projeto. O CR, faz parte da história da pessoa.

Os dados biográficos resultam de uma tomada de consciência, de uma espécie de maturação relacional que permite voltar à infância ou adolescência. Esforçando-se por selecionar no seu passado educativo o que lhe parece ter sido formador na sua vida, o sujeito do relato biográfico põe em evidência uma dupla dinâmica: a do seu percurso de vida e a dos significados que lhe atribui; nunca se limita a fazer um simples balanço contabilístico de acontecimento ou de determinados momentos. Pierre Dominicé (1988) citada por Warschauer (2001: p.347)

No CR se coloca tudo, desde o registro do PE.. todas as atividades. E acrescenta: “normalmente aqui na EFA, não se faz isso, só coloca as atividades do P.E.: redações... resume mais nisso”. Fala ainda, que nele deveria entrar algo mais amplo. Mais atividades que o aluno desenvolve na sua própria comunidade, como por exemplo: uma reunião, uma atividade interessante...

⁵² *Maria do Loreto - Sessão Mestrado*

As ilustrações do CR, refere ao questionário. E o mais recomendado em termos de ilustração é o desenho à mão livre. Justifica isso dizendo que o desenho é mais importante porque traduz comunicação, desenvolve a parte artística, a criatividade, além de ser sua realidade, visual, concreta.; e a colagem pode não corresponder.

Avaliação - Nesse processo de ensino aprendizagem, consta na avaliação do CR com relação a cada tema, observar: a estética, vendo a organização dos parágrafos, tamanho de folhas, etc; depois, o ordenamento de páginas com a sequência de temas trabalhados (P.E. e F.O), tendo para cada um destes: o questionário, a folha de resposta, as ilustrações, a redação e a síntese.

No que se refere aos erros de grafia encontrados nos CRs, deve se alertar ao aluno, grifando a palavra errada e chamando sua atenção para que o mesmo não incorra em semelhante erro, porém é de opinião que não se deve mexer naquilo que o aluno fez, pois isso vai servir para ele acompanhar a sua própria evolução (progressos).

Para haver aprendizagem e favorecer a formação, é necessário que o “erro” e o desvio do planejamento possam ser entendidos não como ocasiões para punição, mas como oportunidades para perceber a criatividade que se manifesta através deles, provocada pelos desafios trazidos para uma situação nova. Warschauer 2001: p.143)

O erro pode ser trabalhado na perspectiva de compreensão de algo que ele não entendeu, ou na aquisição de uma habilidade que lhe “falta” que pode ser adquirida. E como diz (Honoré, 1992), citado por Cecília, principalmente, se encontra a acolhida, (Barbier, 1993) com a escuta sensível e com o cuidado (Boff, 1999) do educador, se este demonstrar confiança na capacidade de aprender daquele que está sob seus cuidados. Atitudes estas que favorecem o desvelamento da formação da pessoa, em vez de provocar sentimentos de incompetência, rebaixamento da auto-estima, inibir ou mesmo bloquear sua capacidade inata para aprender.

Utilização – Segundo afirma esse monitor, a utilização do CR na escola não tem outros fins senão o de atribuir notas ao aluno.

O uso na sua prática educativa, se dá mais no trabalho de conclusão de curso (Projeto Profissional) onde o jovem tem que recorrer ao CR para buscar algumas informações que se fizer necessárias e também para a correção de alguns textos técnicos que o aluno pode estar redigindo errado ou interpretando errado. Isto é percebido na correção do CR. É corrigido nas aulas. A colocação em comum ou síntese é utilizada nas aulas onde cada professor faz o aprofundamento nos conteúdos inerentes a sua disciplina.

6.3- Análise da entrevista da monitora K.C

Formação – A monitora afirma, que o Caderno da Realidade contribui muito para a formação do aluno, porque é um documento que o aluno tem, da vida na escola. Se este o levar a sério, e o fizer com gosto, contribui, não só para a sua formação como pessoa, mas também, como técnico.

Em relação à família, teve momentaneamente dúvidas se ajuda ou não, porque, afirma que, além de não conhecer bem o Plano de Formação das Famílias, também não as acompanha. Depois de pensar um pouco, disse, que pode ajudar, se o aluno realizar os retornos do Plano de Estudo. E já ouviu depoimento de alunos que o CR ajuda no trabalho da família.

É preciso integrar o contexto institucional e contar com o envolvimento dos responsáveis escolares, mas isso não é fácil apesar da EFA defender essa bandeira.

Não é fácil abrir mão de uma postura de controle em direção a uma prática participativa, principalmente quando se aprendeu pela experiência essa possibilidade. Para isso, os professores precisam estar imbuídos desse contexto maior para articular as experiências de auto, co e ecoformação, condição importante para uma nova visão de mundo pela transformação de suas relações com os outros, com o ambiente e consigo próprios.(Cecília Warschauer:2001).

Desta forma, o habitus (conforme concebe Bourdieu), como forma de integração entre o mundo das instituições e o mundo das pessoas incorporando também a cultura e a continuidade social,

poderá gerar novas práticas que dêem respostas aos questionamentos postos pela educação. E dentre esses que atos, deve se por em evidência o ser humano professor.

Registro – Sobre isso, coloca que o CR na Pedagogia, representa o retrato da alternância do aluno. É, é ele, o registro de tudo do aluno na família, comunidade e escola. Diz também que no CR são colocadas todas as perguntas, e explica que os alunos trazem as respostas com as assinaturas dos pais ou responsável. Portanto, de casa trazem praticamente prontos: a capa e a redação; ficando para terminar na EFA, as ilustrações, que por sinal devem estar baseadas nas respostas do P.E. (dentre as várias questões, o aluno escolhe aquela que ele vê que dá pra ilustrar), e finalmente a síntese que é o resultado da produção de toda a sala.

Sobre as ilustrações, fala ainda, que são através de desenhos, porque, além de ser o mais recomendado pela equipe, é também a modalidade mais valorizada, pois expressa mais o gosto e a criatividade do aluno. E ressalta: que seja desenho natural, sem decalques, que seja do próprio meio dele. Ao final, acrescenta: o aluno que tem gosto pelo desenho, seu CR é mais organizado.

Questionada sobre a questão do desenho (quem não sabe desenhar...), a monitora responde que a equipe também aconselha a utilização de fotos, o que é inviabilizado, devido a baixa condição financeira dos alunos.

Avaliação - Afirma que na avaliação do CR, é atribuído nota de 0 a 10 de acordo com a organização, criatividade e ilustração. E para sanar os erros de grafia e interpretação encontrados nos CRs, desde cedo já se pede ao aluno que faça uso dos critérios de redação para exercitar a capacidade do aprender a fazer fazendo.

Na maioria dos casos, considerar algo como “erro” é a partir de um modelo, de algo definido como “certo” pelo outro, numa lógica da heteroformação, e não em função do processo da própria pessoa. Nessa situação, estamos próximas daquela concepção de educação como “endireitamento” em função de padrão moral ou de um corpo de conhecimentos estáticos e longe

da perspectiva da pedagogia diferenciada (Perrenoud:2000), que considera a diversidade e as histórias regulares de formação dos alunos.

No que se refere ao acompanhamento das turmas, geralmente a equipe se divide fazendo semestralmente revezamento.

Utilização – Segundo a monitora K.C, a utilização do CR na EFA, é mais para fins de correção. Na sala de aula, restringe-se só ao aluno, a não ser que o monitor queira fazer uso da síntese para utilizar na sua disciplina.

Porém afirma que no seu caso a síntese é utilizada. Em primeiro lugar para conhecer a realidade do aluno, sua vida em família e comunidade. No trabalho em sala de aula este caderno a auxilia para trabalhar a disciplina Língua portuguesa, usando os conteúdos gramaticais com frases reais dentro do Plano de Estudo bem como com a redação feita pelo aluno para aprofundar a disciplina, desenvolvendo habilidades e criatividade nos textos, sua capacidade artística, organização e gosto pela arte.

6.4- Conclusão

O resultado dessa análise, tem o objetivo de ajudar os monitores na reflexão de sua prática pedagógica, e ao mesmo tempo, convidá-los a olhar o instrumento pedagógico, Caderno da Realidade, que tem marcado a vida das EFAs desde suas origens até então, com um outro olhar. Um olhar conforme o que traremos no capítulo a seguir, que o ressignifique, resgatando de fato todo o potencial que este possa dar, para a Formação Integral nas EFAs, e de modo especial, para a ETFAB.

CAPÍTULO VII

O Caderno da Realidade e a Formação Integral

Introdução

Nesse capítulo faremos as considerações finais apresentando algumas propostas que acreditamos possam servir para viabilizar uma melhor utilização do instrumento Caderno da Realidade na EFA e, conseqüentemente o desenvolvimento de uma formação integral; levantaremos pontos essenciais para sua ressignificação e, concluiremos o estudo desta investigação, comunicando o resultado do trabalho, colocando novos desafios dentro dessa pedagogia em construção, como perspectivas para maiores debates e reflexões sobre a formação integral nas EFAs.

7.1- Proposições e Considerações Finais

Alguns alunos alegam não gostar de fazer o CR, porque nem sempre as pessoas têm boa vontade e disponibilidade para colaborar nessa importante tarefa. É preciso criar mecanismo de convencimento. Convencer aos pais, animadores de comunidade e outros agricultores sobre isso, é de certa forma mostrar para eles, que a contribuição por eles dispensadas, não é só a benefício dos alunos, senão também de si próprios. Pois é uma oportunidade de descobrir, debater e refletir sua realidade, sua história de vida, sua produção, os seus sucessos e insucessos enquanto produtor rural. Convencê-lo, como diz Paulo Freire, **com** e não sobre **ele**. Convencer é um desafio. Implica em estimular as incertezas como caminho para ganhar a certeza.

Vale enfatizar que a colaboração desses atores no processo de construção desse instrumento, deixará marcas de cumplicidade para a formação dos jovens através de uma atitude responsável e co-participante.

Além da dificuldade mencionada, como empecilho para o gosto de organizar o CR, há ainda outra muito comum, que é a falta de habilidade para o desenho. Sobre isso a monitora K.C. (que

compõe a amostra desta investigação), afirma ter verificado que aquele aluno que sabe desenhar, tem o seu Caderno da Realidade mais organizado e tem mais gosto na sua produção e organização. Além do mais o desenho é muito importante e é utilizado para comunicar as idéias e os conceitos num contexto interdisciplinar. É ainda, a linguagem instrumental que viabiliza em parte a reconstrução da história do aluno e também o diálogo entre esse com o seu monitor, familiares, e meio onde está inserido.

Frente a importância que tem o desenho no Caderno da Realidade, propomos que a escola viabilize aos alunos a aquisição dessa habilidade, através das aulas de educação artística, cursos e oficinas diversas na área para ajudá-lo (a), a buscar seu estilo próprio, adquirir o domínio da arte e a técnica de desenhar; e para aqueles que já têm a habilidade, o aprimoramento.

A título de utilização do Caderno da Realidade para a sala de aula, ele serve:

- Como ponto de integração entre as diversas disciplinas do currículo;
- Para observar questões levantadas na colocação em comum para futuros aprofundamentos dentro de cada disciplina;
- Para comunicar os anseios, sonhos, decepções, desafios... do contexto de vida dos alunos, visando encontrar luzes através das teorizações, quando se confronta o empírico com o científico e une a teoria com a prática;
- Para a formação das famílias (nos encontros na EFA e nas visitas in locu);
- Para a produção de material didático: cartilhas (envolvendo o alunado na produção) a partir dos seus CRs, como subsídio para a formação das famílias, pois esses trazem relevantes informações refletidas e contextualizadas sobre a realidade dos mesmos, através dos temas geradores trabalhados, sobretudo, aqueles, diretamente ligados a área técnica;
- Para ajudar a desencadear um processo de conscientização sobre o desenvolvimento do meio, debatendo e refletindo as sínteses dos PÉs nos programas de rádio, com a presença de pais agricultores, alunos e monitores; além da possibilidade de alguns encontros dessa natureza acontecerem nas próprias comunidades, com esses mesmos atores, e em suas localidades etc.
- E ainda, também tem-se a possibilidade de utilizar as redações pessoais dos alunos e a síntese geral da sala, para se extrair da mesma, pensamentos ou frases que podem ser transformadas em vinhetas, para se fazer na rádio, várias chamadas ao longo do dia. Essas

propostas se levadas a sério, acreditamos que possam surtir bons efeitos.

Propomos também uma reflexão junto ao alunado, sujeito responsável diretamente pelo CR, no sentido de repensarem o nome do Instrumento: Caderno da Realidade, no sentido de juntos verificarem se é esse mesmo o nome mais indicado ou, deve-se buscar algo mais apropriado, com base na seguinte justificativa: considerando que o nome Caderno da Realidade não parece ser o mais apropriado para um instrumento metodológico, por ser a realidade bastante ampla e complexa, sendo impossível colocá-la dentro de si, pensamos que o aluno seja talvez a pessoa mais indicada para fazer isso, por estar mais diretamente ligado a este. No entanto, arriscamos sugerir alguns nomes a título de contribuir com essa reflexão, que podem ser debatidos junto a esses, como por exemplo: Caderno de Registro; Caderno de Reflexões sobre as Alternâncias; Caderno de Integração e Produção de Saberes e Diário das Alternâncias. O Caderno de Integração Produção de Saberes, parece responder bem aos propósitos deste, porque vai integrar o contexto de vida escolar e familiar/sócio – profissional. Porém, pensamos que o Diário das Alternâncias além de poder também fazer essa integração, como o próprio nome sugere, exigirá uma escrita diária, constante do aluno. Isso o ajudará na melhoria da escrita, leitura, a organizar as idéias, fazer associações, tornar-se mais reflexivo, aberto à pesquisa, a auto-formação, a ser um autor, além de criar laços de intimidade com o mesmo, pois esse será um companheiro constante com quem ele irá dialogar, e que lhe dará respostas. Nesse sentido, quem sabe o aluno falará mais de si, da sua relação com a terra, com os animais e, contudo o que está no seu entorno e que lhe é significativo.

Que refletindo sobre tudo isso, passe essa reflexão para o seu Diário. Será algo mais livre, porém sem dispensar a mediação dos monitores no sentido de: acompanharem sua reflexões; sua evolução; enriquecendo o seu diário com as contribuições de suas disciplinas, ajudando-o a fazer os aportes entre a teoria e a prática; ampliando a sua visão de mundo; integrando o contexto em sua formação (suas vivências, interações, trabalho, estudo, lazer, fé, tecnologias, cultura, participação, práticas etc.); melhorando a escrita e a leitura não só da palavra mas, também de mundo; fazendo pontes que interligue tudo isso, colocando o local numa dimensão global; sentindo-se, e de fato sendo, parte de um todo indiviso e assim, formando o sujeito integral.

Em fim, diante da inquietação colocada inicialmente na introdução (Capítulo I), pela falta de uma apresentação prévia do aluno no seu CR, seqüenciada pelos temas geradores de estudos - Plano de Estudos e Folhas de Observações e, enriquecida pelo mesmo com suas vivências e experiências múltiplas; fora dito, que já havia algo esboçado (por parte desta autora e atora), não como um modelo a ser seguido, mas, como proposta a ser melhorada. Esse esboço, está disponível nos anexos desta investigação.

7.2- Ressignificação: Por uma Nova Prática de Cadernos De Realidade nas EFAs.

Ressignificar o Caderno da Realidade nas EFAs implica:

- Continuar com a dinâmica da alternância;
- Reconhecer o lugar que ele ocupa nessa pedagogia e sua importância na aplicação da mesma;
- Sensibilizar os diversos atores da alternância preparando-os para ajudar o aluno na sua construção. Para isso, ele deve ser apresentado aos mesmos, fundamentando sua importância para poderem perceber o seu sentido na Pedagogia da Alternância, sobretudo para a formação de todos os implicados no trabalho da EFA, especialmente o aluno;
- Dar importância ao registro, diante de uma pedagogia tão pouco sistematizada;
- Volver para ele um novo olhar, mesmo que rotineiro, porém um olhar diferente buscando ver nele um sentido, antes nunca visto;
- Ver nele o valor da arte, da criatividade, da organização, estética, e do saber que ele produz;
- Comprometer enquanto equipe de formadores, em alimentá-lo com as contribuições teóricas de suas disciplinas;
- Que a equipe tenha uma atitude curiosa diante do mesmo a cerca de suas potencialidades e contribuições para a formação integral/global do alternante;
- Ouvir os alunos sobre o que pensam e que sugestões tem sobre esse instrumento;
- Buscar mais criatividade sobre a forma que ele pode ser enriquecido para ajudar o aluno na percepção, registro, resgate e posicionamento frente sua realidade, como também proporcionar o alcance dos objetivos a respeito das fases colocadas no capítulo específico sobre esse instrumento;

- Acompanhar a evolução do aluno como também averiguar o seu processo de reflexão ao longo do seu percurso formativo;
- Que o monitor dê ao aluno a liberdade de construí-lo, com seu estilo próprio, imprimindo nele sua marca, suas características, etc. sem, contudo deixar de exercer o seu papel de mediador necessário no processo ensino-aprendizagem para ajudá-lo na organização das idéias, fazendo-lhe provocações para forçá-lo a refletir, para que com isso, aprenda a fazer associações, tirar conclusões, posicionar-se etc;
- Fazer com que o aluno descubra o que ele não sabia depois dos aprofundamentos;
- Proporcionar ao aluno a chance de viver a verdadeira dialética da ação-reflexão-ação;
- Dar novos retornos às famílias com mais aprofundamentos;
- Contribuir para o Projeto Profissional e a descoberta da profissão.
- Dar vida a um instrumento que está fragilizado;
- Em fim, aplicar o Plano de Formação.

7.3 - CONCLUSÃO

Vivendo num sistema capitalista que nos oferece um modelo de sociedade elitizada e excludente; um modelo de homem que está mais para dominar e impor a sua cultura sobre as camadas subalternas (principalmente sobre o pequeno produtor), do que promover a vida, pensamos ser importante concluirmos esse trabalho, mostrando pelo que foi evidenciado na análise dos dados, o perfil do homem e a mulher que a EFA com sua formação integral e a contribuição do CR ajudam a formar.

Apesar das falhas na aplicação do CR, esse contribuiu de forma relevante para o desenvolvimento de três grandes dimensões dos jovens: Dimensão do ser; dimensão do ter; dimensão do fazer – ambas presentes no resultado da análise de dados, sobretudo nas formações destacadas.

Com a elaboração do Caderno da Realidade, conforme ressalta André Duffaure, cria-se um elo orgânico muito forte entre os dois períodos: familiar e escolar. Sem dúvidas, isso foi um dos grandes elementos favorecedores; pois isso implica equilíbrio, integração, diálogo, tomada de consciência e de atitudes. Assim, dentro da:

Dimensão do ser – vimos que os (as) jovens (uns mais outros menos) estão dando um passo a mais no ser, indo além de um simples existir: sendo jovens responsáveis e comprometidos: com sua fé, com o desenvolvimento do seu meio e, com as questões sócio-políticas culturais e ambientais; ou seja, por onde passam deixam marcas. De alguém que está passando pela vida contribuindo para um mundo melhor, passível de habitar, capaz de com ele relacionar, conviver.

Dimensão do ter - Deus preparou-nos uma casa (ecossistema) toda organizada, com tudo nos seus devidos lugares; fê-la passo a passo, dia – após – dia, numa alternância que respeita ritmo, espaço, tempo e condição. Fê-la tão bem, em dimensões tão proporcionais de forma, que não haja necessidade de disputa, nem competição. Aqui cada um tem o seu espaço, com as condições necessárias para sobreviver.

Isso filosoficamente falando é bonito, porém frente a ganância do homem, é difícil de se praticar. Contudo a formação desses jovens está envolta pela mística que transcende suas ações do dia – a – dia. Em se comparando com um termômetro, o seu grau de sensibilidade (face à atual crise do planeta) está bem equilibrado, é notável o seu empenho para termos: um desenvolvimento ecologicamente saudável e sustentável; socialmente justo e solidário e economicamente viável e eficiente. É evidente que para isso acontecer esta relação que ele estabelece com o seu meio, deve passar por uma ecologia interior que promova o desenvolvimento, mantendo o equilíbrio da relação entre homem e a sua biodiversidade.

Dimensão do fazer – Percebemos através das análises, ainda, que os jovens no que diz respeito à terra, ao explorá-la, mantém com a mesma uma relação de reciprocidade: tira dela o seu sustento, devolvendo a ela, o alimento de que ela precisa para continuar a alimentá-lo. E ainda, atuam como multiplicadores, repassando os conhecimentos adquiridos através de

práticas e palestras (atividade de retorno) na comunidade e família, operando com esses, a mudança necessária, para o desenvolvimento, a começar pelo local.

No que tange à análise mais especificamente dos CRs, vemos que:

Na relação de gênero - apesar da EFA nas atividades de rotina não estabelecer divisão nos trabalhos entre homens e mulheres, no CR dos alunos essa relação parece não tocá-los, pelo menos para uma mudança de atitude.

Sugerimos que a EFA faça um trabalho nesse sentido, resgatando essa relação de gênero, debatendo sua importância, a favor da superação da divisão do trabalho entre homens e mulheres.

Contexto - considerando que: se no contexto de vida tudo se relaciona, e a educação para ser válida precisa ser contextualizada, porque o contexto possui papel formador. Sendo o CR um instrumento que potencializa a Formação Integral, que a escola juntamente com o alunado trace estratégias no sentido de ver a forma que possa dispor, para incorporar esse contexto nesse instrumento e na prática pedagógica de um modo geral.

Uniformidade – que a uniformidade constatada seja superada, conforme fala MORAES (1997:p.163) criando ambientes de aprendizagens que favoreçam o desenvolvimento dos diferentes estágios que caracterizam o processo de geração de novas idéias, de novas generalizações, de novas expressões poéticas, como o paradigma emergente vem sinalizando. Repensando a educação no sentido de criar condições mais propícias para o desenvolvimento da intuição e da criatividade, condições que possibilitam momentos para a investigação dos problemas em todas as possíveis direções – momentos de relaxamento e de iluminação inesperada -, bem como para o desenvolvimento de uma atividade lógico-racional por meio da qual se exercerá o sentido crítico, avaliando ou reformulando idéias.

Interdisciplinaridade – tendo constatado que a interdisciplinaridade não está ocorrendo de forma satisfatória, e tendo em vista que essa é indispensável para que haja a formação integral, comungo as idéias de MORAES (1997:p.183) quando afirma que:

a necessidade da interdisciplinaridade não se impõe apenas como forma de compreender e modificar o mundo, mas também como exigência interna da ciência, que busca o restabelecimento da unidade perdida do saber. O seu valor, segundo Ivani Fazenda, não estaria apenas na melhoria da formação geral e profissional, mas também no fato de ser um meio de superar a dicotomia ensino-pesquisa e uma forma de permitir uma educação permanente.

Temas abordados - Apesar de não apresentarem uma certa progressividade, o que compromete a aquisição de uma visão global dos temas abordados, percebemos, que a EFA através do retorno dos alunos tem tido muitas influências no meio, sobretudo para as práticas agropecuárias com: adubação orgânica, adubação verde, quebra-ventos, cordão de contorno, aração correta, enleiramento dos restos de culturas, plantio em curva de nível, rotação de culturas; introdução de plantas e animais adaptáveis à região, armazenamento de alimentos para os animais em épocas de estiagens, como o feno e silagem por exemplo; incentivo ao aproveitamento de alimentos alternativos para o homem, contribuição para a mudança de hábitos alimentares – a exemplo das hortaliças, que muitas vezes o agricultor cultivava, mas não as utilizava na sua alimentação; contribuição no sentido de se aprender a conviver no semi-árido, com ofertas de cursos, construções de caixas de captação de água das chuvas, além de animais e plantas que melhor se adaptam ao clima, além de campanhas de reflorestamento e contra o desmatamento e a poluição das águas etc.

Ficou pouco evidenciado o lado cultural/desportivo nas atividades educativas com os alunos.

Após ter sido evidenciado a importância da Reflexão sobre a Formação Integral nas EFAs, mediante o contributo do Caderno da Realidade, sugerimos que seja implementado, se assim o convier, as sugestões aqui postas como contribuição para a ajudar na referida reflexão, como também para ressignificação do Caderno da Realidade. Para isso, será disponibilizado esse estudo, a quem de direito e de fato, no sentido de em se achando relevante, utilizá-lo em sua prática.

7.4- Bibliografia

ALARCÃO, ISABEL. Escola Reflexiva e Nova Racionalidade. Porto Alegre, Artmed. 2001.

BOUNDON, Raymond. Métodos Quantitativos em sociologia. Editora Vozes, 1971.

CARRAHER, Terezinha Nunes. Aprender Pensando: Contribuições da Psicologia cognitiva para a Educação. Petrópolis, RJ, Vozes, 1986.

CARRAHER, Terezinha e outros. Na vida Dez, na Escola Zero. 5ª Edição. São Paulo: Cortez, 1991.

DELORS, Jacques – (org). Educação: um tesouro a descobrir. 6ª Edição. São Paulo: Cortez, Brasília – MEC: UNESCO, 2001.

DEMO, Pedro. Educar pela Pesquisa. 4ª Edição. Campinas. Autores Associados, 2000.

DEMO, Pedro. Educação e Qualidade 5ª Edição. Campinas, Papirus, 2000.

DICIONÁRIO Houaiss da Língua Portuguesa – Editora Objetiva.

DUFFAURE, André – Educacion, Médio Y Alternância. Buenos Aires, APEFFA, agosto de 1993.

ELIADE, Mircea. Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. 1ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 6ª edição. R. Janeiro, Paz e Terra, 1978.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia. – Saberes Necessários à Prática Educativa. 16ª edição. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança. Um reencontro com a pedagogia do oprimido. 2ª edição. R. Janeiro, Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Paulo/Frei Beto. Essa Escola Chamada Vida: Depoimentos ao Reporters Ricardo Kotscho. São Paulo, Ática, 1986.

GADOTTI, Moacir. Educação e Compromisso. 2ª Edição Campinas, Papirus, 1986.

GADOTTI, Moacir. Pedagogia da Terra. São Paulo, fundação Petrópolis., 2000.

GUTIÉRREZ, Francisco/ Cruz Prado Rojas. - Ecopedagogia e Cidadania Planetária

HARGREAVES, Andy e outros. Educação para Mudança: Recriando a escola para adolescentes. Porto Alegre: Artmed, 2001.

JOSSO, Christine. Experiências de vida e formação. Lisboa, Educa Formação; 8, 2002.

LIBÃNEO. J.C. Democratização da Escola Pública: A Pedagogia Crítica Social dos Conteúdos. São Paulo, Loyola, 1986.

MARTINS, Gilberto de Andrade – Manual para Elaboração de Monografias e Dissertações. São Paulo, Atlas – 2ª edição, 1994.

MEIRIEU, Philippe – A pedagogia entre o dizer e o fazer. A coragem de começar. Artmed.

MEIRIEU, Philippe – Aprender ... Sim, Mas Como?. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: as abordagens do processo. São Paulo: EPU, 1986.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa Monteiro, 2001, “Professores : entre saberes e práticas” in Educação e Sociedade, ano XII, n°74, 121-142 pp.

MORAES, Maria Cândida. O Paradigma Educacional Emergente. 7ª edição, Campinas – São Paulo: Papirus, 1997.

NICOLESCU, B. O Manifesto da Transdisciplinaridade, 2ª Edição. São Paulo, TRIOM, 1999.

NILDECOFF, Maria Teresa. A Escola e a Compreensão da Realidade, 9ª Edição. São Paulo Brasiliense, 1984.

PERRENOUD, Philippe e outros. Formando Professores Profissionais: Quais Estratégias? Quais Competências? Porto Alegre: Artemed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. A Pedagogia na Escola das Diferenças: Fragmentos de uma sociologia do fracasso. Porto Alegre: Artemed, 2001.

PERRENOUD, Philippe. Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens – entre duas lógicas. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PERRENOUD, Philippe. Dez Novas Competências para Ensinar. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

PERRENOUD, Philippe. A Prática Reflexiva no ofício do Professor: Profissionalização e razão Pedagógica. Porto Alegre: Artemed, 2002.

PERRENOUD, Philippe. Construir as Competências desde a Escola. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

PESSOTTI, Alda Luzia – Ensino Médio Rural: As contradições da Formação em alternância. Ed. UFES 1995.

PIMENTA, Selma Garido e Evandro Ghedin (Orgs) – Professor Reflexivo no Brasil: Gênese e crítica de um conceito – São Paulo – Cortez 2002.

PINEAU, Gaston, 2001, “Experiências de Aprendizagem e Histórias de vida” in Carré Ph, Caspar P. (Dir) Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação, Instituto Piaget, 327 – 348 pp.

POZO, Juan Ignacio. Aprendices e Mestres: A nova cultura da aprendizagem. Porto alegre:artmed, 2002.

QUIVY, Raymond/Luc Van Campenhoudt – Manual de Investigação em Ciências Sociais.- Coleção Trajectos. Lisboa, Gradativa, 1998.

SACRISTÁN, J. Gimeno. O Currículo: Uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre, Artemed, 2000.

SILVA, Lourdes Helena – Tese de Doutorado, 2000.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: A pesquisa qualitativa em educação. São Paulo – Atlas, 1987.

WARSCHAUER, Cecília. A Roda e o Registro: Uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WARSCHAUER, Cecília. Rodas em Rede: Oportunidades Formativas na Escola e Fora Dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

Textos e Documentos:

AECOFABA – Proposta Pedagógica

AECOFABA – Relatório Encontro de Formação Continuada para Monitores - Riacho de Santana 1992.

AECOFABA – Relatório de Formação Continuada

AECOFABA – Relatório de Formação Inicial - 2001

ALTET, Marguerite, 1998, “As Pedagogias da Aprendizagem”, Paris, PUF (Comentário ao livro da autora tirado da Internet), 2p.

ALTET, Marguerite, 1998, “As Pedagogias da Aprendizagem”, PUF (algumas notas de leitura tirado da Internet), 6p.

BURGHGRAVE, Thierry (org.) - Textos sobre a Pedagogia – 2003:

-----Visita às Famílias;

-----Colocação em Comum

CAMPOS, José Carlos – Revista Educação 25 anos - Fundamentos, Políticas e Práticas da Educação Brasileira. Artigo: Vivências com o desenho: Caminhos à arquitetura p.p 196 – 205. Porto Alegre – ano XXV nº 46 março 2002. Ed. EDIPUCRS - RS 1998.

Enfoques Latino-americanos nº 8. Otra Escuela En America Latina. A.P.E.F.A. Buenos Aires – Argentina, Editorial Bonum, 1974.

JOSSERAND, Florent Nove – Surpreendente História das Maisons Familiaes Rurales. Edições France Empire.

JÚNIOR, João Batista de Almeida - Revista Educação PUC – Campinas junho 2002. Fundamentos, Políticas e Práticas da Educação Brasileira. Artigo: Vivências com o desenho: Caminhos à arquitetura p.p 196 – 205. Porto Alegre – ano XXV nº 46 março 2002. Ed. EDIPUCRS - RS 1998.

GIMONET, Jean Claude. A alternância na formação. Método Pedagógico ou Novo Sistema Educativo? - As Experiências das Casas Familiares Rurais.

PERRENOUD, Philippe. Doc. Via Internet: – Perfil de Philippe Perrenoud; As Práticas Pedagógicas Mudam. [Http://www.centrorefeducacional.com.br/perrenoud.htm](http://www.centrorefeducacional.com.br/perrenoud.htm).

PERRENOUD, Philippe. Formar Professores em Contextos Sociais em Mudança. Prática Reflexiva e Participação Crítica. Revista Brasileira de Educação. Setembro – Dezembro 1999, nº 12, pp. 5-21.

UNIÃO NACIONAL DAS ESCOLAS FAMÍLIA AGRÍCOLA DO BRASIL – Pedagogia da Alternância, Alternância e Desenvolvimento, UNEFAB, Dupligráfica, Brasília – DF. 1999.

ZAMBERLAN, Sérgio. (org.) Plano de Formação – 2001.

ZAMBERLAN, Sérgio. (org.) Caderno da Realidade – 1998.

ZAMBERLAN, Sérgio. (org.) Da História do Surgimento do Plano de Formação – 1998.

ZAMBERLAN, Sérgio. (org.) (texto de A. Duffaure),- Escola Família Agrícola como Instituição Educativa - 1998.

ZAMBERLAN, Sérgio - Textos sobre a Pedagogia da Alternância – CF – MEPES, Anchieta – ES, 1981

7.5- Anexos

SUMÁRIO DOS ANEXOS

Anexo 01 - Proposta da prévia apresentação do aluno no CR.....	205
Anexo 02 - Fichas de Avaliação do Caderno da Realidade	217
Anexo 03 - Roteiro de entrevista para monitores	220
Anexo 04 - Síntese da entrevista aos monitores	221
Anexo 05 - Roteiro de entrevista para alunos.....	229
Anexo 06 - Sínteses da entrevista aos alunos.....	232

ANEXO 01

Caderno da minha Realidade

ILUSTRAÇÃO DA CAPA A CRITÉRIO DO ALUNO

IDENTIFICAÇÃO

EU SOU

NOME: _____

FL 01

NASCI EM:

____/____/____, no lugar chamado
____ no município de
____ - BA,
Brasil.

MEU BATIZADO

DATA: ____/____/____

PADRINHOS:

Consagração

IGREJA/CAPELA:

PADRE

FL 02

ENDEREÇO:

- Foto da nossa casa e/ou comunidade
- Ilustrar
- Colagem

• Sexo: ____ Altura: ____ Peso: ____

• Tipo Sangüíneo: ____ Estado civil: ____

• Documentos: ____ RG.: ____

CIC.: ____ Outros: ____

- **ESCOLARIDADE:**

Estou cursando o _____ ano
(____ série) do _____ grau na escola:

em:

- Foto

- Ilustração

FL 03

- Foto da equipe de monitores

São os meus monitores/professores:

- Na nossa EFA, nossas atividades são as seguintes:

- Na nossa Família/Comunidade, tenho como atividades:

- Nossa família é composta por:

Pai:

Mãe:

Avós maternos:

Avós paternos:

Bisavós maternos:

Bisavós paternos:

- Foto da família ou ilustração

FL 04



Árvore Genealógica

FL 05

A nossa propriedade é de _____ h

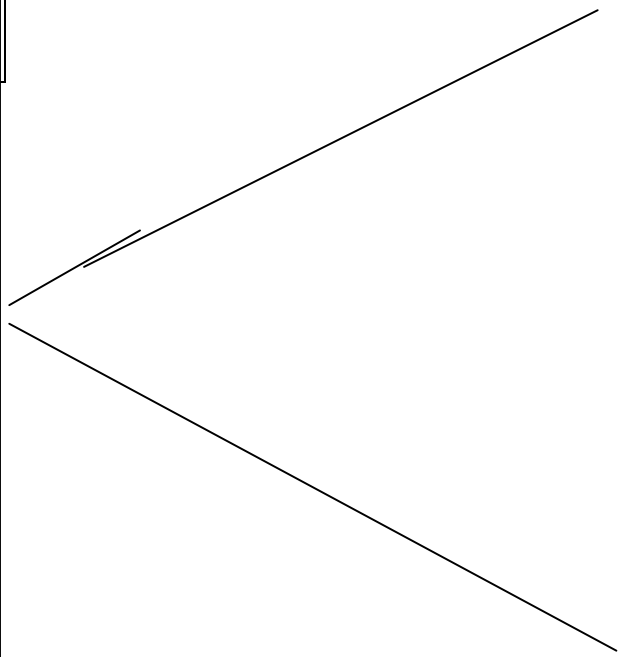
Ilustração de tratos culturais

- Croqui da propriedade


Croqui da propriedade

Nela cultivamos:

Constitui um total de _____% de área cultivada, _____% de capineira e _____% de mata.



amentos:


A diagram consisting of four horizontal lines. From a single point on the left, four arrows point to each of the four lines. The top arrow points to the top line, the second arrow points to the second line, the third arrow points to the third line, and the bottom arrow points to the bottom line.

Ilustração



Ilustração

Ilustração



Ilustração



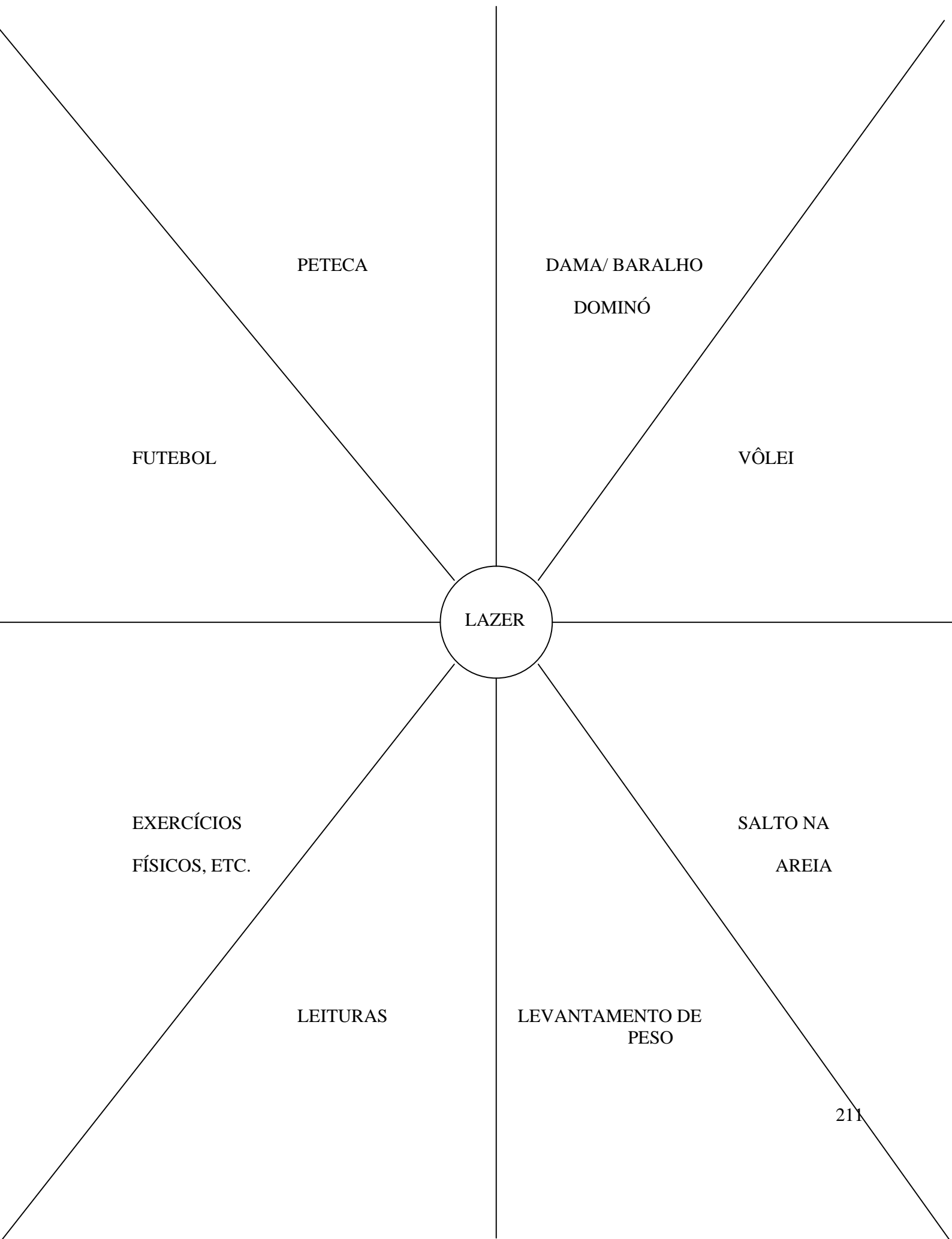
NOSSA RENDA FAMILIAR É DE _____
SALÁRIOS MÍNIMOS MENSAL

Na nossa família o trabalho
é dividido da
seguinte maneira:



Mãe
Pai
Filhos

PEQUENA DESCRIÇÃO SOBRE A NOSSA FAMÍLIA



Minha Biblioteca Pessoal

LIVROS[illegible]

APOSTILAS/REVISTAS/OUTROS

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.

PARA MINHA LOCOMOÇÃO ATÉ A ESCOLA, UTILIZO:

Ilustração ou colagem	Ilustração ou colagem
-----------------------	-----------------------

- As datas que comemoramos e dias santos que guardamos em nossa família/comunidade são:

Ilustração	<table border="1"><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr><tr><td></td></tr></table>													Ilustração
Ilustração	Ilustração													

NA NOSSA FAMÍLIA E COMUNIDADE FAZEMOS TRANSFORMAÇÕES DOS SEGUINTE PRODUTOS:

MATÉRIA PRIMA:

Em:

Em:

Em:

Em:

Em:

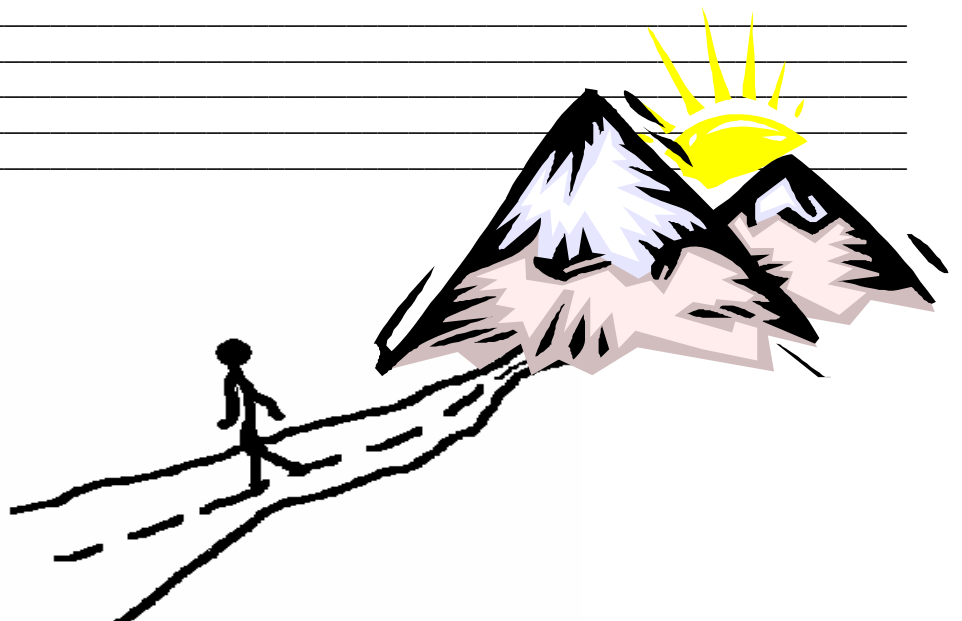
Em:

Em:

por **?** que

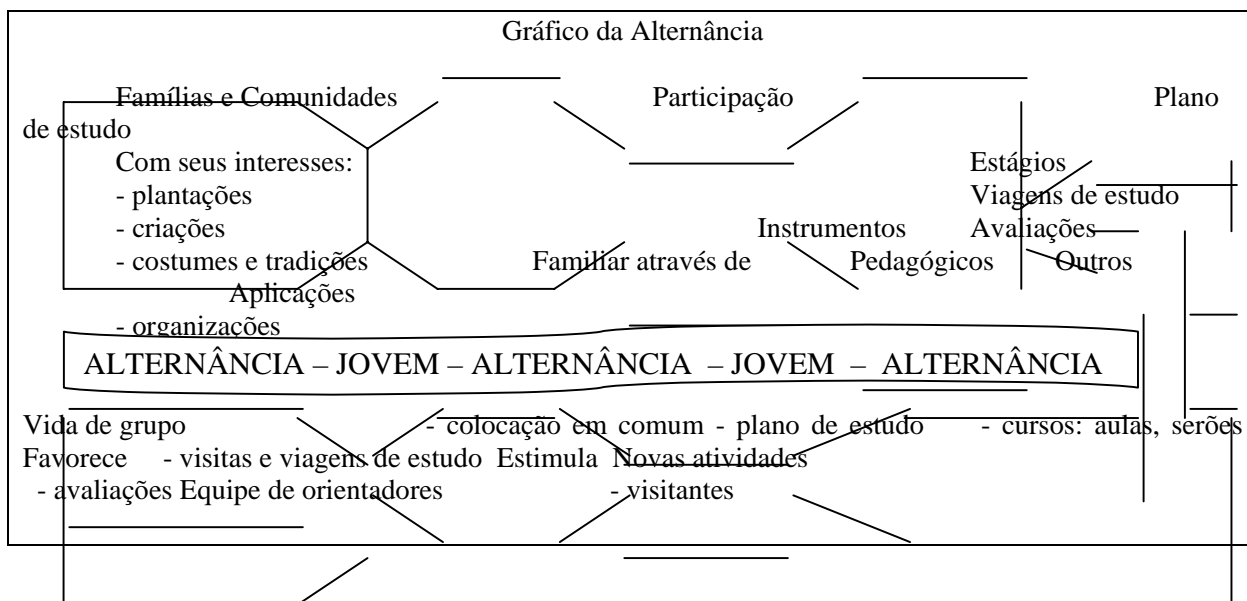
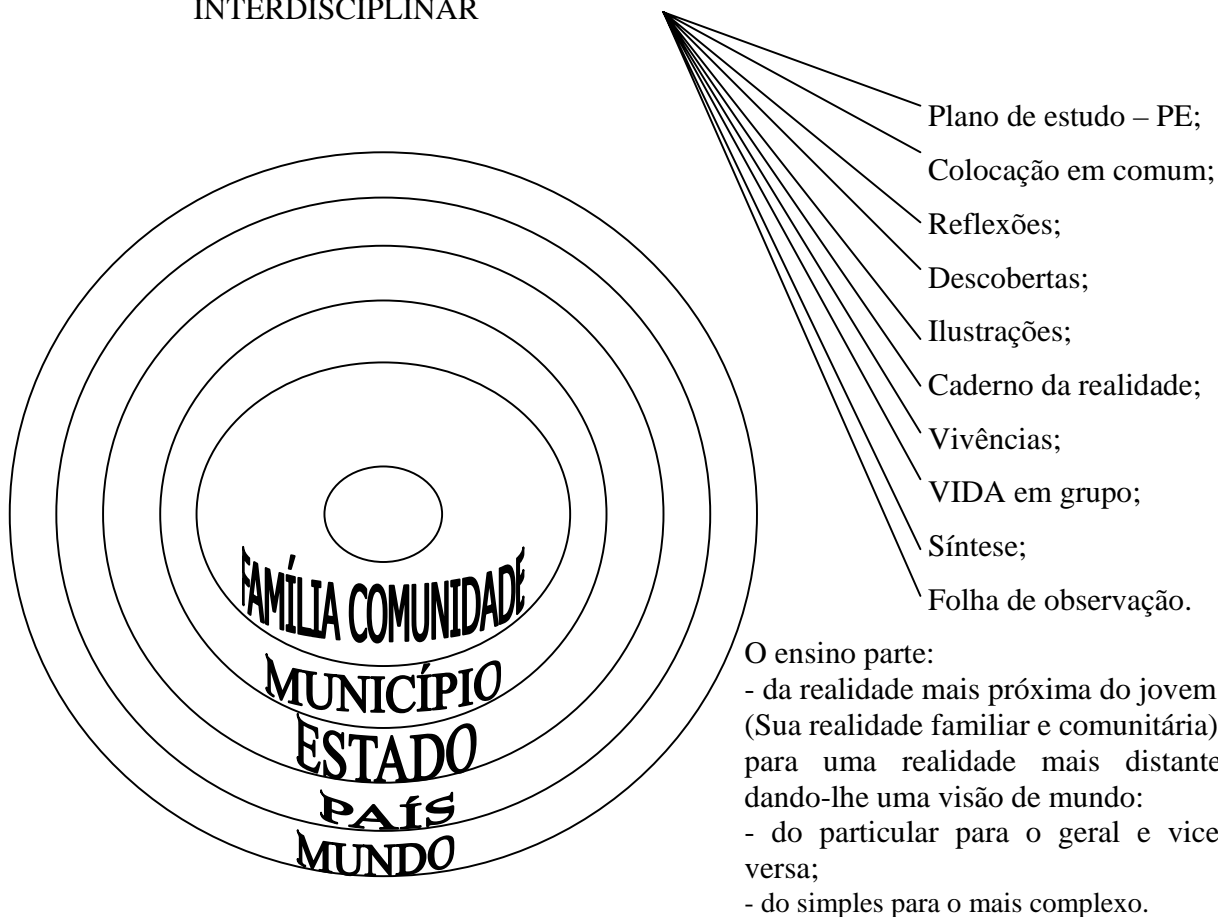
FIZ OPÇÃO EM ESTUDAR NA ESCOLA
FAMÍLIA AGRÍCOLA

MINHAS EXPECTATIVAS E CONSTATAÇÕES EM RELAÇÃO À EFA:



A MINHA REALIDADE SOB A ÓTICA DO NOSSO PLANO DE FORMAÇÃO

INTERDISCIPLINAR



ANEXO 02

FICHAS PARA AVALIAÇÃO DO CADERNO DA REALIDADE:

Ficha número 01 – Aluno

Nome _____ Série: _____

Tema: _____

01- O que você sabia sobre o tema estudado?

02- O que você descobriu a mais?

03- Que aspectos do tema você poderia estudar par enriquecer seus conhecimentos?

04- Quantas e quais pessoas participaram com você nas respostas do Plano de Estudo?

05- Como foi sua participação na colocação em comum? Por que?

06- Em quais momentos sentiu mais dificuldades?

() relatório

() capa

() respostas

() redação

() ilustração

() outros

Por que?

07- Em momento você se sentiu mais motivado? Comente.

08- Descreva os passos que você deu para responder o Plano de Estudo.

09- Que sugestões de visitas, palestras, viagens de estudo você propõe para este tema?

10- Que nota você se atribui neste tema?

Ficha número 02 – Família

- 01- No período em casa seu filho dedica algum tempo para organizar os trabalhos referentes ao Caderno da Realidade? Comente.
- 02- Busca junto a família as informações necessárias? Como?
- 03- Procura outras pessoas da comunidade para obter informações? Quais?
- 04- A família encontra dificuldades para participar deste trabalho? Quais? Por que?

Ficha número 03 – Monitor

Critérios Para Avaliar O Caderno Da Realidade

I – Organização

- Sequência dos Temas Geradores e dos Planos de Estudos
- Questões formuladas
- Respostas e dados coletados
- Ilustrações
- Conclusões individuais
- Sínteses formuladas em grupos
- Ordenação em índices

II – Estruturação

- Quanto ao conteúdo/ redação
- Clareza das idéias (registro do levantamento)
- Coerência com o tema em estudo
- Linguagem utilizada
- Concordância
- Ortografia

III – Estética

- Encadernação
- Capricho
- Higiene
- Caligrafia
- Margens
- Seqüência e ordenação de um modo geral

IV - Empenho

- Dedicção compromisso
- Valores
- originalidade

V – Habilidade e criatividade nas ilustrações e na escrita

- Expressou além da orientação?
- Ficou preso a padrões determinados pelo monitor?
- As ilustrações são claras, objetivas?
- As ilustrações fornecem informações compreensíveis?
- Demonstra criatividade no material utilizado para ilustrar?

ANEXO 03

ROTEIRO DE ENTREVISTA AOS MONITORES

- 01- Caderno da Realidade – O que é? - Como define?
- 02- Utilização do CR na EFA - se utiliza? Como?
- 03- O CR contribui para a formação? - de quem?
- 04- CR pode ser útil na formação das famílias?
- 05- Importância do CR na Pedagogia - se tirar faz falta?
- 06- Na Pedagogia da Alternância, o que representa o CR?
- 07- Nomes atribuídos ao Caderno da Realidade
- 08- O que entra no CR?
- 09- Ilustrações - Como são feitas?
- 10- Importância do Desenho
- 11- Avaliado do Caderno da Realidade na EFA
- 12- Erros de grafia, e interpretação encontrados no CR: corrigi-se ou ignora?
- 13 – Conceito de realidade
- 13- Você que é monitor e teve seu percurso formativo na escola família agrícola de primeiro e segundo grau, na sua vida esse caderno da realidade significou o quê? foi importante, não foi, lhe ajudou de alguma forma? - em quê? (essa pergunta fora feita ao monitor que teve seu percurso formativo na EFA)

ANEXO 04

Síntese da Entrevista Monitores

1 - Como você define o Caderno da Realidade, que que é o Caderno da Realidade para você ?

J.A - Resposta: Acho que o Caderno da Realidade para mim é, seria um documento onde você coloca todas as atividades que você vai desenvolvendo né?, ou seja, a própria realidade né?, qualquer trabalho que você faz, qualquer atividade, você vai colocando ali.. Seria um registro dessa realidade.

K.C - Resposta: Eu acho que o CR é o registro de tudo do aluno, da vida do aluno na escola na comunidade e é o registro porque eu sempre quando eu analiso o CR eu vejo se está condizendo com as respostas do PE. Então ali onde tá ilustrado ou colado alguma coisa, tem que tá de acordo com a resposta do PE, que é a realidade do aluno.

2 – Você acha que o CR contribui para a formação?

K.C - Resposta: Ah! Eu acho. Eu acho porque é um documento que o aluno tem da vida na escola. Eu acho que ele contribui muito para a formação dele. Aquele aluno que leva a sério, que faz o CR com gosto, contribui para a formação. Na formação dele como pessoa, como técnico. Vamos supor, você faz um PE de forrageiras ele procura até ver às vezes alguma coisa científica né? Alguma coisa pra enriquecer o PE. Vai além da pesquisa né?

J.A - Resposta: Eu acho que contribui. Porque, dá pra você medir até a evolução do aluno. Por exemplo, você pega o Caderno da Realidade lá do 1º ano, onde o aluno começou depois você vai lá no 4º ano, você vai vê, que tem uma evolução, desde o português, a forma de organizar, o registro, né? Da forma de registrar as coisas, acho que tudo isso, contribui.

3- Para além do aluno, o CR ajuda também na formação das famílias? pode ser utilizado com essa finalidade?

J.A - Resposta: ajuda na formação do aluno; eu acho que um pouco também da família, porque, ele vai ter ali, registros históricos da própria família, da comunidade do aluno também. Acho que ele contribui para a formação de todo mundo que está envolvido.

Eu acho que dá pra ser utilizado na formação porque tem muitos temas que é discutido né? Com relação à própria propriedade, do aluno, o estudo de uma determinada cultura ou criação, né/ ali é levantada algumas questões que depois é discutida se, se aquilo pode continuar do jeito que tá ou pode melhorar, então eu acho que nesse ponto de vista ele é importante pra fazer uma reflexão, com os próprios pais.

K.C - Resposta: É que não sei muito sobre Plano de Formação das Famílias, porque agente não trabalha ainda com ele. Se o aluno levar como retorno eu acho que pode. Pode não, eu acho que ajuda no desenvolvimento da família lá. Mas, o que agente não pode observar bem é porque nós não acompanhamos as famílias. O acompanhamento às famílias aqui é muito falho. Aí não dá muito pra ver esse retorno lá, se o CR surtiu efeito. Não dá pra comprovar isso né? Mas, agente tem depoimentos de alunos que agente vê, que o CR ajuda no trabalho na família. Porque a própria síntese a gente não tem assim uma coisa comprovada se o aluno leva de novo para a comunidade. O objetivo era levar de novo a síntese, vê o que foi decidido, o que não foi e esclarecer pra comunidade. E às vezes agente não sabe. Agente só tem a certeza dos projetos que eles trazem da comunidade, porque agente pega as assinaturas.

4 - Aqui na EFA, tem alguma utilização do Caderno da Realidade? Se tem como é?

J.A -Resposta: Eu acho que aqui na escola pra ser sincero agente... se resume mais mesmo pra dá uma nota no CR que ele (o aluno) precisa no semestre... a cada trimestre, mais aí, eu acho que ele se resume a isso. Não tem muita utilidade além disso não.

K.C - Resposta: Aqui só recebe o CR para corrigir. Na sala de aula não. Só mesmo para o aluno. Porque o que seria para o monitor seria só a síntese né? A síntese que se o monitor quiser trabalhar na sala de aula junto com a disciplina ele tem acesso a síntese. Depois de pensar um pouco.... continuou: No seu caso a síntese é utilizada. Em primeiro lugar para conhecer a realidade do aluno, sua vida em família e comunidade. No trabalho em sala de aula este caderno

me auxilia para trabalhar a disciplina Língua portuguesa, usando os conteúdos gramaticais com frases reais dentro do Plano de Estudo bem como com a redação feita pelo aluno para aprofundar a disciplina, desenvolvendo habilidades e criatividade nos textos, sua capacidade artística, organização e gosto pela arte.

5 – Como é a organização do CR aqui na escola? O que é colocado nele?

J.A - Resposta: Pra mim entraria tudo, desde o registro do PE, todas as atividades... normalmente ... aqui na escola gente não faz isso, mas pra mim deveria ser mais completo por exemplo entrar mais atividade que o aluno desenvolve na sua própria comunidade, uma reunião que ele faz lá, uma atividade que seja interessante, eu acho que deveria também constar no Caderno da Realidade . Normalmente aqui a gente só coloca as atividades do PE., redações, Resume mais nisso. Eu acho que tinha que ser mais amplo.

K.C - Resposta: Nós colocamos desde as perguntas. É colocada a pergunta. Os alunos trazem as perguntas com as respostas com assinaturas. Então eles trazem de casa já o CR pronto: a capa, as respostas e já fazem a redação. Nós no dia que recolhemos, já recolhemos o rascunho da redação que eles fazem, para ser corrigida. Então é colocada as perguntas com as respostas, as ilustrações e a síntese por último. E às vezes eles fazem as respostas entre as ilustrações. As ilustrações baseiam-se nas respostas.

6 - Quais os nomes que você conhece que é atribuído ao Caderno da Realidade - aqui pra nós é Caderno da Realidade, não é? você tem conhecimento, que em outros lugares ele tem outro nome ou não?

J.A - Resposta: Não... eu sempre conheci como Caderno da Realidade.

K.C - Resposta: só conheço por esse nome. Tem outro?

(nesse momento falei um pouco dos nomes que o CR tem em outros países).

7 - O que representa o CR na Pedagogia da Alternância? Qual sua opinião tem importância não tem...

J.A - Resposta: Eu acho que é importante. Importante porque primeiro que essa questão de ser um documento onde você tem registrado, que você tem a sua evolução, eu acho que ele passa a ser assim também um, uma coisa que passa a fazer parte da história da pessoa .

Como eu já falei que ele é um registro da história, das atividades do aluno, então no CR quando o aluno vai fazer o seu projeto, né, tem muita coisa que ele pode recorrer utilizar, né?: alguns registros que ele fez ali que pode servir pra uma consulta depois e até para o próprio projeto.

K.C - Resposta: Pela fundamentação da pedagogia da escola com a da alternância, com o PE, acho que ele tem muito. Ele ajuda muito na Pedagogia da Alternância porque é o retrato da alternância do aluno.

8 - Como é avaliado o Caderno da Realidade aqui na EFA?

J.A - Resposta: Bom, aqui agente tem um critério assim: observar a organização, como é que o aluno organiza né? Ah!, um pouco a estética também né?. Se ta... partindo da organização também a estética se, porque tem alunos que colocam folha maior, outra folha menor, então isso ... agente também observa também essa estética, né?. Se ta feita organizadinha, observar os parágrafos, né? se não tá assim de qualquer jeito? Observa também a., organização se tá na ordem né, geralmente assim a gente tem uma ordem de colocar os questionários, depois do questionário vem a folha de resposta, depois o, a ilustração...a redação e a síntese né? Então se é nessa ordem, tem a ordem do primeiro PE, o segundo e, bom além disso, a gente observa também que, normalmente é feito uma correção da redação né? e a gente observa também se ele ao passar a redação a limpo se ele teve o cuidado de corrigir os erros ou não; normalmente a gente só passa um traço assim, eu até pedi pra eles que observem o que eles erraram, mais nem corrigi, né? corrigi na próxima.

K.C - Resposta: Nós avaliamos assim. Porque o CR tem uma nota de 0 a 10 não é ? Dez pontos. Aí nós avaliamos pela organização, pela criatividade. Porque antes vai dar a nota no PE. Então no PE da 10 pontos. E avaliamos o CR só pela criatividade do aluno porque se já foi avaliado o PE antes, só é a criatividade, organização, desenho, ilustração...

A equipe se divide cada série para um monitor; reveza para não ficar só naquela turma. Até não foi essa a idéia do português. É bom sempre você ficar com aquela turma, né? Ter um número x de alunos. Mas, aqui a gente ta fazendo revezado. Sempre que a gente vai, vamos supor que dou um P.E. para aquela turma nesse semestre, eu dou o PE e aí eu corrijo o CR; no outro semestre, já vou para outra turma.

9 – Os alunos têm resistência ao PE e CR ou não?

J.A - Resposta: Eu acho que, logo quando cheguei aqui tinha uma resistência até maior, mas parece que hoje, hoje tá um pouquinho melhor.

K.C - Resposta: Não. Só reclama às vezes quando coincide com sessão de avaliação; aí eles reclamam: Ah! ainda tenho que fazer o CR. Mas, o Caderno eles estão trazendo quase prontos de casa porque a redação já trazem ponto de casa. Então a agente só pega para corrigir até mesmo para ganhar tempo.

10 - Em relação aos erros de grafia e interpretação encontrados no CR, você acha que de vê ser corrigidos ou ignorados?

J.A - Resposta: Eu acho que deve ser corrigido assim, alertar o aluno, até grifar ali onde ele errou e alertar pra ele que aquilo ali tá errado, que a partir daquele momento, ele não deve cometer mais aquele erro, mais eu acho ali onde já ta feito, eu acho que não deve ser mudado, mexido não. Porque aí eu acho que serve pra depois até acompanhar a evolução dele se ele melhorou ou se continua no mesmo, né?

K.C - Resposta: As redações já que é ensino médio eu vejo a redação assim. Já cobro do aluno a redação com os critérios de redação. Já é uma forma pra ele aprender a fazer redação. Então quando eu corrijo as redações, eu falo eu porque a maioria sou eu que corrijo por causa da disciplina agora Paulo Roberto me ajuda. Então eu já chamo o aluno para a formação de parágrafos, para usar a criatividade na redação, para não dar aquela forma seca de resposta que às vezes eles começam a redação como se fosse só o parágrafo da redação, como se fosse uma resposta da pergunta. Então eu já tento levar ele a formar a redação um parágrafo dirigido, aí eles fazem o texto de acordo com a resposta deles.

11 - Como são essas ilustrações? Ilustra –se através de que?

J.A - Resposta: De desenhos. Normalmente eles fazem desenho. Essas ilustrações, normalmente dependendo do questionário, da resposta, o aluno vai escolher alguma questão ali que dá pra ilustrar né?

K.C - Resposta: A maioria desenho.

12 – Você acha o desenho importante?

J.A - Resposta: Eu acho que o desenho ele é muito importante porque .ele ta traduzindo, primeiro que ta desenvolvendo uma parte artística também né? De comunicação e tal. Então ele ta traduzindo uma coisa que ta lá na realidade, mas que depois ta ali no papel . Ele ta traduzindo para uma coisa mais visual mais concreta. Eu acho que é importante.

K.C - Resposta: Ah! Eu acho. Eu valorizo mais o desenho do que a colagem. Até a própria foto. A foto fica bonito, fica mais concreto, mas, o desenho é mais criatividade, o gosto. Fico olhando quando o aluno faz o Plano de Estudo aqui assim, quando aqueles que fazem com muito carinho, vendo a cor, o desenho, vendo a terra se ta no devido lugar; a plantinha... a gente vê que ele tem gosto assim pelo desenho. E um às vezes não. Às vezes põe a árvore lá até voando né? O desenho de uma terra, com a árvore do tamanho do homem, desproporcional. E a gente vê muitos que tem o gosto na só pelo desenho , o gosto de ter seu CR organizado.

13 - Mas pode também usar colagens, outras coisa ou o desenho é recomendação mais da equipe

J.A - Resposta: Aqui é determinado que seja mais desenho. Acho que o desenho mostra um pouco mais de criatividade né? Que colagem pega uma coisa que já tá feita lá e cola né? Pode não corresponder. Então normalmente agente pede que seja mais um desenho de mão livre..

K.C - Resposta: Eu acho que é uma recomendação mais da equipe porque hoje é criatividade. Agente pede a ele que não seja uma coisa decalcada. Que seja natural, do próprio meio dele. Às vezes até agente indica de usar fotos, mas por causa da carência de recursos eles não usam fotos.

14 - E quem não sabe desenhar como é que reage?

J.A - Resposta: Ah! Normalmente eles fazem, uns fazem melhor, um pouquinho melhor outros pior , mas normalmente sai alguma coisa.

K.C - Resposta: Quem não sabe desenhar, tenta e sempre sai algo.

15 -O que é realidade para você?

J.A - Resposta: Se vemos o que queremos ou o que os outros desejam, então fica difícil definir o que é realidade, se ela de fato existe ou depende da interpretação de cada um. Mas uma coisa é certa, a realidade é profundamente influenciada pela cultura; por isso a realidade do pequeno agricultor é bem diferente da realidade dos fatos interpretados. Cientificamente, ela é carregada de crenças, superstições e fatos concretos do dia-a-dia (dia, noite, frio, calor, seca, chuva, plantio, colheita, plantas, animais) que pode ser sentido ou tocado, mas as interpretações desses fatos pode sofrer variações de acordo com as influências culturais de cada um.

16 - Você (Joaquim), que é monitor e teve seu percurso formativo na escola família agrícola de primeiro e segundo grau, na sua vida esse caderno da realidade significou o quê? foi importante, não foi, lhe ajudou de alguma forma, em quê?

J.A - Resposta: Olha eu acho que eu posso resumir assim: Na época que eu estudei não senti uma prática de fazer PE, mas eu acho... pra mim tem um problema aqui na Bahia que continua como sempre não mudou muita coisa , aí eu acho que há assim um desconhecimento do que realmente significa o PE. Eu tenho observado pôr exemplo o meu retorno, quando eu retornei sempre pró segundo grau, o que eu observo aqui, é o que eu observava antes, quando eu trabalhava também lá na escola de 1º grau. Pra dizer a verdade quando eu trabalhava aqui eu não gostava de PE, eu tinha pavor mesmo, achava que não tinha importância nenhuma. A gente fazia na escola mesmo somente para cumprir. Que tinha que fazer, más...Eu acho que me despertou mais foi quando eu fui pró MEPES lá pra escola de Vinhático que trabalhava mesmo com..o PE era colocado em primeiro lugar, aí foi que eu fui conhecendo... .Fazia o PE e tinha depois as ligações com todas as disciplinas – a interdisciplinaridade; e a gente via também o interesse dos alunos porque não era uma coisa que era feito e depois morria ali não. Lá se fazia...

tinha todo o envolvimento dos alunos na preparação do PE, depois da colocação tinha as atividades de retorno, o aluno retornava com aquilo pra comunidade, fazia as visitas de estudo que era obrigado também né? , as intervenções, né, quer dizer, tinha todo um trabalho que ia até o final; e finalizava com uma atividade de retorno que o aluno levava pra fazer algum trabalho na comunidade, ou alguma palestra, ou atividade prática também, né? Eu acho que a partir disso aí me despertou. Ficou sendo assim... fui aprendendo também alguma coisa né? ... a partir do momento lá do MEPES com esse trabalho que foi feito , eu passei a interessar mais; e aí, a partir daí, acho que fui perceber que o CR é muito importante por causa desse registro histórico que você vai ver a evolução né? até a correção ortográfica quando tava falando da questão do português as palavras que estão erradas depois vão ser corrigidas, acompanha essa evolução. Depois ele é um registro histórico mesmo, um trabalho que precisa ser feito, uma descoberta.

E hoje, vocês monitores estão mais motivados para aplicar essa metodologia?

J.A - Resposta: Eu acho que melhorou um pouco, mas ainda esbarra nessa questão de que praticamente você faz o PE, pra ter uma nota e depois morre aí. Não tem muita oportunidade, não tem muita interdisciplinaridade, quer dizer... pode até ser que eu chego lá na minha disciplina que eu fale um pouco né? mas não é um trabalho feito conjunto.

ANEXO 05

ETFAB - ESCOLA TÉCNICA DA FAMÍLIA AGRÍCOLA DA BAHIA

ALUNO (A)

IDADE ENDEREÇO

SÉRIE ANO

ENTREVISTA - ALUNO (A)

1ª - O que representa, para você, o Caderno da Realidade?

.....

2ª - O Caderno da Realidade ajuda a refletir a realidade na qual você está inserido?

() Sim () Não

Se ajuda, de que forma? Exemplifique.

3ª - Que importância você atribui à formação integral recebida no seu percurso formativo (EFA) nos aspectos abaixo:

Aspectos:	Importância da Formação Integral				
	1	2	3	4	5
Intelectual;					
Moral;					
Espiritual/religioso;					
Técnico;					
Ético;					
Ecológico;					
Pessoal;					
Desportivo;					
Cultural;					
Profissional					

4ª - Quais as contribuições que o Caderno da Realidade dá em sua formação nos aspectos:

Escolar-intelectual.....

Humano Social.....

Técnico.....

Espiritual.....

Ecológico.....

5ª - Em relação ao interesse/dedicação de organizar o Caderno da Realidade, considero que é:

- ☐ excelente
- ☐ bom
- ☐ razoável
- ☐ deficiente
- ☐ perca de tempo

6ª - Minhas expectativas no que se refere ao Caderno da Realidade:

- ☐ Está concretizando o que eu esperava
- ☐ Está sendo inteiramente diferente do esperado
- ☐ Estou perdendo meu tempo

Por que ?-----

7ª - Com o Caderno da Realidade:

- ☐ estou aprendendo muito
- ☐ estou aprendendo alguma coisa
- ☐ quase nada estou aprendendo.

8ª - O que passa na sua cabeça no momento em que vai ilustrar o Caderno da Realidade?

- ☐ isso é uma besteira
- ☐ é perca de tempo
- ☐ um desafio
- ☐ outro (qual ?)

Por que ?-----

9ª - Qual é a motivação que você recebe da equipe de monitores para organizar e enriquecer o Caderno da Realidade?

- ☐ muita
- ☐ pouca
- ☐ nenhuma

10ª - Como você avalia o Caderno da Realidade?

11ª - Como você define o Caderno da Realidade?

12ª - O que você costuma colocar no seu Caderno da Realidade?

- ☐ PE's ☐ Sínteses ☐ Produções ☐ Recortes: jornais, revistas
- ☐ Documentos (quais?) -----

Ilustrações:

- ☐ Desenhos ☐ gravuras ☐ croquis ☐ gráficos ☐ tabelas ☐ Fotografias ...

13ª - Você gosta de organizar o Caderno da Realidade?

- ☐ Sim ☐ Não

por que? -----

14ª - O CR ajuda a reconstruir a sua história?

☐ Sim

☐ Não

Se ajuda, de que forma?-----

15ª - A sua família conhece o seu Caderno da Realidade?

☐ Sim

☐ Não

Se não conhece, por quê?-----

16ª – O CR de alguma forma, o ajuda a descobrir a sua vocação profissional?

☐ Sim

Não ☐

Por que?

17ª - O que é realidade para você?

ANEXO 06

SÍNTESE DAS ENTREVISTAS AOS ALUNOS

1ª - O que representa, para você, o Caderno da Realidade?

A - Representa a minha realidade;

B – Representa a minha vida e de minha realidade familiar e comunitária;

C –Representa uma busca de conhecimento a partir da realidade mais próxima;

D – Representa muita coisa porque fala a realidade da gente;

E – Representa a história de minha vida, família e comunidade;

F – Representa uma ata que conta toda minha história

2ª - O Caderno da Realidade ajuda a refletir a realidade na qual você está inserido?

a) – Resposta: A,B,C,D,E,F = Sim **b) - Se ajuda de que forma – Exemplifique:**

A –Através da aquisição de conhecimentos. Ex: com o PE Conservação do solo, aprendi a pensar sobre a forma de como vou preparar a terra de minha propriedade e também a saber o tipo de solo, fazer análise;

B –Descobrimos maneiras de realizar uma atividade. Ex: Um tema como associativismo, tem coisas a despertar para a realidade, para a consciência crítica: Depois disso tomei curso sobre cooperativismo, formei associação comunitária, onde sou 2º presidente e sou também 2º tesoureiro na central das associações de Licínio;

C - A partir do conhecimento que ele nos dá, ajuda a gente a refletir e a pensar minha realidade.

D – Por que os temas trabalhados são da nossa realidade. Ex.: Conservação do solo. O que aprendi sobre esse tema, não fazia antes. Aprendi também a tratar dos animais com reserva de alimentos para os períodos de seca. Hoje faço o silo; e antes eu não fazia;

E - Ex.: PE de organização que está sendo trabalhado na EFA, penso como está a organização na minha família e comunidade;

F- Quando estamos fazendo o Caderno da Realidade já estamos avaliando a nossa forma de fazer, e se estamos fazendo certo. Ele nos dá dica do que fazer e como fazer dá pistas para.

3ª- Que importância você atribui à formação integral recebida no seu percurso formativo (EFA) nos aspectos abaixo:

ASPECTOS	1	2	3	4	5
Intelectual			A-C-D	E-F	B
Moral			D	B-C-F	A-E
Esp/religioso			C	A-B-D	E-F
Técnico			A-D	C-F-E	B
Ético			C	D	A-B-E-F
Ecológico				E-F	A-B-C-D
Pessoal			B	C-D	A-E-F
Desportivo	A-B	C-D-E	F		
Cultural	A-D	B-C-E		F	
Profissional			C-D	A-B-E	F

4ª - Quais as contribuições que o Caderno da Realidade dá em sua formação nos aspectos:

Escolar – intelectual:

A - Contribui com mais aprendizagem;

B –Despertar a buscar a pesquisa a desenhar (aprendi com o CR) e a dominar a redação;

C –A partir do conhecimento da nossa realidade, posso confrontar com outra. Na redação, o domínio da escrita e da leitura;

D –Contribui para eu fazer uma redação e leitura da minha realidade e a ter uma visão mais crítica;

E – Melhorar a escrita, redação, leitura e outros conhecimentos;

F –A ter uma visão mais crítica, a fazer leitura de mundo, na melhoria da escrita e sobretudo a saber interpretar o que leio.

Humano Social:

A – Aprendeu a tratar as pessoas de forma educada;

B –Aprendi a conviver mais com as pessoas, a engajar na sociedade e colocar o que sei para os outros;

C –Contribui desde o processo de levar a pesquisa (PE), ter contato com as pessoas – aprendo a relacionar com elas. E a partir da resposta deles, o surgimento de novos aprendizados;

D –A ter mais participação na comunidade e a saber a lidar com as pessoas, conviver bem;

E – Relacionar com as pessoas, respeitar, tratar bem, a cuidar da casa;

F – Contribuiu na formação humana, a saber me comportar em sociedade e na convivência com outros.

Técnico:

A – Com conhecimento da forma de trabalhar na propriedade;

B – Foi um dos pontos que mais contribuiu. Todos nós que trabalhamos na roça, já somos um técnico por natureza. Mas, com o PE/CR, isso foi trabalhado mais porque teve a preocupação de unir a teoria com a prática;

C – Cultura do milho. Na colocação em comum do PE, as técnicas que uma região usa e outra não, isso dá ensinamentos. Na parte técnica é uma das maiores contribuições;

D – Contribui com muitas coisas sobretudo com aprendizado de novas técnicas;

E – Cuidar das culturas e animais;

F – Contribuiu mais com as práticas (saber fazer). Tem coisas que a gente faz sem saber porque faz, aqui, eu sei porque faço.

Espiritual:

A – Para ter mais participação nas missas e nos cultos;

B – Contribuiu com a parte de trabalhar mais na comunidade, dedicar mais a igreja, vê a parte espiritual mais como necessidade e não como tradição;

C – De certa forma deve contribuir, mas vai depender do tema do PE.;

D –Ajudou-me a ter mais interesse e a participar das rezas comunitárias e grupo de jovens;

E – Minha influência na participação na igreja, a engajar na comunidade;

F –A animar uma reunião, refletir mais sobre a vida de Deus principalmente nas reflexões matinais antes do início das aulas.

Ecológico:

A – Consciência de não desmatar, de respeitar o meio ambiente;

B – Aprendendo a conviver com o meio ambiente, pois temos a tendência de ser imprudente com o meio ambiente. Com os PEs/CR, aprendemos a amar mais a ecologia.

C – Por exemplo com o PE Conservação do solo: engloba todos os meios para respeitar a ecologia: locação de curva de nível, destino do lixo, etc.

D –A não destruir a natureza, evitar a queima do carvão, enfim, sabendo a respeitar a natureza, conservando-a;

E - A preservar a natureza e animais;

F – Contribuição para a consciência de não desmatar, a preservar o meio ambiente: terra, água, animais.

5ª - Em relação ao interesse/dedicação de organizar o Caderno da Realidade, considero que é:

Excelente: B.

Bom: C, E.

Razoável: A, D, F.

6ª - Minhas expectativas no que se refere ao Caderno da Realidade:

Está concretizando ao esperado: A,B,C,D,E

Está sendo inteiramente diferente do esperado: F

Por que?

A – Ajudou a melhorar a propriedade e a enxergar a realidade em que vivo e a adquirir mais conhecimento;

B – Principalmente pela parte de integração: EFA – família – comunidade;

C- Ajuda a conhecer a realidade da gente e da região;

D – Fala da minha família, de nós mesmos, minha realidade;

E – As perguntas têm haver com a minha realidade, fala dela;

F – Antes eu achava que o CR era coisa da escola, que queria saber coisas da família da gente; depois descobri que o CR ajuda a mim mesmo.

7ª - Com o CR está aprendo:

Muito: B, C, E,F.

Alguma coisa: A, D

8ª - O que passa na sua cabeça no momento em que vai ilustrar o Caderno da Realidade?

Desafio: B,C,E,F

Outro: A – Não gosto de responder

D – nada respondeu

Porque?

A – Quando marca uma reunião na comunidade pra fazer isso, muitos não sabem e nem têm boa vontade;

B – É uma forma de representar a realidade onde vivemos através de desenhos, uma diversidade de representações;

C – Não é perda de tempo porque é um documento que permite comparar a realidade de antigamente com a de hoje e possibilita prevê-la do futuro, projetar;

D – Penso que é importante fazê-lo porque estamos aprendendo algo do nosso dia-a-dia;

E – A partir do CR o que tento colocar em prática é importante para mim;

F – Porque não disponho de muito tempo para organizá-lo. Tenho que tirar tempo no sábado e domingo.

9ª - Qual é a motivação que você recebe da equipe de monitores para organizar e enriquecer o Caderno da Realidade?

Muita: **A,B,D,E,F**;

Média: **C**

10ª - Como você avalia o Caderno da Realidade?

A – É muito importante ajuda muito em termos de aprendizagem mas penso que não faria muita falta se não tivesse;

B – Acho muito interessante porque é uma forma de motivar os alunos e integrar a família. Desta forma os pais participam mais acompanha de perto a formação dos filhos;

C – É um instrumento interessante. É uma forma de ter uma realidade mais concreta, mais próxima da família e comunidade, para depois ver outros mais distantes. Se tirar o PE faz falta porque é uma identidade do aluno na EFA e ajuda a ter um projeto. Nossa realidade é esquecida pelos livros didáticos e é resgatada através do PE/CR na EFA;

D – É um caderno bom. Com ele aprendi que o estudo, o aprender, não se resume só na escola. E o que aprendo na escola devo levar também para a família e comunidade;

E – Ele é ótimo, com ele estou aprendendo muito, mesmo que muitas vezes temos algumas dificuldades de organizar ele, construir;

F – Avalio como sendo algo bom. Ele faz a gente buscar mais a nossa realidade (passado, presente, futuro). Se parar com o CR, impede o nosso crescimento.

11ª - Como você define o Caderno da Realidade?

A – É uma pasta onde coloco os PEs que respondo com a comunidade;

B – É um instrumento de integridade da EFA, família e comunidade e o relato de toda nossa realidade vivida na família, comunidade e EFA;

C – É o caderno onde conta nossa realidade, nossa vida. Tem o objetivo de mostrar a realidade minha e dos colegas através da colocação em comum;

D – É um caderno que fala de tudo um pouco. Da vida da gente aqui, na família e comunidade. Através dele agente aprende mais coisas;

E – É um caderno que dentro dele está toda minha realidade;

F – É a realidade da minha família, comunidade e também da EFA (reflexo)

12ª - O que você costuma colocar no seu Caderno da Realidade?

Todos responderam que colocam no Caderno da realidade as mesmas coisas ou seja: plano de estudos (questionário e respostas), produções, sínteses e ilustrações (desenhos);

13ª - Você gosta de organizar o Caderno da Realidade?

A – Mais ou menos;

B , C, E, F: Sim

D – Às vezes;

Por que?

A – Porque não tenho muito jeito para desenho e a realidade para ilustrar preciso deles;

B – Se é a realidade da gente, é bom organizá-lo da melhor maneira possível;

C- É um documentário que pode vir a nos ajudar no futuro. Gosto também porque estou fazendo algo, diretamente ligado à minha realidade;

D – Os primeiros não tinha tanto interesse, hoje passei a interessar mais. Porém com tanta coisa que tem para fazer não dedico muito tempo para fazer.

E – Depois de organizado fica tão bonito e tem grande objetivo. Com isso aprendo mais.

F – Porque permite comparar o antes e o depois (evolução). Já deu para eu perceber a diferença de caligrafia, desenhos..., visão crítica.

14ª - O CR ajuda a reconstruir a sua história?

Resposta: Todos disseram sim

Se ajuda de que forma?

A – Pensou, pensou, mas não respondeu;

B – Antes eu via o CR como exigência da EFA, mas depois vi que ele ajuda mesmo através do resgate da nossa realidade através do PE, ilustração e depois repensamos de novo quando engajado na comunidade faço palestra, participo, levo o que aprendi na EFA;

C – A pensar mais a nossa realidade e a valorizá-la. Por ex: Se temos um clima que não é bom para certo tipo de criação o CR vai servir para dar pistas sobre qual a criação mais adequada;

D – Através dele aprendi muitas coisas que ajudou a melhorar o dia-a-dia da gente;

E – Dentro dos PEs, o confronto do antes e do agora ajuda a reconstruir a realidade.

F – Através do conhecimento pessoal confrontado com outros conhecimentos me faz conhecer mais a minha realidade.

15ª - A sua família conhece o seu Caderno da Realidade?

Se não conhece, por quê?

Sim: B,C,D,E,F.

Não: A -

Por que? - Porque só ajuda a responder o PE, nunca pegou pra ver e nem eu mostrei.

16ª – O CR de alguma forma, o ajuda a descobrir a sua vocação profissional?

Sim: A,B,C,D,E.

Facilita a descoberta: F

Por que?

A – Com os conhecimentos adquiridos através dos PÉs, dá pra ver ou saber se queremos por exemplo ser uma produtora ou não;

B – Quando estamos fazendo colocação em comum, debates, vemos as práticas de outra região. A forma diferente de fazer algo, que ainda não conhecíamos, leva-nos a aprender algo novo;

C- Devido a possibilidade de conhecer de forma mais ampla a realidade, faz com que eu veja o que tem nela, o que quero ou o que posso adaptar. Vejo o que é melhor para mim. Me dá possibilidade de ter um emprego auto-sustentável;

D – Porque quando eu sair daqui, vou com um projeto que me leva para uma profissão. Os planos de estudos me ajudaram bastante a refletir sobre isso;

E – Através das perguntas e questionamentos dos PÉs, na área da agropecuária, me faz refletir sobre o que eu quero ser.

F - Não sei se ajuda a descobrir, mas, facilita a descoberta. São vários temas trabalhados (PÉs) e dentre eles tem alguns que eu identifico mais.

17ª – O que é realidade para você?

A – Realidade pra mim é o que é real;

B – Realidade é o dia-a-dia;

C- É tudo o que existe, o dia-a-dia;

D – Realidade é o concreto, né?

E – Tudo o que existe, o real;

F - Realidade pra mim é tudo que é real, concreto.